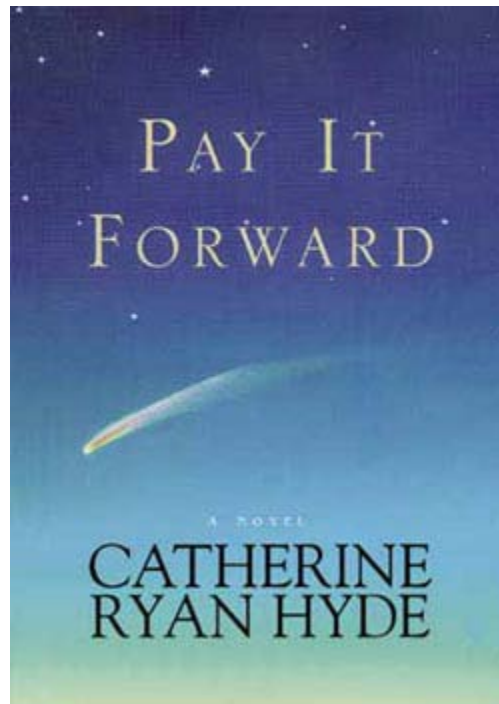


A Corrente do Bem

Catherine Ryan Hyde





PRÓLOGO

Outubro, 2002

Talvez, algum dia, eu tenha os meus próprios filhos. Espero que sim. Se os tiver, provavelmente eles perguntarão que papel tive no movimento que mudou o mundo. E porque não sou a pessoa que era certa vez, eu lhes direi a verdade. Meu papel foi nada. Eu não fiz nada. Fui somente o cara no canto tomando notas.

Meu nome é Chris Chandler e sou um repórter investigativo. Ou pelo menos era. Até que descobri que ações têm conseqüências, e nem tudo está sob meu controle. Até que descobri que não conseguiria mudar o mundo afinal, mas um garoto aparentemente comum de doze anos poderia mudar o mundo completamente – para melhor, e para sempre – trabalhando com nada exceto seu próprio altruísmo, uma boa idéia e um par de anos. E um enorme sacrifício.

E um pingo de publicidade. Foi onde eu entrei. Posso contar-lhes como tudo começou. Começou com um professor que se mudou para Atascadero, Califórnia, para ensinar estudos sociais a alunos de uma escola secundária. Um professor que ninguém conheceu muito bem, porque não conseguiam olhar para além de seu rosto.

Começou com um garoto que não parecia tão notável por fora, mas conseguia ver além do rosto de seu professor. Começou com uma tarefa que este professor havia passado uma centena de vezes antes sem nenhum resultado surpreendente. Mas, aquela tarefa nas mãos daquele garoto, motivou uma semente a ser plantada e depois daquilo nada no mundo voltaria a ser o mesmo. E nem ninguém queria que fosse.

E eu posso lhes dizer o que se tornou. De fato, contar-lhes-ei uma história que irá ajudá-los a entender como se tornou grande.

Há cerca de uma semana atrás, meu carro falhou num cruzamento movimentado e não voltaria a funcionar não importa quantas vezes eu tentasse. Era hora do rush, pensei estar com pressa. Achava que tinha algo importante para fazer, e não poderia esperar. Então, lá estava eu no meio do cruzamento olhando por sobre o capô, o que era um esforço inútil porque eu não sei consertar carros. O que vocês acham que eu vi? Estava esperando por isso. Era um carro velho. Melhor que morresse.

Um homem se aproximou por trás de mim, um estranho. “Vamos para o acostamento,” ele disse. “Aqui, vou ajudá-lo a empurrar.” Quando conseguimos – e nos conduzimos – em segurança, ele me deu as chaves de seu carro. Um belo Acura prateado, mal tinha dois anos. “Pode ficar com o meu,” disse. “Vamos trocar.”

Ele não me deu o carro como empréstimo. Ele me deu como um presente. Pegou meu endereço, então poderia mandar o título. E ele mandou; acabou de chegar hoje. “Um grande lote de generosidade entrou tarde em minha vida,” dizia o bilhete, “então, senti que poderia pegar seu carro velho e usá-lo como uma troca. Posso muito bem dar algo novo, então, porque não dar algo tão bom quanto o que eu recebi?”

Foi nisto que o mundo se transformou. Não, de fato, é mais. Tornou-se muito mais do que isso. Não é apenas o tipo de mundo em que um completo estranho lhe dá o próprio carro como presente. É o tipo de mundo que, no dia em que recebi aquele presente, não foi dramaticamente diferente de todos os outros dias. Tal generosidade tornou-se o modo como as coisas são. Tornou-se comum.

E então, eu entendo disso o suficiente para relatar: começou como uma tarefa valendo crédito extra para uma classe de estudos sociais, e tornou-se um mundo onde ninguém passa fome, ninguém sente frio, ninguém está sem um emprego, uma carona ou um empréstimo. E ainda assim, de início, as pessoas precisavam saber mais. De alguma forma, não era suficiente que um garoto que mal entrara na adolescência fosse capaz de mudar o mundo. De algum modo, tinham que saber por que o mundo poderia mudar somente naquele momento, por que não poderia ter mudado antes, o que Trevor

trouxera e por que era aquilo que o momento exigia. E isto, infelizmente, é a parte que eu não consigo explicar.

Eu estava lá. A cada passo do caminho, eu estava lá. Mas era uma pessoa diferente até então. Estava olhando em todos os lugares errados. Pensei que era somente uma estória, e a estória era tudo que importava. Eu me importava com Trevor, mas no momento em que me importei o suficiente com ele, já era tarde demais. Pensei que me importava com meu trabalho, mas não sabia o que realmente poderia significar até que estivesse acabado. Eu quis fazer muito dinheiro. Eu fiz muito dinheiro. Doei tudo. Não sabia quem eu era até então, mas agora sei quem sou.

Trevor me mudou também. Achei que Reuben teria as respostas. Reuben St. Clair, o professor que começou tudo. Ele era o mais próximo de Trevor do que qualquer um exceto talvez pela mãe de Trevor, Arlene. E Reuben estava olhando em todos os lugares certos, eu acho. E acredito que estava prestando atenção.

Então, depois do fato, quando era meu serviço escrever livros a respeito do movimento, fiz duas importantes perguntas a Reuben. “O que havia a respeito de Trevor que o fazia diferente?”, perguntei.

Reuben pensou cuidadosamente e então disse: “A coisa a respeito de Trevor foi que ele era apenas como qualquer outro, exceto pela parte dele que não era.”

Nem mesmo perguntei que parte era. Estou aprendendo.

Então, perguntei: “Quando você passou aquela agora famosa tarefa pela primeira vez, você pensou que um de seus alunos iria de fato mudar o mundo?”

E Reuben replicou: “Não, eu pensei que todos mudariam. Mas talvez em escalas menores.”

Estou me tornando alguém que faz poucas perguntas. Nem tudo pode ser dissecado e entendido. Nem tudo tem uma resposta simples. É por isso que não sou mais repórter. Quando você perde o interesse pelas perguntas, está fora do serviço. Tudo bem. Não fui tão bom como deveria. Não trouxe nada de especial ao jogo. As pessoas gradualmente pararam de precisar saber o porquê. Ajustamo-nos rapidamente às mudanças mesmo que estejamos correndo à beira do abismo, e juremos que nunca vamos conseguir. Todo mundo gosta de mudanças se é uma mudança para melhor. Ninguém gosta de estender-se no passado se ele é feio, e tudo está finalmente correndo bem.

A coisa mais importante que posso acrescentar de minhas próprias observações é esta: Saber que tudo começou de circunstâncias comuns deveria ser um conforto para todos nós. Pois isto prova que você não precisa de muito para mudar o mundo inteiro para melhor. Você pode começar com os ingredientes mais comuns. Você pode começar com o mundo que tem.

CAPÍTULO 1

REUBEN

Janeiro, 1992

A mulher sorriu tão polidamente que ele se sentiu ofendido. – Deixe-me informar à Diretora Morgan que o senhor está aqui, Sr. St. Clair. Ela irá querer conversar com o senhor. – Ela deu dois passos e virou-se. – Ela gosta de conversar com todos, quero dizer. Todo novo professor.

- Claro.

Três minutos mais tarde, ela emergiu da sala da diretora, sorrindo largamente, muito aberta. As pessoas sempre manifestavam aceitação demais, ele notara, quando estavam tendo problemas em juntar qualquer aceitação real.

- Vá em frente, Sr. St. Clair. Ela o receberá.

- Obrigado.

A Diretora parecia ter cerca de dez anos a mais do que ele, com um grande coque de cabelos escuros naturais, caucasiana e atraente. E mulheres atraentes sempre o feriam, literalmente; uma longa dor que começava em seu plexo solar e irradiava-se através de sua garganta. E se ele apenas convidasse esta mulher atraente para o teatro, só para mencionar, seria uma piada.

- Estamos tão contentes por encontrá-lo face a face, Sr. St. Clair. – Então ela ruborizou, como se a menção à palavra “face” fosse uma imperdoável gafe.

- Por favor, me chame de Reuben.

- Reuben, sim. E eu sou Anne.

Ela encarou-o com um olhar fixo e penetrante, e em nenhum momento pareceu assustada. Então ela havia sido verbalmente preparada pela assistente. De algum modo, a única coisa pior do que uma reação inesperada era a ausência de reação, obviamente ensaiada. Ele odiava estes momentos também. Ela dirigiu-se para uma cadeira e ele sentou-se. Cruzou as pernas. Os vincos de sua calça eram hábil e cuidadosamente passados. Ele escolhera a gravata na noite anterior, para combinar com seu terno. Era um demônio a respeito de estar bem arrumado, embora soubesse que ninguém notaria. Apreciava este hábito em si próprio, mesmo se e por causa disso ninguém notasse.

- Eu não sou exatamente o que você esperava, sou, Anne? – O uso de seu primeiro nome trouxe tudo de volta, ainda mais agudo. Era muito difícil conversar com uma mulher atraente.

- A respeito do que?

- Por favor, não faça isto. Você deve imaginar quantas vezes eu revi esta mesma cena. Não agüento mais falar com rodeios a respeito de questão tão óbvia.

Ela tentou estabelecer contato visual, como alguém normalmente faria quando conduzia uma conversa, mas não conseguiu suportar. – Entendo. – disse.

“Eu duvido”, ele respondeu, mas não em voz alta. – É da natureza humana, – disse ele em voz alta. – formar a imagem de alguém em sua mente. Você lê um resumo e um currículo, e vê que eu tenho 44 anos, sou negro, veterano de guerra com bons antecedentes educacionais. E você pensa que me vê. E porque não é preconceituosa, você contrata este homem negro para mudar-se para sua cidade, lecionar em sua escola. Mas agora eu chego para testar os limites de sua mente aberta. É fácil não sentir preconceito contra um negro. Porque todos já vimos centenas deles.

- Se você acha que sua posição está, de qualquer modo, sendo ameaçada, Reuben, está preocupado à toa.

- Você realmente tem esta conversinha com todos?

- Claro que tenho.

- Antes mesmo de eles se dirigirem à sua primeira classe?

Pausa. – Não, necessariamente. Eu somente pensei que deveríamos discutir o tópico do... ajustamento inicial.

- Você está preocupada de que minha aparência possa alarmar os estudantes.

- Como foi sua experiência com isso no passado?

- Os estudantes sempre são fáceis, Anne. Este é o momento difícil. Sempre.

- Entendo.

- Com todo o respeito, eu não estou certo de que entenda – ele respondeu. Em voz alta.

Na faculdade em Cincinnati, Reuben tinha um amigo chamado Louis Tartaglia. Lou tinha uma forma muito especial para dirigir-se a uma classe nova. Ele entrava, na primeira manhã, com uma varinha na mão. “Entre pela porta e encare. Eles gostam de testar um professor, vê, pela primeira vez.” A varinha era um negócio de Lou, comprado e trazido por ele. Era uma varinha fina, barata. Ele sempre comprava da mesma marca, na mesma loja.

Então, ele pedia silêncio, que nunca recebia da primeira vez. Depois de contar até três, ele erguia esta varinha acima da cabeça e batia contra a escrivaninha de um modo que ela se partia em duas. Uma das metades voava pelo ar atrás dele, atingia o quadro-negro e caía com um baque. No audível silêncio a seguir, ele simplesmente dizia “Obrigado”. E não tinha mais problemas com sua classe depois disso.

Reuben avisou-o de que, algum dia, um pedaço poderia voar na direção errada e atingir um estudante, o que causaria um mundo de problemas, mas sempre funcionara como o planejado, que ele soubesse. – “Tudo é questão de imprevisibilidade” – explicara Lou. – “Uma vez que eles vêem que você é imprevisível, você possui as cartas.”

Então ele perguntou o que Reuben fazia para silenciar uma classe nova e indisciplinada; ele respondeu que nunca experimentara o problema, nunca havia sido recebido exceto com um gelado silêncio e nunca assumiram que fosse previsível. – “Oh, certo” – disse Lou, como se devesse saber melhor. E ele sabia.

Reuben encontrava-se em pé na frente deles, pela primeira vez, grato e ao mesmo tempo ressentido pelo silêncio. Na janela lá fora à sua direita estava a Califórnia, um lugar em que nunca estivera antes. As árvores eram diferentes; o céu não dizia que era Inverno, como era quando começara a longa viagem de Cincinnati. Ele não chamaria Cincinnati de lar porque não era seu lar, não realmente. Nem este era. Estava cansado de se sentir o estranho. Reuben fez uma rápida soma de cabeça, cadeiras por filas, número de filas.

- Como eu estou vendo que todos estão aqui, – disse. – vamos dispensar a chamada.

Pareceu ter quebrado um feitiço, que ele tivesse falado, e os alunos mudaram um pouco, fizeram contato visual uns com os outros, sussurraram pelos corredores. Nem melhor e nem pior do que o habitual. Para encorajar esta normalidade, ele virou-se para escrever o nome no quadro, “Sr. St. Clair” e escreveu embaixo também, “Saint Clair”, como ajuda para sua pronúncia. Fez então uma pausa, antes de voltar-se, para que eles tivessem tempo para terminar de ler seu nome.

Em sua cabeça, seu plano, pensou, seria começar direto com a tarefa. Mas surgiu de dentro dele, como deslizar por uma duna de areia. Ele não era Lou e, às vezes, as pessoas precisavam conhecê-lo primeiro. Às vezes ficava surpreso consigo mesmo antes até que suas idéias surgissem por si só.

- Talvez devêssemos passar este primeiro dia, – disse. – apenas conversando. Desde que vocês não me conhecem. Podemos começar falando sobre aparências. Como nos sentimos a respeito das pessoas por causa do modo como elas se parecem. Não existem regras. Podem falar o que quiserem.

Aparentemente, eles ainda não acreditaram nele porque disseram as mesmas coisas que diriam se seus pais estivessem olhando. Para seu desapontamento. Então, no que ele supôs ser uma tentativa de humor, um garoto no fundo da sala perguntou-lhe se era um pirata.

- Não – respondeu. – Não sou. Sou um professor.
- Eu achava que só piratas usassem tapa-olhos.
- Pessoas que perderam seus olhos usam tapa-olhos. Se eles são piratas ou não já é outra questão.

A classe esvaziou-se, para seu alívio, e ele ergueu os olhos para ver um garoto parado na frente de sua mesa. Um garoto branco, magro, mas com cabelos bem escuros, possivelmente parte hispânico, que disse: - Oi.

- Olá.
- O que aconteceu com seu rosto?

Reuben sorriu, o que era raro para ele, sendo autoconsciente do efeito desigual. Ele puxou uma cadeira para que o garoto pudesse se sentar e encará-lo, e fez menção de convidá-lo, o que este fez sem hesitação.

- Qual é o seu nome?
- Trevor.
- Trevor do quê?
- McKinney. Eu feri seus sentimentos?
- Não, Trevor. Você não feriu.
- Minha mãe diz que eu não deveria perguntar coisas assim porque poderia ferir sentimentos. Ela diz que você deve agir como se não tivesse notado.
- Bem, o que sua mãe não sabe, Trevor, porque ela nunca esteve em meu lugar, é que se você age como se não tivesse notado, eu ainda sei que você notou. Então, é estranho que não possamos conversar a respeito quando ambos estamos pensando a respeito. Entende o que eu quero dizer?

- Acho que sim. Então, o que aconteceu?
- Fui ferido na guerra.
- No Vietnã?
- Correto.
- Meu pai esteve no Vietnã. Ele diz que foi um inferno.
- Eu tenderia a concordar. Embora tenha estado lá por apenas sete semanas.
- Meu pai ficou lá por dois anos.
- Ele foi ferido?
- Talvez um pouco. Acho que ele feriu o joelho.
- Eu supostamente ficaria por dois anos, mas fui tão ferido que tive que voltar para casa. Então, de um jeito, tive sorte porque não tive que ficar, e seu pai teve sorte porque não foi tão ferido. Se você sabe o que eu quero dizer. – O garoto não pareceu tão certo de ter entendido. – Talvez algum dia eu encontre seu pai. Talvez na noite dos pais.
- Acho que não. Não sabemos onde ele está. O que tem debaixo do tapa-olho?
- Nada.
- Como pode não ter nada?
- É como se nada tivesse estado lá. Quer ver?
- Pode apostar.

Reuben tirou o tapa-olho. Ninguém parecia saber ao certo o que ele queria dizer com “nada” até que viam. Ninguém parecia estar preparado para o choque do “nada” onde deveria haver um olho, como qualquer outra pessoa teria. A cabeça do menino oscilou para trás um pouco e, então, ele assentiu. As crianças eram mais fáceis. Reuben recolocou o tapa-olho.

- Sinto muito por seu rosto. Mas, você sabe, é só apenas de um lado. O outro lado parece muito bem.
- Obrigado, Trevor. Acho que você é a primeira pessoa a me oferecer este cumprimento.

- Bem, te vejo por aí.
- Adeus, Trevor.

Reuben foi até a janela e olhou para o gramado da frente. Observou os alunos em grupo, conversando e correndo pela grama, até que Trevor apareceu descendo as escadas. Estava enraizado em Reuben, defender este momento, e ele não poderia retornar à sua mesa mesmo que tentasse. Não poderia deixar isto escapar. Precisava saber se Trevor correria até os outros garotos para pavonear-se de sua descoberta. Para fazer apostas ou contar qualquer estória que Reuben não ouviria, apenas imaginaria de seu poleiro no segundo andar, seu rosto ruborizando-se às palavras imaginadas. Mas Trevor passou pelos garotos não dando mais do que um olhar de relance, não parando para conversar com ninguém.

Estava quase na hora da segunda classe de Reuben chegar. Então, ele teria de recomençar, para preparar-se para fazer tudo de novo.

De ‘As Outras Faces Por Trás do Movimento’ Por Chris Chandler

Não há nada de monstruoso ou grotesco a respeito de meu rosto. Posso encarar isto com certa objetividade, talvez sendo o único capaz de tal coisa. Sou o único acostumado a ver isso porque sou o único que se atreve, com a ajuda de um espelho, a fitar abertamente.

Eu sofri onze operações, uma por uma, para reparar o que era na época um dano irreparável. A área que era meu olho esquerdo, o osso perdido e o músculo sob a bochecha e a testa, foi habilmente coberta com pele removida de minha coxa. Suportei numerosos enxertos de pele e cirurgias plásticas. Apenas poucas delas foram necessárias para minha saúde ou funcionamento. A maioria tinha a intenção de me fazer um indivíduo mais fácil de se encontrar. O resultado final é uma suave, completa ausência de um olho, como se este jamais tivesse existido; uma grande perda de músculo e massa da maçã do rosto e pescoço; um óbvio dano ao nervo no canto esquerdo de minha boca. Está morta e, assim está para a fala, pendente. Mas, após vários anos de terapia de dicção de reforço, minha fala é claramente fácil de ser compreendida.

Então, num sentido, não é o que as pessoas vêem em meu rosto que as perturba, mas é o que elas esperam ver e não vêem. Também tenho mínimo uso de meu braço esquerdo, que é mais curto e magro devido à atrofia resultante. Minha suposição é de que as pessoas raramente notam isso até me verem por aí durante algum tempo, porque meu rosto tende a roubar o show.

Trabalhei em escolas e descansei em salas de professores onde um curativo suscitava comentários e exigia explicações. “Richie, o que você fez na mão?” No extremo apuro, uma estória é contada por seis semanas, multiplicada pelo número de funcionários. “Bem, eu estava numa escada, veja, me preparando para limpar os esquadros do telhado...”

Então parece estranho para mim que ninguém pergunte. Se eles, de repente, o fazem e eu sou forçado a repetir a história, decido que gosto das coisas como antes. Mas não é tanto o fato de eles não perguntarem, mas por que eles não perguntam, como se eu fosse uma tragédia indizível, algo tão novo e chocante para mim quanto para eles. Ocasionalmente, meu braço esquerdo suscita comentários, sempre os mesmos. “Que sorte que foi seu braço esquerdo.” Mas mesmo este suposto consolo é enganoso porque sou canhoto por natureza, se não por prática.

Até ter descido do navio, vindo do exterior, eu tive uma noiva. Ainda tenho fotografias de nós juntos. Éramos um belo casal – pergunte a qualquer um. Para alguém que não estava lá, pode parecer que minha noiva foi uma mulher sem coração. Certamente, ela poderia ter se casado comigo assim mesmo. Eu desejei que Eleanor fosse uma mulher sem coração, ou até mesmo poderia fingir que este era o caso, mas infelizmente eu estava lá. A verdade real é difícil de recriar. A verdade real é que ambos

concordamos firmemente em não ver ou concordamos que isso fosse tudo que poderíamos ver, mesmo que não tivéssemos tempo para nos importarmos com qualquer outra coisa. Eleanor é uma mulher forte, o que sem dúvida contribuiu para nossa derrota. Ela está casada agora e vive com o marido em Detroit. Ela é cirurgia plástica. Ainda não decidi, completamente, quanto significado atribuir a estes fatos. Qualquer deles.

Do Diário de Trevor

Eu vi esse negócio estranho no noticiário há alguns dias atrás. Este garotinho da Inglaterra que tem esta, vamos dizer... condição. Nada o fere. Toda vez que mostravam imagens dele, ele usava um capacete, cotoveleiras e joelheiras. Porque eu acho que ele ia se machucar. Quero dizer, por que não iria? Como poderia saber? Primeiro pensei, uau. Que sorte. Mas então eu não tive tanta certeza. Quando eu era pequeno, perguntei para minha mãe por que temos dor. Tipo, para que serve? Ela disse que era para que assim não ficássemos com as mãos perto do fogão aceso. Disse que era para nos ensinar. Mas disse que, na hora em que a dor aparece, já é tarde demais, e é por isso que os pais estavam ali. Por isso que ela estava ali. Para me ensinar. Então, eu não toco o fogão aceso, em primeiro lugar.

Às vezes, eu acho que minha mãe tem esta condição também. Só que por dentro onde ninguém vê, exceto eu, talvez Loretta e definitivamente Bonnie. Exceto que eu sei que ela se machuca. Mas ela ainda coloca a mão naquele fogão aceso. Por dentro, quero dizer. E eu acho que eles não fazem capacetes ou cotoveleiras para coisas assim.

Desejava poder ensiná-la.

CAPÍTULO 2

ARLENE

Ricky nunca voltou para casa exatamente, não como ela pensou que iria, mas a caminhonete sim. Só que não como ela pensou. Já havia sido cogitado algumas vezes, o que apenas a fez se sentir pior do que estava. Apenas funcionava.

Bem, era inútil. Uma coisa é funcionar e andar, outra de fato é chegar a algum lugar. Embora ela odiasse aquela maldita Ford de cabine dupla, que imitava sua própria condição atual, ela poderia perdoar isto. Potencialmente, poderia. Era o modo como a mantinha acordada à noite. Especialmente agora quando tivera que pegar um segundo emprego, no Laser Lounge, para manter os pagamentos em dia. E desde que era culpa da caminhonete, ela não ter ido para cama até as três, ao menos poderia tê-la feito dormir. Certamente não estava pedindo muito.

No entanto, lá estava ela novamente na janela, checando o modo como a luz da lua incidia sobre as formas semi-destruídas do veículo. O modo como o reflexo prateado batia onde a pintura tinha sido riscada. Somente Ricky poderia destruir uma caminhonete daquela forma e ir embora. Ao menos explicaria a razão do por que ele fora embora, visto que a caminhonete foi encontrada e Ricky não.

“Atacado por coiotes? Pare Arlene, se ligue. Ele está sentado num bar qualquer, desfiando aquela mesma conversa fiada para alguma pobre garota que ainda não aprendeu como somar as coisas. E o que não deveria somar.”

A menos, é claro, que ele tivesse sofrido um acidente perambulando por aí, talvez estivesse num hospital, saído de lá bem, talvez tivesse morrido, longe de tudo que o ligasse a um Ford de cabine dupla, longe de quaisquer laços com um lar. Então poderia haver um túmulo por aí, mas como Arlene saberia? E mesmo que soubesse, ela poderia não saber qual ou onde era. Mesmo que ela comprasse flores para Ricky com suas gorjetas, nunca saberia onde colocá-las.

“Flores podem ser algo ruim, um mau pensamento, se você nem ao menos sabe onde colocá-las. Apenas pare, Arlene. Volte para a cama.”

E ela o fez, mas caiu vítima de um sonho onde Ricky estivera vivendo fora da cidade durante meses e meses, e nunca se incomodou em avisá-la de seu paradeiro. O que a fez ir até a janela novamente, para culpar a maldita caminhonete por mantê-la acordada.

- E então, se eu chego em casa e ela simplesmente desmonta? Eu desperdicei duzentos dólares em nada?

- Você só diz para si mesmo que está reforçando a porta, então pode empurrar a maldita caminhonete e a porta não vai cair.

- Só estou dizendo, e se. É tudo que estou dizendo.

- Vou te dizer uma coisa. Vou segurar seu cheque por dois, até três dias. Se você não usar a peça em sua caminhonete, pode trazer de volta.

- É. Eu acho. Cento e setenta e cinco.

- Saia da minha frente. Você vai me trapacear.

- Okay, duzentão. – Com um pequeno sorriso. Os caras gostavam quando falava assim com eles. Por alguma maldita razão.

Ele inclinou-se sobre o capô do Ford estropiado e acendeu um cigarro, Marlboro vermelho, o mesmo que Ricky costumava fumar, como se ela não soubesse sem olhar. Parecia que o mundo, esta cidade, estava cheia de homens moldados com os mesmos padrões de Ricky. Assim parecia a ela, de qualquer forma.

E é por isso que ela se sentiu atraída por este sujeito, este Doug ou Duane ou que diabos ele tenha dito, seu primeiro cliente. E ela soube que foi por isto, e que haveria mais, se se importasse em ir mais fundo. Saberla, se perguntasse a ele, que ele lhe diria que o pai o pressionara mais do que deveria e estava se virando sozinho desde uma tenra juventude. Saberla, se tirasse sua camiseta, que ele teria uma tatuagem no ombro com um nome apagado demais para se ler. Alguém que ele conheceu por um mês ou dois, quando era jovem demais para saber que eternidade só se referia às cicatrizes. E à tinta azul que estava sob sua pele. E a fez sentir-se cansada por estar atraída por Doug. Duane.

Mais tarde, ela diria para sua melhor amiga, Loretta, - “Eu não acho mais que não sei julgar os homens. Nunca mais vou dizer que meus instintos são fracos, não senhor, por que então eu continuo sempre encontrando os mesmos tipos? Estou começando a achar que tenho um senso de julgamento bem afiado, só que apenas quando estou ao lado de alguém.”

Na hora, ela pareceu contente em olhar aqueles músculos dos enormes braços dele afrouxarem os parafusos da dobradiça da porta, e sentir-se cansada de saber que parte dela estava esperando a maior confusão de sua vida antes mesmo de ter limpado os vestígios da última de sua normalmente asseada entrada.

Antes que ela pudesse terminar este pensamento deprimente, Cheryl Wilcox, a ex-esposa de Ricky, apareceu na entrada da casa de Arlene para agradecer-lá por ser uma piranha de duas caras. E não eram nem mesmo nove da manhã.

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor Por Chris Chandler (1999)

Eu não quero desapontar ninguém. Não foi exatamente a Imaculada Conceção. Apenas um daqueles riscos que você, às vezes, deixa acontecer. Provavelmente parece estupidez ou descuido agora, depois do fato. Ainda assim, agradeço a Deus por acontecer do modo como aconteceu. Certo?

Não estou dizendo que brinquei com a menção de precaução, em algum momento daquela noite, mas o pensamento não foi tão longe. Parecia que quaisquer palavras impensadas poderiam quebrar aquele momento. Traria todos de volta para casa, para seus próprios bons sentidos. E se você quer ver um homem voltar a ter bom senso, tente dizer algo como “Por acaso você tem uma camisinha no bolso? Eu mencionei que não estou tomando pílulas?” Além disso, havia ele e a esposa, Cheryl. Eles tinham tentado engravidar fazia séculos. Nunca achei que a culpa era toda dela. Por que deveria? Nunca pensei realmente que aconteceria com aqueles que não tentam, não importa quantas pessoas tenham chegado a dizer isto, mas talvez em minha cabeça, eu soubesse.

Ele era casado. Em primeiro lugar. É algo complicado. Então, de qualquer modo, o que eu fazia era reclamar que nunca poderíamos sair para dançar. Talvez se vivêssemos em Nova York, talvez sim, mas não em Atascadero; você não poderia. Não onde todos conheciam todo mundo, pelo menos a ponto de saber quem tem o direito.

- “Você quer sair para dançar?” – ele disse. – “Vou levá-la para dançar.” E ele o fez. Levou-me a algum lugar além de Cuesta Grade, de carro, se afastando das luzes da cidade, o que devo dizer pareceu simpático devido a distância. Saímos daquele velho sedan e ele voltou e acendeu as luzes dos faróis, o que eu acho que ele não deveria ter feito porque arriou a bateria do carro, não que tenhamos nos importado na hora. Ou mais tarde, quando penso a respeito. Ele procurou por três estações de rádio até encontrar uma com músicas românticas e, então, a próxima coisa que eu soube, bem, é algo difícil de explicar.

Era como se o mundo todo fosse apenas as mãos dele em minhas costas, nada mais do que aquilo, e nem seria. E quando ele se inclinou para mim, sua respiração quente em meu pescoço, aquilo era tudo que importava e nunca mudaria inteiramente. Era algo que foi construído para se encaixar na fabricação e não estou certa de que foi

nossa culpa que tenhamos descoberto tarde demais, depois das trocas de alianças e votos, que um de nós viria a se arrepender. Era como um mapa, eu decidi. Você sabe, com linhas vermelhas para dividir os estados e linhas azuis para os rios, dobras marrons para uma cadeia de montanhas. O que era mais importante: essa idéia de que Idaho deixa de ser Idaho bem aqui, ou as montanhas e rios que já estavam lá antes que alguém traçasse?

Era como se sempre tivesse existido eu e Ricky, e eu estava certa de que sempre existiria. Mesmo se eu não soubesse exatamente para onde ele levou aquele amor. Quero dizer, no momento em que ele se foi. Pensei que estava lá, e eu tinha certeza de que ele podia sentir o peso dele, mesmo que estivesse viajando ou esperando por uma mudança. Estou saindo do assunto. Todo mundo quer saber a respeito daquela noite.

Quando fizemos amor pela primeira vez, senti como se tivesse perdido algo, mesmo antes de terminar. Pensei, não há nada aqui para eu possuir. Nada que seja realmente meu quando tudo isso acabar. Mas eu estava errada. Eu ganhei algo.

Cheryl estava parada em pé na sua sala. Disse: - Você não tem nada para se beber aqui?

E ela fez, embora sua madrinha tivesse lhe avisado para jogar fora. Mais cedo ou mais tarde, vou ter que encarar isto, pensou; era o que diria à madrinha, cujo nome era Bonnie. Mais tarde é uma coisa, pensou, diria Bonnie. Você tem apenas cinco dias de sobriedade. Só que não tinha mais porque ela entornou dois copos.

Bonnie também dissera que era hora de se emendar, limpar os escombros de seu passado, e era por isto que Arlene convidara a ex-mulher de Ricky para sua casa em primeiro lugar. Para se desculpar por estar dormindo com Ricky enquanto eles ainda eram casados. Por aqueles nove ou dez anos de coincidência.

Por outro lado, quando Cheryl apareceu em sua porta para agradecê-la por ser uma piranha duas-caras, poderia ter dito somente bem-vinda e deixar que Cheryl gritasse com ela e deixasse cheiro de borracha queimada na calçada como lembrança. Antigamente, ela faria isto. Então sorriu para Duane como se nada tivesse acontecido. Veria quais seriam os planos dele para aquela noite. Mas mal Doug se foi, com seu oferecimento de caminhonete como porta, Cheryl surgiu parada lá de pé em sua sala, e era tudo culpa de sua madrinha, Bonnie. Mais tarde, quando estivesse bem e bêbada, telefonaria para Bonnie para dizer-lhe exatamente aquilo.

- Acredito que você saiba onde ele está e não está me dizendo apenas. – falou Cheryl.

- Se eu soubesse onde ele está não estaria despedaçando aquela caminhonete para receber talvez um terço de meu dinheiro perdido de volta. Eu o encontraria e diria ao cobrador de empréstimos onde ele está e mandaria aquele pedaço de traste lamentável para você sabe onde, para tirar o valor de suas dívidas de seu traseiro. – respondeu Arlene.

- É o que se ganha por traição. Você apenas recebeu o que merece.

Arlene começou a dizer algo de volta, mas não imaginava o que seria e preocupou-se porque talvez fosse algo ruim e que soaria fraco, não importa quão cuidadosamente tivesse pensado a respeito. Então, ao invés disso, serviu-se de dois dedos de um velho e bom José Cuervo, o único homem em sua vida que nunca lhe disse mentiras, então você sabia sempre o que receberia. E você não poderia dizer que não sabia nunca. Disse, então: - Eu a convidei para vir até aqui para dizer-lhe que sinto muito.

- É. Foi o que eu sempre disse a seu respeito. Você devia estar muito sentida, vindo até minha casa como fez, como convidada, comer meu jantar como se fosse minha amiga. Sendo legal comigo.

Arlene parou para considerar aquilo; como perderia pontos por ser simpática. – Por que está me dizendo tudo isso agora? – perguntou.

Cheryl respirou fundo, daquele modo quando você recebe um impacto, uma deixa onde são propensos a desviar de algumas das colisões que absorvem.

Ultimamente, todo mundo lembrava Arlene daquele pedaço de lixo caro em sua garagem: ela rolara algumas vezes e ninguém mais teve uma porta inteira de novo.

- Quando ouvi dizer que a caminhonete estava aqui, pensei que... – começou Cheryl.
- Pensou que o quê? Que ele estava aqui comigo?
- Talvez.

O que há a respeito de Ricky, ela apenas se perguntava, que fazia com que as mulheres desejassem que voltasse e estragasse as coisas um pouquinho mais?

- Bem, ele não está.
- É. Estou vendo agora.

A porta se abriu. O filho de Arlene apareceu. Seu cabelo estava emaranhado, culpa de Arlene, porque em sua pressa para começar a desmontar aquele desastre em sua entrada, ela deixara o garoto mais ou menos por conta própria. Parte da traseira de sua calça jeans estava rasgada, mas Arlene não queria saber a respeito. Ainda. Pelo menos, ele estava com as roupas de baixo limpas, graças a Deus.

- Trevor, onde esteve?
- Lá no Joe.
- Eu disse que você poderia ir até o Joe?

- Não. – Olhos abatidos que Arlene pensou que ele praticara no espelho. Ele sabia quem era a pessoa que estava com sua mãe na sala, mas não por que. Mas sabia que não era para brincadeira. Crianças sabem. – Desculpe. – Seus olhos pousaram no copo de bebida. Sem julgamentos, apenas um silencioso assentimento.

Crescido demais para um garoto de sua idade, sabendo de certas coisas, como por que crescidos tentam. E como são malditamente mal-sucedidos.

- Tudo bem, volte para lá agora.
- Acabei de chegar em casa.
- Você se importaria só por uma vez?

E ele obedeceu sem reclamar. Arlene fez uma nota mental para levá-lo pra tomar sorvete mais tarde, a desculpa comum por quaisquer tipos de mau comportamento de sua parte; como resultado, eles tomavam um bocado de sorvete. A porta batendo atrás dele fez Arlene sentir dor pela separação, como se ainda não tivessem lhe cortado o cordão umbilical antes de mais nada. Arlene encheu os dois copos novamente.

- Obrigada por não dizer nada na frente do menino.
- Ele se parece tanto com Ricky.
- Ele não é. De Ricky.
- É um retrato descarado.
- Ele tem doze anos. Eu só comecei a sair com Ricky há dez.

Ela sentiu como se Bonnie estivesse olhando por sobre seu ombro a lembrando. Esta não era a honestidade que a ajudaria estabelecer o curso para toda uma nova vida. Mas era uma mentira tão velha e tão difícil de consertar depois de todos aqueles anos. Aquela mentira servia muito bem depois de todo esse tempo.

- Eu o vejo naquele garoto.

- Bem, você está vendo o que não está lá. – Ou o que você quis para si e nunca conseguiu. O que não conseguimos, vemos em qualquer lugar que olhamos. O que nós não permitimos fazer e ser, recusamos a tolerar em qualquer outra alma viva. Arlene estava começando a perceber isto.

Às nove horas daquela noite, Bonnie apareceu em sua porta sem se anunciar. – Eu sei como isto se parece – disse Arlene. – Mas estava pensando em ligar para você.

- Achei que gostaria de conversar.
- Você tem algum tipo de telepatia?
- Não que eu saiba. Recebi uma mensagem na secretária eletrônica. De seu garoto.

Esta súbita notícia fez com que Arlene chorasse por razões que não conseguia inteiramente compreender. Ultimamente, as lágrimas pareciam pairar na superfície e

qualquer golpe, por menor que fosse, tinha o poder de trazê-las, como quando numa súbita explosão de riso ou medo fosse difícil segurar a bexiga, especialmente se ela estivesse segurando por um longo tempo como era o caso agora.

Bonnie aproximou-se, com todas as suas 315 libras, e inclinou-se sobre Arlene como um grande travesseiro, reprimindo-se de uma maneira que não era completamente diferente do que era. Pouco depois, ambas remexeram os armários e esvaziaram todas as garrafas na pia.

- Vou recomeçar novamente amanhã. Talvez acerte dessa vez.

- O que há de errado com agora mesmo? Você pode recomeçar a qualquer velha hora do dia, sabe disso.

- Acho que sim.

Bonnie seguiu-a até a janela do quarto e observou, com Arlene, a entrada da garagem, aos restos de tudo que certa vez pareceu valer alguma coisa. Era quase como se Arlene não encontrasse as palavras certas, preferindo mostrar o problema. O fantasma. Como dizer, se você fosse assombrada por aquele gosto, quem diria que faria melhor? Bonnie lentamente assentiu.

- Está ouvindo aquelas árvores? – perguntou Arlene.

- O que há com elas?

- Elas têm cantado para mim à noite. Tão claras e simples que não consigo mais dormir. As canções de Ricky. Não consigo ouvi-las? Eu juro, antes daquela maldita caminhonete chegar, elas nunca cantaram aquelas canções. Elas cantam algo, eu acho. Mas não aquilo.

- É apenas o vento, garota.

- Para você talvez.

Bonnie enfiou-a na cama. – Voltarei pela manhã para dar uma olhada em você.

- Oh, vou estar bem aqui.

E Bonnie deixou-a sozinha com toda aquela cantoria. Ela se levantou depois de algum tempo. Entrou no quarto de Trevor e sentou-se na beirada da cama, afastando os cabelos escuros e encaracolados de sua testa.

- Você está bem, mamãe? – Ele não estava totalmente acordado, mas disse aquelas palavras como se estivesse guardando um lugar em seu sono, todo preocupado com seu bem-estar.

- Você é a única coisa boa que já fiz. – Ela dizia isto a ele com frequência.

- Ah, mãe. – Ele sempre dizia esta mesma coisa de volta.

Quando ela o deixou, os olhos dele ainda estavam abertos. Como se talvez tivesse ouvido também.

Do Diário de Trevor

Às vezes, eu acho que meu pai nunca foi ao Vietnã. Nem mesmo sei por que penso assim. Apenas penso. O pai de Joe foi ao Vietnã, e ele conta histórias. E você pode dizer, só pelas histórias, que ele realmente foi. Acho que meu pai talvez só diga as coisas, às vezes, porque acha que as pessoas vão sentir orgulho ou pena dele.

Minha mãe sente pena dele porque foi para o Vietnã. Ela diz que não é de se espantar que ele tenha problemas. Então, eu não digo a ela que acho que ele nunca foi.

O Sr. St. Clair é tão legal. Eu não ligo para o que Arnie diz. Acho que ele é grande, e vou fazer um trabalho tão bom com aquela tarefa extra que o Sr. St. Clair nem vai ser capaz de acreditar.

CAPÍTULO 3

JERRY

Ele passou a noite num depósito de lixo, atrás do ferro-velho, há quase dois quarteirões do lugar onde planejava estar às nove da manhã. Mesmo em seu sono, havia esperança. Algo da qual sentira falta por algum tempo. Mas, quando ele acordou, a coisa toda se parecia demais com uma entrevista de emprego para seu gosto. Esta perspectiva fez com que seu estômago se sentisse estranho. Como se soubesse, em alguma parte dentro de si, como seria. Como tantas outras coisas. Bem lá na esquina, ao alcance de seus dedos. Uma linha que impedia uma ou duas pessoas na sua frente. E quando ele leu pela primeira vez, o fez sentir-se tão bem. Então, ele leu novamente. Estava no bolso de sua camisa, dobrado. A nota de jornal cheirava a suor de suas mãos. Amarrotado. Mas mesmo assim, ele conseguia ler.

“DINHEIRO DE GRAÇA E OUTRA AJUDA PARA ALGUÉM SEM SORTE. VENHA PARA A ESQUINA DA TRAFFIC COM EL CAMINO REAL. SÁBADO PELA MANHÃ, 9:00.”

No entanto, ele não poderia resgatar o sentimento. Costumava senti-lo o tempo todo; o sentimento de que o que quer que estivesse lá em cima – isto porque palavras como “Deus” o deixavam nervoso – estava olhando por ele quando algo era dito. Ou naquele caso – lido. E talvez porque ele não sentisse mais, talvez fosse por isto que chegara naquele ponto, porque afundara tanto. Quando o céu e o que há nele não sabem que você existe, o que resta para você? Apenas este maldito mundo, uma parte que está bem debaixo de seu nariz sem quaisquer promessas ou significados maiores do que vê. O que você faz com seu dia. E ele não fizera quase nada mais, exceto a repetição dos mesmos passos necessários. Botar as mãos em alguma grana e gastá-la toda num só lugar. Ele não conseguia mais compreender.

Agora ele leu aquele pequeno anúncio e sabia que muitos outros provavelmente tinham feito o mesmo também. Sabia que estaria numa longa fila. Mas acabou indo assim mesmo.

Ele olhou pela janela da loja de autopeças e viu que eram apenas sete e trinta. Mas foi até a esquina para esperar de qualquer forma, como se uma fila de verdade fosse surgir e ele pudesse assegurar um lugar na frente. Mas, antes mesmo que ele chegasse à esquina, viu que estava atrasado. Mais atrasado do que pensara. Havia dezessete pessoas já. Então, com um aborrecido sentimento de competição roendo sua garganta, como pequenos dentes de rato, juntou-se a eles. Ninguém encontrou os olhos do outro.

Maldição, é tão frio em Atascadero. Foi o que ele ficou pensando. Supõe-se que isto é a Califórnia, certo? Ensolarada Califórnia. Durante o dia talvez, mas aqui à noite poderia ser trinta graus. Algumas pessoas tinham luvas, mas ele não. Então esfregou as mãos para mantê-las aquecidas. E ocupadas.

A maioria deles eram homens esperando, notou; a única exceção era uma mulher sem os dentes da frente. Alguns pareciam melhores do que ele, alguns piores. Pensou a respeito, então duvidou. Duvidou de sua própria percepção de como se parecia. Já fazia algum tempo desde que se olhara num espelho. E então, aquilo o atingiu. Estou olhando para um espelho agora mesmo. Então ele viu a si mesmo, claramente, talvez pela primeira vez desde que tudo ficara ruim, e ácido. Viu sua própria imagem na companhia deles. Estes eram seus pares. Isto o fez querer ir embora, e quase foi. Mas mais três sujeitos apareceram e ele decidiu que tinha tanto direito a dinheiro de graça quanto eles.

Ele não sabia se já eram nove horas, mas parecia que sim. Quarenta e oito pessoas encontravam-se na esquina sem contar ele mesmo. Um garoto de doze, treze anos de idade apareceu pedalando sua bicicleta, uma velha beach cruiser.

Jerry estava surpreso por não haver mais crianças esperando, porque crianças gostavam de dinheiro grátis. Assim como qualquer um. Mas o garoto não agia como se tivesse vindo para esperar. O garoto observou a multidão. A multidão observou-o. Talvez porque ele fosse o único que não mantinha os olhos na calçada. Os olhos do garoto esquadriharam os arredores como se estivesse contando. Sua testa sulcou-se num cenho franzido. Então, ele disse: - Santa vaca. Vocês todos estão aqui pelo anúncio?

Ele disse aquilo num tipo de modo oficial e algumas cabeças se viraram. Ouvindo-o ou algo parecido. Pensando que ele deveria saber de algo. E alguns outros ficaram na defensiva, e você quase poderia sentir o cheiro. Como, quem era este sujeitinho, afinal, para dirigir-se a eles? Algumas poucas pessoas assentiram.

- Santa vaca – disse ele novamente. Sacudiu a cabeça. – Eu só queria um cara.

Então, um grandalhão careca deu um passo a frente e disse: - Você fez aquele anúncio?

Jerry conhecia esse cara. Não o conhecia, mas sabia o suficiente para se manter afastado. Um vagabundo com uma ficha enorme pela cidade. Causara um bocado de confusão. Mas o garoto não sabia mentir quando um problema surgia, então disse: - Sim, eu fiz.

O grandalhão disse: - Bem, então é isso. E quase todo mundo foi embora, seguindo-o como se ele fosse um Messias ou algo parecido. Se ele quis dizer que pensou que não havia dinheiro ou não receberia de uma criança, Jerry não sabia. Não sabia nem se os sujeitos, que se foram, pensavam o mesmo. Apenas partiram para onde lhes foi dito que fossem. Qualquer lugar. Jerry podia ouvi-los resmungando enquanto se afastavam, mas ele não iria embora, não tiraria nenhuma conclusão. A maioria dos resmungos era algo como, - “Deveria saber que era tudo uma piada.” Aquilo, ou, - “Muito engraçado, garoto.”

O garoto apenas permaneceu ali, parado. Algo como aliviado, pensou Jerry, porque agora havia apenas dez ou onze restantes. Uma multidão um pouco mais manejável. Jerry aproximou-se do garoto. Bom. Humilde, não como se fosse assustá-lo. – Então, é uma piada?

- Não, é de verdade. Eu tenho uma rota de entrega de jornal, e faço trinta e cinco dólares por semana, e quero dar a alguém. Alguém que, bem, consiga um emprego e não vá mais precisar depois de um tempo. Apenas para começar algo, sabe? Como comida ou algo melhor para vestir, alguns trocados para o ônibus. Ou qualquer coisa.

E alguém atrás de Jerry, uma voz por sobre seu ombro, disse: - É, mas quem?

É, aquele era o problema. O garoto pensou a respeito por um momento. Então disse que tinha papel na mochila e pediu para que todos escrevessem o porquê pensavam que deveria ser eles. E quando disse isto, seis pessoas foram embora.

- Eu me pergunto o que aconteceu a eles. – disse o garoto.

E a senhora sem dentes disse: - O que o faz pensar que todos conseguem escrever?

Era claro, pela expressão no rosto do garoto, que ele jamais teria pensado naquilo.

“Por Que Eu Acho Que Mereço o Dinheiro, Por Jerry Busconi”

Bem, para começar, não vou dizer que mereço mais do que qualquer um aqui. Porque, quem é quem para dizer?

Não sou uma pessoa perfeita, e talvez alguém vá dizer que é. E você é um garoto esperto. Aposto que é. Vai saber que eles estão te passando conversa fiada. Estou sendo honesto.

Eu sei que você disse que queria alguém sem sorte. Mas quer saber? É tudo conversa fiada. Sorte não tem nada a ver com isto. Olhe para todas essas pessoas que apareceram hoje. Somos um bando de vagabundos. Eles vão dizer que é má sorte. Mas eu não vou te tapear. Fizemos isto para nós mesmos, garoto. Eu, eu tenho um problema às vezes. Com drogas. Isto é por minha própria culpa. De ninguém mais. Não é de minha mãe, não é de Deus ou do governo. Eles não enfiaram uma agulha em meu braço. Eu fiz isto para mim mesmo. Mas não tomo qualquer droga já faz algumas semanas agora. Estou limpo.

Perdi algumas coisas por causa de meus problemas. Um carro, apesar de não ser muito bom. E meu apartamento. Então fui para a cadeia e eles não seguraram meu emprego para quando eu saísse. Mas tenho um bocado de coisas que posso fazer. Tenho qualificações. Trabalhei em ferros-velhos e lojas de autopeças, até mesmo trabalhei como mecânico. Sou um bom mecânico. Não é que eu não seja. Mas costumava, e trabalhava num negócio que era desmazelado e sujo. Por um bom emprego de mecânico, ninguém liga para essas coisas. Mas agora os tempos estão difíceis, e os caras aparecem pelo mesmo emprego. Vestem-se bem, e alguns têm até mesmo uma licença do estado.

Então eles dizem, preencha este formulário. O que eu posso fazer. Porque, como você pode ver, eu posso ler e escrever muito bem. Mas então eles dizem, coloque o número de seu telefone. Ligaremos para você se conseguir o emprego. Mas o depósito de lixo onde tenho ficado não tem um telefone. Então eu digo que ainda estou me acomodando. E eles dizem, coloque seu endereço então. Vamos te mandar um cartão.

Daí, eles descobrem. Que você está na rua. E eu acho que eles percebem que você tem problemas, coisas que não sabem nada a respeito. E, bem, eu acho que tenho. Como já disse.

Mas, se tivesse a chance de conseguir um emprego agora, eu não estragaria tudo como fiz antes. Seria diferente dessa vez. Essas outras pessoas, olhe para elas. Elas se acostumaram à situação. Esperam dormir na rua. E eu acho que está tudo bem para elas. Mas não está tudo bem para mim. Eu não acho que já descii a tanto. De qualquer forma, ainda não. Então, se você me escolher, não irá se arrepender. Acho que é tudo que eu tenho a dizer.

Também, obrigado. Eu nunca conheci nenhum garoto que desse dinheiro. Tive um emprego quando tinha sua idade e gastava o dinheiro comigo. Você deve ser um bom garoto.

Eu acho que é tudo agora. Obrigado por seu tempo.

Quando Jerry levantou os olhos, todo mundo, exceto o garoto, tinha ido embora.

CAPÍTULO 4

ARLENE

Não eram nem mesmo sete horas, mas mesmo assim era uma escandalosa hora da manhã, especialmente quando uma maldita caminhonete Ford de cabine dupla a mantivera metade da noite acordada. Alguém sacudia seu ombro e, sem estar exatamente consciente, ela sabia por instinto que era seu filho.

- Mamãe? Está acordada?

- Sim.

- O Jerry pode entrar e tomar um banho?

Ela piscou e olhou de soslaio para o relógio. Teria mais meia hora para dormir. Nada deveria estar acontecendo agora. Um sonho talvez, mas era só. – Quem é Jerry?

- Meu amigo. – Ela não sabia que Trevor tinha qualquer amigo chamado Jerry, e agora esquecera o pedido original.

- Use seu próprio julgamento. Estarei de pé em meia hora.

Ela cobriu a cabeça com um travesseiro e foi a última coisa de que se lembrou até o alarme do relógio tocar, e ela jogar o travesseiro contra ele. Não estava irritada com o alarme, mas com a maldita caminhonete e Ricky; só que um tinha sofrido abuso suficiente como estava e o outro não se encontrava por perto.

Alguns minutos mais tarde, enquanto colocava uma tigela de cereais quentes na frente do garoto, um completo estranho surgiu no hall e entrou na cozinha. Ela estava pronta para gritar, mas se sentiu embaraçada demais para fazê-lo talvez porque, dos três, ela era a única que parecia a mais surpresa. Imaginou que o homem devia ter uns quarenta anos no mínimo, era baixo, barbeado, semi-calvo, vestia calças jeans e camisa de brim nova.

- Quem diabos é você?

Ele não foi rápido o suficiente para responder, então Trevor disse: - É Jerry, mamãe. Lembra que você disse que ele podia entrar e tomar um banho?

- Eu disse isto?

- Sim.

- Quando eu disse isto?

- Depois que acordou.

Enquanto isso, Jerry não falou nada em defesa própria ou fez qualquer coisa, mas aparentemente era um homem esperto o bastante para saber quando e onde ele não era bem-vindo porque começou a esgueirar-se de lado em direção à porta.

- Obrigado pela gentileza, madame – disse ele com a mão na maçaneta. Nesse momento, Trevor perguntou-lhe, de todas as malditas coisas para uma criança dizer, se ele precisava de dinheiro para o ônibus. O homem mostrou-lhe um punhado de trocados. Ele as segurava como medalhas de guerra ou rubis, algo um pouco mais importante do que centavos, com certeza. – Eu poupei, vê? Do dinheiro de minhas roupas.

- Espero que consiga o emprego – respondeu Trevor. Depois que a porta se fechou atrás dele, Trevor olhou para Arlene como se nada tivesse acontecido, e disse: - Você sabia que sua boca está aberta?

Mas, quando viu a expressão de seu rosto, ele abaixou a cabeça para sua tigela de cereais e concentrou-se em mexer o açúcar.

- Trevor, quem diabos era ele?

- Eu te disse. Jerry.

- Quem diabos é Jerry?

- Meu amigo.

- Eu não disse que ele podia entrar e tomar um banho.

- Sim, você disse. Disse que eu deveria usar meu próprio julgamento.

Ela não se recordava de ter dito aquilo, mas soou verdadeiro porque seria exatamente isto que diria se estivesse tentando continuar a dormir. A não ser que o garoto estivesse sendo esperto o suficiente para saber que era isto que ela diria e continuar sua história daquele ponto. Mas era cedo demais para coisas que aconteceram e aqueles que alegaram tê-las feito, então, ela apenas disse: - Se seu julgamento é deixar um homem estranho entrar no banheiro para tomar banho, então eu acredito que seu julgamento precisa ser afinado.

Ele tentou argumentar novamente dizendo que o homem não era um estranho, mas, sim, seu amigo Jerry, porém Arlene nem quis ouvir. Apenas disse-lhe que terminasse de comer e fosse para a escola, e não queria mais ver Jerry na casa nunca mais, sob quaisquer circunstâncias, nem mesmo se o inferno congelasse, de jeito nenhum, José.

No minuto em que Trevor saiu pela porta, ela arrependeu-se por ter esquecido de perguntar por que lhe oferecera dinheiro para o ônibus. Ela foi direto para o banheiro, que o homem deixara surpreendentemente arrumado, e começou a esterilizar cada superfície exposta.

Talvez três ou quatro dias mais tarde, Arlene chegou em casa após o trabalho no Laser Lounge, até as três da manhã, para descobrir que alguém estava em sua garagem, mexendo na velha caminhonete com uma lanterna. E o fato de ela deter-se em frente à própria casa não pareceu dissuadi-lo do serviço. Ela receara aquilo, estando fora tanto quanto estivera. Toda vez que alguém vinha ver a caminhonete e ia embora sem comprar nada, ela ficava meio receosa de que eles voltassem à noite para pegar o que queriam. E agora, veja.

Arlene esgueirou-se pela casa até o armário em seu quarto onde estava a espingarda de Ricky, na prateleira bem como ele a deixara. Numa caixa trancada porque garotos eram curiosos. Sempre a fizera sentir-se bem, estando lá, não tanto porque esperava usá-la, mas porque ela acreditava firmemente que Ricky a pegaria se não estivesse planejando uma viagem de volta. Ela a tirou da caixa, enrolada numa velha toalha como Ricky sempre fizera, e quando a toalha caiu, a luz da lua que vinha da janela transformou o metal preto da arma num belo azul escuro. Cheirava a óleo para armas e lembrou-a de Ricky, de vê-lo limpando-a em frente à TV de noite.

Ela carregou a culatra com três mais do que mortais cartuchos e, com um grande suspiro, chutou a porta, abrindo-a direto para a garagem onde um homem encontrava-se agachado, trabalhando sob a luz de uma lâmpada de metal preso ao pára-choque. Ele a tinha ligado numa tomada em algum lugar de sua própria garagem. O que a fez ficar ainda mais furiosa que de algum modo, um ladrãozinho covarde usasse a eletricidade de sua própria casa para ver melhor enquanto a roubava.

Ele pulou e virou o rosto para ela no escuro. Quando ela finalmente o fez, sentiu-se bem como pensou que se sentiria, engatilhou a arma com aquele enorme e poderoso som de “shuck-shuck”, ante a reação de medo que aquele som era capaz de produzir. Falando sobre aquele som, Ricky dissera-lhe, certa vez, “Você já viu aqueles desenhos animados onde um sujeito corre direto para a parede e deixa um buraco com o formato dele para trás? Bem, aquilo poderia acontecer.”

Só que este homem tinha os pés no chão. – Por favor, não atire, madame. Sou só eu.

- Só você quem?

- Jerry.

Oh, para o inferno com tudo, maldição. – Que diabos você está tirando de minha caminhonete? – ela perguntou, sem abaixar a arma.

- Tudo, madame. Estava empilhando as peças na garagem. Trevor me contou que você estava os despedaçando. Pode conseguir muito mais dinheiro desse jeito. Você sabia disso? Você tem que lhes dar um desconto se as pessoas tiverem que retirar as peças elas mesmas.

- Então você está apenas tentando ajudar – disse ela, num tom que deixava claro que não pensava dessa forma.

- Sim, madame.

- Às três horas da manhã.

- Sim, madame. Eu tenho um emprego agora durante o dia, no Quicky Lube & Tune, há algumas milhas de Camino. Então, se eu tiver que ajudar tem que ser à noite.

Ela não conseguia ver o rosto dele tão bem quanto gostaria, escuro como estava, mas a voz soava bem sincera e o incidente todo estava começando a enervá-la. Abaixando a arma, a mulher pegou a pequena lâmpada que ele pendurara e caminhou até a garagem para ver por si mesma. Ele empilhara várias peças ali, todas arrumadas, com uma porta, um pára-choques, e bancos. E havia coisas marcadas com algo como uma caneta pincel: Lado do motorista. Dianteira. Traseira.

Arlene afastou-se e direcionou o fecho de luz direto sobre ele. Jerry ergueu a mão para proteger os olhos.

- Eu lhe pedi ajuda?

- Não, madame. Mas é algo na qual sou bom. Eu costumava trabalhar num ferro-velho. E o garoto me ajudou um bocado.

- Trevor tem lhe dado dinheiro?

- Sim, madame. Só para ajudar a me levantar. Você sabe, ficar limpo o suficiente para conseguir um emprego novamente. Algo assim.

- E agora que você conseguiu um emprego, vai devolver o dinheiro para ele?

- Não, madame. Não me foi permitido. Eu tenho que pagar adiante.

- Pagar adiante? O que diabos isto significa?

Ele pareceu surpreso por ela não estar familiarizada com o termo. Ao mesmo tempo, aquilo se transformara quase numa conversa normal com Arlene sem estar tão defensiva; aquilo e o fato de que não conseguia ficar brava com ele deixou-a um pouco irritada, mas bem.

- Você não sabe a respeito? Deveria conversar com ele. Estou surpreso por não ter lhe contado. É algo para a classe de estudos sociais. Embora ele possa explicar melhor. Sabe, se você tiver dez mangos para alugar um guincho, eu tiro aquele motor, arrumo em blocos e cubro. Te poupo uma nota.

- Sem nenhuma ofensa pessoal, mas eu disse a Trevor que não queria você perto da casa.

- Eu pensei que você disse a ele que não me queria dentro da casa.

- Diabos, qual é a diferença?

- Bem, a diferença é que por um lado eu estou na casa. E do outro, estou fora dela.

- Com licença, acho que é melhor eu ir ter uma conversa com o meu filho.

Mas Trevor estava tão sonolento que tudo o que ele pôde dizer foi, - “Oi, mãe”, e “Está tudo bem?” E quando ela disse que Jerry estava lá na garagem despedaçando a caminhonete, ele disse, - “Que bom.”

E ela não conseguiu ficar zangada com ele. Trevor era como o pai nessa questão.

Porque era sempre mais fácil desabafar sua fúria com um estranho, ela foi até a escola de Trevor para ter uma conversa com este Sr. St. Clair. Primeiro foi à secretaria – antes que a classe entrasse, esperando não encontrar Trevor, então ele nunca precisaria saber que ela esteve lá. A moça da secretaria lhe disse para seguir em frente. Estava na metade do caminho para a porta da sala de aula quando parou e se esqueceu de tudo que pretendia falar e que pensara cuidadosamente.

Primeiro de tudo – embora não fosse a parte mais importante – ele era negro. Ela não se sentia preconceituosa a respeito de pessoas negras; não era isto. Foi algo que ela tentou duramente reprimir, para mostrar que não era assim. Depois de um tempo, ficou difícil agir naturalmente. Então, tentou ainda mais. E descobriu que perdera a batalha, se é que havia alguma. Era como perseguir a própria cauda. Então aquilo fez com que se tornasse difícil gritar com ele. Provavelmente deveria pensar que ela se

achava melhor do que ele, mas acima de tudo estava seu garoto e, também o salário dele vinha dos impostos que ela pagava. O salário de qualquer professor, na verdade.

Então, ele a avistou e ela ainda não tinha nada a dizer. Nada. Cem por cento emudecida. E não era por qualquer questão racial tampouco, mas mais porque ela nunca vira um homem com apenas metade do rosto. Era uma daquelas coisas. Levava-se um minuto para se ajustar. E ela sabia que, se levasse um minuto a mais sequer, ele notaria que ela notara sua infeliz cicatriz, o que seria um bocado rude. A cena toda se desenrolara suavemente em sua cabeça a caminho da escola. Estivera zangada, articulada e realmente bem.

Ela entrou na sala e se dirigiu à escrivania dele, sentindo-se pequena, como se fosse há vinte e cinco anos atrás quando aquelas carteiras eram grandes demais para comportá-la. E ele ainda estava esperando por algo a ser dito.

- O que é "Pague Adiante"?

- Perdão?

- Essa expressão. "Pague Adiante". O que significa?

- Eu desisto. O que significa? – Ele pareceu meio curioso a seu respeito, ligeiramente divertido e, como resultado, a milhas de distância dela, fazendo-a se sentir pequena e ignorante. Ele era um grande homem e não apenas em estatura física, embora naquilo também.

- É o que você supostamente deveria me dizer.

- Eu adoraria, madame, se soubesse. Se não se importa com minha pergunta, quem é você?

- Oh, eu esqueci de lhe dizer? Desculpe-me. Arlene McKinney.

Ela estendeu a mão e ele a apertou. Tentando não olhar para seu rosto, ela notou que o braço dele era deformado de alguma forma, num tamanho diferente, o que lhe deu calafrios por alguns segundos.

- Meu filho está em sua classe de estudos sociais. Trevor.

Algo veio à mente dele então, e seu rosto mostrou um reconhecimento positivo, o que fez com que ela gostasse mais daquele homem, o fato de estar conectado de algum modo ao seu filho.

- Trevor, sim. Eu gosto de Trevor. Particularmente, gosto dele. Muito honesto e direto.

Arlene tentou dar uma pequena risada sarcástica, mas o que surgiu foi um bufar, um guincho que fez com que suas faces avermelhassem. – É, ele é tudo isso, certo. Só que você diz isto como se fosse uma coisa boa.

- E é, eu acho. Agora, o que é isso sobre "Pague Adiante"? Devo supor que deveria saber algo a respeito?

De fato, ela tinha esperado por uma risada, um sorriso, algo além de suas maneiras profissionais; tinha a má sensação de que o Sr. St. Clair estava esnobando-a de um modo que não conseguiria inteiramente provar.

- Tem algo a ver com uma tarefa que você deu. Foi o que Trevor disse. Ele falou que era um projeto para sua aula de estudos sociais.

- Ah, sim. A Tarefa. – Ele se dirigiu ao quadro-negro e ela afastou-se do caminho, como se um vento muito forte soprasse ao redor dele e a impedisse de chegar perto demais. – Vou escrever para você exatamente como fiz para a classe. É muito simples. – E ele o fez.

"Pense numa idéia para mudar o mundo e coloque-a em ação."

Ele largou o giz branco e voltou-se. – Isso é tudo. Este "Pague Adiante" deve ser a idéia de Trevor.

- Isso é tudo? Isso é tudo? – Arlene pode sentir a pressão subindo ao redor de seus ouvidos, aquela fúria simples e satisfatória que viera descarregar. – Você só quer que eles mudem o mundo. Isso é tudo. Bem, estou contente por não lhes dar algo mais difícil.

- Sra. McKinney...

- Senhorita McKinney. Estou sozinha. Agora, escute aqui. Trevor só tem doze anos. E você quer que ele mude o mundo. Nunca ouvi tamanho disparate.

- Primeiro de tudo, é uma tarefa voluntária. Para crédito extra. Se um aluno acha a idéia difícil demais, ele ou ela não precisa participar. Segundo, o que eu quero é que os estudantes reexaminem seu papel no mundo e pensem em maneiras onde uma pessoa possa fazer diferença. É um exercício muito saudável.

- Assim como escalar o Monte Everest, mas isso pode ser demais para o pobre garoto também. Você sabia que Trevor tem adotado um mendigo e o trouxe para dentro de minha casa? Este homem poderia ser um estuprador ou molestador de crianças, ou alcoólatra. – Ela quis dizer mais, mas estava ocupada pensando que, desde que ela própria era uma alcoólatra, aquilo devia ter sido um exemplo ruim. – O que você sugere que eu faça com relação aos problemas que causou?

- Sugiro que você converse com ele. Decrete as regras da casa. Diga-lhe quando seus esforços para este projeto entram em conflito com sua segurança e conforto. Você conversa com ele, não?

- Que diabo de pergunta é essa? É claro que eu converso com ele.

- É que parece estranho você ter vindo até aqui para descobrir o que é o “Pague Adiante”. Quando Trevor poderia ter lhe dito.

Deixar a sala estava se tornando uma opção cada vez mais atraente. – Acho que isso foi um engano. – Obviamente, nada estava sendo concluído aqui, exceto pelo processo corrente que estava fazendo com que Arlene se sentisse estúpida e pequena.

- Srta. McKinney? – A voz dele a atingiu há poucos passos do longo caminho para sua segurança e liberdade. Ela quase continuou andando, mas, assim como ignorar a campanha do telefone, era contrária a natureza humana. Ela virou-se e encarou aquele homem a quem abertamente detestara imediatamente, e não era por causa de seu rosto ou sua cor tampouco.

- O que é?

- Espero que me perdoe por perguntar, mas o pai de Trevor está morto?

Arlene piscou como se tivesse levado um tapa. – Não. Claro que não. – Espero que não. – Trevor lhe disse isto?

- Não, ele disse algo estranho. Disse, “Não sabemos onde ele está.” Pensei que talvez ele estivesse sendo eufemístico.

- Bem, nós não sabemos onde ele está.

- Oh. Bem, sinto muito. Só me perguntei.

Perturbada agora, ela correu para a porta e nada poderia tê-la impedido. Que modo de se sentir uma completa idiota. Não apenas admitira que o pai de seu filho não mandava sequer um cartão de Natal, mas agora ela teria que encontrar um dicionário e procurar a palavra “eufemístico”. Vejam só o que ele acusara seu filho de ser. Era melhor que não fosse um insulto – foi tudo que ela pôde pensar.

Do Diário de Trevor

Às vezes, eu penso que esta idéia vai ser tão legal. E talvez seja. Mas então me lembro de outras vezes em que achei que as coisas seriam legais. Como quando eu era realmente pequeno. Com dez ou algo assim.

E agora que sou grande, eu posso ver que aquilo não era tão legal assim. Então, eu penso, e se tudo der errado? Aí então, o Sr. St. Clair não vai ficar impressionado comigo. Daí, daqui a alguns anos quando olhar para trás, vou pensar, cara, como eu era estúpido. É realmente difícil saber o que é uma boa idéia quando se está crescendo e essas idéias não funcionam, e nem você acredita nelas.

Mamãe odeia Jerry. O que é engraçado porque ele é um bocado parecido com papai. Exceto que papai é mais limpo. Mas se mamãe deixasse Jerry entrar na casa, ele estaria limpo também. Talvez se ela não deixasse papai entrar, ele se pareceria com Jerry. Talvez, onde quer que esteja, ele já se pareça.

CAPÍTULO 5

JERRY

Ele estava apenas se preparando para passar a noite, e lá estava ela. Como a maldita polícia. Ou o senhorio de um prédio cujo porão ele tentava usar como abrigo. Como se ela fosse mudar de idéia. Ele era um inseto e ela não queria sua maldita casa infestada. Ele apenas ajudara a arrumar a caminhonete. Tirando o motor solto. Não da carroceria, mas desengatando todos os fios e limpando a sujeira. Aliás, tudo que, de qualquer modo, era demais. Não era mais como antigamente. A forma como fabricavam hoje em dia, como se fosse um lixo qualquer. E ele entrara na garagem. Desenrolara um velho tapete oriental num canto contra a parede e mal fechara os olhos. Ela entrou e acendeu as luzes que o fizeram piscar.

- Sou só eu, madame. Jerry. Só estou fazendo uma parada rápida. Só um cochilo. Então trabalho um pouco mais em sua caminhonete.

- Eu sei que você tem vivido aqui na minha garagem.

- Não, madame. É só um cochilo rápido.

- Então onde você tem ficado?

- Na loja onde trabalho. Eles me deixam dormir no colchão da sala de espera.

- Levante-se. Eu lhe dou uma carona até lá.

Maldição. Havia duas coisas ruins a respeito do modo como ela o tratava. Uma era que ela era malditamente bonita. Não parecia velha o bastante para ter um filho com a idade de Trevor. Olhando, parecia ter quase trinta. E realmente era pequena e bonita, como uma bonequinha. Até que abria a boca.

Pessoalmente, era como uma amazona, alguém dez vezes maior. Mas era malditamente bonita. Se eles estivessem num bar juntos, e ele tivesse dinheiro o suficiente para pagar a ambos um drinque... se as coisas não estivessem como estavam agora... não seria tão fora de questão.

A outra coisa ruim a respeito de ela tratá-lo como um verme, era que ele não poderia culpá-la. Não poderia reclamar porque como poderia? Com o quê?

Entrando no carro, com ela ao volante, ao sentar-se sob a luz interna, ele pode ver claramente seu rosto. Observando-a, ele pensou, nós não somos tão diferentes e talvez você saiba disso. Mas ele sabia, melhor do que ninguém, quando ficar calado.

Eles dirigiram em silêncio até Camino, a principal rua da cidade. Uma cidade fantasma há esta hora. A rua era longa e estava deserta, com as luzes dos faróis piscando por nenhuma razão que ele pudesse ver.

- Um bom carro você tem aqui. – Um velho Dodge Dart verde. Serve você para sempre se cuidar bem dele. Inferno, mesmo se não cuidasse.

- Isto é supostamente algum tipo de sarcasmo?

- Não, madame. Quero dizer que é um fato. Seis motores inclinados, o melhor que já foi feito. Não poderia morrer mesmo se você quisesse.

- Embora você deva querer que morra. Às vezes.

O que ele recebia dela era sempre difícil, mais frio do que esperava receber. Mas era uma linda dama. Bonita. – Eu sei que você não gosta de mim.

- Não é isso.

- O que é, então?

- Olhe, Jerry. – Eles pararam num semáforo com o sinal vermelho, preguiçosamente, embora ninguém estivesse passando. Ninguém para passar o sinal verde. Aguardaram. – Estou tentando criar sozinha aquele garoto. Sem ajuda de ninguém. Eu não posso ficar de olho nele o tempo todo.

- Eu não desejo mal a seu filho.

- Você quer dizer que não deseja NENHUM. – As luzes mudaram e ela cantou os pneus. Acelerou rápido demais. Ela estacionou em frente ao Quicky Lube & Tune.

Estava frio lá fora. Ele não queria sair. Pensou que não precisaria. Nunca mais. Nunca mais dormiria lá fora no frio. Jerry não tinha realmente a chave da loja. Nunca, nem em um milhão de anos, diria aos chefes que precisava do colchão para dormir. – Obrigado pela carona, madame.

- Não tenho nada contra você pessoalmente. Não tenho.

- Certo. Que seja. – Ele saiu do carro aquecido. Para o vento. Um minuto depois, ela estava atrás dele.

- Olhe, Jerry. Num mundo diferente, quem sabe? Poderíamos até ter sido amigos. É só que...

Jerry virou-se. Ela encarou-o. Apenas por um segundo e, então, olhou para os sapatos dele. Se ao menos ela não tivesse olhado para seus pés. Ele não tinha dinheiro suficiente para trocar os velhos tênis. Vira um belo par de botas de trabalho com cadarços, mas não pudera comprá-los. Mas amanhã. Amanhã seria dia de pagamento. Não, hoje. Já passava das três da manhã. Hoje, mais tarde, botas de trabalho.

- Agradeço por ouvi-la dizer isto, madame. Do modo como você tem agido, eu pensaria que somente um de nós é gente.

- Nunca quis dizer isto.

- Nunca.

Ela virou-se para entrar no carro. Ele virou-se para observá-la partir. Então, ambos viram. Como uma longa listra, começando do topo do céu. Caindo bem rápido. Iluminando a noite como um relâmpago. Uma bola de fogo com uma cauda.

- Santa vaca – ela disse. – Você viu aquilo? O que era, um cometa?

- Um meteoro talvez, eu não sei. Quando era criança, costumávamos chamar aquilo de estrela cadente. Costumava pensar que se eu visse uma, um desejo se realizaria. Sabe, como se todos os seus sonhos se tornassem realidade?

Ela voltou-se para encará-lo. Havia suavidade em seu rosto. Talvez nunca lhe tivesse ocorrido que mendigos certa vez já foram crianças. Ou quisessem que seus sonhos se realizassem iguais a todo mundo. – Você não odeia momentos como este? – perguntou.

- Que momentos, madame?

- Quando você tem a sensação de que somos todos iguais?

- Não, madame. Eu gosto deles.

- Bem, boa sorte.

- Madame?

- O que é?

- Eu recebo meu primeiro pagamento hoje. E vou alugar um quarto barato. Sair do seu pé. Seu garoto não vai se arrepender pelo esforço que fez. Acho que você também não. Vou fazer o que suponho que devo fazer. Passar adiante, você sabe.

Ela ficou ali parada por um longo tempo, como se estivesse tentando decidir se diria algo ou não. E ela disse. – Pode me explicar sobre isso? Como este “Pague Adiante” funciona?

Ele como que piscou. – Ele não lhe disse?

- Eu não perguntei exatamente.

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor

Então, eu expliquei o “Pague Adiante” a ela. Peguei um galho e desenhei no chão. No escuro. Ambos tivemos que nos agachar para ver melhor. Estava frio, mas ela teve uma escolha. Poderia estar em casa, aquecida. Aquilo fazia diferença. Como eu sei por quê?

Desenhei três círculos. E expliquei como o garoto explicou para mim. – “Vê, este aqui sou eu” – disse. – “Esses outros dois, eu não sei. Duas outras pessoas, eu acho. Que ele vai ajudar. Vê, o truque é, é algo grande. Uma grande ajuda. Algo que

você não faria para qualquer um. Talvez para sua mãe ou a sua irmã. Mas para ninguém mais. Ele faz isto por mim. Eu tenho que fazer para outras três pessoas. As outras duas, elas tem que fazer para outras três, cada uma. Aquelas outras nove, tem que fazer para outras três. Cada. E isto faz vinte e sete pessoas.”

Agora, eu não sou muito bom em Matemática. Mas aquele garoto, ele elaborou tudo. Fica realmente grande muito rápido. Como, você não consegue acreditar com que rapidez. Aos milhares em pouco tempo.

Então, lá estou eu, ajoelhado. Desenhando todos aqueles círculos no chão. Contando em três. Acabando-me no chão. Você não conseguiria acreditar com que rapidez. E sabe, aconteceu de novo. E ambos vimos. Um grande cometa ou o que quer que fosse. Eu mencionei o primeiro cometa que vimos? Acho que sim. E então vimos outro cometa. Uma estrela cadente. Cadente, caída, eu não sei. Mas nunca vi duas de uma vez numa só noite. Era algo como assombroso.

Ficamos olhando aqueles círculos, pensando que a coisa toda poderia ser legal. Exceto que não seria. Porque, bem, sabíamos que não iria funcionar. Porque as pessoas, elas não são boas. Elas não iriam pagar adiante realmente. Aceitariam sua ajuda, mas era tudo. Eu sei que ambos pensávamos aquilo. E então, o céu se iluminou novamente. Aquele grande cometa. O segundo, quero dizer. Não estou dizendo que houve um terceiro. Talvez tenha feito com que soe assim. Mas, de qualquer forma, eram dois. Já é o bastante. Assombroso. Você sabe, existe um mundo enorme lá fora. Muito maior do que pensamos.

Então, ela começou a me contar como era difícil para ela conversar com aquele garoto. Eu não conseguia acreditar. Contando para mim. Eu. Ela disse que o garoto era como o pai. Ela odiava questioná-lo. Não conseguia ficar zangada com ele. Não quer dizer que não confiava nele. Então, as coisas apenas fluíam. Ela apenas o deixava seguir seu caminho. Ela me contou tudo aquilo. Era como se nós... eu não sei... estivéssemos nos comunicando. Pela primeira vez. A respeito de todo tipo de coisa. Era tão espantoso.

Eu disse a ela que faria grandes coisas. Talvez não fossem para qualquer outra pessoa. Mas de onde eu estava. Conseguir um apartamento. Dirigir um Dodge Dart. Ela disse que eu poderia ter o dela. Bem baratinho. Conte-lhe novamente como era um dia de pagamento. Dia de pagamento. O dia que muda tudo. Depois de algum tempo, aquilo foi tudo que dissemos. Repetidamente. Mas eu gostei mesmo assim. Depois de um tempo, ela foi para casa. Mas depois daquilo, a noite foi algo como... diferente. Como... se não fosse tão... você sabe... fria. Ou algo assim.

Às nove e meia, ele recebeu o seu pagamento. Ele não teria que ficar e trabalhar naquele dia ou no seguinte. Então foi até o banco. Cem dólares vivos na mão. Hora de comprar botas de trabalho. Ele parou num ponto de ônibus por alguns momentos. Mas era um belo dia. Poderia caminhar até o Kmart. Andando com todo aquele dinheiro, aquela grande soma no bolso. Que merecera também. Todo um novo dia. Cometas à noite, quem sabe?

Ele passou pelo Stanley's, o pequeno bar que costumava freqüentar. Achou que uma cerveja cairia bem. Um bom dia, o bolso cheio de dinheiro. Se você não podia ceder um minuto para celebrar com uma cerveja, então por quê? De que valera tudo aquilo? E ele estava certo. Tudo corria realmente bem. Viu dois dos caras também. Que ele conhecera quando estava quase na pior. E agora estava na deles novamente. E também, eles não precisavam saber. Quiseram saber por onde ele andou. San Francisco, respondeu, porque sempre quis ir até lá. Pagou-lhes uma cerveja, então assim eles saberiam que ele podia. Veriam aquele rolo de notas sair de seu bolso, muito bem dobradas. Comprou outra cerveja para si, para que soubessem que não estava com pressa. Nenhum lugar onde tivesse que estar realmente. Sim, senhor. Com certeza, um novo dia. Jogaram uma partida ou duas de sinuca, valendo dinheiro.

Então, um deles telefonou para Tito, um sujeito que costumavam conhecer. Disseram a ele que Jerry estava carregado. Venha para cá. Ele veio com alguns

produtos. Disse a Jerry: - Eu sei que você está procurando para comprar. Não me diga que perdeu o gosto pela coisa.

- Não, nunca mais – disse Jerry.

- Ora, vamos.

Eles jogaram mais algumas partidas de sinuca. Os outros três foram para o banheiro se picar. Aquilo não parecia justo. Eles podiam e ele não, como aquilo era justo? Quero dizer, qual é o ponto afinal? Por que ter todo um novo mundo preso às regras? Onde você não pode se sentir bem. Não pode ter o que quer. Então, ele pediu outra cerveja e Tito voltou. E Jerry disse que talvez um só pacotinho. O suficiente para não se meter em confusão. Não tanto que ele não pudesse comprar as botas.

Era seu dia de folga. Apesar de tudo. Teve que emprestar uma agulha de Tito porque nem mesmo tinha sua própria. Não soubera o quanto sentiu falta daquela pequena picada até que sentiu novamente.

Então chegou a hora de fechar. Como poderia ser? Era apenas a manhã de ontem há um minuto atrás. Que dia era hoje agora? Então, foi um dia todo no Denny's, tomando café. Faminto agora, com a barba por fazer. Doente. Sentindo-se mal. Café da manhã, aquilo cairia bem. Mas não poderia ter nenhum. Porque aquele copo de café o deixara liso. Remexeu os bolsos duas vezes, mas era inútil.

Aquele dinheiro havia sido todo consumido.

CAPÍTULO 6

REUBEN

Quando ele chegou à sala de aula, segunda-feira pela manhã, Trevor já se encontrava sentado. Ele ocupava uma carteira na frente, algo que nunca fizera antes. Fitaram-se brevemente, Reuben sentindo algo não dito da parte do garoto.

- O que tem em mente esta manhã, Trevor?
- Sr. St. Clair? O senhor é casado?
- Não. Eu não sou.
- Desejou alguma vez estar?

Reuben lembrou-se da mãe de Trevor parada em sua sala de aula. Lembrou-se de algo que ela dissera quando ele se referiu a seu filho como sendo muito honesto e direto: “É, ele é tudo isso, certo. Só que você diz isto como se fosse uma coisa boa.”

De fato, Reuben lembrava-se da mãe de Trevor frequentemente. Em momentos estranhos, sem nenhuma conexão aparente, ela retornava à sua memória. Como quando ela explodira tal qual uma nuvenzinha de tempestade ao entrar em sua sala certa manhã.

- É uma pergunta difícil de se responder, Trevor. Quero dizer, existem casamentos e “casamentos”.
- Huh?
- Existem bons e maus casamentos.
- O senhor às vezes desejou ter um bom casamento?
- Okay, eu desisto. O que significa tudo isso?
- Nada. Eu só perguntei.

Mary Anne Telmin entrou. Não era surpresa que ela fosse a próxima a chegar. Ela era a única outra estudante que Reuben sabia, com certeza, que aceitaria sua tarefa valendo crédito extra porque ela ficara depois da aula certo dia e descrevera-lhe longamente sua idéia. Um projeto de reciclagem. Ela era uma garota muito bonita, popular, muito branca, com grande potencial para líder de torcida, alguém a quem Reuben tentou manter a mente aberta. Mas sua aproximação da classe e a tarefa a qual se propôs pareceram a ele insinceros e estudados, fazendo-o lembrar de que o projeto de Trevor permanecia secreto. E que bom segredo este se provara ser. Pague adiante. Reuben deveria ter lhe perguntado a respeito, antes que o resto da classe comesse a chegar, mas a agenda de Trevor o jogou para escanteio.

Depois da aula, Trevor ficou por último e Reuben levantou a mão para lhe chamar a atenção. Abriu a boca para chamar seu nome, mas, mais uma vez, Trevor provou ser mais rápido no gatilho.

- Quero falar com você de novo – disse Trevor, virando-se e parando na frente da mesa de Reuben. Ele enfiou as mãos bem no fundo nos bolsos e esperou até que o último dos outros alunos se fosse. Pequenos movimentos em seus olhos e leves batidas do calcanhar revelavam algo, mas Reuben não tinha certeza de que poderia decifrá-los apropriadamente. Um pequeno nervosismo talvez. Finalmente convencido de que estavam a sós, Trevor disse: - Minha mãe quer saber se você pode vir jantar conosco amanhã à noite.

- Ela disse isto?
- Sim. Ela disse.

E aquele pequeno lugar dentro de Reuben, aquele que ele nunca conseguia apropriadamente treinar, saltou para encontrar a gentileza daquela mulher a despeito de sua precaução. Talvez ela não tivesse o detestado tanto quanto pensara. Mas mesmo

o coração de Reuben podia sentir quando algo não se encaixava. – Por que ela quer que eu vá para jantar?

- Eu não sei. Por que não?

- Ela não gostou muito de mim.

- Você conheceu minha mãe?

- Conheci o temperamento dela, sim.

- Bem... talvez ela queira conversar a respeito de Jerry. Meu amigo Jerry. Ele é parte de meu projeto. Mas ela não gostou de Jerry. Ao todo. Acho que ela quer que a ajude, você sabe. Algo como tentar entender. Isso tudo.

Aquele convite estava se tornando mais plausível na mente de Reuben agora, com algo que fazia sentido e encaixava-se com tudo que soubera desde então. – Não poderíamos ter uma pequena conferência privada de pais-professores aqui na escola?

- Oh. Aqui na escola. Bem. Eu perguntei a ela. Mas ela disse, você sabe, ela trabalha um bocado e tudo mais. Dois empregos. Ela falou que seria ótimo se você viesse.

- Acho que tudo bem. A que horas?

- Uh. Vou ter que perguntar. Eu te digo amanhã.

Na manhã seguinte cedo, antes de sua primeira aula, aconteceu de novo. Um raio caindo duas vezes no mesmo lugar. Ela estava novamente zangada e Reuben perguntou-se se ela alguma vez já ficou no meio termo. Ele nem mesmo teve que abrir a boca desta vez porque a raiva dela já viera toda de antemão, e completa, precisando somente ser entregue. Reuben admirava isto nela. De fato, invejava-a e talvez até mesmo se sentisse tentado a pedir-lhe algumas aulas. Ela seria uma boa tutora em justa indignação para pessoas como Reuben, que nunca teve talentos naturais naquele campo. E ela era bonita, mas não do tipo que o feria.

- Por que você disse ao garoto que nós tínhamos que nos encontrar em minha casa?

- Não disse. Eu nem mesmo falei que tínhamos que nos encontrar.

- Você não disse? – ela parou a meio caminho, obviamente desconcertada, sua fúria em súbita desvantagem e descarregada contra nenhum alvo. – Trevor me disse para fazer fajitas de frango porque você estava vindo para o jantar. Porque você desejava conversar comigo a respeito do projeto dele.

- Mesmo? – Interessante. – Ele me contou que VOCÊ convidou-me para jantar e pensou que era porque você queria conversar COMIGO a respeito do projeto dele.

- Bem, que diabos ele está fazendo, então? – ela disse, desligadamente, como se Reuben não estivesse na sala afinal.

- Talvez ele queira conversar com nós dois a respeito do projeto.

- Mas por que não aqui na escola?

- Ele disse que você trabalha em dois empregos e seria mais fácil se eu fosse a casa.

- Eu estou aqui, não estou?

- Só estou contando o que ele me disse.

- Oh. Okay. Por que ele está tentando levar você, então?

Seria um risco dizer aquilo, mas Reuben achou que diria o motivo de qualquer forma. Ela iria recarregar-se novamente, o que era provável, mas estava tudo bem porque Reuben não se importava com a raiva dela. Era clara e aberta, e você sempre conseguia vê-la chegando.

- Ontem de manhã, ele me perguntou se eu era casado. E então, perguntou se eu gostaria de ser.

- E daí?

- Estou apenas especulando.

- Provavelmente só estava curioso. Estou lhe dizendo, aquele garoto nunca sabe quando deve ficar calado.

- Eu só pensei...

- O quê?

- Só pensei que ele deve estar tentando nos juntar.

- Nós?

Ela pareceu congelar no lugar, todas as emoções percorrendo seu rosto, esperando para serem lidas. Outro risco, outra desfiguração para a qual se deixaria permanecer aberto. Nós? Você deve estar brincando.

- Eu compreendo que somos o casal mais improvável do mundo, mas apesar de tudo, ele é só um garoto.

Ele a viu tropeçar desajeitadamente para um lugar onde pudesse falar novamente. – Trevor nunca faria uma coisa dessas. Ele sabe que o pai dele vai voltar para casa.

- Apenas especulando.

- Por que você disse que viria para jantar?

- Eu me senti culpado depois que você foi embora da última vez. Você me pediu para ajudá-la com alguns problemas que podem ter sido causados pela minha tarefa. Receio que fui um pouco indiferente.

Um raio de sol, que entrou de esguelha pela janela, pegou Arlene e iluminou-a mais do que qualquer outra coisa na sala. O brilho ressaltava uma faixa do colo desnudo exibido pelo top rendado. Pálida, uma pele vulnerável como de uma boneca de porcelana. Algo frágil, relegado ao abrigo por medo de quebrá-la com um toque. Ela parecia tão vulnerável, até que abria a boca.

- Sei que você não gosta de mim. – Era a última coisa que Reuben esperava que ela dissesse, especialmente quando a admirava. Ele sentia-se transparente na maior parte do tempo, embora suas intenções parecessem não ser lidas corretamente por aqueles ao seu redor. Nem mesmo aqueles ao seu alcance.

- O que a faz pensar isto?

Ela fez aquele ruído novamente, um rude e pequeno bufar. – Você acabou de dizer que somos o mais improvável casal do mundo. O que significa isto se não está me desprezando?

Significa que eu assumi que está me desprezando. Significa que eu sei que está pensando isso, então tive que dizer. Mas Reuben não podia responder essas perguntas, então Arlene continuou.

- Você pensa que eu sou estúpida demais para não ver o modo como me desdenhou? Bem, posso não ter a sua educação e não falar bem como você, mas isto não quer dizer que sou estúpida.

- Eu nunca disse que você era estúpida.

- Você não precisou.

- Eu nunca pensei tampouco. Nunca me ocorreu perguntar quanta educação você possui. Acho que está sendo excessivamente sensível.

- Que diabos você sabe a respeito de como eu me sinto?

- Quando o assunto é hipersensibilidade, sou algo como um expert. De qualquer forma, nada disso foi idéia minha e, se você não me quer em sua casa, eu não vou.

- Uh, não. Quer saber? Tudo bem. A verdade é que... – Ele sabia, por sua pausa, a tensão em seu rosto, que se terminasse a sentença, ela lhe diria algo muito difícil. Algo que era difícil para ela dizer a qualquer um, mas particularmente para ele. – A verdade é que eu não estou indo muito bem falando com ele sobre isto. Poderia usar a ajuda. Seis horas?

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor

Eu fui até a casa dela. Não era tudo que eu esperava. Sua casa. Bem, todo o resto, mas quero dizer sua casa. E aquilo me fez examinar minhas próprias expectativas, e admito que talvez de algum modo tenha sido culpado por menosprezá-la. Embora Deus saiba que nunca tive a intenção.

Era uma casa modesta, mas escrupulosamente limpa por dentro e por fora, meticulosa e cuidada. Nenhuma erva-daninha crescendo na entrada. Nem uma única mancha naquelas vidraças imaculadas. Exceto por uma caminhonete destruída na

entrada da garagem, cada pedaço da existência de seu lar trouxe de volta uma expressão que minha mãe costumava usar como referência própria: orgulho do lar.

Nunca esperei que ela me lembrasse de minha mãe.

A coisa toda me deixou nervoso. O orgulho de sua casa me fez lembrar do orgulho que pairava por trás de toda sua fúria. O que me fez sentir que não era páreo para ela, e também esmagado, como se estivesse renunciando a minha força ao encontrá-la no gramado de sua casa.

Ela atendeu a porta parecendo angustiosamente bela. Usava um vestido de algodão com estampas floridas, como se levasse os convidados para jantar demasiadamente a sério. Eu fiquei parado em sua sala de estar, segurando flores que não tive coragem de lhe dar. Congelado. Cada parte de mim congelada. Durante um longo tempo, nenhum de nós pareceu conseguir falar sobre qualquer coisa.

E então, Trevor apareceu, graças a Deus.

Assim que Arlene tirou os pratos do jantar da mesa, Trevor correu ao quarto para pegar sua calculadora. Ele adiara a explicação de seu projeto durante todo o jantar porque, conforme disse, era difícil demais explicar sem uma calculadora.

- Tudo isso começou com algo que papai me ensinou.

Os ouvidos de Arlene aguçaram-se ao ouvir aquilo e ela puxou a cadeira por perto, como se fosse olhar a calculadora por cima dos ombros do garoto.

- Lembra-se daquela charada que ele costumava fazer? Lembra-se, mamãe?

- Bem, eu não sei, querido. Ele sabia um bocado de charadas.

Reuben sentia o estômago aquecido e agradavelmente cheio. Observava a ambos, do outro lado da mesa, sentindo-se surpreendentemente relaxado. As flores que ele trouxera descansavam num vaso sobre a mesa. Rosas não – aquilo seria pessoal demais, muito. Uma mistura de flores secas e coisas ensolaradas, margaridas e afins, que ele lhe presenteara com um pedido de desculpas por ter produzido uma primeira má impressão. Tencionava ser apenas um gesto amigável e deixou-a embaraçada, o que deixou ambos sem jeito. Havia sido um erro que ele retrataria se pudesse e, a cada olhadela para elas no vaso de porcelana, lembravam-no de que não poderia.

- Lembra-se daquela sobre trabalhar por trinta dias?

- Não, Trevor. Acho que não.

As vozes deles pareceram um pouco distantes à Reuben que começou a se sentir um pouco desligado da cena de um modo sutil.

- Lembra-se, ele disse, se você fosse trabalhar para alguém por trinta dias e tivesse uma escolha – você quer receber cem dólares por dia ou quer receber um dólar no primeiro dia que, então, seria dobrado nos dias seguintes? Eu disse que pegaria os cem dólares por dia. Mas ele disse que eu sairia perdendo. Então fiz os cálculos em minha máquina. Cem dólares por dia durante trinta dias são três mil dólares. Mas se dobrar aquele um dólar todos os dias, você faria mais de quinhentos milhões em seu último dia. Sem mencionar tudo no meio. Foi como eu pensei na minha idéia para a aula do Sr. St. Clair. Vê, eu faço algo realmente bom para três pessoas. Então, quando elas perguntam como podem pagar de volta, eu lhes digo que tem que pagar adiante. Para mais três pessoas. Cada. Então, nove pessoas conseguem ajuda. Daí, essas pessoas tem que ajudar vinte e sete. – Ele virou a calculadora e apertou alguns números. – Então, é algo que tipo se espalha, veja. Para oitenta e um. Então duzentos e quarenta e três, e daí setecentos e vinte e nove. E dois mil cento e oitenta e sete. Vê como fica grande?

- Mas, querido. Só há um pequeno problema com isso.

- O quê, mamãe?

- Tenho certeza de que o Sr. St. Clair irá explicar a você.

Reuben pulou à menção de seu nome. – Eu vou?

- Sim. Diga-lhe o que há de errado com o plano.

- Eu acho que sua mãe está zangada porque, embora seja bom você querer ajudar Jerry, ela está... preocupada. Sobre esta situação.

- Não, não. Não isso. Trevor, eu sei que fui severa com você a respeito de Jerry, mas tive uma longa conversa com ele. E acho que estive errada. Ele até que é um cara legal. Além disso, acho que agora tem um lugar para viver. Não tem estado por perto já há alguns dias.

Trevor franziu a testa e desligou a calculadora. – De fato. Ele foi preso.

- Por quê? – perguntou Arlene, subitamente soando surpreendida. Por um breve instante, Reuben viu o desapontamento genuíno e sentiu uma fina ligação entre ela e este homem sem rosto. Algo que deve tê-la feito ficar, apenas por um instante, do lado do time de Jerry.

- Não tenho certeza. Eu fui até seu trabalho. Eles disseram que Jerry nunca mais voltou depois que o pagaram. Disseram que ele foi pego em algum tipo de violação.

- Querido, sinto muito. Vê, esta é a parte que o Sr. St. Clair está prestes a lhe explicar.

Reuben tirou o guardanapo do colo e jogou-o sobre a mesa. Aquele padrão, entre Arlene e seu filho – não apenas surgiu mortalmente claro, mas viera envolvê-lo. Aqui está o Sr. St. Clair, filho, para lhe dizer todas as coisas que não quer ouvir. Sinto muito, Srta. McKinney. Se você quer que seu filho acredite que as pessoas são basicamente egoístas e insensíveis, você mesma terá que lhe dizer. Ele sorriu firmemente e sacudiu a cabeça, não dizendo nada.

Ela fixou-o com um olhar que queimava em silêncio, mas ele não temia sua raiva ou teria provado a ambos; ao invés disso, notou que os olhos dela eram castanhos, quase da mesma cor dos cabelos curtos e finos, como os de um bebê.

- Bem, Trevor – disse ela. – Acho que é um bom projeto. Conte-nos um pouco mais a respeito.

Então Trevor explicou, com a ajuda de sua calculadora, o quanto aquela coisa poderia se tornar grande. Com algo em torno do 16º nível, na qual ele envolvera 43.046.721 pessoas, a calculadora provou ser menor do que o otimismo de Trevor. Mas ele estava convencido de que, com apenas mais alguns poucos níveis, os números seriam maiores do que a população mundial. – Então vocês sabem o que acontece?

Arlene olhou para Reuben, mas ele não se importou em adivinhar, querendo ouvir direto do obviamente ativo cérebro de Trevor.

- Não, querido. O quê?

- Todo mundo é ajudado mais do que uma vez. Então, fica ainda maior e mais rápido.

- O que acha, Sr. St. Clair? – Arlene claramente queria algo dele, mas Reuben não estava certo, minuto a minuto, do que aquilo deveria ser.

- Acho que é uma idéia nobre, Trevor. Um grande esforço. Grandes esforços levam a grandes notas. Como se sente a respeito do fato de que Jerry foi preso?

Trevor suspirou. Pela expressão do rosto de Arlene, Reuben fizera seu serviço corretamente para variar.

- Tudo bem, eu acho. Exceto que só vou ter que começar tudo de novo, só isso. No entanto, está tudo bem. Já tenho outras idéias.

- Como o quê, querido? – perguntou Arlene, naquela voz açucarada que fazia quando questionava o próprio filho.

- É um segredo. Posso pedir licença?

Arlene encontrou novamente os olhos de Reuben implorando por algo. Como se ela não pudesse somente dizer, não, juvenzinho, ainda não terminamos aqui. Reuben apenas deu de ombros. – Okay, então pode ir, querido.

Trevor precipitou-se na direção de seu quarto, mas ao sair e passar pela cadeira de Reuben, este o pegou gentilmente pela manga e puxou-o perto o suficiente para que Arlene, do outro lado da mesa, esperançosamente não pudesse ouvir.

- Você não pode orquestrar o amor, Trevor.

- O que é orquestrar?

- Você não pode fazer acontecer para as outras pessoas.

- Isso não tem algo a ver com música?

- Nem sempre.

- Oh. Você não pode, hein? Quero dizer. Oh. Okay. Se bem que não era minha idéia. De qualquer forma.

- Apenas checando.

Reuben soltou sua manga e ele desapareceu. Levantou os olhos e viu Arlene fitando-o do outro lado da mesa com aquela mistura de tensão, fúria e combustível de foguete à qual estava ficando agradavelmente acostumado.

- O que disse a ele?

- É um segredo. Pode me dar licença?

Do Diário de Trevor

Mamãe e o Sr. St. Clair gostam um do outro. Eu apenas sei. O que não consigo entender é por que eles não sabem? Está bem ali e eu me sinto como se estivesse os sacudindo e dizendo, oh, apenas admitam. O Sr. St. Clair seria bom para ela, eu acho. Acho que ele daria o coração inteiro para alguém que dissesse, sabe, você tem uma bela metade de rosto. Você sabe, como o copo está pela metade ao invés de, bem, você sabe. Ele está triste a respeito de seu rosto. Acho que se ele não estivesse, poderia admitir melhor quando gosta de alguém. Mas, então, minha mãe tem um grande rosto e também sente o mesmo. Vai entender.

E se o mundo realmente mudasse por causa de meu projeto? Não seria a coisa mais legal? Então todo mundo diria, quem se importa com seu rosto, ele é o melhor professor do mundo isto é o que importa. Seria tão legal. Acho que a melhor aposta que tenho para meu projeto agora é a Sra. Greenberg. Jerry foi preso e o Sr. St. Clair diz que eu não posso orquestrar o amor, o que fez soar como se eu estivesse tentando acenar uma batuta ao algo parecido. Mas até aqui, parece que ele está certo.

Mas um jardim. Um jardim ainda dura mais do que toda essa história de orquestra.

CAPÍTULO 7

SRA. GREENBERG

Seu finado marido havia acreditado em milagres, mas o câncer levou-o da mesma forma. Desde que ele se foi, ela tentara resgatar aquela crença, pensando ser natural à família, pretendendo viver divinamente em sua pequena casa azul escura.

E nessa noite, pela primeira vez em anos, surgira com ela sentada na varanda enquanto bebericava o chá gelado. Sorrira para e através dela, e ela retribuiu. Um milagre na forma de seu jardim.

Ultimamente ela começara a sonhar em acordar, esticando e flexionando-se através da dor da artrite em suas juntas, acomodando-se na janela para descobrir que, como se fosse mágica, o jardim estaria mais uma vez inteiro novamente. E agora, no crepúsculo de uma fresca noite de primavera, o jardim estava inteiro. Aparado, a grama reluzente, os canteiros dispostos com lascas frescas de cedro revolvidas, sacos de folhas e aparas arrumadas no meio-fio e que, em breve, tornar-se-iam estória de dia do lixo.

Não era exatamente um milagre inexplicável porque ela vira o garoto da vizinhança fazer tudo aquilo, dia após dia. Só um pouco mais alta do que ele, ela ficara parada ao seu lado e mostrara-lhe as junções cujas roseiras suplicavam para ser aparadas, os arbustos a serem pulverizados, ervas-daninhas para serem arrancadas e a cobertura do solo que deveria ser capinada, aguada e encorajada a florescer.

Mas milagres podem e devem ter intermediários, ela decidiu. E então notou que seu chá gelado tinha um sabor mais doce do que de costume naquela noite, embora tivesse sido feito com as mesmas proporções. Notou também que o copo gelado não fazia doer sua artrite do modo como fazia normalmente.

Como se fosse um balde de água fria interrompendo aquele perfeito balanço num momento de descoberta, seu filho, Richard Green, surgiu na alameda para sua visita bimestral.

Como uma mulher chamada Greenberg tinha um filho chamado Green estava além de sua compreensão, mas era seu nome legal, embora nunca tenha o chamado por ele. Ele dera as costas para o sobrenome do pai, seu finado marido, como se tivesse vergonha e apenas este pensamento arrepiava sua nuca toda vez, do modo como uma enxaqueca o faria, dividindo seu cérebro na refinada dor que se seguia. Ele caminhava como James Dean ou metade dele, com todo o ego e nenhuma graça. Toda vez que vinha visitá-la, parecia-se mais e mais com Elvis, com suas enormes e indisciplinadas costeletas.

Mesmo numa fresca noite de primavera, ele usava aquelas camisetas regata que deixavam à mostra os montículos de músculos – que não lisonjeavam os ombros peludos – e óculos escuros a despeito da luz do sol que se esvaía. Ele tinha sido um garoto esperto, Richard, brilhante, mas aparentemente sem dívidas ao contrário do garoto da vizinhança que parecia bem simples e com uma inteligência mediana, ainda que parecesse provar o contrário com sua prontidão em estar onde era necessário.

Aos quarenta e dois anos, Richard não era um homem disposto nem sério, a menos que inquietude contasse, e não era particularmente alegre ou útil. Mas talvez inteligência não fosse associada a alegre boa-vontade; muito ruim que ela não pudesse negociar a inteligência de Richard até então. Parecia que seu único e real propósito era perder cada emprego que tentara manter, sendo bom demais como se achava para todos eles. E ela não tinha mais dinheiro para lhe emprestar, e não o faria mesmo que tivesse. Ele parou na escada da varanda com um cigarro preso na ponta dos dedos.

- Oi, mãe.
- Então, o que você acha?
- Do quê?
- O jardim.

Ele girou nos calcanhares com suas botas de couro e levantou os óculos escuros para o topo da cabeça semi-calva. – Merda. Você pagou alguém. Eu disse que faria.

- Eu não paguei.
- Fez você mesma? Vamos. Não pode nem ao menos fechar as mãos em punho.
- O garoto da vizinhança fez isso de graça.
- Muito engraçado.
- Ele fez.
- Deve ter levado horas.
- Ele tem trabalhado faz dias. Você não tem estado por perto.
- Eu te disse que faria isto.
- Sim. Você me disse. Mas não fez.
- Merda.

Ele entrou e ligou a TV numa reprise de M.A.S.H. e, embora ela tivesse lhe pedido para apagar o cigarro, ele não a ouviu ou fingiu não ouvir. Então, quando ela o seguiu e pulverizou toda a área da aseada sala de estar com Glade aroma pinho, ele reclamou, dizendo amargamente que aquilo o fazia tossir.

No começo, ele vinha apenas para conversar, e aquilo era bom o bastante; a Sra. Greenberg nunca esperara por mais do que isto. Ela morava perto do fim de sua rota de jornal, o que ele mudou só um pouco, assim a casa dela seria a última. Ele deixava sua enorme, pesada e velha bicicleta no lado dela do gramado e trazia o jornal até sua porta, batendo e sabendo que sair lá fora para pegar era um incômodo para ela. Ela ficava tão contente com sua atenção e consideração que sempre lhe oferecia um copo de Kool-Aid cereja, que comprava especialmente para ele, e este se sentava à sua mesa na cozinha e conversavam. Sobre a escola na maioria das vezes, futebol e, então, num projeto especial em que ele pensara para sua aula de estudos sociais e de como ele precisava de mais pessoas que pudesse ajudar; ela havia dito que havia um pouco de jardinagem a ser feito, embora não pudesse pagar muito.

Ele disse que não era para pagar nada a ele, e o que pagaria a outras pessoas não precisava ser dinheiro, a menos que tivesse bastante. Então, desenhou alguns círculos num pedaço de papel com o nome dela num deles e contou-lhe a respeito do 'Pague Adiante'.

- São como atos de bondade casuais – ela disse, mas ele discordou. Não eram casuais, não de todo, e ali repousava a beleza, construída dentro da doce organização do projeto.

Era uma nevoenta manhã de sábado quando ele apareceu, seis horas em ponto como prometera, e eles pararam no meio da neblina do quintal, a pintura azul-escura descascando de sua preocupada casinha, o cheiro de umidade no ar, gotinhas suspensas e frescas dos pés de carvalho em seus cabelos.

Ele tocou as rosas como se elas fossem filhotes, com os olhos ainda fechados, ou velhos livros raros bordados em folhas de ouro, e ela soube que ele amaria seu jardim e este retribuiria. E algo que esteve fora e mantido longe dela por muito tempo retornou.

- Como tem ido o projeto até então? – perguntou ela, porque podia ver que era importante para ele, um assunto do qual gostava de falar um bocado.

As sobranceiras dele se franziram e ele disse: - Não muito bem, Sra. Greenberg. Não muito bem. – E continuou: - A senhora acha que talvez as pessoas não vão realmente pagar adiante? Que talvez elas só digam que vão ou mesmo pretendam, mas talvez algo dê errado ou talvez nunca façam?

Ela sabia que era um problema genuíno em sua mente, uma daquelas encruzilhadas de Papai Noel da infância que moldavam ou destruíam a fé de uma pessoa para sempre, e este garoto era bom demais para se perder. Então disse: - Na verdade, eu só posso falar por mim mesma, Trevor, e dizer que realmente vou me comprometer e levar cada parte disto a sério, assim como eu sei que você o faz.

Ela ainda podia se lembrar de seu sorriso.

Ele trabalhou duro naquele dia e não parou nem mesmo para uma pausa pra tomar Kool-Aid, e uma vez quando terminou ela tentara lhe dar uma nota de cinco

dólares que de modo algum estava relacionado a pagar adiante, mas ele nem quis ouvir a respeito. Ele trabalhou durante todo o fim de semana em seu jardim, quatro dias após a escola e depois de entregar os jornais, e disse que na próxima semana voltaria e pintaria a cerca, as jardineiras do peitoril das janelas e a amurada da varanda com duas camadas frescas de tinta branca.

Ela se perguntou se seu filho, Richard, notaria a diferença.

Ela caminhou até a mercearia lentamente, afrouxando as juntas endurecidas e os músculos enquanto se aqueciam da distensão. Apenas para sair de casa. Imagine a tristeza daquilo, quando o próprio filho vinha visitá-la e, na maioria das vezes, você desejava estar em qualquer outro lugar.

Já era noite em Camino, com os faróis dos carros brilhando fantasmagoricamente à meia-luz, enquanto ela puxava o carrinho de compras por entre as rachaduras da calçada. A Sra. Greenberg fazia sempre a mesma rota para a mesma loja, sentindo-se confortada pela mesmice.

Terri estava trabalhando como caixa naquela noite e Matt como empacotador, duas de suas pessoas favoritas no mundo. Não tinham mais do que vinte anos, nenhum dos dois, mas eram rápidos em oferecer um sorriso para uma velha, sem condescendência, sempre pensando em perguntar a ela sobre seu dia, sua artrite, e ainda ouvindo quando lhes dava a resposta.

Ela comprou doze latas de comida para gato e um saco de cinco libras de forragem seca para os gatos vadios que contavam com ela, uma garrafa de Kool-Aid cereja para o garoto, a marca de cerveja favorita de Richard, chá, peito de frango sem pele e cereal de farelo para ela.

Pensou o tempo todo que Matt e Terri seriam duas pessoas com quem provavelmente poderia contar para pagar adiante, e talvez aquela gentil senhora do Abrigo de Gatos de North County se encaixaria no trio. Richard teria um choque, mas talvez amor duro fosse tudo de que precisasse e, com aquele pensamento fresco em sua mente, ela voltou ao refrigerador e devolveu a cerveja na prateleira. Ele poderia tomar Kool-Aid ou chá gelado, ou voltar para casa levando seu cigarro e problemas de dinheiro com ele.

- Boa noite, Sra. Greenberg – disse Terri, passando as mercadorias pelo scanner. – Passei pela frente de sua casa hoje. O jardim está maravilhoso.

Ela sentiu prazer de um modo enaltecendor, como dançar com um garoto bonitão no colegial, que alguém além dela mesma tivesse notado e se importado. – Não é maravilhoso? – ela disse. – Trevor McKinney fez tudo aquilo. É um bom garoto. Conhece-o?

Terri não imaginava que conhecesse, mas obviamente ela ficava contente por ver a Sra. Greenberg tão radiante e Matt também, que retribuiu-lhe o sorriso, enquanto empacotava sua comida de gato. Ele possuía um daqueles cortes de cabelo modernos, Matt, um garoto bonito com o cabelo raspado na nuca e comprido em cima, mas sempre limpo, com um visual fresco para dizer, “Sou moderno, não um punk.”

- É bom vê-la tão feliz esta noite, Sra. Greenberg. – Ele colocou as compras dela no carrinho cuidadosamente, assim estariam niveladas corretamente.

Seria ótimo ver Matt feliz também, porém, pelos planos, ela não estaria por perto para isto. Jovens precisavam de um pequeno pé-de-meia para a faculdade talvez, embora não fosse o suficiente para as taxas; talvez livros e roupas ou o que quer que eles fossem escolher para gastar, porque ela sentia que ambos seriam confiáveis. E aquela gentil senhora do Abrigo de Gatos, ela usaria para alimentação, castração e outros custos veterinários. Não duvidava de suas prioridades.

Sim, ela pensou, saindo para a noite fresca e limpa. Estava acertado. Os telefonemas seriam a primeira coisa que faria pela manhã.

Seu peito começou a doer no caminho para casa. Não seu coração, mas mais seus pulmões, como uma má congestão, e ela parou frequentemente para tomar fôlego. Ela não era assim tão velha, tinha que se lembrar disso, apenas acima da idade de se aposentar, mas desde que perdera Martin, seu corpo parecia estar se virando contra ela como se não pudesse esperar.

Como se sua imunidade não se importasse mais em protegê-la, mas pretendesse apressá-la. A artrite triplicara seu domínio desde então, e ela pegava qualquer coisa que estivesse por aí. Parando frequentemente para descansar, ela pegou um desvio que nunca tomava, pela casa de Trevor McKinney.

Uma casa muito bonita com um telhado de seixos curvados, coberta de vegetação, mas nunca exagerada. Uma pena aquela coisa horrível e retorcida na frente da garagem, parecendo os fantasmagóricos restos de uma terrível morte na auto-estrada. A Sra. Greenberg imaginava que a mãe do garoto desejava que aquilo desaparecesse, queria a beleza simples do lugar de volta, talvez até mesmo tenha sonhado com isto do modo como ela mesma sonhou a respeito de seu jardim.

Eles tinham companhia esta noite, ela observou, parando na calçada para respirar. Um fusca Volkswagen branco, muito bem cuidado, encontrava-se estacionado na frente. Um novo namorado. Bom. Ela vira o antigo, não pensara muito a respeito do tipo. E ela podia ver, através da janela da bem iluminada sala de jantar, o perfil do lado direito da face do homem. Um bem vestido homem negro, muito bonito e refinado. Bem, ótimo então. Bom para eles.

A Sra. Greenberg esperava que a mãe de Trevor não ouvisse ninguém, não deixasse nenhuma mente estreita ficar em seu caminho. Eles tentaram lhe dizer que não se casasse com Martin, porque ele era um rapaz judeu, mas ela não os ouvira e ele foi o melhor marido que uma mulher poderia pedir. Um bom homem é um bom homem. Talvez a mãe de Trevor se casasse. Ótimo para o garoto se ela o fizer. Nunca encontrara a mãe de Trevor, mas sabia que gostaria dela porque vejam só o que produzira com seu próprio ventre e carinho maternal. Um garoto que podia amar um jardim por uma mulher doente, artrítica, que não poderia fazê-lo suficientemente.

- Você tem uma boa mulher aí – ela disse baixinho, para o belo e refinado homem na janela que, é claro, não ouviria. – Uma boa mulher com um bom garoto. Tome conta deles. Eu sei que o fará.

Quando ela finalmente chegou em casa, sem fôlego e com o peito dolorido, Richard felizmente se fora. Tomou um banho quente e deitou-se na cama tossindo, sabendo que, o que quer que aconteça agora, o jardim estava cuidado. A varanda receberia uma camada de tinta. Amanhã, ela faria algumas ligações, alguns arranjos. Depois disso, nada mais importaria.

Mesmo se a coisa que se apoderasse dela na próxima fosse algo muito ruim – pneumonia ou a gripe asiática. Mesmo que ela não conseguisse superar dessa vez, não importaria. Tudo foi resolvido ou seria até então.

O sono caiu pesado e consumidor, como a reconfortante boca da morte que ela imaginava sustentando-a e a Martin num longo e bem merecido descanso.

CAPÍTULO 8

ARLENE

Ela esgueirou-se para dizer boa-noite a Trevor no minuto em que o Sr. St. Clair se foi. E ele não foi embora cedo. O que havia afinal a respeito daquele homem que sempre a fazia se sentir como se tivesse perdido o barco ou algo assim, e por que ela não conseguia livrar-se da noção de que ele o fazia de propósito?

Trevor estava na cama, fazendo a lição de casa no colo.

- Tenho que ir trabalhar, querido. Você ainda tem o número do telefone?
- Claro, mamãe.
- E o de Loretta?
- Sei de cor. Sabe, eu não estou com medo. Nunca fico.
- Eu sei, querido. Mas eu fico.
- Sou crescido, mamãe.
- Claro que é, querido. Você está.

Ela sentou-se na beirada da cama, penteando os caracóis e fios de cabelo da testa dele com os dedos. Sabia que ele provavelmente não gostava daquilo, dando-lhe um beijo que alguém daria numa criança menor, mas não reclamou. Ele parecia-se tanto com o pai que era assombroso, mesmo com os olhos desalentadores; e se erguesse os olhos para ela naquele exato momento, ela os teria desviado. Mas ele nunca o fez.

- Querido?
- Sim, mamãe.
- Você não estava tentando...
- O quê?
- Nada. Não importa. Tenho que ir.
- Não, de verdade. O que é?
- Você não estava tentando... algo como... me juntar ao Sr. St. Clair. Estava? Eu tinha certeza de que não estava.

Aqueles olhos de Ricky se ergueram e encontraram os dela e, de alguma forma, ela não os desviou.

- Por quê? Não gosta dele?

Aquilo a atingiu no estômago como uma bolada, algo que ela podia realmente sentir, saber que ele o fez. Embora não tivesse certeza do por que aquilo deveria ser tão importante. E então, olhando para a lição de casa de Trevor, ela viu a folha de papel com a idéia dele desenhada. Círculos como aqueles que Jerry desenhara no chão entre cometas, quando ambos acreditaram por um momento que uma vida poderia realmente mudar. Ou talvez até mesmo duas vidas.

Os círculos estavam em branco, todos, exceto os três no topo. A primeira onda. Um tinha o nome de Jerry escrito dentro, então riscado, o que fez Arlene súbita e esmagadoramente triste, como se sua chance tivesse sido perdida com aquela rapidez. O segundo dizia Sr. St. Clair, também riscado, o que também a fez sentir algo, embora não conseguisse nomear e nem mesmo compreender. O terceiro dizia Sra. Greenberg, o que gratamente não significava nada ao todo. Pelo menos, essa Sra. Greenberg não atravessara seu caminho com flores – ao menos que Arlene soubesse.

Suas próprias palavras não soaram firmes no começo. – Bem, de fato, Trevor, não. Não acho que gosto dele. Ele me faz sentir um pouco nervosa. Por quê? Você gosta dele?

- Sim. Claro que sim.
- Por quê?
- Eu não sei. Acho que é porque você pode dizer coisas a ele. Então ele diz coisas de volta. É simples assim. O que quer que pense, você pode dizer e só. Isso é bom, certo?

- Bem, eu acho que sim, mas... querido, eu não consigo entender por que você faria isso.

- Acho que ele é solitário, mamãe. E eu sei que você é. E você sempre disse para não julgar as pessoas pelo modo como se parecem.

- Não. Está certo. Você não deve. – Ela aprendia tanto daquelas pequenas conversas com seu filho. Ele sempre jurou que aprendeu aquelas coisas com ela e estava apenas refletindo de volta, mas de algum modo a sabedoria de seus próprios conselhos a surpreendia quando saía da boca dele e a deixava se perguntando se era sábia o suficiente para levá-las em consideração. Isso acontecia todas as vezes. – E isso não é tudo, querido. De qualquer forma, não é só sobre aparência, é só que eu, bem, você sabe tão bem quanto qualquer um que seu pai vai voltar algum dia desses.

Ele não respondeu de início, apenas fitou-a com uma expressão que se cristalizou como gelo ao redor de seu diafragma e fez com que fosse difícil para ela respirar. Se pressionada a dar palavra àquilo, ela ficaria tentada a chamá-la de “olhar de pena”, mas certamente ele não pretendia ser cruel com tudo aquilo. – Mamãe. – Ela não queria ouvir a próxima coisa que ele diria, mas se sentiu emudecida demais para impedi-lo. – Mamãe. Já faz mais de um ano.

- E?

- Mamãe. Ele não vai voltar.

E ela fora tão cuidadosa para nunca deixar aquelas palavras poluírem sua casa, nem mesmo no abismo de seu próprio cérebro cansado, nem mesmo no silêncio de uma insone madrugada às quatro. Mas agora lá estavam, tendo que ser combatidas com medidas desesperadas.

Então Arlene fez algo que nunca faria, não em doze anos; ergueu a mão para seu próprio filho e estalou-o em seu rosto. Ela tentou impedir a mão antes que acertasse o alvo, mas era tão sem sentido até então, inclinada demais para o alívio, ou talvez o sinal não tivesse chegado a tempo. Ele fitou-a sem recriminações, sem acrescentar nem um mínimo de bondade à vergonha que já ameaçava queimá-la perigosamente.

Ela nunca batera em Trevor, prometera a si mesma que nunca o faria. E então, para tornar as coisas ainda piores, tão despreparada estava para lidar com sua própria vergonha, ela virou nos calcanhares e deixou-o sozinho.

A fumaça fez seus olhos arderem, como acontecia em toda noite de trabalho de sua vida, como acontecia desde que a caminhonete tinha retornado sozinha, inútil, insalubre, mas completamente endividada.

Conway Twitty gritava na jukebox e ela não gostava nem um pouco, o que era aliviado apenas pelas vozes altas e tinidos de garrafas de cerveja que pareciam somar-se ao seu já horrível humor. O som de garrafas, o cheiro de cerveja – eram apenas um pequeno passo de tudo que ela poderia suportar a cada noite. De vez em quando, ela sentia o cheiro, sentia o gosto daquele verme gelado em sua boca tão real, tão claro, sem nem mesmo tentar entender, sem nenhum aviso em absoluto. Vinte dias haviam se passado e cada noite parecia mais difícil do que a noite anterior.

Na metade do tempo, ela telefonava para Bonnie às três da manhã, acordava-a de um sono profundo, e esta lhe dizia, “Garota, demita-se desse maldito emprego”, mas era fácil para ela dizer aquilo porque onde Arlene supostamente encontraria outro? Aquilo era frustrante como o inferno, a coisa toda, e ela odiou-se como louca por descarregar em seu filho.

Espancamento deveria estar em seu sangue agora, como um cachorro que mata seu primeiro frango e adquire o gosto. Pois, toda vez que aquele barulhento caipira com barba e tatuagem saía de sua barraca e batia em seu traseiro, as costas de sua mão queriam esquecer de tudo mais uma vez, só que daquela vez seria maravilhoso. E ele o fazia toda vez que ela passava ao seu lado. Seus olhos continuamente caíam sobre o relógio, esperando por um momento livre para telefonar a Trevor antes que ele fosse dormir, mas aquele momento parecia não chegar.

E se mais uma vez ela tivesse que gritar para ser ouvida acima do barulho, se mais uma vez ela tivesse que perguntar sobre um pedido gritado novamente apenas para não ser ouvido melhor do que na vez anterior, bem, não sabia o que faria então. Queria saber o que faria, mas realmente não havia nada a se fazer. Anos atrás, talvez. “Opções” não era uma palavra inútil. Mas agora havia o garoto em quem pensar. Suicídio, homicídio, dizer ao chefe que enfiasse aquele emprego, tudo aquilo estava fora do cardápio durante anos, talvez para sempre. Ainda assim, ela poderia ter apenas um emprego, se não fosse por aquela maldita caminhonete.

Então, ela confundiu o pedido da mesa nove. Bud, Coors, que diabos de grande diferença fazia afinal para uma mesa de porcos bêbados demais para sentir o gosto?

Aproximou-se furtivamente por trás de Maggie e disse-lhe que pegaria cinco minutos, numa hora ruim ou não. Ela detestava trabalhar com Maggie, boa garota, útil e doce como era, porque Maggie era uma garota grande, robusta e engraçada que ninguém queria beliscar, deixando mais insultos para Arlene rebater e suportar.

Ela usou o telefone da cozinha, uma esmagadora auto-estrada de tráfego de corpos, normalmente os mesmos poucos corpos, nenhum deles parecendo se importar com o cintilante calor das frigideiras ou o cheiro de gordura quente ao redor tanto quanto ela.

Trevor atendeu ao quarto toque, pouco antes que uma parada cardíaca a assaltasse. – Querido, você está bem?

- Claro, mamãe. Estou sempre bem.

- Estava dormindo?

- Ainda não. Mas vou daqui a um minuto. Estava lendo aquele livro sobre a Segunda Guerra.

- Trevor, eu sinto tanto. Quero dizer, estou tão, tão arrependida. Quero dizer, estou tão envergonhada por ter batido em você que nem posso dizer. – Ela fez uma pausa, esperando por algo, qualquer coisa que a aliviasse de seu dever de continuar. – Se houver qualquer coisa que eu possa fazer para consertar. Qualquer coisa mesmo.

- Bem.

- Qualquer coisa.

- Eu não acho que vá gostar disso.

- Qualquer coisa.

- Pode me levar para visitar Jerry?

Uau. Grande, huh? Você não odeia momentos como este, ela perguntara a Jerry, quando parece que somos todos iguais? Não, Jerry gostava deles. Aparentemente, outro momento que Arlene odiara aconteceu em sua casa. Do tipo em que você vê a pessoa que a magoou, que realmente estragou tudo, e bem lá nos olhos dele está você. Tudo que vê é o mesmo desapontamento e tensão que você mesma conhece, nada que explique como uma pessoa bem-intencionada possa causar todo aquele mal. Como quando Ricky voltara para ela, depois de reconciliar-se com a ex-esposa, Cheryl, uma coisa odiosa, miserável para se fazer, e ele parecia o mesmo homem a seus olhos, apenas um pouco mais cansado, mais preocupado e abatido.

- Você ao menos sabe onde ele está, querido?

- Poderíamos descobrir.

- Okay. Tudo bem, eu vou, mas tenho que voltar para o trabalho agora, Trevor. Seja um bom garoto. Escove os dentes.

- Mamãe.

E Arlene desligou rapidamente, salva de ter que admitir que o tratava como uma criança de três anos, toda vez que o deixava sozinho à noite. A porta giratória se abriu, golpeando seu ombro, aberta ao som de Randy Travis alto demais e o cheiro de cerveja e homens suados forte demais. Horas longas demais, pagamentos pequenos demais. Sono que nunca era suficiente. Apenas conte até três, Arlene. Então, no despertar dessa sabedoria, tente não notar que há um mundo impossível lá fora e, quando e se vier, apenas a guiará para o amanhã, outro dia de trabalho. Outro dia sem cerveja.

A mulher no cubículo da frente da Cadeia Municipal usava unhas vermelhas tão compridas que ela tinha que datilografar com o apagador no fim do lápis. Ela se sentava com as pernas cruzadas, numa saia curta e apertada, mascando chicletes com sons de estalido que Arlene achava irritante. Arlene apertou os braços ao redor dos ombros de Trevor.

- Nome?
- Arlene McKinney.
- E você está aqui para visitar...
- Jerry Busconi.
- Posso ver alguma identificação, por favor?

Arlene passou a licença de motorista através do balcão, o que odiara fazer porque a fotografia a fazia parecer muito mal. De fato, ela pensou que a mulher devia ter lhe dado um sorriso afetado um pouco às suas custas, embora soubesse que provavelmente imaginara o menosprezo, apesar de tudo.

- Esperem ali, por favor – disse a mulher, devolvendo-lhe a licença e gesticulando com sua espantosa unha.

Pareceu um pedido bastante simples. Até que Arlene tentou. E descobriu que ela e Trevor não iriam esperar sozinhos como imaginara, mas numa sala cheia de crianças sujas, um velho roncando com a boca aberta, mulheres com tornozeleiras, reais ou não, dentes manchados de nicotina e olhos injetados pela desilusão. E mulheres tímidas que fitavam o chão, como se esperassem ser estapeadas, com bebês exigentes e criancinhas com o nariz escorrendo.

Não havia mais cadeiras. Mas uma promessa era aquilo, e então ela ficou em pé com Trevor num canto, agarrando-se a sua manga e imaginando se aquelas pessoas pensavam que Jerry era seu marido e, se fosse, por que ela se importava tanto que pensassem. Dez minutos se passaram, cada um deles parecendo um dia, então eles foram admitidos numa sala com mesas longas, uma comprida fila de cadeiras, divisores de Plexiglas e telefones. Igualzinho aos filmes. Homens em uniformes alaranjados enfileiravam-se do outro lado, pegavam seus telefones, mulheres choravam e seguravam suas mãos através do vidro, assim como nos filmes.

Mais alguns poucos e longos minutos. Nenhum novo prisioneiro, nenhum Jerry, apenas mais espera, mais um pouco segurando o braço de Trevor, talvez apertado demais, a ponto de machucá-lo.

Um guarda arrastou-se por trás das divisórias, atrás da fila de homens que Arlene desejou não serem tão familiares aos seus olhos. Ela inclinou-se e deu algumas pancadas no vidro; o homem uniformizado pegou o fone. – Problema?

- O que aconteceu a Jerry Busconi?
- Ele não vai aparecer.
- O que você quer dizer com ele não vai aparecer? Meu filho e eu viemos de um longo caminho até aqui para visitá-lo.
- Não posso fazê-lo aceitar uma visita. Disse que não estava com humor.

Não estava com humor. Jerry Busconi não estava com humor para ver o garoto que sempre estivera no humor para dar-lhe todo o produto de seu próprio trabalho duro depois da escola. Humor, dizia. Isso é fértil. Sim, essa é muito boa.

- Posso deixar um bilhete?
- Na mesa da frente.
- Obrigada.

Jerry,

Não posso me forçar a dizer “caro” porque, neste exato momento, você não me é “caro” de todo. Posso perdô-lo por ter falhado porque todos nós estragamos tudo às vezes e eu não sou exceção. Mas este garotinho que o ajudou e contava com você, veio até aqui para ver como estava e você não estava com humor. O que o faz ser dezoito tipos diferentes de merda de galinha.

É sempre fácil ficar zangada em nome dele, de fato, é algo como uma especialidade minha, mas a verdade é que eu estou zangada com o que você fez a mim também. Contando-me todas as suas esperanças e sonhos, assim eu não poderia não gostar de você, pois isto seria um bocado mais fácil se nunca tivesse gostado ou confiado em você, mas tirou até mesmo este pequeno conforto de mim.

Eu não confio em muitas pessoas, então quando faço uma exceção, parece que é sempre a pessoa errada. Tire seu traseiro lamentável deste lugar assim que puder e então faça o que disse que faria por meu garoto e seu projeto da escola, que é muito importante para ele.

Mas você não fará, eu sei, porque você é um duas-caras, o que eu poderia perdoar porque as pessoas podem mudar, mesmo embora pareça que elas nunca mudem, mas se você não pôde nos encarar hoje, isso diz um bocado a respeito do que fará mais tarde.

Eu não acredito em estrelas cadentes e, se alguma vez já acreditei, não acreditaria mais nelas e é isto que você fez a esta família. Pense a respeito enquanto estiver na lavanderia da prisão, na penitenciária estadual, para onde dizem que está indo no próximo ônibus.

Meu filho gostaria de escrever algo neste bilhete, quando eu tiver terminado, o que já fiz.

Arlene McKinney

Oi Jerry,

Espero que esteja bem e a comida não seja tão terrível. Você costuma assistir TV? Vai me escrever uma carta da penitenciária estadual? Nunca ninguém fez isto antes.

Bem, tenho que ir. Mamãe está furiosa.

*Seu amigo,
Trevor*

Do Diário de Trevor

Eu me pergunto para onde as pessoas vão quando morrem. Elas têm que ir para algum lugar. Certo? Quero dizer, seria estranho demais pensar a respeito da Sra. Greenberg não estar em lugar algum. Isso seria tão triste. Então, decidi que ela ainda está lá fora em algum lugar. Porque decidi que posso pensar o que quiser a respeito. Porque notei que todo mundo pensa algo diferente sobre isso. Então eu imaginei que isto significa que você pode pensar o que quer.

Claro que significa que eu vou ter que manter aquele jardim muito bonito. E os gatos! Puxa! Acabei de pensar. Alguém vai ter que alimentar todos aqueles gatos selvagens. Pergunto-me quanto custa comida de gato. De qualquer forma. Quer saber?

Mesmo assim, ainda é triste.

CAPÍTULO 9

REUBEN

Ele estava naquela casa fazia três meses, mas nada havia sido desempacotado. Quase nada. A grande cama estava montada, feita e confortável, então ele passava um bocado de tempo nela, dando notas, comendo no colo e vendo o noticiário. Atravessou o mar de caixas até a cozinha, pegou um pequeno pote de sorvete da geladeira e pôs-se a comê-lo de pé, direto do pote com a ajuda de uma colher de plástico, o gato rodeando suas pernas. Aquilo o fez se sentir solitário, assim como desempacotar. O telefone tocou e provou-se difícil de ser encontrado. Era Trevor.

- Tudo bem ter ligado para sua casa? Consegui o número do serviço de informações.

- Algo errado, Trevor?

- Sim.

- Está em algum tipo de encrenca? Sua mãe está aí?

- Não é nada disso. Estou bem. É só o meu projeto. Não está indo tão bem. De todo. Ficou um bocado ruim. Algo aconteceu. Posso conversar com você a respeito?

- É claro que pode, Trevor.

- Ótimo. Onde você mora?

Reuben não esperara por isto. Deixou o fone escorregar e olhou ao redor. – Talvez eu possa encontrá-lo em algum lugar, Trevor, como o parque. Ou a biblioteca.

- Está tudo bem. Vou de bicicleta. Onde você mora?

Então Reuben deu-lhe o endereço em Rosita, pouco além de San Anselmo, pensando enquanto fazia aquilo que isto não era os anos 50 e a confiança pública era tamanha que um estudante poderia ir à casa do professor sem que ninguém ficasse maluco ou tivesse uma idéia errada. Mas ele não pensou rápido nem bem o suficiente porque Trevor desligou o telefone e estava a caminho.

Eles poderiam conversar na varanda. Para estar extra salvo, ele telefonou para a mãe de Trevor, que tinha o número na lista telefônica, para lhe explicar onde estava Trevor e por que. Ela não estava em casa, e Reuben não tinha idéia se ela trabalhava aos sábados, mas deixou um recado na secretaria eletrônica. Só para o caso.

Então olhou para baixo e percebeu que estava suando e não se barbeara. Tratou de se trocar, colocando uma calça jeans limpa e camisa branca, e barbeou-se antes que Trevor chegasse. Não levou muito tempo. Sua barba crescia apenas no lado direito de seu rosto.

Trevor jogou a bicicleta sobre o gramado da casa de Reuben. E ele se deu conta de que nunca vira Trevor aborrecido, tanto quanto o conhecia. Ele parou no topo das escadas para a varanda, num short cáqui e uma camiseta do time 49ers.

- A Sra. Greenberg morreu.

- Sinto muito, Trevor – disse Reuben, oferecendo ao garoto uma cadeira na varanda.

– Venha sentar-se e me contar a respeito. Quem ela era para você.

- Ela era para meu projeto. Era como minha última chance. – Então parou, como se estivesse envergonhado, e aceitou a cadeira que lhe foi oferecida. – Isso não soou bem. Eu não quis dizer que estava aborrecido com meu projeto. Quero dizer, quando ela morreu e tudo mais. Não é isso. São ambos. Quero dizer, ela ia realmente pagar adiante. Ela me disse. Então morreu. Fui até a casa dela esta manhã. Eu sempre levo o jornal até a porta. Mas nos últimos dois dias, é como se não estivesse em casa. Mas ela sempre está em casa. Então, hoje era sábado e eu esperei. Então o carteiro veio e disse que ela não tinha pegado a correspondência de sua caixa fazia três dias. Disse que o cheque mensal estava lá e não era do feitio dela fazer isto. Então batemos na porta do

vizinho, eles chamaram o filho dela, ele veio e abriu a porta. E ela estava na cama, como se estivesse dormindo. Só que ela não estava dormindo. Estava morta.

Trevor parou para tomar fôlego. Era um momento difícil para Reuben. Qualquer momento que requeresse dele ajuda emocional, para oferecer consolo ou compreensão, era um momento difícil. Não que ele não tivesse nenhum sentimento. Só que arrancar de dentro dele para dar a outro alguém, esta era a parte complicada.

- Sinto muito, Trevor. Deve ter sido duro para você.

- O projeto está quase no prazo. Jerry foi mandado para a penitenciária estadual. Ele nem ao menos apareceu quando fomos visitá-lo. E minha mãe ainda acha que meu pai vai voltar. A coisa toda é um embuste, Sr. St. Clair.

- Não estou certo de ter entendido a parte sobre sua mãe. – Ele ofereceu-lhe um gancho, mas esperou que Trevor continuasse.

- Oh. Bem. Não importa. Mas o que vou fazer para meu projeto?

Reuben sacudiu a cabeça. Faria-o, ver o idealismo ser tirado de alguém. Quase tanto quanto feriu quando ele perdeu o seu. – Acho que o que conta é seu esforço. Dou notas pelo esforço, não resultados.

- Eu queria resultados.

- Eu sei que sim, Trevor. – Ele observou o garoto arrancar uma costura da barra de seu short.

- Eu não queria só uma boa nota. Realmente queria que o mundo se tornasse melhor.

- Sei que sim. É uma tarefa dura. É parte da lição, eu receio. Todos nós queremos mudar o mundo e, algumas vezes, precisamos aprender que é mais complicado do que pensamos.

- No entanto, eu realmente me sinto mal pela Sra. Greenberg. Ela era uma senhora gentil. Não acho que ela fosse realmente velha. Quero dizer, era velha. Mas não aquele tipo de velha. Costumávamos conversar.

Reuben levantou os olhos e viu um velho Dodge Dart verde estacionar no meio-fio, e Arlene McKinney saltar. Vê-la inesperadamente fez com que um já ferido lugar em seu interior se revirasse. Ela era o mais perto que ele já estivera de um encontro em anos, uma tentativa fracassada de romance. Mas nunca teve a intenção de se colocar nesta posição e nem ela. Não havia sido um encontro de verdade, mas o embaraço agora era real. Observou-a marchar através da calçada até as escadas de sua varanda. A resolução encobrindo a fragilidade humana, aparentemente toda confiança. E então, aquilo o atingiu, pela primeira vez, o quanto eles eram realmente parecidos.

Sei que você não gosta de mim, ela dissera. Sei que está me menosprezando. Então ali estava. Ele agira defensivamente contra ela porque assumiu que ela o considerava feio. Ela agira defensivamente contra ele porque assumiu que ele a achava estúpida. Era um momento tão atordoante que ele queria compartilhá-lo com ela. Naquele exato segundo, sentia-se capaz de comunicar-lhe aquela compreensão, se estivessem sozinhos. Reuben não conseguia se lembrar de quando foi a última vez em que se viu em alguém. Aquela simples observação mudou-o, como ser empurrado da beira de um prédio alto, e o fez se perguntar se era tarde demais para ter seu velho isolamento de volta.

- Agora, Trevor – disse ela. – Eu aposto que o Sr. St. Clair há de ter coisas melhores a fazer do que ouvir a respeito de seus problemas numa bela manhã de sábado como esta. Pode conversar comigo, sabe.

- Você não estava em casa. – Trevor estudava a camiseta gasta.

- Eu não me incomodo, Srta. McKinney. De verdade. Só quis que soubesse onde ele estava.

- Bem, agradeço-o por isto, mas estamos indo agora.

Ela sinalizou com a mão para o filho que a seguiu para fora da varanda obedientemente.

- Arlene. – Ele não sabia que estava para chamá-la e nunca pretendia usar seu primeiro nome. Ela deve ter ficado surpresa também. Virou-se e fitou-o por um longo tempo. Realmente fitou-o, como se tivesse visto algo que nunca vira antes. O que ela viu. E o fez desconfortável por sentir-se tão transparente.

- Trevor, me espere no carro – disse ela tranquilamente, e juntou-se novamente a Reuben na varanda. Ela parou estranhamente próxima. Reuben sentiu o peito pesado com a expectativa do momento. A noção de que poderia expressar sua descoberta desaparecera agora; ainda assim, ele não tinha chance senão tentar.

- Quando nos encontramos pela primeira vez. E pensou que eu estava olhando com o nariz empinado para você. Só quero que saiba de algo. – Ela esperou pacientemente, o rosto ligeiramente virado para ele. Ela refletia uma prazerosa expectativa. Não desgostava dele. Só queria que ele gostasse dela. Estava ali em seu rosto. – Tive momentos difíceis conhecendo pessoas. Sou muito sensível a respeito de... Bem. Tenho a tendência para achar que eu espanto as pessoas. Quero dizer, eu faço. Mas. Eu estava na defensiva. É o que estou tentando dizer. Eu não estava a menosprezando. Estava na defensiva porque pensei que você estava me menosprezando.

- Verdade? – Uma pergunta justa, desarmante.

- Verdade.

- Bem, obrigada. Isso é ótimo. – Ela se moveu até o parapeito da varanda, relanceou o carro e seu filho que esperava. – Não, de verdade, é ótimo. Aprecio que tenha me dito isto. É algo engraçado, na realidade. Quero dizer, aqui estamos nós sendo frios um com o outro. Não acha que sou idiota? De verdade?

- Em absoluto.

- Não falo bem como você. Muito bem, quero dizer. Eu poderia, acho. Sei como falar bem. É só que não é de meu hábito. Talvez você possa vir jantar novamente numa noite dessas.

- Talvez. – Talvez? Reuben sentiu-se surpreso por se ouvir dizendo aquilo. Talvez. De fato, ele queria ter dito não. Agora que ela se virara para observá-lo, esperançosa e infantilmente lisonjeante para ganhar sua aprovação, ele não poderia afastar-se dela.

Ela encarou-o por um momento, então marchou resolutamente de volta para seu carro e foi embora, sem comentários. Assim. Ali estava, pensou Reuben, a mente marcada por uma resignada ironia. Lá estava, lá se fora. Que alívio saber que nada nunca mudava.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Meu amigo Lou, de Cincinnati, é gay. Saíamos para uma cerveja e conversávamos algumas vezes, à noite, sobre nossos respectivos problemas. O problema de Lou era que ele tinha o mau hábito de interessar-se por sujeitos que não eram. Gays, quero dizer. E meu problema era que eu tinha a tendência de ser... qual é a palavra que estou procurando? Apanhado, amigável, ligado a mulheres atraentes que gostavam de mim e achavam-me seguro. Seguro. É apenas como todo solitário, sexualmente privado, homem quer que uma mulher o veja, certo? Seguro.

Elas me convidavam para o cinema, jantares. Exatamente como num encontro. Se diferisse de alguma forma, de um encontro, gostaria que alguém me explicasse como. Ao fim da noite, eu recebia um beijo no rosto. Sempre do mesmo lado. Os hormônios reagiam. Em mim, quero dizer. E justo na hora em que eu estava irremediavelmente, implacavelmente apaixonado e tendo problemas em esconder, elas diziam algo como as frases, “Gosto de você como um amigo, Reuben. Temos tido uma ótima amizade. Não vamos estragá-la.”

Mulheres gentis, na maioria dos casos, e então tive que assumir que elas não tinham idéia de quão cruéis haviam sido. Porque, se cada uma delas tivesse sido monstruosa o suficiente para causar aquele prejuízo propositadamente, eu acho que saberia.

De qualquer forma, Lou e eu entornamos algumas, certa noite. Eu nem mesmo sabia que ele era gay na época. Contei-lhe as histórias mais fáceis para contar, antigas, menos dolorosas. Aquelas do tipo que você pode rir só um pouco porque aqueles “anos por vir” já tinham chegado.

- Você não sabe como é se sentir – eu disse, não me dando conta de para quem estava dizendo isto. – Ninguém sabe. Ter aquela emoção profunda por alguém e saber que elas achariam seus sentimentos completamente repulsivos.

Lou ri, pediu outra cerveja e me contou uma de suas histórias. Então, eu soube. Soube muito bem que ele sabia como era se sentir daquele modo.

- Por que sujeitos direitos? – perguntei.

Ele deu de ombros. – Eu não sei. Maldição, é só que existem tantos deles.

Fiquei quieto por um longo tempo e, então, disse: - Lou. Você não quis dizer eu, quis? Não está dizendo que teve estes sentimentos por mim. – Não que eu o tivesse repelido se ele nutrisse tais sentimentos – certamente não teria parado de ser seu amigo – mas eu precisava saber para certificar-me de que não estava sendo insensível sem perceber.

- Inferno, não, Reub. – ele disse. – Você é feio demais para mim. Acho que deveríamos ser apenas amigos.

- Bem, ótimo. Isso. Teria sido completamente repulsivo.

Começamos a rir então, e o som da risada dele quando começou era tão engraçado e ridículo que me fez rir só de ouvi-lo. Tentei parar, mas quando recuperei o controle, ele começava de novo, e lá íamos nós para outra rodada.

Então ficamos sérios, assim sem mais, e eu estava tão cansado, mais cansado do que jamais estive na vida e quis ir para casa. Como, de súbito, eu me dei conta: não é tão malditamente engraçado.

Aquilo deveria ter sido um seguro e confortável fim para tudo, mas na noite da quinta-feira seguinte, ele a encontrou casualmente no mercado. Apenas enfiou-se numa longa fila, com seu sorvete e seus jantares durante a TV, e encontrou-se fitando sua cabeça por trás.

Parecia a Reuben que alguém poderia olhar para as costas de outra pessoa sem ser notado, mas aparentemente estava errado porque ela virou-se imediatamente.

- Oh, você – ela disse, e foi isto. Arlene virou-se e ambos esperaram num exasperador silêncio, observando Terri e Matt passarem e empacotarem as mercadorias, como se achassem seus simples movimentos fascinantes. Ela olhou brevemente por sobre o ombro para Reuben em seu caminho pra fora da loja. Então, ela se foi e ele deu um profundo suspiro, um homem que acabara de encontrar a segurança do túbulo e do imediato perigo.

Ele a encontrou no estacionamento, apoiada no carro dele. – Você sabe qual é seu problema? – disse ela.

Era a velha Arlene e Reuben sentiu-se bem por tê-la de volta, aquele pequeno relâmpago de indignação, pronta para ler a ele a lei da desordem de uma coisa ou outra.

- Não. Eu não sei. Qual é o meu problema?

- Seu problema é que você é tão rápido em achar que ninguém o quer que nem mesmo lhes dá uma chance. Eu não poderia rejeitá-lo se tentasse. Você é rápido demais para mim.

- Obrigado, Arlene. Isso foi muito informativo.

Ele dirigiu-se para a porta do motorista e Arlene afastou-se do caminho, como se soubesse que ela o faria. Colocou suas compras no assento do passageiro, entrou e fechou a porta. Mas ela não se foi. Ficou parada na janela enquanto ele ligava o motor e, antes que pudesse ir embora, bateu no vidro. Ele baixou-o até a metade.

- Então – ela disse. – Você quer sair ou não?

- Sim e não.

- Que inferno de resposta é essa?

- Do tipo honesto. O que você quer que eu diga?

- Eu quero que diga, “Não estou fazendo nada no domingo à noite, Arlene. Talvez você e eu possamos pegar um cinema ou algo assim.”

Reuben suspirou. Deixou o Volkswagen engrenado e saiu do carro novamente. – Arlene, você gostaria de ir ao cinema no domingo? – Ele não quis soar daquele modo,

mas pareceu petulante, como um garotinho a quem foi ordenado que pedisse desculpas, mas não estava nem um pouco arrependido.

- Sim, eu gostaria. Mas aposto que vou me arrepender por ter começado com isto.

- Vou cobrir esta aposta com dois dólares também – disse Reuben, mas ele estava a meio quarteirão de distância ao dizer isto.

CAPÍTULO 10

ARLENE

Loretta estava sentada na cozinha de Arlene, tomando café e tirando toneladas de cabelos louros e finos da testa. Arlene deu-se conta de que, se ela tivesse tanto cabelo quanto a outra, também ficaria brincando com ele; mas nunca o faria e além do mais poderia ficar loura tão facilmente quanto Loretta, mas preferia seguir adiante com o que a natureza pretendia.

Arlene disse: - Eu mencionei que ele é negro?

- Não – respondeu Loretta.

- Oh. Ele é negro.

- E daí?

- Eu não sei. Apenas mencionei.

- Você se importa?

- Eu não sei. Não. Apenas mencionei, é tudo. Entretanto, eu lhe falei a respeito do rosto dele.

- Mais vezes do que posso contar. Isso a incomoda.

- Não. Não realmente. No começo, talvez.

- Poderia ter me enganado.

- Depois de um tempo, eu só me acostumei. Não penso mais tanto a respeito.

- Mas, no entanto, que tal quando vocês estão, sabe, perto? Te incomoda, então?

Arlene pulou da cadeira para lavar seu copo na pia, embora ainda tivesse metade do café esperando para ser tomado. Por sobre o ombro, ela disse: - Bem. Para ser honesta com você, nunca estivemos perto desse modo.

- Que tal quando ele a beija? – Loretta esperou pacientemente pela resposta; de fato, Arlene surpreendeu-se com o tempo que levou para desistir. – Não vai me dizer que nunca o beijou?

- Não?

- Você saiu com ele quatro vezes. Não acha que pode começar a ferir os sentimentos dele após algum tempo?

- Bem, eu sei que não vai acreditar nisto, Loretta. – Ela largou o café e sentou-se, inclinando para perto e falando em voz baixa, tipo conspiração de garotas. – Não sou eu quem está se segurando.

- Você está certa. Não acredito em você. Diga. Agora, não leve esta pergunta a mal. Ainda não ousei perguntar. Para que está saindo com esse sujeito, afinal? Você desistiu de Ricky?

- Claro que não.

- Por que, então?

- Por que pensou nisso? Como pode me perguntar isto? Já faz mais de um ano, Loretta. Não acha que eu tenho necessidades? E, além disso, Ricky vai merecer se voltar, e eu estiver com outra pessoa. É o que merece.

Loretta recostou-se na cadeira, mais dramática do que absolutamente necessário. – Uh-oh.

- Uh-oh o quê?

- É a pior razão para sair com um cara que já ouvi.

- Qual é? Eu não falei nada a respeito de uma razão.

- Porque serviria bem a Ricky.

- Hipoteticamente falando.

- Então, nesse meio tempo, este cara é só para sexo?

- É, eu sei como os caras odeiam isto.

- Alguns caras devem odiar.

- Nenhum que eu conheça. – Arlene levantou os olhos de súbito para ver Trevor parado na porta da cozinha. – Trevor, há quanto tempo tem estado aí?

- Acabei de acordar.

- Não fique se esgueirando assim.

- Só vim tomar o café da manhã.

- Saia e vá brincar, está bem?

- Ainda não tomei meu café da manhã.

- Oh. Certo. Sente-se e me deixe lhe preparar algo.

Trevor sacudiu a cabeça com aparente perplexidade e sentou-se à mesa, segurando o queixo com ambas as mãos.

- Bem, de qualquer forma. Não pode usar um sujeito por algo que ele não vai lhe dar. – disse Loretta.

Trevor aguçou os ouvidos. – De quem estão falando?

- Isso não é da sua conta, Trevor. E Loretta, pequenos lançadores têm grandes ouvidos, se você entende o que eu digo.

Loretta deu de ombros e reabasteceu seu copo na cafeteira. – De qualquer forma. Soa como um problema pessoal para mim. Se eu fosse você, conversaria com Bonnie.

- Não há nada sobre o que conversar, Loretta. Apenas esqueça.

Ela colocou dois waffles tostados na frente do filho e então saiu da cozinha, indo até o quarto para telefonar a Bonnie. A secretária eletrônica atendeu e Arlene deixou uma mensagem, dizendo que tinha um problema pessoal que gostaria de discutir.

Ela cortou caminho até a casa móvel de dois andares de Bonnie através de bugigangas, objetos caseiros, penas, cerâmicas, vidros e palhaços de porcelana. Bonnie gostava de coisas e mantinha um bocado delas ao redor da casa, então nunca seria por falta de abastecimento. Arlene se fez à vontade no macio sofá, num ninho de almofadas bordadas.

- Então. Você finalmente saiu daquele maldito Laser Lounge. – disse Bonnie.

- É. Um sujeito veio e comprou o motor por 800 dólares, então tenho dois meses de adiantamento nos pagamentos.

- E dentro de dois meses. O que, então?

- Cruzo esta ponte quando chegar nela. Pelo menos, vou estar com meu sono em dia antes de começar a me preocupar. Não é por isso que eu vim conversar.

- Como você pode ter problemas de relacionamento? Eu pensei que tínhamos dito nenhum novo relacionamento em seu primeiro ano.

Arlene suspirou e estudou o teto. – Bem, sinto muito, Bonnie, mas desta vez eu não fiz o que você disse.

- Desta vez? – A voz aguda de Bonnie cortou o ar como uma sirene. Se houvesse cães no quintal, Arlene imaginou que eles uivariam, mas cães não eram permitidos no trailer de Bonnie. – Garota, onde você aprendeu a contar? Você nunca faz o que eu lhe digo. E quanto a Ricky?

- Você o tem visto por aqui?

- Não, mas e se o virmos?

- Cruzo esta ponte quando chegarmos nela também.

- Em outras palavras, você só vai entrar numa dispendiosa farra e preocupar-se com as contas quando elas chegarem.

- Eu não disse isto.

- É o que eu ouvi. Então, qual é o problema?

- Bem, eu saí com esse cara quatro vezes. Ele nem ao menos tentou me tocar. Ele é só como... um completo... cavalheiro.

- Pobre garota. Homens são uns animais.

- Entretanto, foram quatro vezes, Bonnie. Não parece demais para você?

- Você nunca chegou a conhecer um sujeito antes de pular nele?

De fato, pensou Arlene, não, mas ela não se incomodou em dizer aquilo. – Ele não tentou nem ao menos segurar minha mão. Como isto soa para você?

- Soa como se o sujeito tivesse melhor bom senso do que você, não como se fosse o mais difícil concurso do mundo a se vencer. E sem ofensa. Olhe. Você não tem mais do que sessenta dias de sobriedade. Sem tempo para somar sexo a seus problemas mais imediatos, mas se vai fazer de qualquer forma, e eu sei que vai, pelo amor de Deus, vá devagar.

- Eu acho.

- Garota, você ouviu uma só palavra do que eu disse?

- Maldição, estou tão doente e cansada de dormir sozinha, Bonnie. Cansada. E eu sei que ele está também. Então, o que há de tão terrível? Quero dizer, qual é o problema dele?

- Está perguntando a mim?

- É. Foi por isso que vim até aqui. Estou perguntando a você.

- Não acha isso um pouco estranho? Perguntar a mim?

- Você é minha madrinha.

- Então, supõe-se que eu devo saber o que esse sujeito, que eu nem mesmo conheço, pensa?

- Você quer dizer, perguntar a ele?

Bonnie deixou escapar um ruído indefinível, enorme, e levantou as mãos num gesto de derrota. – E ela pensa que está pronta para ter um relacionamento. Que Deus nos ajude a todos. – Então, ela a conduziu até a porta, visto que Arlene ia naquela direção de qualquer modo, com ou sem sua ajuda. – Ei, esse é o cara de quem você me falou a respeito, aquele com as cicatrizes?

- Sim.

- Tem certeza de que ele sabe que você o quer?

- Bem, claro que ele sabe. Quero dizer, ele deve. O que eu estaria fazendo, saindo com ele, se não o quisesse?

- É melhor ter certeza de que ele sabe. Não diga a ninguém que eu lhe disse isto. Supõe-se que você deveria ter um ano de sobriedade primeiro.

- Sim, mas você sabia que eu não seguiria isto.

Bonnie revirou os olhos e bateu a porta.

Ela se sentiu como uma criança, pelo modo como teve que cercá-lo na frente da porta de sua própria casa, como se seus pais estivessem esperando lá dentro.

O problema era que Reuben sempre pagava uma babá. Bem, não era um problema, era muito gentil, mas aquilo era parte do problema porque se ela o convidava, bem, então a garota viria e, se não tivesse carro, então Reuben teria que levá-la para casa. Arlene não conseguia resolver aquilo. Então, quando ele a levou até a porta, o que sempre fazia sendo um cavalheiro, ela aproximou-se e enlaçou seu pescoço.

- Eu tive uma noite ótima – ela disse baixinho em seu ouvido direito. Os músculos do pescoço e ombros dele retesaram-se. Ela esperou que ele dissesse o mesmo. Ou que dissesse qualquer coisa, relaxasse ou colocasse os braços ao seu redor, mas estes permaneceram inertes enquanto não dizia nada. – Por que está tão tenso?

- Eu pareço tenso?

- Estou o deixando nervoso? Quer que eu pare?

- Acho que tenho sentimentos contraditórios a respeito.

Desencorajada como foi, aquilo pareceu um bom começo para Arlene que imaginou que sentimentos contraditórios eram melhores do que nenhum sentimento afinal. Ela deu dois passos e chegou mais perto, mas ele cedeu e terminou com as costas contra a porta. Desde que ele não poderia ir a lugar algum, ela o beijou. Não sentiu diferença de beijar qualquer outro.

Foi um beijo suave. Ela não sabia por que, desde que ela estava guiando, mas nunca sentira um beijo suave antes. E aquilo trouxe todos aqueles sentimentos suaves

ao seu estômago, como pequenos suspiros tentando sair apenas mais agitado. Ela realmente não esperou ter gostado e nem que chegasse perto daquilo. Afastou-se para fitá-lo, se dando conta de que aquele era o momento para descobrir, de um jeito ou de outro, se o aborrecia. Mas ele virou um pouco a cabeça e ela encontrou-se olhando a maior parte do lado direito de seu rosto, que era bonito e prazeroso de qualquer forma – ela sempre pensara assim.

- Você finalmente vai entrar esta noite? – Era uma pergunta difícil de fazer porque ela se convencera de que não dormiria sozinha aquela noite, embora soubesse que deveria estar errada; e se estivesse, preferia ainda assim não saber.

- Tenho que levar a babá para casa.

- Você poderia voltar.

- Mas Trevor está em casa.

Ela ainda estava pressionada contra ele enquanto discutiam, com os braços ao redor de seu pescoço, ouvindo as mudanças na voz dele e vendo oportunidades para responder passando.

- Aquele garoto dorme como uma pedra. Você não conseguiria acordá-lo mesmo que tentasse. Certa vez, quando morávamos em Paso Robles, a casa vizinha pegou fogo. Sirenes no meio da noite, pessoas gritando. Eu tive que levá-lo para fora na rua, num transporte de bombeiros, e ele ficou lá, pendurado em meu ombro, dormindo. Não se preocupe com Trevor. Estou falando demais, não estou? – Ele sorriu, o que ela achou encorajador, e então beijou-o novamente. – Então, você vai voltar, certo?

- Arlene, não estou certo de que...

Ela colocou um dedo em seus lábios antes que tivesse de descobrir do que ele não estava certo. – Você não fica cansado de dormir sozinho?

- Claro que sim.

- Não se sente desse modo a meu respeito?

Ele escapou de seu abraço e deslizou para as escadas. – Oh, Deus – disse. – É isto o que pensa?

Então, ele se sentia daquele modo a respeito dela, mas tinha que ir mais longe para lhe dizer isto. Arlene continuou: - Você é como um santo, certo, e é por isso que tem esse nome. Santo Reuben.

- Não. Você não tem idéia do quanto eu não sou santo. Se pudesse passar um minuto em minha pele, saberia.

- Então volte.

Ela tomou-lhe a mão, com medo de perdê-lo antes que respondesse, e Reuben disse que voltaria.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Eu sou uma panaca mesmo. Estava bem lá para eu ver. Leva somente cinco minutos até a casa da babá e outros cinco para estar de volta, mas, tola que sou, levei uma hora para perceber que ele não voltaria. Foi uma hora ruim também, porque me importei um bocado com o fato de que ele não viria. Mais do que desejava ou esperava. Loretta disse que eu estava tão acostumada com caras me apalpando que, quanto mais ele não queria, mais eu desejava que o fizesse. Eu não sei. Não sou grande coisa em psicologia. Ela fez parecer uma doença, como se eu quisesse somente o que não poderia ter. Talvez eu apenas gostasse do modo como ele me tratava, como se não fosse uma coisa barata. Talvez gostasse de ter um cavalheiro ao redor para variar. Mas, então, sentada ali, pensando em todas as coisas que eu estava começando a gostar nele, apenas tornou tudo mais difícil; o fato de que ele não voltaria.

Terminei sentada na sala de estar, esperando o carro dele voltar pela rua. Toda vez que ouvia o barulho de um motor, eu sentia aquela pequena agitação no estômago e, quando o carro passava e não era ele, sentia lágrimas nos olhos. Eu tive que lutar muito para não deixar que isto acontecesse.

Engraçado como às vezes eu me envolvia com um sujeito porque pensava de algum modo, por alguma razão, que com aquele cara em particular não doeria tanto. Engraçado, mas ainda pensava que funcionaria depois de todo esse tempo, porque isto nunca funcionou antes. Finalmente, eu desisti e telefonei para a casa dele. Ele respondeu ao telefonema, dizendo: - Sinto muito, Arlene. De verdade.

E eu disse: - É assim, então? Nada nunca vai mudar? – Estava quase chorando e sabia que ele podia ouvir isso, porque eu podia. Odeio isso.

Ele disse: - Você não poderia me dar um pouco mais de tempo?

Eu disse que sim, mas tinha uma maldita coisa por certeza, contrataria uma nova babá e essa teria que ter seu próprio carro.

Ele riu quando eu disse aquilo. Fiquei feliz por ele ter rido. Rir sempre ajuda em momentos como este e, se ele não tivesse rido, eu nunca teria percebido que estava assustado até a morte. Acho que poderia ir devagar. Então, lá estávamos dando essa bela risada juntos e a próxima coisa que eu soube foi que chorei, desatei a chorar sem tentar esconder. Eu sei, sou emocional demais. Todo mundo me diz isto. Se Bonnie estivesse lá, ela teria dito que este era o exemplo perfeito de como eu não estava pronta, mas, graças a Deus, não estava.

E ele disse: - Arlene? Você está bem?

- Maldição – respondi. – Odeio tanto ter que dormir sozinha. E você acharia que sou boa nisso agora. Fico assustada e solitária à noite, e nunca consigo dormir. Eu me demiti do emprego noturno para poder dormir pra variar, mas isto só tornou as coisas piores. Apenas me deu mais tempo para ficar lá deitada e assustada e solitária. Às vezes, penso em me levantar e voltar para lá, apenas pra fazer a noite passar.

Eu não sei se ele entendeu sequer a metade do que falei, entretanto, porque quando começo a chorar é difícil compreender a maior parte do que digo.

Ele ficou em silêncio por um minuto. Bem, não foi um minuto, mas pareceu que sim. Então, ele disse: - Você quer que eu vá até aí na sua casa apenas para dormir?

- Sabe, isto seria muito bom porque eu meti na cabeça que você deveria estar aqui essa noite. – falei.

- Me dê dez minutos. – Foi a última coisa que ele disse. Depois que desliguei o telefone, cruzei a sala até a janela e olhei através das árvores para a pequena e fina lua crescente amarelada sobre a colina, e sorri porque foi gentil da parte dele se oferecer. Mesmo embora eu soubesse que ele não iria aparecer. Nem por um instante. Você sabe. Mas aquele homem era todo cheio de surpresas. Aprendi a não tentar lhe adivinhar as intenções depois de algum tempo.

Ela já tinha desistido e estava na cama quando ouviu a breve batida. Ela vestiu o robe e deixou-o entrar.

Bem, abriu a porta para deixá-lo entrar, mas Reuben parecia estar paralisado no batente da porta. Ela teve que pegar sua mão e puxá-lo. Arlene quis lhe oferecer um abraço, mas parecia que se ela se aproximasse, ele se afastaria como fizera antes. Ela virou-se e caminhou até o quarto, esperando que ele a seguisse, mal ousando virar-se para ver se o fazia. Jogou o robe no chão, não pensando realmente no fato de como ele se sentiria a respeito daquilo, o modo como ela dormia sem nada, mesmo se fosse apenas para dormir. Quando olhou por sobre o ombro, Reuben estava parado na porta de seu quarto, observando-a.

As luzes estavam todas apagadas, então estava escuro, exceto por aquela pequena e fina réstia de luz da lua amarelada, e ela não percebeu que ele podia ver muito mais do que somente o perfil esfumado dela puxando os cobertores, arrumando um lado da cama para lhe dar bastante espaço. Com o tempo, ele se aproximou do outro lado da cama e deitou-se por cima do cobertor. Estava vestindo calça jeans e camisa branca, e ela nunca o tinha visto em jeans desde aquele dia quando foi até sua casa. Quando ele vinha buscá-la para saírem, sempre estava bem vestido, com gravata e tudo.

Arlene rolou um pouco para mais perto e descansou a cabeça no ombro dele. Depois de mais alguns minutos em silêncio, ela disse: - Você quer que eu tire meus brincos? Eles estão incomodando? – Ela possuía três brincos daquele lado e não queria deixá-lo desconfortável, dando-se conta de que ele nunca diria se estivesse.

- Não. Não consigo nem mesmo senti-los. – Era a primeira vez que ele falava desde que entrara em sua casa. Sua voz soou baixa e cuidadosa.

- Obrigada por ter voltado, Reuben.

- Por que está fazendo isto? E não diga que é porque odeia dormir sozinha. Tenho certeza de que existem vários homens que gostariam de estar aqui com você esta noite.

- Tem o número do telefone de qualquer um deles?

- Foi porque Trevor nos quis juntos?

- Maldição, Reuben. A que ponto você acha que eu iria para ajudar aquele garoto com sua lição de casa?

- Por que eu, então?

Arlene sentou-se. – Você sabe qual é o seu problema?

- Não, mas felizmente tenho você para me dizer.

- Seu problema é que você se preocupa demais com sua aparência. Eu não me importo tanto quanto você, nem possivelmente poderia. Mesmo que eu me demitisse do emprego diurno, não teria tempo. Você alguma vez já considerou que, se não tivesse sido ferido como foi, você seria bom demais para mim? Eu quero dizer que você estaria numa liga totalmente diferente que nem mesmo me daria um tempo de seu dia.

- Ninguém está fora de sua liga, Arlene. Você é bonita demais.

- Há muito mais coisas nessa história de liga do que somente aparência.

- É uma coisa boa para mim, se for verdade.

Havia um lado da história muito maior para ela, mas não havia palavras para descrevê-la. Não faria sentido para ele provavelmente, ou nem mesmo soaria verdadeiro se ela dissesse que gostava dele porque ele a pegava para saírem vestindo uma gravata, pagava por uma babá, levava-a a um belo restaurante e então a acompanhava até a porta. Como você explica a um sujeito que até conhecê-lo, você não sabia que estava tendo um negócio ruim?

Ela encostou o rosto no ombro dele e passou um braço por sobre seu peito, um peito grande e sólido, ela pensou, do tipo que espanta maus espíritos no escuro. – Não leve isso para o lado errado, mas você não ficaria mais confortável sem estas roupas?

Reuben não respondeu de imediato, de fato, ela pensou que ele provavelmente nunca o faria. Então, disse: - Talvez da próxima vez. Talvez amanhã.

E ela se sentiu tão aliviada em pensar que ele estaria ali novamente amanhã que não disse qualquer outra palavra, não querendo dizer ou fazer algo que pudesse quebrar aquela magia.

CAPÍTULO 11

MATT

O mercado fechava as nove, e ele não perdeu tempo em rumar para a porta. Nas três vezes em que checkou o relógio, ele tinha certeza de que estava quebrado, mas outro minuto eventualmente se passou. Não havia qualquer razão para que o tempo corresse tão lentamente. Não mais do que o usual. O trabalho sempre se arrastava.

Ele estacionava sua motocicleta atrás da loja, na colina. Fazia tanto barulho que o proprietário da loja sempre lhe dava um olhar de esguelha se ele o ligava perto demais do local. Não possuía uma partida elétrica, ou melhor dizendo, ela não funcionava. Então ele tinha que empurrá-la. E não possuía luz de ponto morto, então tinha que sacudi-la um pouco para ter certeza de que não estava engrenada. O que era difícil numa colina. Difícil no ponto morto, difícil ter certeza. Achando que era o ponto morto, ele cavalgou a moto, empurrou com o pé a alavanca de arranque e a moto, ainda na primeira marcha, rolou para trás e caiu com ele.

Agora seriam outras três semanas com um hematoma do formato do tanque de gasolina na parte interna de sua coxa, mas aquilo não era o pior de tudo. Esforçando-se para levantar a moto novamente, Matt notou que quebrara a alavanca do freio frontal. Acertara o guidão e o arrancara fora. E o freio de trás não estava melhor. Fechou os olhos e pensou em gritar. Mas era uma noite silenciosa, as casas da vizinhança cheias de pessoas quietas. Ninguém gostava de problemas.

Além do mais, ele tentara aquilo uma vez. Ficou parado no meio da rua e praguejou contra a moto, chamando-a de todos os nomes em que pôde pensar. Não consertara merda alguma. Ele virou a moto, montou-a novamente e desceu pela colina. Arrancou com a embreagem e rodou. Se ao menos tivesse pensado naquilo desde o começo. Se. Ele ultrapassou o sinal de “Pare” na Camino porque teve e ninguém notou. Nenhum policial à vista. Então, cruzou a Camino a 25 por hora, quase junto ao meio-fio. Daquele modo, se tivesse que parar de repente, ele teria uma chance de lutar. Cinco caras numa Chevy pararam ao lado dele, baixaram os vidros e chamaram-no de “veadinho”. Perguntaram se precisava de rodinhas para treinar. Era um dia pior do que a maioria, mas não de um jeito completamente diferente.

A única coisa que Matt odiava mais do que ir para o trabalho, era ir para casa e ouvir as brigas. Ele tinha uma barraca mal-cuidada no quintal dos fundos, para quando as coisas ficavam realmente ruins. Aos dezenove anos, ele sabia que precisava de um espaço próprio, mas aquilo não era tão fácil. Todo mundo queria o pagamento do aluguel do primeiro e do último mês adiantados, e ninguém queria pagar mais do que US\$ 4,25 por hora a alguém que fosse adolescente.

Ele entrou na garagem e desligou o motor. Colocou a moto bem no meio do espaço. Do lado de fora, ele já podia ouvi-los, mas entrou assim mesmo. Todo mundo tinha que estar em algum lugar, e Matt estava em casa. Então ele viu a carta sobre a mesa da cozinha. Ele nunca recebia correspondência. E era de alguém que ele nunca ouviu falar. Ida Greenberg. Estranho. Um envelope grande, grosso. Páginas e páginas endereçadas a ele por Ida Greenberg. Quem quer que ela fosse.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Você sabe o que é estranho? Estranho é quando você significa um bocado a mais para alguém do que elas jamais irão significar para você. Quero dizer, muito mais. Como vida em dois planetas completamente diferentes.

Eu estive do outro lado dessa moeda também. Em meu ano como novato no ginásio, eu estava como que de-pernas-pro-ar apaixonado por esta garota. O nome dela era Laura Furley. Eu costumava me deitar na cama à noite, dizendo o nome dela para mim mesmo repetidamente em minha cabeça. Eu tinha um lápis em minha gaveta, que ela derrubou no pátio. Coloquei numa caixinha, enrolado num lenço de papel. Quero dizer, era estranho. Era como um maldito relicário ou algo assim. E recortei três fotografias dela do anuário e coloquei-as numa moldura. Eu nunca disse uma palavra a ela. Quero dizer, nem mesmo um olá. Nem mesmo estou certo de que alguma vez já a olhei nos olhos. Mas eu queria passar o resto de minha vida com ela. E se não pudesse, achava que passaria a vida inteira pensando a respeito de como não poderia. E então, às vezes, eu pensava, se ela soubesse disso tudo, cara, ficaria espantada.

Provavelmente teria dito, “Matt quem?” Eu não estou dizendo que acho que a Sra. Greenberg estava apaixonada por mim, não é isto. É só que é estranho. Quero dizer, eu nunca a notei mais do que a qualquer outro freguês daquele mercado. Eu só sabia seu nome. Só dizia, “Olá, Sra. Greenberg. Como está essa noite?”

Cara. Ela deve ter sido terrivelmente solitária.

Querido Matthew,

Se você está lendo isto é porque já faleci. Deixei esta carta com alguns objetos pessoais e um bilhete a meu filho, Richard, pedindo que a postasse depois que eu me fosse. Esta manhã, eu dei alguns telefonemas. Para minha companhia de seguros e meu advogado. Tive que tomar uma grande decisão, e o fiz.

Eu tenho uma apólice de seguro de vida no valor de U\$ 25,000 e decidi não deixá-la para meu filho. Não confio que ele usaria do modo correto. Eu decidi reparti-la de três maneiras. \$ 8,333 irão para você. A mesma quantia para Terri, de quem eu também gosto muito, e a outra terceira para aquela gentil dama do Abrigo de Gatos porque é desinteressada e faz um bom trabalho. Isto deixa um dólar a Richard. Ele vai espernear e será bem temperamental. Eu acho que você deve atender à leitura do testamento e pode não ser agradável. Mas trabalhei nisso cuidadosamente com meu advogado. Richard pode contestá-lo, e provavelmente o fará, mas não vai vencer. Selamos tudo cuidadosamente.

Você deve fazer o que quiser com este dinheiro, mas estou confiando em você para que o use bem. Não desinteressadamente, apenas bem. Definitivamente gastá-lo consigo mesmo. Mas não o desperdice. Se você quer saber por que escolhi você, foi porque sempre teve um sorriso gentil, perguntou-me como estava me sentindo. E então, você ouvia a resposta. Você nunca me fez sentir como se eu não importasse ou como se não estivesse lá.

Agora. O dinheiro não é exatamente de graça. Eu lhe fiz um grande favor. Bem, os maiores favores estão em meu poder fazê-los. Eu sei que \$ 8,333 não são muito como costumava ser. Mas é tudo que eu tenho. A casa foi hipotecada plenamente e os pagamentos de meu seguro social terminam quando o faço.

Aqui está o que eu quero que faça. Faça um favor bem grande a três pessoas. Não precisa ser dinheiro. Apenas dê-lhes algo que seja tão grande para você quanto os \$ 8,333 são para mim. E quando eles tentarem pagar de volta, diga-lhes que, ao invés disso, paguem adiante. Dê-lhes seu tempo, se você tiver, ou sua compaixão. Um bocado de pessoas têm dinheiro, mas não tem isso.

Você é um bom garoto. Aproveite o dinheiro.

*Com os melhores votos,
Ida Greenberg*

Pouco mais de seis semanas depois, ele teve o dinheiro nas mãos. Imediatamente fez um depósito de cinquenta dólares no apartamento, assim o cara não o alugaria para outra pessoa. Passou a noite lá, num saco de dormir. Ele tinha uma cama decente na casa de alguns amigos, mas ainda não tinha como fazer a mudança.

Quando abriu a janela, viu-se direto no telhado inclinado porque aquele apartamento costumava ser, certa vez, um sótão antes de alguém dividir a casa. Sentou-se sobre o telhado no escuro, no frio, de calção e sem camiseta, apenas apreciando o silêncio. O que ele viu daquele telhado foram árvores e nada mais. Apenas um lado da colina coberta de árvores. E um raio da luz amarelada da lua brilhando através delas. O que era mais do que o suficiente.

Então, ele ficou sentado lá por um longo tempo, se perguntando para onde as pessoas iam quando morriam e o que ele possivelmente poderia fazer por alguém que significasse tanto quanto estes \$ 8,333 significaram para ele. E o que comprar com o resto do dinheiro. E se a Sra. Greenberg saberia. Ele não imaginava que ela provavelmente soubesse; parecia um lugar comum pensar que estava observando. Mas ele nunca conheceu alguém que morreu, nunca pensou muito a respeito, e não estava completamente certo de que ela não saberia. Do contrário, \$ 8,333 dólares não seria algo que ele pudesse levar ao banco.

O que o fez pensar em decisões, e se as suas eram boas e como isto o mudaria, não estando completamente certo se ela tomaria conhecimento. Mas era um assunto longo para se pensar e não muito claro; e antes que terminasse, ele se sentiu com frio e sonolento, então entrou e foi para a cama.

Na manhã seguinte, ele levou seu pedaço de lixo de motocicleta para a concessionária Honda em San Luis Obispo. Disseram que lhe dariam \$ 75 em troca. A primeira coisa que chamou sua atenção foi uma bela e novinha 750cc. Com um pára-brisa e toda aquela aerodinâmica de era espacial, em vermelho e branco, com trabalho de pintura sob medida. Ele se sentou nela. Não deveria tê-lo feito. Custava quase \$ 7,000. O que era muito perto de tudo que lhe sobrara depois do primeiro e último valor do aluguel e aquele grande depósito de segurança. Mas maldição. Era mais do que bela. Era como... poder. Mas era demais. Eles também tinham uma nova 350cc, como a sua velha moto, mas sete anos mais nova em modelo e sem milhagem. E uma luz de ponto morto e partida elétrica. E então, por \$ 3,500, eles tinham uma 250cc. Com uma bela pintura. Novinha em folha. 350, 250. A de 250 seria rápida o suficiente para correr numa auto-estrada. Apenas simples. E se pudesse ir mais rápido talvez aquilo só o ajudasse a conseguir uma multa da qual ele não poderia se dar ao luxo. O seguro já comia demais de seu cheque como estava. Então, ele se sentou novamente na 750cc, sentindo aquele poder. Ninguém passaria ao lado dele enquanto estivesse sobre aquele “bad boy” para falar sobre rodinhas de treino. Mas era demais. Era quase todo o dinheiro da velha senhora. Aquilo era tudo que ela possuía, aquele seguro, como se alguém o tivesse depositado em sua vida e fosse tudo que se somara. Aquilo estava lhe dando uma dor de cabeça.

Ele pegou seu velho pedaço de lixo e dirigiu até o Taco Bell. Comeu um burrito, pensou um pouco mais. Então voltou e comprou a 250cc. E no caminho de casa, parou no Colégio Cuesta para pegar um catálogo de todos os seus cursos intensivos. Sentado em sua moto novinha em folha, no estacionamento, ele folheou o catálogo e foi legal porque não havia possíveis combinações de cursos que não pudesse frequentar. Enfiou o catálogo na mochila e deu a partida no motor novinho e limpo quando apertou o botão. Pegou a Estrada 41 apenas para sentir as curvas.

Então lá estava. Se ela pudesse vê-lo, saberia que ele tomara uma boa decisão. E se não, bem. Se não, ele poderia ver. Saberia que não desperdiçara, queira ou não a Sra. Greenberg tenha descoberto.

Do Diário de Trevor

Mary Anne e Arnie nunca foram legais comigo. Como quando eu lhes disse que achava que Clinton venceria as eleições. Arnie me gozou e riu de mim. Bush, ele disse. George Bush. Apostamos. Mary Anne veio para a escola no dia seguinte com um boné que dizia, “Ross Para Chefe”. Como se você soubesse muito, ela disse. E eu que costumava sentir esse negócio pela Mary Anne também. No que eu estava pensando?

De qualquer modo, minha mãe disse para não lhes dar atenção. Ela me contou uma história de quando era criança, e disse a seu tio Henry, que era um grande fã de futebol, que Joe Namath e os Jets arrasariam os Colts no Super Bowl. Ele riu dela. Então, quando os Jets venceram, ele nunca mais falou a respeito. Ela disse que algumas pessoas não conseguem suportar que estão erradas. E eu disse, os Jets e os Colts no Super Bowl? Cara. Isto deve ter sido há um século atrás. Ambos os times fedem totalmente agora.

Obrigada, ela disse. Agora eu me sinto realmente velha. Quando eu tiver que levantar e disser que meu projeto fracassou, Mary Anne e Arnie vão me dar o inferno. É claro que eu espero que Clinton vença as eleições.

CAPÍTULO 12

REUBEN

Ele acordou com um sobressalto, completamente vestido, numa cama que não era sua. Seu tapa-olho ainda estava no lugar, então percebeu quando acabou caindo no sono. Deveria ter cochilado por uma ou duas horas, mas o sol parecia estar alto através da janela no lado leste do quarto. Ele ficou ali deitado, parado momentaneamente, sonolento demais para identificar o que o rodeava de imediato. Os dedos de alguém tocavam a pele parcialmente morta e desigual do lado esquerdo de seu rosto. Seu impulso foi o de fugir, então se lembrou. Saber que os dedos pertenciam a Arlene não matou o impulso de escapar; apenas tirou dez por cento da vontade. Ele abriu o olho, mas não conseguiu vê-la. Ela estava à sua esquerda, o inverso de onde estivera pouco antes do amanhecer. Moveu-se delicadamente e sentiu os lábios dela contra sua bochecha esquerda. Seu estômago gelou.

- O que está fazendo?

- Beijando seu rosto.

- Por que esse lado?

- Ainda é seu rosto. Certo?

- Isso é o quanto você sabe. Esta pele veio de minha coxa. – Ele esperou que a realidade daquele infeliz detalhe pudesse criar sua própria distância.

- Se eu estivesse beijando sua coxa, estaria recebendo esse tipo de queixa?

E então aconteceu de novo, um toque de lábios roçando bem abaixo do tapa-olho, revirando seu estômago. – Arlene? Isso está me deixando desconfortável.

- Existe algo que eu possa fazer que não o deixe desconfortável? – A indignação elevou-se na voz dela, estranhamente confortável em sua familiaridade. No entanto, o resto era estranho demais e novo.

- Você poderia me deixar levantar.

Ela estivera se apoiando contra ele, prendendo seu braço esquerdo, fazendo-o sentir-se capturado, mas não ficou daquele modo por muito tempo. Ela ficou de pé, em seu robe, enquanto Reuben tentava localizar seus sapatos.

- Você sabe qual é o seu problema? – Ele encontrou os olhos dela. – Eu digo isso um bocado, não?

- Provavelmente só para mim. Tenho um bocado de problemas.

- Você certamente torna as coisas difíceis para gostar de você.

Ele quis dizer então, por que não desiste? Mas em alguma pequena parte dentro dele ele recebeu que, se pedisse, ela o faria. Encontrou os sapatos e abriu a porta do quarto.

- Por que está zangado comigo, Reuben? Por que está indo embora como se estivesse zangado? Que diabos eu fiz de errado?

Ele estava atravessando a sala até a porta da frente quando colidiu com Trevor, em seus pijamas, dirigindo-se ao banheiro, com um topete engraçado na parte de trás dos cabelos onde dormira por cima. E não havia nenhum lugar para se esconder, nenhum modo de não ser visto.

- Bom dia, Sr. St. Clair – ele disse, e trancou a porta do banheiro atrás de si, deixando Reuben se perguntando o que esperara e por que a experiência foi decepcionante.

Assim que tocou a maçaneta da porta, Arlene alcançou-o por trás com a mão em seu ombro. – Então, você ainda vai voltar esta noite?

- Arlene, isto é um erro. – Ele não se virou para dizer aquilo, apenas ficou imóvel, encarando a rua como se fosse colidir com a porta. – Eu nem sequer sei por que começamos com isso.

- Se quiser voltar, eu explicarei para você.

Ele sacudiu a cabeça sem se voltar.

Ele estava de pé, na frente de sua primeira turma, com o estômago instável e o olho sombreado pela falta de sono. – Hoje é o prazo final para a tarefa valendo crédito extra. Eu gostaria de ver um show de mãos. Quantos de vocês escolheram participar?

A mão de Mary Anne Telmin levantou primeiro, seguida de perto por outra garota chamada Jamie, que vestia cores neutras e tendia a sentar-se nos fundos misturando-se às paredes. Então um garoto chamado Jason, que gostava de expressar sua difícil fase de crescimento batendo nos outros e precisava de todos os créditos extras que pudesse conseguir. Após um ou dois segundos, Arnie Jenkins ergueu cautelosamente a mão, o grande, desajeitado e bronco garoto que perguntara à Reuben se ele era um pirata.

- Escolheu? – perguntou Arnie. – Ou realmente participou?

- Você participou, Arnie?

- Bem, eu escolhi. Poderia usar o crédito extra, mas eu não consegui pensar em nada. No entanto, eu realmente tentei.

- É difícil documentar tentativas, Arnie. Acho que seria melhor se baixasse a mão.

Reuben fitou Trevor, que olhava para a parede à sua direita a uma curta distância. – Trevor?

O garoto fez uma careta e levantou a mão.

- Isso é tudo? Quatro? De uma classe de trinta e nove? Bem, parabéns aos quatro por fazerem o esforço. Agora. Vocês documentaram seus trabalhos no papel do modo como lhes pedi? Poderiam passá-los à frente, por favor? Então, apresentaremos as idéias para a classe. Mary Anne, gostaria de ser a primeira? – Reuben sabia que ela seria.

Ela postou-se na frente da classe como se sempre soubesse que pertencia àquele lugar e nunca se sentiu confortável em qualquer outro.

- Bem. A Terra tem tantos recursos. Então, reciclar é muito importante. E nós não temos lugares para reciclagem de lixo aqui em Atascadero. Então, eu juntei algumas caixas de papelão recicláveis, não o bastante para todos na cidade, é claro, mas o suficiente para provavelmente qualquer um que se importe o suficiente para pedir uma. Colocamos pequenos anúncios nos quadros de avisos ao redor da cidade, no Lucky e Kmart, dizendo que nós temos de graça.

Reuben interrompeu-a brevemente. – Nós?

- Oh. Meu pai é quem me leva por aí. Então, escrevi uma carta para a Câmara Municipal encorajando a reciclagem de caixas de papelão. E consegui a assinatura de quarenta de meus vizinhos. Há uma cópia da carta junto com meus papéis, Sr. St. Clair.

- Obrigado, Mary Anne. Vou dar uma olhada. E que tal você, Jason?

Jason caminhou lentamente pelo corredor, parando para chutar o pé de outro garoto. – Uh. Algumas pessoas acham que não temos gangues em Atascadero, mas elas estão erradas. Quero dizer, vejam a grafite. É chamado de “pichação”. – Ele se virou para Reuben ao dizer aquilo, como se ninguém na sala soubesse. – É um tipo de gíria de gangue, como se gabar. Então, fui até os donos de lojas quer foram pichadas e disse que, se pagassem pela pintura, eu pintava. Algumas apareceram pichadas de novo no dia seguinte, mas pinteí tudo novamente. Uma loja, eu pinteí três vezes. Mas depois de um tempo, acho que os pichadores se cansaram.

- Você escreveu todo o negócio para mim, Jason?

- Sim, está tudo lá, Sr. St. Clair.

- Muito bom, Jason, estou impressionado. Obrigado.

Não que o projeto fosse insolitamente impressionante; era mais uma observação de considerar-as-fontes. Mary Anne Telmin pareceu ficar de queixo caído quando ele disse aquilo, mas na verdade, não ficou impressionado com o projeto dela. No começo do semestre, ficou claro para Reuben que o pai da menina fizera a maior parte do trabalho. “Juntei” caixas de papelão recicláveis, ela disse. Interessante eufemismo para o que um pai proporciona.

Trevor fitava a parede novamente. Reuben sabia que seria um momento ruim para Trevor, então o deixou por último, do modo como adiar sua própria dor se tivesse tido aquela escolha. – Jamie?

Jamie ficou em pé e balbuciou: - Eu fui até uma casa de repouso em Oak Tree e conversei com algumas das pessoas de lá. E um bocado do que me disseram, eu escrevi. Como uma história. De suas vidas. Então a classe poderia ler sobre elas. Porque, às vezes, os jovens não sabem que as pessoas velhas têm muito a dizer. Se puder usar a máquina copiadora na secretaria, eu poderia fazer uma cópia para todo mundo. Eu não pude ir numa loja para fazer porque seria muito caro. São quase vinte páginas.

- Obrigado, Jamie. Por que não fala com a diretora Morgan sobre isso durante o recreio hoje? Veja se ela deixa.

- Tudo bem. – Ela apressou-se em voltar para sua carteira.

Reuben olhou para Trevor e Trevor olhou para ele. Sentiu a agonia do embarço, lembrando-se da colisão na sala fora do quarto do menino, no começo da manhã, mas Trevor não mencionou aquilo. Ele respirou fundo e arrastou-se até a frente da sala de aula, movendo-se devagar e cautelosamente, como se estivesse caminhando sobre uma prancha de navio. Reuben sentiu o próprio rosto enrubescer, como se a apresentação, a pressão fosse sua. O menino parou na frente da classe e suspirou.

- Eu coloquei um bocado de tempo e energia em meu projeto – disse ele. – Mas não se transformou naquilo que eu queria. – Parecendo quieto e vazio, ele virou-se para o quadro-negro e desenhou uma versão simples do “Pague Adiante”. Usou a régua indicadora de Reuben para apontar o primeiro círculo. – Este é Jerry. Eu o ajudei a conseguir um emprego. Mas então ele violou sua condicional. Não sei se você pode pagar adiante na prisão. Acho que pode, porque as pessoas lá dentro precisam de um favor mais do que qualquer outro. Mas não sei se ele fará isto. Então, esta é a Sra. Greenberg. Eu passei três dias inteiros arrumando o jardim dela. Só que ela morreu.

Arnie falou fora de sua vez, gritando: - Eu me pergunto se você pode pagar adiante no céu.

A classe riu e fez piadas, e Trevor trocou um olhar com Reuben, como se estivesse suplicando para que os fizesse parar. Reuben bateu com a mão direita sobre a mesa, bem forte. Trevor pulou.

- Aqueles de vocês que não se incomodaram em participar poderiam, por favor, parar de fazer pouco daqueles que tentaram?

A classe fitou Reuben num silêncio atônito, a maioria com as bocas abertas. Era a primeira ruptura em sua constante calma e Reuben soube, pelos olhares em seus rostos, que se transformara no equivalente humano da varinha voadora de Lou.

- Por favor, continue, Trevor.

- Oh. Okay. Bem, havia uma terceira pessoa também. Mas. Bem, não tenho certeza de que a idéia foi muito boa. De qualquer forma, vou vir com mais três pessoas. Sabe. Começar tudo de novo.

Mary Anne Telmin levantou a mão. – Mas, Sr. St. Clair, o prazo já passou. Ele não pode fazer nada a respeito agora.

Trevor endureceu-se com o desafio dela. – Eu não estou fazendo isto pelo crédito, Mary Anne. Estou fazendo para ver se o mundo realmente muda. – Fitou Reuben novamente por apoio, e ele deu-lhe um sinal sutil, gesticulando com a mão como se dissesse, Acalme-se. Não ligue para isso.

Arnie ergueu a mão e se intrometeu. – Mas você não pode mudar o mundo pelo sistema de honra. Ora, qualquer um sabe disso. Deixe as pessoas no sistema de honra e elas não vão fazer. Assim que você virar as costas, elas não vão. Quero dizer, vejam o que aconteceu.

Trevor correu novamente em defesa própria, rígido e eriçado agora, como se estivesse sendo atacado por todos os lados. – Não é culpa da Sra. Greenberg que ela tenha morrido, Arnie.

- Bem, as pessoas morrem ou vão para a cadeia, ou tiram sarro, qual a diferença? Ainda assim, elas não fazem.

- Certo. Já chega de discussão. É fácil ficar aqui criticando a idéia de Trevor porque ele teve problemas com o resultado, mas ainda assim, é a melhor idéia, especialmente quando a maioria de vocês nem mesmo teve uma. Agora, vou dar uma olhada nisto à noite. O melhor esforço ganhará um A automático nessa classe. Todos que participaram verão um efeito positivo em suas notas.

Mas, assim que Trevor voltou para sua carteira e encontrou o lugar em seu livro, a discussão continuou em sussurros soltos.

Ele encontrou Anne Morgan no corredor ao fim da sexta-feira seguinte. Ela disse que conversara com Jamie e esta poderia fazer as cópias de suas histórias na secretaria e, se ele tivesse um minuto, Reuben poderia ir até seu escritório para um bate-papo? Havia aquela deixa de “Vamos conversar”, duas palavras que não se seguiam a nada alegre ou bom.

Ele sentou-se na cadeira em frente à mesa dela, o mesmo lugar que ocupara em seu primeiro dia, sentindo-se um pouco mais confortável agora.

- Agora, Reuben, eu não quero que pense que isto é um problema aos meus olhos. Só quero passar isto a limpo com você. Tive uma forte queixa dos pais de Mary Anne Telmin hoje.

- Não me diga. Deixe-me adivinhar. Eles acham que sua pequena princesa deveria ter ganhado a nota vencedora.

- Sim, mas este não é o fim de tudo. Eles estão furiosos porque Trevor McKinney ganhou. Reclamaram que é inapropriado à luz do fato de que você e Arlene McKinney estão... namorando. – Uma incomoda pausa, durante a qual nenhum dos dois falou ou encontrou os olhos um do outro. – Fato este que eu ignorava. Não estou o questionando a esse respeito. O que você faz com sua vida pessoal não é de minha conta, Reuben. Sinto-me desconfortável mesmo em falar com você sobre isso, mas tem que saber que a queixa foi apresentada.

- O que disse a eles?

- Que discutiria o assunto com você e determinaria se houve qualquer preconceito prejudicial envolvendo a nota. Que eu já sei que não houve porque sei que não é esse tipo de professor.

- De onde eles conseguiram suas informações? Sinto-me como se estivesse sob algum tipo de vigilância.

- Você nunca viveu numa cidade pequena antes, não? Atascadero pode não ser tão pequena que todos literalmente conheçam todo mundo, mas todos os rostos se tornam familiares. E um novo rosto sempre se destaca.

- Especialmente o meu. Sinto muito. Estou fazendo de novo. Então, em outras palavras, eu vou jantar ou ao cinema com alguém e, no dia seguinte, as pessoas estão discutindo entre si.

- Receio que sim.

A carência de sono de Reuben pareceu agarrá-lo subitamente, um rápido apagão que o deixou se sentindo fraco e um pouco doente. Mas respirou fundo e explicou a Anne as bases do Pague Adiante. Ela ouviu cuidadosamente e pareceu impressionada com a esfera de ação da idéia de Trevor.

- O propósito daquela tarefa era para que os estudantes pensassem globalmente – disse ele. – Jamie veio com uma idéia para mudar a consciência da classe. Mary Anne e Jason tentaram mudar Atascadero. Trevor teve a única idéia que poderia se tornar maior do que esta cidade. Ele foi criticado porque os resultados não foram bons. Mas os Telmins não podem jurar que a cidade irá adotar a reciclagem de caixas de papelão tampouco. Isso não negaria o esforço. O que, a propósito, no caso de Mary Anne foi mais o esforço de seu pai do que dela própria. E então, suponho que deveria chutar Trevor enquanto ele está por baixo e puni-lo pelo fato de que pessoas velhas morrem, vagabundos não permanecem limpos e não se pode curar a solidão de alguém?

- Você não me contou a respeito do terceiro.

- Oh. Bem. Não estou a par de todos os detalhes. E também, para sua informação, Arlene McKinney e eu saímos juntos um punhado de vezes. Saímos. E foi tudo que fizemos. E está terminado agora, acabamos desconfortavelmente e acho que isso foi mais por causa da situação do que por fatos garantidos.

- Esta parte nunca foi de minha conta, Reuben, mas eu direi aos Telmins que discuti os projetos dos alunos com você e que aprovo as prioridades envolvidas em suas notas.

- E não é nem mesmo apenas pela beleza da idéia, Anne. Se você pudesse ter visto o quanto ele trabalhou duro. Ele gastou mais de cem dólares do próprio dinheiro com este mendigo, e mais de trinta horas com o jardim dessa velha senhora. Ele ficou tão magoado e desapontado.

Anne observou-o cuidadosamente enquanto ele falava, e Reuben notou algo se formando nos olhos dela, algo a respeito dele, como se estivesse olhando num espelho. Então ela repetiu a observação em palavras.

- Você realmente se importa com aquele garoto, não, Reuben?

- Bem, sim. Eu me importo. Mas isto não muda os fatos.

Mas Anne já estava convencida de que nenhum prejuízo existira, então Reuben deveria estar falando para si mesmo.

Do Diário de Trevor

Às vezes, eu ainda penso em Jerry. Eu me pergunto se eles o deixaram sair da cadeia agora. E se deixaram, me pergunto por que ele não voltou para cá pra me dizer um olá.

Às vezes, eu acho que talvez não tenha sido culpa dele. Talvez a polícia apenas tenha esperado algo ruim dele, então procuraram bem fundo e encontraram. Talvez, se ele estivesse limpo, estariam procurando outra pessoa qualquer para prender. Ou realmente talvez ele tenha estragado tudo.

Às vezes, eu acho que talvez ele não tenha sido meu amigo afinal. Que ele só disse que era pelo dinheiro. Mas odeio pensar assim. Então gosto de fingir que ele não pode voltar para cá de alguma forma, como se eles tivessem o deixado sair realmente longe de casa. E então, ele só está em algum lugar lá fora, pagando adiante.

Eu sei que ele provavelmente não está. É só que gosto de pensar que sim.

CAPÍTULO 13

CHARLOTTE

Ela deixou o carro no parque, do lado do distrito de Marin, e caminhou até a rampa. Chegou à ponte através do tráfego no limite norte porque os portões para pedestres se encontravam fechados. Já passava das três da manhã, o tráfego na ponte era de esparsos a não-existente. De vez em quando, um carro surgia e ela tentava passar despercebida. Há um truque, ela pensou. Eu, despercebida. Aparentemente, seu terapeuta estava certo. Ela estava tão acostumada a fazer piadas que não conseguiria parar se tentasse. Mesmo em sua própria cabeça, mesmo quando tudo era terrivelmente sem graça. Seria bem de seu estilo, pensar numa piada sobre cair na desgraça. Ela olhou por sobre o parapeito avermelhado da ponte. Abaixo dela, sob a luz da lua, pôde ver terra. Não estava sobre a água ainda. Seria mais fácil dali, ela pensou, sem nenhuma plataforma. Mas não. Não ali. Algo a respeito daquele chão duro. Não ali.

Uma van passou. Ela virou-se para se assegurar de que iria adiante a despeito dela, convencendo-se de que, se alguém a visse, entenderia seu propósito. Foi quando notou que estava sendo seguida.

Ele não estava muito perto, mas definitivamente a seguia. Pensou a respeito. Sair à noite, mesmo se fosse pela última vez. Esta cidade não era segura à noite. Esborrachar-se contra a superfície gelada da baía era uma coisa, mas a vida reservava piores surpresas do que a morte e ela, de todas as pessoas, deveria saber disso. Olhou por sobre o ombro novamente. Ele não ganhara terreno ainda.

Um sujeito pequeno, pensou ela. Com o quê estava preocupada afinal? Com um metro e oitenta, e carregando quarenta libras extras em seu já considerável perfil, talvez ela pudesse cuidar dele. A menos que ele tivesse uma faca. Ou uma arma. Da última vez, o sujeito tinha uma arma. Era um sujeito pequeno, mas bem armado. Ela olhou novamente. Talvez estivesse errada. Talvez ele só estivesse caminhando pela ponte, inconsciente dela. É, claro. Ela teria tanta sorte.

Havia somente uma coisa a se fazer. E era exatamente o que ela planejava fazer o tempo todo. Ela pulou na amurada e pendurou-se. Havia uma plataforma sobre a margem da ponte, o que já sabia. Apostara naquilo, o que era uma vantagem. E não era muito alto. Mas agora no meio da noite, com os passos de um potencial e violento estuprador aproximando-se na calçada atrás dela, parecia um bocado mais alto do que se lembrava. Tentou se virar para descer, mas um grande medo de cair paralisou seus movimentos. Essa é boa, Charlotte. Medo de cair. A primeira queda é a mais fácil.

Ele estava se aproximando. Ela quase podia ver o rosto dele na escuridão agora, os passos se aproximando cada vez mais rápido. Sujo e maltrapilho. Um verdadeiro ralé. Okay, pense rápido. Ela se arremeteu da amurada e pulou num estilo kamikaze para a plataforma abaixo. Lembrar-se de dobrar os joelhos sob o impacto não foi suficiente. Ela aterrissou duramente. Desequilibrando-se para frente, ela se agarrou na beirada, tomada por uma enjoativa sensação de cair. Sentiu uma torção no tornozelo, sentiu algo cedendo. Não era tão ruim ter um osso quebrado, ela pensou, mas ardeu e ela se sentou esfregando o local, perguntando-se por que importaria agora. Quando olhou para cima, ele estava inclinado sobre a amurada, procurando-a. Não chegou perto de mim, pensou. Eu conheço a fuga perfeita.

- Você está bem?

- Eu acho que me machuquei. – Oh, esperta, Charlotte. Bom. Sou uma presa ferida, venha me pegar. Boa idéia.

- Você acha que foi uma queda ruim, a próxima é de matar.

- Muito engraçado. O que o faz pensar que vou pular?

- Pra quê diabos você veio até aqui?

- Bem, você está aqui. Você ia pular?

- Não, eu ia tentar conversar com você para fazê-la mudar de idéia.
- Você ia? Por quê? – Ele não respondeu, e Charlotte pulou e congelou por dentro ao vê-lo começar a descer o parapeito atrás dela. – Não desça até aqui. Vou fazê-lo, estou falando sério. Se descer até aqui, eu pulo.

- Eu não vou machucá-la. Só quero conversar a respeito.

Ele não correspondia ao padrão. Sua voz, seus modos não continham nenhuma violência implícita à qual aprendera a detectar. Ainda assim, não confiava nele exatamente. Ele fez muito melhor do que ela, virando-se e usando as mãos e os pés para descer ao fim da amurada. Então coxeou e caiu suavemente na plataforma, ao lado dela, nem dois metros longe. Fácil para ele, ela pensou, um sujeito pequeno e magrinho. Provavelmente não pesava mais do que cento e vinte libras.

Ele deve ter notado seu pânico. Muito ruim. Ela pensava que tinha um bom rosto para pôquer. – Ei, olhe, senhorita. Eu não desci até aqui para lhe causar problema algum. Só pensei que poderíamos conversar a respeito. Quero dizer, o que você tem a perder? Eu tento convencê-la de que a vida vale a pena. Se não for muito bem, você pula. Nada arriscado, certo?

- Como você sabe que eu ia pular?

- O que mais você estaria fazendo aqui no meio da noite? Uma dama aqui fora, sozinha, San Francisco no meio da noite? Quero dizer, é suicídio. De um jeito ou de outro.

- E o que você estava fazendo aqui?

- Esperando por alguém como você para tentar algo estúpido. Eu tenho dormido lá no parque. Na maioria das vezes, durante o dia. Sentado aqui à noite, esperando por um saltador. Mais cedo ou mais tarde, haveria um saltador. Hoje foi minha noite de sorte. Desculpe-me. Ainda não me apresentei. Jerry Busconi. – E ele lhe estendeu uma mão suja. Ela apertou-a de qualquer forma.

- Charlotte Renaldi.

O rosto dele se iluminou. – Oh. Italiano, hein? Vê, temos algo em comum.

- Por que você se importa se alguém pula da ponte?

- É uma pergunta engraçada. É uma vida. Uma vida humana.

- Não é sua.

- Não, não é minha. Céus, é bonito aqui à noite, hein? Uma noite realmente clara.

Nunca ocorreu a Charlotte olhar até que ele disse aquilo. Ele estava certo. Era linda. Limpa e clara, recendendo às chuvas recentes que se moveram para o sul, deixando as estrelas numerosas. Lua suficiente para ver Alcatraz. E as luzes da cidade todas juntas, abarrotando a colina. O reflexo da lua na água. Sausalito do outro lado, o formato escuro das massas de terra à noite.

Ela olhou direto para baixo, para as águas escuras e algo surgiu do nada. Algo imenso, bem abaixo dela, monstruoso em seu tamanho e imprevisibilidade. Aquilo a assustou e ela cambaleou para trás.

Jerry riu. – Não é um pontapé quando isso acontece? Acho que é um daqueles Noruegueses. Um navio cargueiro. Alemão, eu esqueci. Linhas Wallenius, eu acho. Um filhote grande, hein? Do tipo que te assusta, aparecendo assim do nada.

- Por que está tentando me ajudar? – Ela não o fitou ao perguntar isso. Inclinou-se para frente pra observar, mais e mais, do convés daquele monstruoso cargueiro surgido abaixo dela. A plataforma parecia terrivelmente estreita.

- Um bom negócio, você não ter pulado então. Faria algum limpador de convés bem infeliz.

- Muito engraçado.

- Às vezes, você tem que fazer uma piada. O que mais pode fazer?

- É o que eu sempre digo. E as pessoas dizem que estou sendo inadequada. Meu terapeuta diz que estou minimizando meu próprio trauma.

- Você quer ir tomar um copo de café e conversar a respeito? Comigo.

Charlotte sacudiu a cabeça. O cargueiro se afastara agora para bem longe, completamente visível, deixando um rastro nas águas escuras bem abaixo.

- Sabe, esta é a melhor parte da vista – disse ela.

- O quê?
- Aquela água escura. Bem ali embaixo. É uma escuridão bem confortável.
- Ah, agora é onde você está enganada. Espere só até chegar lá embaixo. É uma escuridão bem feia. Bem fria. Inclemente. Você não vai gostar nem um pouquinho.
- É bem melhor do que onde eu estive. Mas como você saberia?
- Ei, eu tenho estado na pior. Não pareço com um cara que está na pior? Quer dizer, tudo de ruim que poderia acontecer com uma pessoa, aconteceu comigo. Minha vida é uma merda.
- Bem, muitíssimo obrigada, Jerry. Por vir até aqui embaixo para me convencer de que a vida vale a pena.
- Vê, entretanto, este é o ponto. – Ele puxou o casaco escuro e cinzento e apertou-o ao redor do corpo, contra o frio. Um pedaço da linha na barra de seu jeans estava pendente. – Quero dizer, se minha vida vale a pena, então a sua tem que ser melhor do que você pensa.
- Você não sabe nada a respeito de minha vida, senhor. Não tem idéia de pelo quê eu tenho passado.
- Não, é verdade. Mas a oferta ainda continua de pé. Vamos tomar um copo de café, pode me contar tudo a respeito.

Charlotte não respondeu. As lágrimas começaram a fluir agora, escorrendo por seu rosto, fazendo cócegas ao pingar no fim de seu queixo. Elas estiveram afastadas tanto quanto ela conseguiu se lembrar. Inclinou-se para frente, permitindo que pingassem nas águas escuras. Tão longe.

- Eu vou lhe contar uma pequena história, Charlotte Renaldi, queira você ouvir ou não. Há alguns meses atrás, eu estava como quê no mais baixo lugar em que jamais estive na minha vida. No entanto, eu me rebaixei, desde então. E alguém, que eu nem mesmo conhecia, veio e tentou me ajudar. Apareceu do nada. Deu-me dinheiro para comer e comprar roupas novas, e conseguir um emprego. Não queria que eu lhe pagasse de volta. Eu deveria fazer algo tão grande quanto aquilo para mais três pessoas. É chamado Pague Adiante. Pense só o que poderia acontecer com isso se as pessoas realmente pagarem. Vamos dizer que você não pula. Você paga adiante para três pessoas. E elas ajudam nove, que ajudam vinte e sete. E então, mais duas pessoas, que eu devo encontrar para ajudar, fazem a parte delas. Pense a respeito. Depois de algum tempo, ninguém poderia mais pular de uma ponte porque haveria alguém lá, apenas esperando pela chance de fazer sua parte, sabe? De qualquer modo, eu estraguei tudo. Aceitei a ajuda e fiz uma bagunça. Eu estava tão envergonhado que nem mesmo pude olhar esse garoto no rosto.

- Era um garoto?

- Sim, que tal isto? Um garoto de doze anos. Da boca das crianças, certo? Mas então eu pensei, bem, e daí que estraguei tudo? Quero dizer, eu sou um lixo, Charlotte. Sempre vou ser um lixo. Nunca serei um cidadão fino e íntegro. Mas então, eu pensei, infernos. Só pague adiante, de qualquer forma. O garoto tentou me ajudar. Okay. Não funcionou. Ainda assim, estou tentando ajudar você. Talvez você pule. Eu não sei. Mas tentei, certo? Mas deixe-me lhe dizer uma coisa. Eu acordei certa manhã e alguém me deu uma chance. Assim, do nada. Foi como um milagre. Agora, como sabe que não vai acontecer com você amanhã? Como vai saber? Que tal se você pula nessa água gelada e acontece de este grande milagre aparecer em seu caminho amanhã? Você perderia. Não iria querer se chutar?

Charlotte enxugou o nariz na manga de sua camisa indistintamente. Soluçou mais uma vez e, então, riu alto. – Não, eu acho que não iria, Jerry. Eu estaria morta. Nunca mais teria que me chutar novamente.

- Depende de você. – Ele se levantou para ir embora.

Charlotte olhou para cima, perguntando-se o que deveria fazer então. Será que ele conseguiria subir de volta? Provavelmente, mas sabia que ela própria não conseguiria. Envolveria ter que levantar o peso de todo o seu corpo com as mãos. Mas por que estava pensando nisso afinal? Será que estava mudando de idéia?

- Vou lhe dizer uma coisa, Charlotte. Faça só uma coisa por mim. Tire um cara ou coroa. Deixe a chance lhe dizer o que fazer. Cara, você vem tomar um café comigo. Coroa, você se joga na baía.

Deveria ter sido uma válvula de escape para a tensão, mas pareceu uma das idéias mais engraçadas para ela. Não conseguiu parar de rir, uma vez que começou. Fez com que soluçasse novamente.

- Sabe, você é bonita quando ri. – Aquilo a interrompeu. Ela fitou-o na defensiva. – Eu não quis dizer nada com isso. Apenas disse que é bonita. Você tem um rosto bonito.

Charlotte bufou. É o que eles sempre dizem a respeito de uma garota grande e rechonchuda. Ela tinha um rosto bonito.

- Você quer que eu decida viver ou morrer num cara ou coroa.

- Sim, eu quero.

- É a idéia mais estúpida que já ouvi na minha vida.

- Por quê? Por que é estúpida? Pelo menos, ao meu modo, você tem cinquenta por cento de chances.

Ele passou-lhe uma moeda no escuro. Colocou-a em sua mão. Ela a observou de perto. Uma moeda de 25 centavos, cara para cima. E se as coisas não tivessem acontecido daquele modo? Ela realmente teria feito. Bem, algo tinha que acontecer. De um jeito ou de outro. Algo finalmente mudou em sua cabeça.

- Certo. Lá vai. – Seu coração bateu mais forte e o sangue rugiu em seus ouvidos. Ela alavancou a moeda sobre o polegar e jogou-a no ar. A moeda fez um grande arco e ela a perdeu. Ambos inclinaram-se na beira da plataforma de aço, tanto quanto ousaram, e viram a moeda cair, virando e terminando por fim lá dentro da água embaixo. E desapareceu porque a água era escura demais, profunda demais. Ela não ouviu nenhum som, estava distante demais. Um arrepio a percorreu.

- Você tinha razão – ela disse. – É uma escuridão ruim.

- Maldição, minha moeda.

- Cristo, Jerry, é só uma moeda. Aqui, aqui está um dólar. – Ela tirou a nota de seu bolso e enfiou-a na mão dele, esperando que, no escuro, não tivesse lhe dado uma de dez.

- Não, aquela era especial. Era minha moeda de duas-caras. – Só que ela notou que ele guardou a nota assim mesmo.

- Uma moeda de duas-caras?

- É.

- Onde se consegue uma moeda de duas-caras?

- Eu não sei. Esse é o problema. Ela era insubstituível.

- Bem, onde você conseguiu essa?

- Roubei de um sujeito num bar.

- Oh. Sinto muito.

- Maldição. Bem, está tudo bem, eu acho. Só que é melhor você não pular agora. Se pular, e eu perder você e minha moeda de duas-caras então vou ficar puto.

Charlotte esfregou o tornozelo e eles ficaram sentados ali por alguns minutos. Ela olhou ao redor novamente. Para Marin, a margem da cidade e as luzes, como se alguém estivesse vivo lá. Pensando que parecia mais convidativo do que aquele frio e escuro abismo que engolira a moeda de duas-caras de Jerry.

- Então, você conhece algum lugar que ofereça café há esta hora?

- Inferno, sim. Esta é a cidade.

- Eu não sei se consigo subir daqui.

- Não é tão difícil.

- Eu machuquei meu tornozelo, no entanto.

- Eu te ajudo.

Levou algum tempo, mas eles terminaram na passarela de concreto da ponte novamente; porém, Charlotte nunca teria conseguido sem ele.

CAPÍTULO 14

ARLENE

Ela parou na frente da varanda dele com uma mão pronta para bater na porta e o coração batendo tão forte que conseguia ouvi-lo. Ela não fizera nada de errado, o que era exatamente o que pretendia dizer a ele quando parou ali, mas então, por que tinha tanto medo que ele lhe dissesse pra ir para o inferno? Exatamente quando tudo aquilo dera errado novamente? Arlene decidiu que devia ter estado em outro quarto quando tudo aconteceu sem ela. Bateu com força na porta e, imediatamente, quis fugir. De fato, deu dois passos para trás quando ele abriu a porta. Ele vestia um calção azul-escuro e uma justa e simples camiseta branca.

- Arlene.

- Reuben, você acha que eu sou fácil?

- Não. De fato, acho você um bocado difícil. – Então ele se inclinou contra o batente da porta e sorriu. E ela não conseguiu se sentir ofendida com o que ele disse, porque era um belo sorriso, embora o canto esquerdo de sua boca não puxasse muito, então, ele deveria estar provocando-a de um modo gentil.

- Lá vai o roto falando do rasgado. Posso entrar por um minuto?

O sorriso desapareceu. – Oh. Uh. Está uma bagunça.

- Sua casa? Fale sério. Você não é do tipo para ter uma bagunça.

Ele abriu a porta só um pouco para lhe mostrar o interior de sua sala de estar, toda abarrotada com caixas de papelão para mudança. – Eu ainda não desempacotei tudo.

- Bem, diabos, Reuben. Isso não é uma bagunça. Não é sua culpa se todas as suas coisas acabaram de chegar, certo?

- Certo. – disse ele, ainda não parecendo estar certo de si mesmo; mas afastou-se do caminho na porta e a deixou entrar. – Por que você pensaria que é fácil?

- Diabos, eu não sei. De qualquer forma, eu nunca sei o que você está pensando. Só queria ter certeza de que não pensa assim. – Ela encontrou um lugar no sofá.

- Você é fácil?

- Bem, não. Eu acho que não. Bem, não pelos meus padrões. Quero dizer, eu me dou bem com sexo, não é isso. Mas, se estou com um cara, então ele é o único. Ricky já foi embora há mais de um ano e eu ainda não estive com ninguém mais. Isso não faz de mim exatamente promíscua. E quanto a você?

- Não, eu não sou exatamente promíscuo tampouco. Posso lhe oferecer algo para beber? Você gostaria de uma cerveja?

- Diabos, eu adoraria de montão, mas não. Sou uma alcoólatra em recuperação.

- Oh, desculpe-me. Isso foi estúpido de minha parte.

- Você não sabia.

- Eu notei que você nunca pediu drinques, mas não pensei a respeito.

- Nós ainda não nos conhecemos realmente tão bem assim.

Aquilo era a outra parte do que ela viera lhe dizer. Que ele se mantinha tão calado sobre si mesmo que se sentia um estranho, o que deveria explicar por que ela terminou se sentindo tão barata.

- Eu tenho suco de laranja e ginger ale.

- Ginger ale seria ótimo.

Ele afastou-se para pegar a bebida e ela ficou ali sentada, roendo a ponta das unhas, dizendo a si mesma que parasse com aquilo, mas não parando. Pelo menos, ele não disse que fosse para o inferno. Quando lhe entregou o copo gelado, ela disse: - O que eu fiz de errado, Reuben? Não tenho a mínima idéia. O que havia de errado com beijar aquele lado de seu rosto afinal? É tudo você. Eu só estava, você sabe, aceitando-o. Como parte de você.

Ele se sentou ao lado dela, empoleirado na beira do sofá, do modo como fazia quando algo o deixava desconfortável. Bem, veja, ele não era um total estranho. Ela sabia aquele tanto a seu respeito.

- Não estou certo de que eu consiga explicar.

- Sabe o que Trevor me disse? Ele disse que você lhe contou que é melhor não fingir como se não tivesse notado porque isto não o enganaria nem um pouco, de qualquer forma. E você sabe, quando ele disse aquilo, fez total sentido. Eu pensei, tenho feito errado durante todos esses anos, nossa, e estou certa de que não vou cometer este erro novamente. Então, não tratei aquele lado de seu rosto como se não existisse. E daí, você foi embora com raiva e eu não tenho ouvido a seu respeito desde então.

- Eu sinto muito.

- Você sente? – Ela não pensou que ele sentiria; pensou que, de algum modo, ela deveria estar sentindo muito, que ela era a culpada. Era o modo como normalmente seria. – Oh. Bem, está tudo bem. É só que feriu meus sentimentos um pouco naquela hora.

Ele deslizou até ela e deu-lhe um abraço. Ele nunca fizera aquilo antes. E ela sempre quis que ele o fizesse e sempre notou aquela falta, então, por que agora que estava ali, parecia fazer com que se sentisse um pouco inquieta? Ele não a soltou de imediato tampouco. Apenas segurou-a por um minuto, fazendo Arlene pensar que talvez fosse chorar novamente e, se o fizesse, ele acharia que ela era algum tipo de caixinha emocional, sempre chorando por qualquer coisa.

- Você está certa – disse ele, a boca perto de seu ouvido. – Eu fico zangado quando as pessoas fingem não notar e fico zangado quando sei que elas fazem isto. Não tenho certeza do que eu quero das pessoas. Acho que quero que não pulem a um quilômetro de distância quando me vêem pela primeira vez, e eu nunca vou entender.

Então ele a soltou, tendo certeza suficiente de que àquela altura, ela estava chorando porque se sentia muito mal por ele. O que, de um modo – mas um modo que nunca tentou explicar – foi a razão pela qual ela beijara seu rosto naquela manhã. Sentindo-se mal por ele, como Trevor se estivesse com o joelho ralado, como se ela tivesse sido uma mãe por muito tempo e pensasse que poderia fazer tudo melhorar se o beijassem.

Ele não teve qualquer reação às lágrimas dela, e ela se perguntou se queria que ele as notasse ou fingisse não notar. Era um problema complicado e ele estava certo a respeito daquilo. Então, Reuben disse: - Arlene, eu tenho uma confissão a fazer. Estas caixas não acabaram de chegar. Elas têm estado aqui por meses. Eu só não consigo me forçar a desempacotá-las. Mudei-me três vezes nos últimos quatro anos. Fiquei tão cansado disso. Toda vez que eu tento desempacotar, fico esmagado.

Ela fitou-o e enxugou as lágrimas nos cantos dos olhos, cuidadosamente, para não borrar a maquiagem. – Isso é tão maravilhoso.

- O quê?

- Que você tenha me dito isso. É a primeira coisa real que você, alguma vez, me contou a respeito de si próprio. E o que é ainda melhor, eu posso relacionar isto totalmente a você. Não a mudança, mas diabos, me sinto desse modo a respeito de todo tipo de coisas. Fico esmagado. Como se paralisada.

E Reuben disse: - É assim mesmo. – E ambos sorriram um para o outro, ficando embaraçados novamente.

- Talvez fosse mais fácil se você não tivesse que fazer isto sozinho. Eu poderia ajudá-lo a desempacotar.

- Você faria isto?

- Claro que faria. Inferno, para que servem os amigos? Apenas deixe-me usar seu telefone um minuto para dizer a Trevor onde eu estou.

É claro que a primeira coisa que Trevor falou foi se ele poderia vir e ajudar também, então Arlene cobriu o bocal e indagou a Reuben se ele poderia vir. Reuben respondeu que sim, é claro, mas além disso, ele tinha aquele olhar terno no rosto, como se realmente gostasse de Trevor, o que Arlene já sabia, mas toda vez que ela o via,

gostava ainda mais do que antes. Ele tinha bom gosto em crianças, foi tudo que ela pôde dizer dele.

Trevor ficou profundamente envolvido com uma caixa de livros. Ele os organizou alfabeticamente na prateleira de livros de Reuben, de acordo com o nome do autor. Aquilo pareceu impressionar Reuben e assombrou Arlene como o diabo, que sabia que ele não ganhara aquela queda por organização pelo lado dela da família.

Ela se postou na cozinha, desencaixotando porcelana melhor-do-que-diária, passando-as a Reuben que as arrumava nas prateleiras mais altas. Ela se sentiu baixa ao lado dele, como se ele estivesse de pé numa cadeira, o que não estava. Um pequeno gato metade siamês, de olhos azuis, entrou miando aos pés dela e Arlene inclinou-se para acariciá-lo. O gato arqueou as costas e ronronou.

- Eu não sabia que você tinha um gato.

- Esta é Miss Liza.

Eles não falaram nada por um longo tempo e, depois que disseram aquilo, caíram novamente no silêncio. As luzes através da janela se tornaram sombrias com a chuva vindoura. Então, ela abriu a caixa com as fotografias. Estavam todas emolduradas e dispostas em contraste, embrulhadas em jornais. Arlene desembalhou a do topo. Era a fotografia de um jovem casal de boa aparência, um belo e jovem homem negro, dificilmente mais do que um garoto, com o braço ao redor de uma linda moça. E o homem lhe pareceu um pouco familiar. Quase como Reuben. Quando ela ergueu os olhos, ele estava perto do armário, olhando para ela, observando sua expressão.

- Este é seu irmão, Reuben?

- Eu não tenho um irmão. Sou eu.

- Oh. – Cara, que coisa estúpida para se dizer, Arlene. Oh. Mas foi um choque, um que ela nem de perto chegara a se ajustar ainda. Ela devia ter sabido, em algum lugar no fundo de sua mente, que ele não nascera com o rosto queimado. Mas ela nunca pensou a respeito e, certamente, nunca esperou ver como ele se parecia antes quando ainda era inteiro. Então, ela apenas continuou olhando. E ele só ficou parado junto ao armário, observando sua expressão. – Quem é esta linda moça?

- Eleanor. Ela era minha noiva na época.

- Mas vocês nunca se casaram?

- Não. Eu nunca me casei.

- Não. Tampouco eu. – Ela teria que lhe dizer aquilo, mais cedo ou mais tarde, e apenas saiu.

Eleanor parecia ser cerca de duas tonalidades mais escura em cor de pele do que Reuben, uma pele negra suave e brilhante, e com o cabelo todo penteado para trás, parecendo elegante, como alguém com um mundo de classe. Alguém que Arlene nunca foi e nunca poderia ser. Alguém com quem Reuben realmente deveria estar. Arlene não parecia conseguir escolher qual rosto a feria mais.

- Eu não consigo acreditar no quanto foi bonito. Oh, Deus. Sinto muito, Reuben. Às vezes eu digo as coisas mais estúpidas.

Ela virou-se para Trevor, preocupado com sua prateleira de livros, para ver se ele estava entendendo qualquer coisa daquele assunto bastante pessoal. Não estava. Trevor estava perdido em seu próprio pequeno mundo.

- Não seria ótimo se eu ainda me parecesse desse modo?

- Não.

Ela não sabia que diria aquilo. Foi como se tivesse saído por conta própria. E o engraçado foi que ele não lhe pediu para se explicar. Apenas enfiou a cabeça no armário e continuou desempacotando suas coisas.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Porque, você sabe, um homem como aquele da fotografia nunca me daria sequer um minuto de seu dia. Ele nunca teria aparecido numa cidadezinha caipira como esta, em primeiro lugar e, se tivesse, estaria com aquela linda e sofisticada mulher e eu sei que ele só me menosprezaria ao falar comigo.

Era realmente difícil de parar de ficar olhando a fotografia. Difícil explicar por que. Parecia que aquilo tinha se apossado de minhas estranhas e não queria mais soltar. Quero dizer, colocou um bocado de coisas sob uma luz diferente. E então, quando terminei com aquela, havia uma dos pais de Reuben. Eles realmente tinham boa aparência também. E pareciam ter aquela mesma coisa, aquele mesmo algo que Eleanor tinha, que nem mesmo saberia dizer com certeza o que era, mas eu sabia disso: Reuben tinha e eu não. Ele nunca a perderia e eu nunca aprenderia. Algumas coisas começam de certo modo e nunca mudam.

Eu perguntei a Reuben se eles ainda estavam vivos, os pais dele. Ele disse que estavam, viviam em Chicago. Oh, graças a Deus, pensei. Agora, eu provavelmente nunca os conheceria e, se nunca os conhecesse, nunca iria ler em seus rostos que não era feita do mesmo material que Eleanor e nunca seria.

Então, embora tenha tentado não fazê-lo, depois de algum tempo, eu larguei a foto dos pais de Reuben e peguei aquela primeira fotografia novamente. Enquanto a olhava, eu pensei em minha mãe e no modo como ela costumava fazer compras. Nós não tínhamos muito dinheiro, vê, quando eu estava crescendo. Então, ela comprava tudo de segunda mão, diferentes tipos de bens danificados ao invés de um item de vestuário que fosse completo e impecável, mas essencialmente pobre em qualidade.

- Mas mamãe, – eu reclamava. – tem uma mancha nela.

E mamãe dizia: - É uma coisa boa para você, garotinha, ou nós nunca seríamos capazes de comprá-la.

Então olhei para Reuben novamente, e ele ainda estava parado junto ao armário e, mais uma vez, o surpreendi me fitando. Aquela chuva pesada começou a desabar no telhado.

Ela meteu o filho na cama as dez, desde que era sábado e não teria que ir para a escola no dia seguinte. Ele perguntou se poderiam ter um gato e ela evitou responder. Poucos minutos depois, durante o noticiário das onze, veio a batida. A chuva estava caindo realmente forte agora. Ela não havia se dado conta do quanto até que abriu a porta. Chovia aos cântaros atrás dele, e ele ficou ali parado na sua varanda, ensopado, os cabelos e roupas saturados, a água pingando de seu queixo.

- Você está ensopado. É melhor entrar. – Ele deu um passo para dentro e ela fechou a porta atrás dele. – Vou pegar uma toalha. – Ela entrou no quarto e foi até seu próprio banheiro para pegar uma toalha grande e felpuda. Quando voltou, ele a seguiu até o quarto e ficou parado junto à cama, pingando água no carpete. Ela o fez sentar-se na beira da cama e enxugou-lhe os cabelos curtos. – Não leve isto a mal, mas o que está fazendo aqui?

- Senti-me solitário. Foi uma coisa engraçada. Algo a respeito de ter você e Trevor na casa comigo o dia todo. Depois que vocês se foram, a casa pareceu tão vazia. Eu não quero mais ser solitário, Arlene.

Ao dizer aquela última coisa, ele se aproximou e colocou a mão direita ao redor de suas costas, puxando-a para mais perto. Ela descansou um joelho sobre a cama ao lado dele e segurou sua cabeça, sentindo a umidade das roupas molhadas ensoparem seu roupão. Ele não a tocou de nenhum modo íntimo, apenas abraçou-a bem junto de si, mas sentiu-se íntimo, muito, com o modo como sua testa pressionava-se contra o peito dela e seu rosto apenas permanecia entre seus seios, a respiração quente.

- Por que não pegou o guarda-chuva, seu tolo? – Ela sabia que ele tinha um. Ela mesma o arrumou.

- Eu não consegui encontrá-lo.

- Eu o coloquei em seu armário da frente.

- Oh. Eu não pensei nisso. – Um gentil beijo no decote em V de seu robe, na parte óssea de seu peito, fez com que ficasse difícil para engolir.

- Todo mundo não guarda seus guarda-chuvas no armário?

- Não. Eu não.

- Onde você guarda o seu?

- No cesto de guarda-chuvas.

- Que cesto?

- Aquela coisa alta de vime.

- Oh, era aquilo? Eu achei que fosse algum tipo de vaso para plantas grande e fininho. Coloquei-o na varanda dos fundos.

Ela pôde senti-lo inclinar-se para trás, ainda abraçando-a e, se ele inclinasse todo para trás até a cama, ela ficaria por cima dele, o que não poderia manejar a curto prazo. Então ela resistiu sem perceber.

- Você parece tensa – ele disse.

- Pareço?

- Da última vez, você pareceu tão certa.

- Sim, bem. Alguém tinha que estar.

Ele inclinou um pouco a cabeça para trás e ela enxugou-lhe o rosto com a toalha. Mesmo que a maior parte da umidade tenha secado em seu robe. Talvez ela tivesse sorte e não teria que explicar. Talvez ele apenas soubesse de algum modo. Se ele perguntasse, talvez ela lhe desse a razão mais fácil, não que não fosse verdade. Que era difícil, estando malditamente sóbria e tudo, acostumada a ter aquele calmante para superar os momentos mais duros e que não podia se impedir de ser quando duas pessoas são tão novas uma para a outra. Mas a maior parte daquilo não era. A maior parte era, tanto quanto podia dizer, que talvez estivesse errada a respeito do que aquilo poderia ser. Ele não era do tipo de homem do “enquanto isso”.

E então, ouvindo a chuva sobre o telhado, puxando a cabeça dele contra si novamente e mantendo-a lá, ela foi capaz, pela virtude da presença dele, de superar suavemente o momento, de saber o que deveria ter sabido o tempo todo. O que ela soubera o tempo todo, num lugar bem lá no fundo, o que sabia melhor do que se permitira descobrir. Sozinha, de qualquer forma.

Que Ricky nunca voltaria.

E mesmo se voltasse, o que não faria, que tipo de mulher ela seria se abrisse a porta? Ela se inclinou sobre ele e Reuben terminou de costas sobre a cama com Arlene por cima; e aquele belo e jovem homem da fotografia retornou novamente, invadindo a mente dela. Ela nunca compreenderia as forças que o trouxeram até ali. Aquilo a trouxe de volta a seu lugar de novo, aquele lugar da qual ela não gostava. O lugar onde sabia que, com todos os direitos, ele era algo que nunca seria capaz de possuir.

CAPÍTULO 15

REUBEN

Ele acordou sabendo exatamente onde estava e lembrando-se de tudo. Ainda assim, a noite pareceu distante, como algo que você faz quando está bêbado. Algo difícil de se imaginar na sóbria manhã. Abriu seu olho. Ela estava do seu lado direito, onde deveria estar. Bem acordada e apoiada num cotovelo, observando-o. Ele quis estender uma mão para ver se ela o pegaria, mas não o fez.

- Ei – disse ele tranquilamente.

- Ei.

- Você está bem?

- Claro. Por que não estaria? – Eles ficaram deitados juntos durante algum tempo, em silêncio, não se tocando de modo algum. – Você dormiu com o tapa-olho a noite toda. Isso não é desconfortável?

- De fato, sim. É.

- Algum dia você vai ter que tirá-lo perto de mim.

- Algum dia.

- É realmente ruim?

Isto não era algo que ele pudesse explicar. Que não era medonho como as pessoas esperavam; talvez aceitassem melhor se fosse. Medonho ou não, as pessoas gostavam de algum vestígio de olho, alguma evidência de que ele existiu uma vez como a natureza pretendia. – Não é melhor nem pior do que você está esperando.

Ela deslizou sobre os cobertores para um pouco mais longe e descansou a cabeça no peito dele. – Sabe o que eu estava pensando aqui só deitada?

- Não. O quê?

- Só estava pensando que você vai ter que pagar adiante.

- Eu? Por que eu? Talvez ele estivesse fazendo isto por você. Você é a mãe dele afinal.

- Não. Eu vi as anotações dele. E dizia seu nome num daqueles círculos.

- Eu acho que a idéia dele era nos fazer casados, entretanto.

Ela ficou em silêncio, afastou-se, levantou e começou a se vestir.

Antes que pudesse sair da casa, ele ouviu Trevor na cozinha, despejando algo que soou como cereal. E não havia nenhuma saída na casa que não envolvesse cruzar a porta da cozinha. Ele parou rapidamente na sala e Arlene aproximou-se de suas costas.

- O que aconteceu?

- Trevor está de pé.

- Bem, é claro que Trevor está de pé. Ele nunca dorme até depois das seis, nem mesmo num bom dia.

- Isto é algo como embaraçoso.

- Por quê?

- Eu sou o professor dele.

- E daí?

- Não estou certo do que dizer a ele.

- Que tal a verdade?

Oh. Certo. A verdade. Trevor já sabia parte dela ainda que, de certa forma, Reuben não tenha pensado em discuti-la completamente. Agora parecia que ele não tinha escolha. Entrou na cozinha onde Trevor estava sentado à mesa, em seus pijamas, colocando leite numa ridiculamente enorme porção de cereais de flocos de arroz Krispies.

- Oi, Sr. St. Clair.

Reuben sentou-se à mesa com ele. Arlene circulou ao redor do fogão e perguntou a Reuben como gostava de seus ovos. Ele levantou os olhos, confuso. – Quem, eu? Oh. Eu não sabia que ia ficar.

- Tem algum lugar em que tem que estar?
- Uh, não. De fato, não. Obrigado. Como você os preparar, por mim, está ótimo.
- Ovos mexidos, então.

Reuben voltou sua atenção ao garoto. – Você não parece surpreso por me ver aqui, Trevor.

Trevor encolheu os ombros. – Seu carro está aí fora na frente.

- Boa observação.
- Você esteve aqui à noite toda?

Reuben fitou Arlene por um breve instante, mais como um silencioso pedido de ajuda na verdade, mas ela estava ocupada mexendo com um bico de gás, tentando acendê-lo. Com certeza, ela podia ouvir tudo aquilo, mas estava deixando Reuben por conta própria. – De fato, Trevor, sim. Eu estive.

- Legal. – Trevor puxou o jornal de domingo da cadeira atrás dele e procurou pelos quadrinhos coloridos.

- Isso é um problema para você, Trevor? – Pareceu uma pergunta estúpida, mesmo ele próprio se ouvindo fazê-la, porque a maioria das crianças não usava a palavra “legal” para descrever seus problemas. Era tão distante da reação que ele esperara que parecia que ainda não tinha ouvido bem.

- Foi praticamente uma idéia minha.
- Outra boa observação.
- Vocês dois vão se casar?
- É um pouco cedo para pensarmos a respeito. Mas sua mãe e eu nos gostamos.
- Eu sabia que gostariam. Só sabia. Claro que espero que vocês se casem. Não tenho muitas idéias novas para o meu projeto.

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor

Quando cheguei em casa naquela noite, eu fiz um telefonema de longa distância para Lou.

- Uau – disse Lou. – Você está se amarrando. É espantoso. Desejava poder dizer o mesmo.

Eu tentei lhe explicar que algo soava desonesto a respeito. Não era fácil explicar. Os únicos exemplos que pude encontrar envolviam minha vergonha de ser visto por Trevor na manhã seguinte. A sensação de que eu estava fazendo mal a ele por estar lá. Ele perguntou se Trevor pareceu se importar, e eu tive que contar a verdade.

Ele apontou que a única pessoa que se sentia estranha a respeito era eu. Pensei que aquilo significava que estava preocupado à toa. Estava acostumado àquilo. Era uma especialidade minha. Era o que eu queria que ele me dissesse, acho. Que minha ansiedade estava baseada em nada, como uma sombra sem massa por trás; então, uma vez que ele dissesse aquilo, pensei que desapareceria como uma sombra ao ser inundada por luz.

Não foi o que ele disse. Ele falou que eu era o único a se sentir desonesto e o único que conhecia minhas intenções. Talvez minhas intenções fossem desonestas. Tentei descartar o comentário dele, mas no minuto em que ele disse isto, eu senti essa grande onda de vergonha. Eu admiti a Lou algo que nunca diria em voz alta para ninguém. Arlene não era exatamente aquilo que eu imaginara para mim. Ela não era alguém que eu conduziria a uma sala pelo braço com grande orgulho.

- Em outras palavras, – ele disse – você tem vergonha dela.
- Eu não disse isso.
- Claro que disse.

Todos estes pensamentos começaram a rodar em minha cabeça de uma só vez, ficando difícil para respirar. Dei-me conta de que este era o pior medo dela a meu

respeito. Que eu a menosprezasse. Os piores medos eram sempre baseados num grão de verdade. Era o que havia de tão ruim sobre eles. Eu me perguntava se ela tinha uma amiga com quem pudesse conversar assim. Perguntava-me se ela falava a respeito de meu rosto e de como era difícil estar fisicamente próximo de mim.

Lou disse: - Se você realmente quer outro alguém, vá procurar outro alguém. Você não está fazendo qualquer favor a ela.

- Não. Eu a quero. – respondi. Aquilo nos surpreendeu a ambos.

Eu apenas gostava do modo como me sentia ao lado dela. O modo como ela me fazia sentir. O que, subitamente, pareceu ainda muito mais real e importante do que exibir uma mulher por aí.

Lou contou-me uma história a respeito de seu mais recente amante. Um homem que, como a maioria dos homens em sua vida, o abraçava à distância de um braço até que Lou não suportou mais. – Eu finalmente lhe dei um ultimato. Ou você entra no inferno de minha vida ou sai do inferno dela. Se você quer parar de se sentir desonesto, Reub, tente fazer uma mulher honesta ficar fora de si.

Quando desliguei o telefone, as coisas começaram a ficar claras.

Quando ele finalmente encontrou o anel que sabia ser o anel certo, ele viu que teria que fazer tudo exceto drenar suas economias, o que odiaria fazer. Dinheiro para os dias chuvosos. Aquilo fazia com que se sentisse bem, apenas saber que estava lá. Mas sabia que não estaria lá por muito tempo.

O anel não era grande o suficiente para ser espalhafatoso, mas era grande o bastante, composto em ouro branco com pequenos diamantes em meia-lua. Um pouco fora de moda, mas ele gostava daquilo. Um pouco como o de sua mãe, mas não o bastante para ser significativo. Era o certo porque ele sabia que era. Ele deixou o anel exposto na loja e foi para casa, obcecado a respeito. Decidiu descansar com aquilo, mas não dormiu bem. Pela manhã, ele voltou à joalheria novamente, com medo que tivesse sido vendido. Quando viu que não foi, deixou-o separado, sabendo que ainda poderia mudar de idéia.

Mas após seu próximo encontro na mesa do café da manhã com Trevor, ele soube que tinha que fazê-lo. Olhou para Trevor e soube. Ele não poderia comprar um anel barato ou baratear seu relacionamento não comprando nenhum afinal. Fazer a coisa certa por Arlene era fazer o certo por Trevor. E, é claro, por si mesmo.

Ele teve o anel em seu bolso na noite seguinte, ao pegá-la para jantarem fora. Ela vestia uma blusa de seda rosa e sorriu-lhe abertamente, parecendo para o mundo todo como alguém que ele sempre conheceu e quis, sem nenhuma dúvida no meio. Enfiou a mão no bolso de sua jaqueta e segurou a pequena caixa de veludo. Ele tinha certeza. Quase o dera, mas perdeu a oportunidade. Mas iria dá-lo. Era somente uma questão do momento certo. Ele tinha certeza.

Ela poderia não ter. Ele esteve tão ocupado com suas próprias dúvidas que esquecera de considerar a muito real possibilidade de que ela pudesse dizer não. Tirou a mão do bolso e tentou esquecer que a caixa estava lá.

Quando a acompanhou até a porta da casa dela, mais tarde naquela noite, ambos reclamaram exaustão. Reuben deu-lhe um pequeno e casto beijo. O momento deixou-o nervoso e lembrou-o da noite em que ela viera até seus braços inesperadamente, com um oferecimento de si, justo no momento em que ele esperara ser mandado embora. Ele a amou por aquilo. Mesmo quando fugiu. Todo o resto foi um jogo para evitar aquele exato momento, quando soube malditamente bem que ela era o que queria, e soube também que algo estava errado.

- Você está bem? – ela disse. Sua voz soou fraca. Assustada. Ou era ele quem estava assustado o suficiente para ouvir daquele modo.

- Claro. Por que eu não estaria?

- Eu não sei. Você parece um pouco esquisito esta noite.

- Apenas cansado.
- É. Eu também.

Ele chamou a si mesmo de covarde a caminho do carro. Na metade do caminho para casa, o pensamento o atingiu, como acordar de um sonho. Ele não conseguia imaginar no que estivera pensando ou por quê. Não conseguia acreditar que quase dissera em voz alta. Pensou em Arlene, tentou trazer sua imagem à cabeça, mas era como se ela fosse uma estranha. Quando chegou em casa, encontrou o recibo do anel em sua gaveta, exatamente onde o deixou.

Miss Liza pulou na cama com ele e esfregou-se contra seu queixo. Ele lhe contou tudo. Descreveu o penhasco da qual quase pulara. Ela concordou que humanos eram impulsivos e estranhos. Quando muito. Ele lhe contou que devolveria o anel pela manhã, mas nunca exatamente convenceu-se disso.

CAPÍTULO 16

SIDNEY G.

Para benefício deles, ele injetou um pouco de arrogância a seus passos. Sabia que estavam atrás dele, seus sentidos lhe diziam isto. O simples bom senso dizia que sim. Sabia que, ao deixar o bar, eles o seguiriam. As cervejas tinham subido à sua cabeça, afetando seu modo de andar e equilíbrio, uma desordem que precisava ser cuidadosamente superada.

Ele virou para o beco afinal. Fazer de outra maneira o transformaria em alguém completamente diferente. O que não se permitiria nunca. Sidney G. até o fim, mas isto não era o fim. Exigiria um exército muito maior do que aquele. Além do mais, ele podia sentir o aço frio contra seu flanco. Considerar as coisas iguais.

- Ei, grandão. – Um chamado agudo por trás, numa voz que ele conhecia. Uma voz que esteve em seu rosto pouco antes nessa noite. Ei, ela estava sentada no bar sozinha; como ele ia saber que estava com esse sujeito? E também, se tivesse funcionado, por que deveria ter se importado?

Mas isto era uma cidade pequena, nada como o mundo real, e este enorme e compacto caipira atrás dele tinha alguns outros enormes e compactos caipiras em sua pequena cidade, um pequeno time da hora. Estes idiotas pensavam que punhos diriam o final da história. Totó, eu não acho mais que estamos no Kansas.

- Estou falando com você, idiota.

Sidney G. parou, acenou desdenhosamente e virou-se. Havia quatro deles na entrada do beco, iluminados por trás pela luz da rua, respirando nuvens de vapor no ar frio e limpo deixado pela chuva de ontem.

Eles se aproximaram, o lamentável namorado da moça na frente, com três patetas se postando na retaguarda, sorrindo num doentio coro. Te peguei agora, garoto da cidade linguarudo. Isso é o que você pensa. – Então, grandão. Fale de novo o que disse a respeito de minha mãe.

Sidney G. sorriu. Respirou fundo, expandindo sua barriga contra a cintura da calça e a saliência do metal frio. – Ei, olhe, almofadinha, aquilo não foi realmente verdade, o que eu disse sobre sua mãe. Eu não a peguei de verdade.

Os quatro homens riram com desdém, enormes com seus próprios poderes imaginários. Te peguei na fuga agora, garoto da cidade. Isso é o que você pensa.

- Quero dizer, uma dama gorda e feia como aquela? Eu não me importo o quanto ela suplique. Nem querendo.

Sidney G. sorriu e puxou a arma sob o casaco. Ele estava bêbado, completamente bêbado. Bêbado o suficiente para cometer um erro. Um erro realmente estúpido, como enfrentar quatro homens num beco, nunca parando para olhar as costas. Ele tentou clarear a mente, tarde demais.

Uma mão forte agarrou seu pulso direito por trás e outra dobrou seu braço. Vítima de seus próprios reflexos lentos, Sidney G. caiu de joelhos sob a pressão, e sentiu o nauseante estalido em seu cotovelo. Pensou que vomitaria com a dor. Graças a Deus, estava “anestesiado”. Cara, aquilo ia doer como um filho da puta pela manhã. Se houvesse amanhã. Curvado em dobro com a dor, a paródia de arma na calçada e fora de seu alcance, ele sentiu o pesado pontapé afundar em suas entranhas, erguendo-o ligeiramente do solo. Mas ele não chorou, pediu desculpas ou suplicou por misericórdia; apenas cuspiu nos sapatos do homem. Sidney G. até o fim, o que isso parecia ser.

Quando ouviu o som pela primeira vez, ele estava bêbado e chocado demais para saber o que era. Uma abelha zumbindo perto de seu ouvido talvez. Mas as pernas se viraram, todas aquelas pernas, e ele viu como uma miragem, aureolado por trás na escuridão através de todas aquelas pernas, um almofadinha numa pequena lambreta,

acelerando como se achasse que tinha uma Harley debaixo dele. O sujeitinho estourou a embreagem, a moto pulou e quase rodou, então partiu pro meio da briga no beco. As pernas pularam para a segurança.

Maldição, Sidney. A Cavalaria. O sujeitinho parou ao lado de Sidney G. e estendeu uma mão que ele pegou quase arrancando o garoto de cima da moto, como um nadador se afogando que puxa o salva-vidas para baixo. O garoto preparou-se para apertar a embreagem novamente. Então, segurando com força a mão esquerda que Sidney lhe ofereceu, levantou-o. Sidney pulou para o assento, que errou por uma milha. Caiu no calçamento e foi sendo meio que arrastado. O garoto precipitou-se para longe do alcance de seus perseguidores, balançando Sidney G. atrás dele. Sidney, porém, não ficou ofendido – havia coisa pior esperando naquele beco.

Então o garoto puxou os freios e rodou a moto meio de lado, quase o derrubando. Puxou-o com força, e Sidney enfiou uma perna por sobre o assento traseiro, agarrando um pedaço da jaqueta do garoto com a mão esquerda, pendendo seu braço direito torcido. Eles ficaram sentados daquele modo por um ínfimo segundo, ouvindo a rotação do motor, notando que os cinco homens tinham se posicionado de ambos os lados, bloqueando o beco em cada direção. Três de um lado, dois do outro. Um descerebrador.

- Segure-se – disse o garoto. Maldição, vou tentar.

O rapaz empinou a moto para frente e fustigou-a, difícil de fazer naquele pequeno espaço, exímio, corrigindo o equilíbrio com os pés. Ele avançou para o lado que só tinha dois. Acelerou fundo e foi direto para eles. Sidney perguntou-se de quanto tempo precisariam para que ficassem espertos e pegassem a arma. Um dos homens agarrou a manga da camiseta do garoto e deu um puxão. Puxou-o para o lado, tentando derrubar a moto. Acerte-o no olho, disse Sidney para si mesmo, mas tinha apenas uma mão e precisava dela para ficar com o cruzador. A moto cambaleou para a esquerda. Sidney G. colocou o pé no chão, assim como o garoto, lutando contra o peso e o ângulo maluco da moto.

Isso nunca vai funcionar, ele pensou. Vamos cair. Mas por outro lado, Sidney G. só rodara em grandes motos. Esta era leve. Um bom empurrão de cada um dos dois colocou a máquina de pé. O garoto acelerou e a moto deu uma guinada para frente, soltando sua manga do último agarrão do caipira.

Eles abriram caminho através do beco, virando à direita, na direção da auto-estrada. Sidney ouviu um som de explosão atrás dele, que reconheceu como sendo um tiro de sua própria arma. Mas nenhum impacto ou dor a acompanhou, outra senão a dor de deixar aquela arma para trás; sentiria sua falta.

- Que diabos eu fiz para você? – ele gritou no ouvido do garoto, mas o vento e o rugido do motor carregaram suas palavras para longe.

Uma onda de náusea e dor tomou conta dele. Eles derraparam para a rampa da auto-estrada, com Sidney G. tendo o suficiente para fazer apenas se segurando. Apenas tentando não desmaiar.

Ele vacilou para dentro e fora do espaço da consciência. A dor estava lá, esperando pacientemente por ele. Levantou-se em questão de um minuto. Ele sempre o havia feito antes. Havia algo de limpo e vitorioso a respeito de acordar sentindo-se mal assim. Significava que ainda estava vivo. Que sobrevivera novamente.

Ele abriu os olhos. O teto rodou ligeiramente. Olhou para baixo, para seu braço direito, a fonte da pior dor. Claramente estava quebrado no cotovelo, inchado duas ou três vezes mais do que seu tamanho natural e apontando para uma direção não-natural. Procurou por seu vidro de comprimidos no bolso da jaqueta com a mão esquerda. Derramou o conteúdo em seu colo. Encontrou dois Percodans e engoliu-os sem água. Então permaneceu deitado, com os olhos fechados, contando os danos. Seus joelhos pareciam contundidos e esfolados, mas ele não quis ver. Não ainda. Nenhum movimento significativo, até que as pílulas fizeram efeito. E sentiu um lugar em suas

entranhas que poderiam ainda envolver uma ou duas costelas quebradas. Tomar um completo e profundo fôlego era algo entre desaconselhável e impossível.

Ele derivou meio adormecido por alguns minutos e, então, aquilo o varreu, o alívio, como o desligamento de um interruptor. Gradualmente silenciando a dor, afastando-a para longe na escuridão até que praticamente não estivesse mais ali afinal. Moveu-se para levantar. Bem, a dor estava lá, de fato, mas era quase como se outra pessoa a tivesse. Ficou de pé e deteve-se, oscilante e nauseado. Olhou ao redor e encontrou-se num pequeno e mal-mobiliado apartamento. Ninguém à vista. Caminhou até a janela aberta, esperando que o ar fresco pudesse ajudá-lo.

Ele encontrou o garoto do lado de fora, sentado no telhado. Parecia magro e pálido, com não mais do que vinte anos, como alguém com quem Sidney G. nunca andaria nem em um milhão de anos.

- Ei – disse o garoto.

- Ei. – Sidney G. deu um suspiro de alívio, aceitando conscientemente agora que estava vivo, e dopado o suficiente com os Percodans, para considerar aquilo uma coisa boa. – Você deve ser o cara que me tirou de lá ontem à noite.

- É. Eu teria o levado para um hospital, mas você desmaiou. Mal pude mantê-lo em cima da moto. Tive que segurá-lo com sua mão esquerda sobre meu ombro. Não pude mexer com a embreagem. Tive que vir para casa num segundo. Não ousei tentar ir mais longe.

Vê?, pensou Sidney. A vida tinha sua maneira de ser boa para ele. Só do que ele não precisava era de uma viagem para o hospital. Comece lá, termine na cadeia. Nem mesmo estaria nesse lugarejo atrasado se pudesse ter um paradeiro, pra começo de conversa. Garoto estúpido, nem mesmo teria pensado nisso, mas resolveu tudo sem nenhum problema. Voltaria para L.A., quietinho, e veria aquele médico que guardava bons segredos. E então escaparia da cidade novamente, antes que alguém desse uma de esperto.

- Sabe, garoto, é uma coisa boa que você não seja como eu. Uma coisa boa para mim, é isto. Eu teria ficado no fim daquele beco, sentado e rindo. Imaginando o que aquele filho da puta traria para fora.

O garoto levantou os olhos para Sidney G. com um olhar sombrio e frio em seu rosto. Nenhum senso de humor, nenhum estilo. Um bom corte de cabelo, mas nada mais do que isto. Nada de substancioso por dentro.

- Um modo engraçado de dizer obrigado.

Sidney G. sentou na beirada da janela. Ele não diria obrigado, não a menos que enfiasse isto malditamente bem na cabeça. Certeza, como o inferno, que não diria isto numa deixa. Observou as árvores ao longo da rua, onde um pequeno retalho branco da lambreta aparecia. Vê-la o fez se sentir bem. Em algum lugar, bem lá no fundo, fez com que se sentisse bem. Como na noite passada.

- Você tem uma lambretinha bonita aí. Já rodou numa moto de verdade? – Sidney G. tirou um cigarro do bolso. Tentou acendê-lo com a mão esquerda. O garoto arrancou-lhe o cigarro e o isqueiro e jogou-os na rua. – Ei.

- Não em meu lugar.

- É, inferno de belo lugar você tem aqui. Um verdadeiro palácio.

- Dane-se.

- Perdão?

- Você ouviu. Eu disse, dane-se.

O garoto entrou pela janela. Sidney afastou-se, grogue em razão dos comprimidos. Como ele pôde ter se afastado? Nunca o faria, nem mesmo na cara da morte. Mas aquele braço. Ele não queria que fosse nem mesmo tocado, empurrado, além do mais, não conseguia pensar direito. Então, Sidney terminou com as costas contra a parede nua e este punk infeliz direto em seu rosto.

- É uma moto de verdade e é uma maldita coisa boa para você que seja pequena ou nós estaríamos mortos. Aquele sujeito que estava tentando te matar quase conseguiu derrubá-la. Se eu não conseguisse mantê-la de pé com uma das pernas, ambos

estariamos mortos agora. Por que eu fiz isto? Por que arrisquei minha vida para ajudá-lo? Você é um cuzão.

- Perdão?
- Você me ouviu.
- Eu poderia te derrubar com uma mão presa às costas.
- Vá em frente.

Mas, mais uma vez, foi bom que ele estivesse machucado. Além do mais, aquele estúpido fedelhinho o ajudara, mesmo sendo um ranho a respeito agora.

- Por que fez isto afinal?
- Eu não o conhecia ainda. Não sabia o cuzão que você é.
- Por que você ajudaria alguém que nem mesmo conhece?
- Você não entenderia.

O garoto se afastou do rosto de Sidney e ele, que concordava que provavelmente nunca entenderia, desceu as escadas, encontrando seu cigarro e isqueiro no gramado da frente. Sentou-se, fumando por algum tempo, e imaginou o que fazer em seguida.

De Uma Entrevista Por Chris Chandler Para “Rastreando o Movimento” (1998)

SIDNEY: Eu não sou um cara ruim. Sou um cara ruim? Sou como qualquer outro, eu acho, só que eles estão mortos e eu ainda estou aqui. Você acha que eu sou um cara ruim?

CHRIS: Eu nem mesmo o conheço, Sidney.

SIDNEY: Fere meus sentimentos que ele tenha pegado uma antipatia por mim. Não que me importe. Quero dizer, que panaca. Mas você pensa, alguém salva sua vida, será especial daquele ponto em diante. A única coisa especial foi quando ele me contou a respeito do Movimento. Eu não conhecia ainda. Perguntei-me se aquilo atingiria L.A. ou se eu seria o sujeito a levá-lo. Mas este é um modo ruim de ouvir afinal. Alguém lhe diz que você não é bom o bastante nem para sentar na frente de seu gramado. Mas eu ainda estou tentando entender, sabe, por que alguém perderia tempo para fazer o que ele fez. Então, ele me conta a respeito do Movimento, mas diz que não me é permitido tocar. Você acredita nessa merda?

CHRIS: Ele estava com raiva.

SIDNEY: Ele te disse isso?

CHRIS: Sim. Ele disse.

SIDNEY: Eu não acredito nessa merda. Por quê? Porque eu desdenhei a lambretinha dele? Por que teria essa antipatia por mim? Como se eu tivesse algum tipo de doença, como se fosse destruir a coisa toda. Movimentos são para as pessoas. Eles pertencem às pessoas. Eu sou uma pessoa tanto quanto um louro com uma lambretinha.

CHRIS: Matt. O nome dele é Matt.

SIDNEY: É, que seja. Ninguém me diz o que eu posso ou não tocar.

Mais tarde, de volta à cidade num desmantelado duplex em South Central, Sidney G., deitado ao lado dela na cama, disse que sentiu saudades, o que era bem verdade. Seu braço direito fora enfaixado com gesso de fibra de vidro, quase do pulso até o ombro. Coçava ligeiramente com o calor e os analgésicos zumbiam em sua cabeça. Ela perguntou quanto tempo ficaria daquela vez.

- Tanto quanto você quiser que eu fique – disse ele, mesmo embora não estivesse nem um pouco perto da verdade. – Stella, você não acha que eu sou um cuzão, acha?

Ela bufou e virou-se para encarar a parede. – Você tem os seus momentos. Desde quando você se importa com o que qualquer um pensa?

- Eu não me importo, acho. Já ouviu falar de Pague Adiante?
- Não, que diabo é isto?

Ele tentou acariciar-lhe os cabelos com a mão esquerda, mas ela moveu a cabeça bruscamente para se afastar. Estava zangada novamente. Ainda. Sobre algo há muito passado e terminado, algo tão básico como quem é o que ele era e sempre tinha sido para ela.

- Um novo movimento.
- Que tipo de movimento?

Ele deitou-se de costas com a mão esquerda atrás da cabeça e contou-lhe o tanto quanto soube a respeito. Tanto quanto o garoto lhe contara – antes de chutá-lo sem nem mesmo dar uma carona até a estação de trem. Contou a ela até mesmo que o garoto só explicou porque era o exemplo de algo da qual Sidney nunca seria confiado a fazer. Ele não estava certo do por que, talvez porque fosse Stella e tivesse sentido um pouco a falta dela, mas explicou que o garoto o mandara embora e não tomasse parte daquilo, que começaria com outra pessoa, alguém com quem pudesse contar para pagar adiante. Que ele nem mesmo queria as impressões digitais de Sidney em sua preciosa corrente viva de cartas.

- Aquilo tipo que feriu meus sentimentos.
- Você não tem sentimentos.
- Ei.
- É verdade.
- Então você acha que eu sou um cuzão.
- Por que, diabos, você me falou sobre esse negócio de “Pague Adiante” afinal? Por que ainda está pensando a respeito? Que idéia estúpida. Pense em quanto tempo isto duraria em L.A.
- Eu acho que sim.
- Vai deixar dinheiro para as crianças desta vez?
- Se eu puder fazer alguns negócios hoje.

Mas o único negócio que Sidney tinha em mente para aquele dia era seguir para fora da cidade novamente. Ele já ficara por tempo demais.

Do Diário de Trevor

Eu não tenho idéia do que aconteceu entre Reuben e mamãe. Deve ter sido realmente estranho, no entanto. Pois agora toda vez que eu vejo Reuben, ele diz, “Então, Trevor. Como está sua mãe?” E daí, diz, “Então. Ela alguma vez perguntou a meu respeito?”

Perguntar o quê? Eu sempre fico imaginando. Mas, normalmente, é melhor eu não me meter nessas coisas. Então eu chego em casa, e mamãe diz, “Tem visto Reuben?” E eu digo, sim, vejo o tempo todo. E ela diz, “Então, ele alguma vez falou a meu respeito?”

Às vezes, eu quero gritar com os dois. Eu quero dizer, “Apenas conversem um com o outro! Não é tão difícil! Quer dizer, isto não é uma cirurgia de cérebro, pessoal.”

Mas crescidos odeiam quando você fala assim com eles. Então, eu tenho este sistema. Nunca digo, a nenhum dos dois, o que realmente querem saber. Daí, mais cedo ou mais tarde, eles vão ter que desistir e conversar um com o outro. Às vezes, preocupo-me de que eu vá ser assim, estranho a respeito de uma garota, quando crescer. Odeio pensar que sim.

CAPÍTULO 17

ARLENE

Loretta misturava leite ao seu copo de café com aquele pequeno som de clink-clink que rangia nos nervos de Arlene. A máquina Sr. Café de Loretta estava quebrada novamente e, desde que nunca gostou de instantâneo, ela apareceu na casa de Arlene por café nesta manhã. A cafeteira de Arlene nunca quebrou então ela se forçou a concluir que Loretta usava demais a dela.

Arlene decidiu que, quando tivesse dois anos de sobriedade como Loretta, nunca tomaria vinte e quatro copos de café por dia. Então, percebendo o tom arrogante daquele sentimento, ela mudou mentalmente a redação: se ela tivesse dois anos de sobriedade. Não era tão fácil quanto parecia nas ordens. Normalmente, ela gostava de ter Loretta por perto, quanto mais melhor, mas esteve aborrecida na última semana, tanto que não telefonara à sua madrinha nem uma vez sequer, detalhe que não passou despercebido a Bonnie.

A voz de Loretta rompeu a quietude. – Você não fala mais a respeito dele.

- Quem?

- O que você quer dizer com quem? Aquele sujeito por quem estava toda acesa a respeito.

- Oh. – Por alguma razão, ela pensou que Loretta queria dizer Ricky, um fato que não conseguia explicar e escolheu não mencioná-lo. – Eu acho que resolvi evitá-lo.

- Não foi tão bom, huh?

- O quê?

- Você sabe. Dormir com ele.

- Não. Foi ótimo.

- Eu aposto.

- Foi ótimo. De verdade.

- Ele tem mais cicatrizes quando acontece de ele tirar as roupas? Quero dizer, você sabe, toca onde quer que as toque?

Arlene penteou os cabelos para trás com os dedos e desejou ainda estar fumando. Ou que houvesse um maço por aí em algum lugar, para que pudesse cair naquele rol. Havia mais cicatrizes quando ele tirou as roupas. Ao redor de suas costelas, à esquerda, e aquelas em seu braço esquerdo pareciam realmente estranhas. Mas ela não notou até de manhã, e não era lá grande coisa.

- Não, Loretta. Não é isso.

- Ele não tem cicatrizes, bem...

- O quê?

- Lá?

- Não. – Arlene levantou-se e se dirigiu ao fogão. Aquilo estava se tornando uma conversa-de-garotas pessoal e, em breve, terminaria derramando a parte que nem mesmo ela queria saber. Chegando ao fogão, ela viu que seu copo estava cheio e não conseguiu encontrar outra boa razão para estar ali. – Não, lá na parte de baixo, ele é tudo o que eu esperava que fosse, apenas um pouco mais.

- Então, qual é o problema?

- Eu desejava saber. – Voltou a se sentar. Cabeça entre as mãos. Aquilo não poderia ser mais adiado. – Da última vez em que saímos, ele não ficou. Estava agindo estranho. Você sabe como as pessoas agem.

- Não. Eu achava que um bocado de pessoas diferentes agem de um bocado de maneiras diferentes.

- Eu quero dizer como as pessoas agem quando estão tentando dizer algo. Você nunca fez isso? Praticar no espelho algo que tem que dizer? E então, quando você a vê, apenas

ficam no ar. Como se todo mundo pudesse ouvir? Eu fiquei achando que até o garçom podia ouvir.

- Então, o que ele disse?

- Ele nunca disse. Mas eu sei, de qualquer forma. Estava tentando terminar tudo comigo. Eu podia dizer.

- Você não sabe disso até perguntar a ele.

- Eu sei agora.

- Você deveria lhe perguntar.

- Então ele pode me dizer. – Ela pôde ver Trevor através da janela, brincando no telhado da garagem com seu amigo, Joe. Ela nunca lhe disse exatamente para não brincar ali, mas ele devia ter sabido que ela não gostaria nem um pouco se o visse. Quando enfiou a cabeça para fora da janela, ele desceu pela ameixeira e acenou.

- Então você vai ter que falar com ele algum dia.

- Pensei em talvez ir até a casa dele com Trevor. – Aquilo funcionara inesperadamente bem da última vez, mas parecia um fio tênue, uma pequena trapaça para explicar, então ela não tentou.

- Então agora é importante que ele não termine com você.

- Por que isso parece ser tão estranho?

- A última coisa que ouvi foi que ele era só para sexo até Ricky voltar para casa.

Arlene reclinou-se em sua cadeira e fixou Loretta com aquele olhar que ela reservava para os imaturos, grosseiros e simplesmente estúpidos. – Ricky não vai voltar. Não entende isso, Loretta?

As sobrelhas de Loretta arquearam-se. – Eu não entendo isso? Querida, na última contagem, a única alma viva na face do planeta a não entender isto, era você. Não entendo?

Arlene suspirou e jogou o resto de seu café na pia. – Bem, eu solicitei uma recontagem – disse.

Quando Trevor surgiu através da porta da cozinha, ela disse a Loretta para dar o fora. Falou num tipo de linguagem de sinais – o tipo que funciona apenas quando você conhece alguém há um longo tempo.

- Eu ia apenas tomar mais um copo de café, Arlene.

Arlene pegou sua máquina Sr. Café, puxando-a da tomada na parede, e tirou-a do balcão. Cerca de três doses de café chocalharam no jarro. – Esteja à vontade – disse ela, passando toda a bagunça para Loretta.

- Bem. Uma parede de tijolos não tem que cair sobre mim. – Mas maldição se ela não levaria a máquina consigo.

- Oi, mamãe. Por que deu a cafeteira para Loretta?

- Oh, por nenhuma razão especial, querido. Ouça. Você vê o Sr. St. Clair agora que as aulas terminaram?

- Claro, mamãe. Vejo-o o tempo todo.

- Onde exatamente?

- Eu vou até a casa dele.

- Oh. Nós deveríamos fazer isto. Algum dia. Juntos.

- Okay. Agora?

- Bem. Talvez não agora.

- Por que não agora?

- Eu não telefonei avisando e tal.

- Eu nunca telefono. Eu só pedalo minha bicicleta até lá.

- Bem, porém é diferente, querido. Com você.

- Por que é diferente?

- Umm. Dê-me um minuto para pensar.

Dentro do carro e a caminho, o que ocorreu mais tarde num incômodo barulho, ela perguntou ainda mais uma vez: - Quando você vai até lá, Trevor... e fala com ele... ele alguma vez... você sabe... pergunta a meu respeito?

- Sim.

- Quantas vezes?

- Toda vez.

- Verdade?

- É. Verdade.

- O que ele pergunta?

- Bem, ele sempre diz, “Como está sua mãe, Trevor?” e, então, eu digo, “Oh, bem, ela está bem”; daí ele diz, “Então, Trevor, ela pergunta a meu respeito?” – Um longo silêncio. – Se ele a pedisse em casamento, você aceitaria?

- Ele não vai me perguntar isso.

- Se ele pedisse.

- Ele não vai. Podemos falar de outra coisa? – Era hora de mudar de assunto, de qualquer forma. Não era uma viagem muito longa.

Quando ele atendeu a porta, Trevor apenas entrou direto, como se vivesse ali. – Oi, Reuben – disse, em seu trajeto.

- Oi, Trevor. Arlene. Isto é uma surpresa.

Ele estava com as roupas suadas e a barba por fazer, o que parecia algo como engraçado, o modo como sua barba crescia apenas de um lado. E ele parecia triste. Não que tudo aquilo importasse a Arlene, que estava ocupada demais notando o quanto sentira sua falta. Era um enorme e pesado sentimento, subitamente quase maior do que ela poderia suportar.

- Desculpe-me não ter telefonado primeiro, mas... – Mas o quê, Arlene? Como vai terminar esta frase? Mas eu não quero lhe dar a chance de dizer não. Não se preocupe. Ou, pior ainda, ouvi-lo dizer seu nome daquele modo terrível, o modo como alguém faz quando começa uma frase que vai doer como o inferno.

- Está tudo bem. Entre.

Ela entrou e ficou parada, sentindo-se embaraçada, consciente de Trevor os observando, não muito certa do que dizer. Não seria como da última vez quando estavam arrumando a mudança e Trevor estava todo perdido em outro mundo. Ela não seria realmente capaz de falar. Mas, então novamente, ela consolou-se porque nem ele seria. – Trevor, de onde você tirou a idéia de chamar o Sr. St. Clair pelo primeiro nome? Eu não o criei assim.

- Ele disse que eu podia. Apenas no verão. Quando voltar à sua classe, no outono, eu tenho que me ligar.

- É verdade, eu disse que ele podia.

- Oh. Okay.

Em algum lugar no mundo, Arlene sabia que havia algo mais para se dizer. Se ela pudesse ao menos encontrar. Empoleirou-se no sofá e ele lhe trouxe uma ginger ale. O silêncio sentia-se maior do que qualquer coisa que a casa pudesse conter.

- Onde está Miss Liza? – falou Trevor.

- Eu não a tenho visto já faz algum tempo. Acho que está lá fora, no quintal dos fundos, tocaiando pássaros.

- Eu vou ver. – Ele sumiu, deixando Arlene com espaço para falar, o que ela não queria mais.

- Arlene, eu...

Ela se precipitou antes que ele pudesse dizer o que ela sabia que diria se não fosse cuidadosa. – Eu senti sua falta, de verdade.

- Você sentiu? – Ele pareceu surpreso.

- Oh, sim. Pequenas coisas. Eu estava acostumada a tê-lo por perto.

- Que tipo de pequenas coisas?

- Oh, apenas, você sabe. – Ela sabia que ele não sabia. – Como as mensagens engraçadas que você costumava deixar em minha secretária. Não lembro delas palavra por palavra, mas eram engraçadas. Sinto falta de coisas assim.

- Sinto muito não ter telefonado. Tive um bocado de coisas em mente.

- É. Eu também. – É. É o que todos eles dizem.

Ela estendeu a mão e tocou sua bochecha direita. Aquela com a barba por fazer. Estava se portando como uma tola, ela sabia, mas não se importou. Estava quase pronta a implorar. Todo mundo considerava aquilo como algo impensável, mas em algum lugar no fundo de sua mente, ela compreendia que as pessoas faziam aquilo o tempo todo. Apenas ouçam música popular e ouvirão. Eu ficaria de joelhos por você. Não sou orgulhoso demais para implorar. Baby, por favor, não vá.

Ela estava se preparando para dizer que era do sexo, mais do que qualquer coisa, que sentiu falta. Bem, não apenas do sexo em si, embora daquilo também, mas da assustadora proximidade que vinha com isto. Ela estava se preparando para dizer que não conseguiria desistir novamente, não tão cedo. Mesmo embora mais tarde não fosse, de qualquer forma, melhor.

Antes que pudesse falar, Trevor voltou com o gato ornado em seu ombro. Eles ficaram por uma hora ou mais, na qual Arlene passou a maior parte do tempo maravilhando-se com a facilidade com que Reuben e Trevor conversavam um com o outro. Ela observou-os cuidadosamente, como se fosse algo que pudesse aprender.

No dia seguinte, ele telefonou e convidou-a para um jantar na casa dele. Disse que estava bem instalado e sentia-se pronto para cozinhar.

- Eu estava esperando pegar sua máquina – ele disse. – Ia deixar uma mensagem engraçada.

- Você quer que eu desligue para que possa ligar de volta?

- Não, está tudo bem. Tentarei ser engraçado quando vir você.

Foi quando ela percebeu, pela primeira vez, que ele nunca foi engraçado antes. Não cara a cara. Apenas como uma voz numa fita. – Reuben?

- Sim? – Ela odiou o modo como disse o nome dele. Daquela enorme, terrível e pesado modo como as pessoas fazem antes de más notícias. Ela sabia que soou daquele modo também. Ouviu isto na voz dele. Todos odeiam ouvir seus nomes ditos daquela forma.

- A última vez em que saímos?

- Sim.

- Eu sei o que você ia me dizer.

- Você sabe?

- Sim, eu sei. Mas não diga, okay? Por favor. Apenas não o faça.

- Okay. Não direi. – Ele soou – ela não poderia jurar. Magoado? Aliviado?

- Você não vai?

- Não, se você não quiser.

Uau, ela pensou ao desligar o telefone. Quem teria pensado que seria assim tão fácil?

Ela nunca esteve na cama de Reuben antes, que era grande e confortável. Os lençóis pareciam novos e frescos. Ela deitou do lado direito, com uma perna jogada por cima dele, percorrendo os pêlos de seu peito com os dedos. Então lhe acariciou as costelas, sentindo as cicatrizes sob seus dedos como um mapa topográfico, apenas para se lembrar de onde estava. As cicatrizes fizeram bem ao toque dela porque se elas não estivessem ali, aquele não seria Reuben. Ela não tinha certeza se ele estava dormindo. Permitiu-se flutuar num sentimento, na sensação de que ela de alguma forma estava observando tudo isto de cima. Não tanto fisicamente, mas mais num senso de perspectiva.

Ela estava certa de que tudo havia terminado, mas se pudesse subir um pouco mais, ver um pouco mais longe, talvez pudesse ser capaz de ver aquilo. Ela se perguntou se iria lembrar daquele sentimento da próxima vez, se algo parecesse à primeira vista estar indo errado. Sabia que provavelmente não. Ela sabia que as pessoas excediam aquela linha de conhecimento o tempo todo, mas amaldiçoados fossem se não tendiam a cruzá-la de volta novamente.

Sussurrou suavemente, esperando plantar palavras na cabeça dele sem acordá-lo, sem realmente chamar atenção para si. – Estou tão feliz por você ter decidido não terminar comigo.

O olho dele se abriu e ele piscou, engolindo como se estivesse meio adormecido. – Terminar com você?

- É. Mas não vamos nem mesmo falar a respeito disso agora.
- Eu nunca iria romper com você.
- Não ia? – Ela apoiou-se num cotovelo, como se fitá-lo mais de perto pudesse ajudar.
- Bem, o que você ia me dizer então?
- Foi isso que pensou que eu estava tentando dizer na última vez?
- É. Não era?
- Então foi o que me pediu para, por favor, não dizer?
- É. O que era então?

Ela observou o peito dele subir numa tomada de fôlego. Ter tido sujeitos lhe perguntando algumas coisas bem estranhas, normalmente coisas que testavam sua flexibilidade moral, não fazia com que a espera fosse do gosto dela.

- Não importa. Você não teria gostado.
- Talvez não, mas você sabe malditamente bem que eu tenho que ouvir agora.
- Não ria, okay? Eu ia lhe pedir que se casasse comigo.

A garganta de Arlene apertou-se. Mesmo se tivesse sabido o que dizer, o que não sabia, provavelmente não conseguiria ter dito. Ele enfrentou o silêncio por um notável espaço de tempo e, então, disse: - Não imediatamente. Eu só pensei que poderíamos ficar noivos. Pelo tempo que fosse necessário até nos conhecermos bem o bastante. Para dar esse passo. Achei que seria melhor para Trevor. Se eu fosse o noivo de sua mãe. Ao invés de um sujeito que só dorme com ela. E melhor para você. Não nesta ordem, entretanto. Pensei em você primeiro. Achei que se sentiria melhor usando uma aliança de noivado. Mesmo se não marcássemos uma data de imediato. Isto significaria um símbolo de minhas intenções. Que são honradas. Você vai afinal dizer alguma coisa?

- Você comprou um anel? – Aquilo era algo provavelmente tão bom quanto qualquer outra coisa.
- Eu acho que sim.
- Onde exatamente está esse anel agora?
- Em minha gaveta de roupas.

Ela rolou para longe e deitou-se de costas, com a cabeça em seu próprio travesseiro. Reuben possuía um teto em relevo. Aquilo foi a maior parte do que se recordou do inoportuno silêncio. Ela quis perguntar qual gaveta, mas nunca o fez.

- Apenas pense a respeito – disse ele. – Não responda agora. Apenas pense a respeito.

Ela disse que pensaria. Não disse que não pensaria em qualquer outra coisa, que ficaria a noite toda acordada pensando a respeito, mas foi o modo como acabou acontecendo.

CAPÍTULO 18

REUBEN

Arlene preparou fajitas de frango, as favoritas de Trevor, para honrar a ocasião especial. Reuben comeu várias, do modo como fez em sua primeira noite naquela casa. A mesma casa parecia mais aquecida agora. De vez em quando, ele a fitava, esperando por um sinal.

Ela tinha arrumado os cabelos e estava usando o anel na mão esquerda, mas se Trevor notou, ele falhou em comentar. Reuben percebeu que ele não notara. Não era do feitio de Trevor falhar num comentário.

- Quer que eu limpe a mesa, mamãe? – ele disse finalmente, quebrando o silêncio.

- Num minuto, querido. Reuben e eu temos algo que queremos lhe contar.

- Okay, o quê?

- Eu acho que Reuben quer lhe contar.

- Okay, o quê?

- Trevor? Sua mãe e eu tomamos uma grande decisão. Que afeta você.

- Okay, o quê?

- Nós decidimos ficar... noivos.

- Noivos? Como para se casar?

- Certo. – Ele lançou um olhar para Arlene que ainda segurava seu garfo firmemente, com os olhos fechados, como se as palavras pudessem feri-la.

- Sim! – gritou Trevor, e Arlene abriu os olhos, surpreendida. – Sim! Eu sabia! Eu disse! Isto é tão completamente legal! – Ele pulou da mesa e lançou-se numa pequena dança a qual, Arlene disse, o fazia parecer igualzinho a Deion Sanders.

- Quem é Deion Sanders? – perguntou Reuben.

Ele levantou os olhos para ver ambos, Arlene e Trevor, fitando-o com as bocas abertas. – Quem é Deion Sanders? – perguntou Trevor, um estudo em assombro. – Você está brincando, certo?

Arlene levantou-se para recolher os pratos do jantar, obviamente mais confortável agora que a tensão tinha se dissipado. – Trevor, querido, nem todo mundo acompanha futebol.

- Mesmo assim. Deion Sanders. – Ele se sentou novamente, os cotovelos sobre a mesa. – Você nunca assistiu futebol, Reuben? Ei, acabei de pensar em algo. Posso chamá-lo de pai agora? Devo chamá-lo de pai?

Reuben sentiu um pequeno ponto de calor crescer atrás de suas costelas, um lugar que por muito tempo conhecera apenas dor. – Isto seria muito bom, Trevor. Se estiver confortável com isso. E se sua mãe estiver. – Arlene olhou para ambos e assentiu. – Então, esse Deion Sanders. Ele joga para os 49ers?

Trevor revirou os olhos. – Garoto. Temos um bocado de trabalho para fazer com você.

- Eu pensei que Trevor fosse um fã dos 49ers – disse Reuben, quando ela voltou após colocar Trevor na cama.

Ela deslizou para baixo dos cobertores, acendendo aquele ponto de calor novamente. Nem tanto sexual, porém, podia facilmente cruzar aquela linha. Apenas confortável, algo parcialmente familiar.

- Ele é. Mas Deion Sanders joga para o Atlanta. Então, ele é um tipo de fã do Atlanta também. Quando o Atlanta joga contra San Francisco, ele não consegue suportar. Fica tão perturbado que não consegue nem mesmo assistir.

- Eu te amo, Arlene.

As palavras pareceram reverberar num súbito quarto vazio. Reuben se perguntou quem estava mais espantado por ouvi-las.

- Vamos formar uma grande família – disse ela, depois de algum tempo. – Ele, com certeza, ama você.

E então, Reuben começou a se dar conta de um pensamento que nunca havia tido antes. Era um pensamento doce, mas ao mesmo tempo incomodava-o de qualquer forma. Ele nunca soube, de fato, ou se permitiu saber o quanto esteve perdendo ao se fechar completamente para os outros. – Eu deveria ir dar um beijo de boa noite nele.

- Sim. Eu acho que ele gostaria disso. – Sim. Acho que ambos gostaríamos.

Do queixo para baixo, Trevor estava deitado e coberto com uma colcha das Tartarugas Ninjas. Uma lâmpada da rua iluminava o lado esquerdo do rosto do garoto com um brilho suave.

- Ei – disse Reuben, sentando-se na beirada da cama.

- Ei. – E então, como uma agradável reflexão: - Pai. – Um sorriso irrompeu em seu rosto, surgindo de um esconderijo. – Isso não soa legal?

Reuben sentiu o contagiante sorriso surgir sorrateiramente em seu próprio rosto. – Muito legal. – Eles permaneceram em silêncio por um minuto. – Talvez possamos assistir a alguns jogos juntos.

- Legal.

- Estou lhe avisando, eu não sei nada a respeito de futebol.

- Eu posso te ensinar. Quer saber de uma coisa? Isso significa que algo deu certo com meu projeto afinal de contas.

- Eu estava pensando sobre isso. Sobre o “Pague Adiante”. Estava me perguntando como vou fazer isso. Como se faz, Trevor?

- O que você quer dizer? Não é como exatamente. Você apenas faz.

- Como você pensa em coisas para fazer às pessoas? Receio não ter a sua imaginação.

- Você não elabora algo com a imaginação. Apenas olha ao redor. Até que vê alguém precisando de algo.

- Isso parece fácil. – Todos precisam de algo. Qual a distância que você teria que olhar?

- É fácil.

Se você é uma criança, pensou Reuben. – Boa noite, Trevor.

- Noite, pai. Mamãe está feliz?

- Eu acho que sim. Acho que ambos estamos.

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor

De fato, eu acho que ela estava assustada até a morte. Mas qualquer um não estaria, num momento como aquele, encarando tal grande decisão? Eu estava assustado também, mas tinha todas as intenções de ir até o fim. Mas havia também... quero dizer, para complicar as coisas para ela... quero dizer, o nome dele apareceu. Aqui e ali. O que parecia normal para mim. Eu ainda esperava que pudéssemos dar certo. Até aquele dia.

19 de Outubro de 1992. É uma daquelas datas que você não esquece. De fato, você não se esquece de nada a respeito. Você se recorda do jingle que estava tocando na televisão. Lembra do pensamento que estava girando em sua cabeça um segundo antes, quando tudo ainda estava em ordem. É vulgar dizer, mas sua vida se divide em antes e depois, e você não tem mais problemas em situar as coisas no tempo. Você quase consegue datá-las, algo como A.C. e D.C. Acho que soa como se eu estivesse desperdiçando um bocado de tempo sentindo pena de mim mesmo. Eu não vou mentir. Não desisti completamente de tudo. De algumas formas, eu desisti. Não de todas. Provavelmente, estou sendo sensível demais. Talvez as feridas de outras pessoas se curem num razoável espaço de tempo.

Não, eu retiro o que disse. Elas não se curam.

CAPÍTULO 19

19 DE OUTUBRO DE 1992

Reuben estava sentado no sofá, compartilhando com Trevor um saco de pipocas de microondas. De vez em quando, um pedaço caía apenas para ser caçado por Miss Liza, que passava a maior parte do tempo na casa de Arlene agora, com o resto da família. Toda vez que ela comia uma semente, Trevor dizia que gatos não deveriam gostar de pipoca. Ela parecia indiferente.

Eles assistiam ao Buffalo jogar contra os Raiders, um bom jogo para Trevor usar como ferramenta de ensino, desde que não estava excessivamente preocupado a respeito do resultado. Ele torceu pelos Buffalos, mas não tanto que não pudesse respirar. Assim que o jogo foi para os comerciais, Trevor tentou ensinar a Reuben a diferença entre um touchback e um safety. Também de um touchback após uma interceptação no end-zone e um touchback após um kickoff. Reuben imaginara que possuía a maioria do básico por agora, mas não devia estar esclarecido daqueles poucos detalhes.

Um comercial da Coca-cola surgiu, o jingle familiar, destinado a se tornar familiar demais, porque agora Reuben sempre pensava a respeito em conexão com todo o resto. Não era de propósito. Ele apenas ouvia em sua cabeça, toda vez que a provação importunava-o novamente. O que ainda acontecia, de tempos em tempos. Trevor estava alimentando Miss Liza com um pedaço de pipoca propositadamente. Ela erguia-se sobre as pernas traseiras para pegar, uma pata se firmando nos jeans de Trevor e a outra se equilibrando no ar como se precisasse rebater o prêmio para longe. Deveria ter sido um bom momento, um bom dia. Uma boa vida. Com todo direito, deveria ter sido.

Reuben ouviu uma batida na porta. Arlene gritou da cozinha. Disse que atenderia. Ela abriu a porta. Reuben levantou os olhos e esperou que ela dissesse algo. Ele não pôde ver seu rosto, apenas a parte de trás de sua cabeça, mas queria ver o rosto dela por alguma razão.

Um homem encontrava-se parado na entrada da porta, não falando nada. Um nervoso e, melhor dizendo, pequeno homem com cabelos escuros e crespos. O silêncio pareceu revirar no estômago de Reuben de algum modo, como se estômagos pudessem saber das coisas que não necessitavam ser ensinadas. Reuben olhou de relance para Trevor que fitava a porta com os olhos fixos e inexpressivos. Aquele jingle de cola continuou soando no fundo do cérebro de Reuben.

Alguém teria que dizer algo e foi o estranho quem finalmente falou. – Você não parece feliz em me ver. – Arlene correu para o quarto e bateu a porta. Sozinho na entrada da porta aberta e vazia, o nervoso homenzinho virou sua atenção para Trevor. – Não vai nem mesmo me dizer um “olá”?

- Oi. – A voz de Trevor soou vazia e fria. Nunca foi assim antes. Foi nesse momento, realmente, que Reuben soube que algo havia acontecido – algo irrevogável. Trevor nunca falara dessa maneira com ninguém.

- Você não me chama mais de papai?

Reuben sentiu Trevor lançar-lhe um olhar de esguelha. Aquilo estava todo construído para feri-lo, mas ele não conseguia sentir ainda. Havia apenas o entorpecimento, o choque, do tipo que quase permite a alguém sobreviver a quase tudo contra suas próprias apostas.

- Você disse para nunca chamá-lo de papai na frente das pessoas.

- Bem, aquilo foi antes, garoto. Aquilo foi antes, isto é agora. Você nem mesmo parece feliz por eu estar de volta. O que há, garoto, o gato comeu sua língua?

Trevor lançou-se do sofá e correu para seu quarto, batendo a porta com tanta força que fez Reuben estremecer. O homem cruzou a sala de estar até o sofá e parou diante de Reuben. Ficou de pé na sua frente. Apenas levante-se, pensou Reuben,

certamente era uma cabeça mais alto e pesava mais do que a metade perto daquele homenzinho. Mas seu corpo não fez nada do que lhe foi pedido. O homem fitou-o do modo como as pessoas que nunca o viram tendiam a olhar, mas abertamente, como se Reuben não estivesse olhando.

- Quem diabo é você? – perguntou o homem.

CAPÍTULO 20

GORDIE

Gordie tinha um encontro com um homem que “conheceu” pela internet. Gordie amava a internet, a única coisa que, há duas mil milhas de seu antigo lar, de seu verdadeiro pai, de sua antiga vida familiar, não mudou. Gordie amava coisas que nunca mudavam. O homem chamava a si próprio de Wolf, embora com certeza aquele não fosse seu nome. Na tela, você poderia se tornar quem sempre quis ser, e Gordie tornou-se Sheila. Até mais tarde, naquela noite, como Wolf saberia?

Wolf sugeriu que se encontrassem na Avenida Pennsylvania, bem em frente à Casa Branca. Contra o muro. Aquilo estava ótimo para Gordie; de fato, ele se perguntou por que não pensara naquilo antes. A rua dava direto nas sedes do Serviço Secreto e da polícia de D.C. Talvez Gordie não apanhasse daquela vez. Talvez aquele fosse o único lugar em que estaria seguro.

Ele passou uma hora se maquiando. Ralph, seu padrasto, assistia TV na poltrona reclinável da sala de estar. Parado silenciosamente na porta da cozinha, Gordie pôde ouvir o leve ressonar de sua respiração, quase como um ronco. Ele deslizou pela poltrona de Ralph com a cabeça virada e Ralph não acordou. Gordie saiu para a noite da cidade. Em seu bolso, tinha dinheiro suficiente apenas para a tarifa de ônibus pra chegar lá. Contou-o com os dedos. Não era suficiente para voltar. Talvez Wolf lhe desse uma carona. Talvez Wolf fosse diferente e não o mandasse de volta para casa afinal. Ou talvez tivesse que voltar andando. Deveria ter trazido algo para tirar a maquiagem de seu rosto, no caso daquilo acontecer, creme refrescante ou algo assim. Mas ele não trouxera. Escolheu acreditar que aquela noite não voltaria sozinho para casa.

Subiu as leves escadas do ônibus municipal, piscando com o brilho das luzes. O motorista entregou-lhe o troco como se desejasse estar usando luvas de borracha, jogando o pedaço de papel para que suas mãos não se tocassem. Caiu no corredor. Gordie inclinou-se para pegá-lo e ouviu uma risadinha atrás de si. Deveria ter vestido um casaco comprido sobre as calças de cetim apertadas, aquelas com um zíper nas costas. Deveria ter feito todo tipo de coisas. Deveria ter admitido que o mundo em que pisara naquela noite, era o mundo real. Ele se sentou bem atrás do motorista, fitando o chão, tomando o cuidado de não encontrar os olhos dos que riram. Era um truque que aprendera de um filme sobre gorilas – desviar exageradamente o olhar para evitar agressões. Funcionava apenas na metade das vezes. Gordie imaginou que provavelmente funcionava melhor com gorilas. Provavelmente eram mais civilizados.

Gordie andava de um lado para outro, em frente à cerca de aço que rodeava a Casa Branca. Casais de turistas caminhavam de mãos dadas, puxando com força os braços de seus filhos para trazê-los para mais perto. Policiais uniformizados davam uma volta ao redor, fitavam o rosto de Gordie e sacudiam a cabeça, ou estalavam a língua em julgamento. Todos se sentiam livres para julgar. Nunca ocorreu a ninguém manter suas opiniões em silêncio. Suas respirações lançavam vapor no ar cortante de outubro.

Ele deu uma olhada no relógio. Quase dez horas. As dez em ponto, Wolf estaria oficialmente duas horas atrasado. Gordie seria deixado se perguntando se ele falhara em aparecer afinal, ou se chegou, vira o perfeito clichê em cravo branco e o jovem rapaz que o segurava e voltou para casa novamente. Ou talvez tivesse ido pegar uma prostituta, uma mulher. Qualquer coisa para evitar voltar sozinho para casa. Aquilo seria a única parte de tudo que Gordie realmente entenderia. Após um brilho de

esperança, de que teria companhia para aquela noite, quase qualquer coisa seria melhor agora do que voltar sozinho para casa.

Se Wolf tivesse aparecido e o surrado como o inferno, por ser Gordie ao invés de Sheila, aquilo teria sido quase melhor. Então, pela manhã, ele poderia ir para a escola com sua língua gentilmente explorando um lábio partido ou um dente quebrado. Ele saberia pelo menos que algo tinha acontecido. Ele apostaria que estava vivo. Ninguém bateria nele na escola porque os ferimentos os satisfariam pelo fato de ele já ter recebido o que merecia.

Deu uma olhadela no relógio novamente. Já passava das dez agora. Ele teria que voltar para casa andando. Um policial fardado cruzou por ele a pé, virando-se para olhar o rosto de Gordie, como se visse alguém com o pescoço quebrado num trágico acidente. O policial tinha os cabelos escuros e oleosos alinhados sob o quepe e um nariz largo. Bonito, de um tipo macho, pensou Gordie. Ele pareceu achar Gordie previsivelmente repugnante, mas o rapaz sabia que ele não usaria os punhos por assim dizer. Apenas sabia. Após todos aqueles anos, ele conseguia sentir o perigo antes mesmo que o atingisse. Não poderia evitá-lo, porém. Apenas vê-lo se aproximando. – Com licença, senhor?

- O quê? – O policial parou subitamente, batendo ligeiramente o pé.

- Parece que fiquei preso aqui sem troco para o ônibus.

- Teve seu bolso roubado ou algo assim?

- É. – Okay.

- Por que, diabos, está andando por aqui? Tenho o visto faz duas horas. É isto, um negócio de prostituição?

- Não, senhor. Eu deveria encontrar um amigo.

- Porque, se pensasse que está mascateando seus serviços, eu o botaria para correr rapidinho. Ei, quantos anos você tem, garoto?

- Dezoito.

- É. Claro que tem. O que eu tenho a ver se você não tem troco para o ônibus?

Foi quando Gordie soube que o policial lhe daria dinheiro para voltar para casa.

– Eu só pensei, bem, é uma longa caminhada. Eu poderia me machucar, sabe?

O policial moveu a cabeça como se para estudar o rosto de Gordie por diferentes ângulos. – Com certeza como o inferno que você poderia. Por que não limpa essa porcaria do rosto se não quer ser machucado? Aqui. – Ele lhe estendeu um lenço limpo e bem dobrado, tirado do bolso de sua camisa.

Gordie pegou-o obedientemente e limpou o rosto, sentindo uma sensação de perda. Havia sido um trabalho de maquiagem quase perfeito. Teria sido excelente. Ele se odiou imediatamente, sentindo-se feio sem ela. Manchas vermelho-escuras e traços de rímel preto estragaram a brancura perfeita do tecido. Tentou ir com calma ao redor dos olhos. Talvez algumas das sombras verdes sobrevivessem.

Ele tentou devolver o lenço, mas o policial afastou as mãos em repugnância. Gordie dobrou a parte manchada da sujeira para dentro e enfiou o lenço no bolso. Gostou de poder ficar com o lenço. Ninguém nunca lhe dera nada.

- Assim está melhor?

- Maldição, garoto, não muito. Ainda se parece com o inferno. Olhe. – Ele procurou pelos bolsos da calça de seu uniforme e deu a Gordie três notas de um dólar. – Vá para casa. Lave seu rosto. E não me deixe vê-lo por aqui novamente.

- Obrigado, senhor. – disse Gordie, e foi embora andando lentamente, sentindo-se de algum modo aquecido.

Gordie agarrava o troco da taxa de ônibus numa das mãos, marcando o papel com as unhas. Metade do caminho para casa, não estrague tudo agora. Olhou através da janela a câmara iluminada do bar. Pareceu acolhedor. Ele possuía uma carteira de identidade falsificada, de fora do estado. Se quisessem acreditar, eles acreditariam. Não havia nenhuma mulher lá dentro, mas poderia estar enganado ao que pudesse ver. Poderia ser um bando de sujeitos velhos numa noite fora, longe das

esposas. Gordie poderia se informar daquilo mais tarde. Não tinha dinheiro para um drinque, mas talvez alguém pudesse lhe pagar um. Gordie apenas odiava como o inferno ter que voltar sozinho para casa. Odiava ter que voltar para casa afinal. Ele poderia lavar o rosto de verdade no banheiro masculino e poupar-se de uma surra do padrasto, se ele estivesse acordado e esperando por sua chegada.

Três homens apareceram na entrada da porta. Pararam na sua frente, impedindo seu caminho na rua. Meu Deus, o que ele estivera pensando? Estava realmente feito agora.

- Que diabo é você? – falou um dos homens, mais alto do que necessário.

Gordie virou-se rapidamente e seguiu para o ponto de ônibus. Ele podia ouvir o som de seus próprios passos na cabeça; de fato, por um momento, não conseguiu ouvir mais nada.

Então, por trás dele: - Tem um belo balanço em seu modo de andar. Ei. Está me ouvindo falar com você, garoto?

- Tem certeza de que é um garoto?

Duas vozes. Talvez houvesse apenas dois deles agora. Ele olhou por sobre o ombro e viu todos os três, ganhando terreno. Começou a correr. Uma leve e poeirenta neve começou a cair. Um segundo mais tarde, alguma coisa agarrou-o pelas pernas. Seus pés ergueram-se e ele tombou para frente. Enquanto caía, Gordie pensou no policial que lhe dera o lenço e os três dólares. Se estivesse ali agora, olhando, ele ajudaria? Ou riria? Seu queixo bateu com força contra o concreto e ele sentiu o ar lhe faltar. Viu algum tipo de cor explodir dentro de sua cabeça, atrás dos olhos. Sentiu um grande corpo masculino em cima dele, prendendo-o. Não conseguia respirar. – Você quer, hein, garoto?

Uma leve pressão embaixo, como a simulação de sexo anal. Por que sexo era sempre escolhido como insulto? Gordie sentiu-se abençoadamente afastado dos próprios pensamentos, de seu corpo; uma gentil sensação de choque que sempre lhe dava um pontapé para ajudá-lo a sobreviver.

Então o grande peso levantou-se e uma mão o colocou de joelhos pelos cabelos. Ele oscilou por um instante, livre e desenfreado. Um pesado sapato no meio de suas costas chutou-o para frente novamente. Ele caiu livremente, como um saco de pancadas, arrebatando o nariz no concreto. Sentiu o sangue fluir em seus lábios e o gosto metálico no fundo da garganta. Algo pessoal e familiar.

Uma terceira voz ecoou vazia em seus ouvidos. Distante, no fim de um longo túnel. Seus ouvidos pareciam ligados e zumbiam. – Merda, ele é só um garotinho. Eu vou voltar para o bar.

- Talvez ele não saiba que não é uma garotinha. – Era a voz do homem que o derrubara.

- Deixe-o em paz, Jack. Vamos.

Gordie ficou deitado na calçada fria, imóvel, fingindo-se de morto. Nada o tocava. Pensou ter ouvido os passos se afastarem, mas havia outros. Eles estiveram lá o tempo todo, percebeu. Ele esteve ocupado demais para notá-los. Com os sentidos agudamente vivos agora, ele ouviu o som dos sapatos enquanto formavam um círculo ao seu redor.

O sangue de seu nariz formou uma poça ao redor de seus dedos ao ficar de pé.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Você sabia que eu recebi ameaças de morte no início quando aconteceu? Pode me explicar como isso foi minha culpa? Um bocado de pessoas dizem que é, porém, e aí você começa a se perguntar. Como, e se eu não tivesse saído naquela noite. E se tivesse saído na noite seguinte. O garoto teria chegado ao aeroporto então. Ele estaria de volta à sua cidade natal. Acho que todo mundo pensa que deveria ter sido eu. Eu sou apenas tão malditamente prescindível. Desculpe-me. Não quis soar amargo. Acho que, se há uma mensagem nisso tudo, é que as coisas acontecem do modo como

devem acontecer. Do modo como tem que acontecer. Eu não poderia ter saído numa noite diferente, e o garoto não poderia ter saído da cidade naquela noite. Veja quantas coisas boas aconteceram desde então.

Não é minha culpa. As pessoas apenas gostam de colocar um nome e um rosto em suas raivas. Meu rosto combina muito bem com raiva. Eu notei isto. No entanto, está melhor agora. Foi difícil nos primeiros poucos meses. Mas agora. Tudo está melhor agora.

Sua mãe já tinha chegado em casa do trabalho – as boas notícias. Ralph ainda estava acordado – as más. Gordie segurou o lenço manchado contra o nariz e tentou passar despercebido. Se pelo menos sua mãe apenas o deixasse passar. Mas ela quis ver seu rosto, então Ralph viu também.

- Oh, querido – disse ela, segurando o braço de Gordie. Ele tentou se afastar, mas sentia-se fraco e trêmulo demais. – Oh, Gordie. Querido. O que aconteceu a você? – Ela virou-o e tentou retirar o lenço. Sua única cobertura.

- Nada, mãe. Eu estou bem. Caí, foi tudo.

Ela desapareceu subitamente, empurrada para longe por seu novo marido. Ralph ameaçou seu rosto, agarrando os pulsos de Gordie para impedi-lo de fugir. Gordie subitamente ansiou pela companhia familiar dos três homens do bar. Eles pareciam ser mais seguros em comparação. Pelo menos não estavam em sua casa.

- Que diabo é isso em seu rosto, garoto?

Ele sentiu as costas da mão de Ralph, fortes. Ouviu sua mãe gritar. Gordie caiu facilmente, equilibrou-se com as mãos e os joelhos e tentou manter a cabeça baixa. Nunca mais. Não esta noite. Por favor, não esta noite. Ele agitou um molar do dente solto com a língua.

- Fique de pé para mim, garoto. Você me ouviu? – Um rugido, um berro, como o eco de um incêndio fora de controle na floresta. Ele não se levantou. Pelo canto dos olhos, viu sua mãe agarrar Ralph por trás, com os braços ao redor do pescoço dele. gritaram um com o outro, mas Gordie não conseguiu formar quaisquer palavras. Ralph a sacudiu e virou-se para ele. Mas Gordie já tinha visto aquela breve janela de oportunidade e usou-a. Lançou-se de sua posição agachada, como um corredor ao tiro de largada. Trancou a porta de seu quarto antes que Ralph pudesse pegá-lo.

A porta estremeceu quando Ralph a golpeou. Gordie calçou uma cadeira sob a maçaneta. Suas mãos tremiam, uma sensação que o percorreu por inteiro até um lugar dentro de suas estranhas. Um segundo golpe veio seguido pelo som de madeira lascada. Mas a porta agüentou.

Então, um relativo silêncio.

Gordie pôde ouvir a voz de sua mãe, a constante, confortável ladainha dela. Porém, ele não conseguiu compreender todas as palavras. Algo sobre como Ralph deveria tomar alguns belos e profundos fôlegos e ela lhe prepararia um belo drinque.

Passos afastaram-se pelo corredor. Gordie lavou o rosto na pia do próprio banheiro. O conforto da água morna, a ardência do sabonete. Restos de sangue e maquiagem escoaram pelo ralo. Então, ele deitou-se de costas na cama, perguntando-se como Wolf se pareceria. Desejou ter aspirinas, mas estavam na cozinha. Pouco depois, ele ouviu uma tímida e gentil batida que sabia ser sua mãe. Levantou-se dolorosamente e destrancou a porta, voltando a deitar novamente.

- Tranque atrás de si, mãe.

- Ele está dormindo, docinho.

- Desmaiado, você quer dizer. – Ela não respondeu. Sentou-se na beira da cama e entregou-lhe três aspirinas e meio copo de água. Ele engoliu as aspirinas.

Ela ofereceu-lhe um saco com gelo para o rosto. Ele quis colocá-lo por toda parte ao mesmo tempo. Sua cabeça socava-se de dor e seu queixo e nariz pareciam dolorosamente inchados. O maxilar doía no ponto do dente solto. Ele colocou o saco de gelo sobre o nariz e olhos. O mundo desapareceu.

- Ele não é um homem mau, querido. É só que isto o deixa furioso. Se você apenas pudesse lavar o rosto antes de voltar para casa. Talvez mudar suas roupas. Apenas não esfregue isto no nariz dele, sabe?

- Claro, mamãe. Okay, vou fazer isso.

- Ele não é um homem mau.

- Mamãe? Eu apenas quero dormir. Realmente, não quero conversar a respeito esta noite, okay? Só quero dormir.

Ele a ouviu deslizar pelo quarto e fechar a porta gentilmente atrás de si.

Gordie acordou horas depois de um pesadelo, com gelo derretido molhando os lençóis e o travesseiro ao redor de sua cabeça. A dor não o deixaria voltar a dormir. Estivera sonhando com o policial que lhe deu o lenço. No sonho, ele não ajudou. Ele riu.

CAPÍTULO 21

CHRIS

O telefonema veio às sete da manhã, difícil pensar nisto como uma coisa boa. Sua namorada, Sally, gemeu, rolou e cobriu a cabeça com um travesseiro. Mesmo através de uma névoa de sono, Chris reconheceu a voz imediatamente. Roger Meagan, uma espécie de amigo. Um policial. Um improvável amigo. Sobretudo porque Chris não tinha policiais em alta conta. Ele conhecia alguns de quem gostava muito – Roger, por exemplo – mas desencorajava-o saber que os policiais honestos, idealistas e não cansados tendiam a ser somente os novos em folha. Ele não achava que os culpava por serem insensíveis, não em um mundo como aquele. Ele mesmo lutava contra esta tendência. Talvez, se ele podia lutar, então eles pudessem.

- Desculpe, Chris. Eu esqueci que você gosta de dormir.

Do que ele gostava não tinha nada a ver com os fatos. Ele raramente ia para a cama antes das três. – O que há?

- Eu não estou certo, na verdade. Não sei. Talvez não seja nada. Talvez uma história. Não sei. Acho que soa estúpido. Acordar você de um sono profundo, então dizer que talvez não seja nada. Mas se é algo, é algo grande. Realmente grande. Só pensei que poderia ser uma coisa boa para você, ouvir primeiro. Quero dizer, é conhecido, mas – um pequeno ângulo da história. Se você pudesse encontrar algum padrão... se é que existe um padrão... Oh, diabos. Não estou fazendo muito sentido, estou?

- Com certeza, como o inferno, que não está, Roger. Vá mais devagar. Deixe-me colocar as células de meu cérebro em linha novamente. Um fato de cada vez. – Havia fatos envolvidos? Ele não ouvira nenhum ainda.

- Você sabe que a matança de gangues teve uma queda realmente brusca ultimamente.

- Ouvi falar. Mas é apenas sorte, certo? Quer dizer, o que mais poderia ser?

- Eu não sei, Chris. Imagino que seja onde um bom repórter investigativo entra.

- Então você quer o nome de um bom?

- Cale a boca, camarada. Você é bom. Sabe que é. Olhe. Há dois meses atrás, o número de tiroteios caiu oito por cento.

- Caiu oito por cento?

- Não. PARA oito por cento.

- Eu não sabia que foi tanto assim.

- Bem, todo mundo quer tipo ir com calma a respeito. Como, você sabe, não pode durar. Todos agem como se isto fosse mágica ou algo assim. Nós só ficamos quietos, como se pensássemos que... eu não sei, poderíamos assustá-lo para longe ou algo parecido. Então, no mês passado, apenas uma morte de um total de cinco batidas policiais de gangues pela cidade. Uma, Chris. Você percebe como isto é extraordinário? Quer dizer, numa boa semana, às vezes temos duas dúzias. Quer dizer, não é uma boa semana, mas... você sabe.

- E este mês?

- Todos estão vivos até agora. Que saibamos.

Chris sentiu seu cérebro mergulhar no intrincado fio que ele associava com contemplativa infinidade. Era difícil o suficiente tentar imaginar como as coisas aconteciam. Por que as coisas aconteciam. Mas por que elas não aconteciam? Como fazer uma história baseada em vento. O que ele faria, entrevistaria pessoas numa esquina do South Bronx? Com licença, madame, qual é a sua teoria do por que não foi atingida por uma bala perdida no mês passado?

- Você acha que existe uma razão?

- Cara, tudo tem uma razão.

- Quer apostar seu próximo cheque nisto?

- Não existem acidentes nesse mundo, Chris.

Ele quase zombou, mas se impediu. Imagine tomar o partido contrário num argumento contra um policial. – Roger. Onde, em nome de Deus, você acha que eu começaria com algo como isto?

- Comece com um sujeito chamado Mitchell Scoggins. Ele sabe algo a respeito de algo. Nós o pegamos com uma acusação de porte ilegal de arma. Saiu para acertar as contas com algum pistoleiro rival, mas ninguém saiu ferido. Disse que era uma questão de honra. Mas – que honra? Honra de quem? Desde quando é uma questão de honra ir atrás de seu inimigo com uma arma e, então, não matá-lo? É como uma nova lei de gangues ou algo assim. Mas ele não vai me contar nada a respeito. Eu sou “O Homem”, sabe? Ele não vai falar comigo.

- Onde está Mitchell agora?

- Cumprindo trinta dias no Distrito.

1993 Entrevista Por Chris Chandler de “Rastreando o Movimento”

MITCHELL: Não é uma coisa de Nova York. Quero dizer, agora é. Mas não começou aqui. Começou em L.A. Quero dizer, foi o modo como ouvi. Quero dizer, o boato nas ruas. Eles estão dizendo isto.

CHRIS: Ouvi dizer que você sabe tudo a respeito. Ouvi dizer que a coisa toda começou com você.

MITCHELL: Nem de perto. Boa tentativa, cara. Você acha que eu tenho ego, hein? Eu te digo qual é a palavra. Cara chamado Sidney G. Ele tem o crédito pela coisa toda. Vou te dizer, o cara pensou na coisa toda. Não que eu já tenha o encontrado. Diabos, Sidney fala todo tipo de merda. São os boatos da rua. Outros dizem que não. Sidney G. pode ter começado em L.A., mas não foi idéia dele. Só pegou em algum lugar. E trouxe de volta.

CHRIS: O quê. Trouxe o que de volta?

MITCHELL: O Movimento.

CHRIS: Isso tudo é parte de um Movimento?

MITCHELL: Se move, não?

CHRIS: Conte-me a respeito.

MITCHELL: Eu não sei. Não te vejo como um de nós. Quero dizer, quem diabo é você? Sabe quando eu te diria? Se você cruzasse o meu caminho. Então, eu iria atrás de você. Mas não iria matá-lo, não a menos que estivesse todo pago. Adiante, quero dizer. Então, eu diria, vim para te matar, mas, cara, você teve sorte. Então eu te contaria. Seria algo como parte de meu serviço.

CHRIS: O que você quer dizer com “adiante”? Você disse algo sobre estar todo pago, mas mudou para “adiante”.

MITCHELL: Você precisa ir ver Sidney G. Ele gosta de falar.

CHRIS: Sabe onde eu posso encontrá-lo?

MITCHELL: Merda, não. Nunca nem mesmo encontrei o homem pessoalmente.

Ele fez uma discagem direta para a Costa Oeste depois das cinco, hora de Nova York, para poupar algum dinheiro já que aquilo provavelmente não funcionaria de qualquer forma.

- Central, Parker.

- Detetive Harris, por favor.

- Um momento.

Um estalido e ele ficou na espera silenciosa. Ficou sentado por vários minutos, irrequieto, balançando a perna. Aquilo era uma perda de tempo. Então houve um toque na linha.

- Harris.

- Harris. Aqui é Chris Chandler.

- Certo, companheiro. O que posso fazer por você? Isso aqui está parecendo um zoológico. Tem que falar rápido.
- Pensei que talvez pudesse lhe pedir um favor.
- Se for legal e não tiver que ser neste exato segundo.
- Não, quando puder. Amanhã. Segunda. Quando puder. Pensei que você poderia puxar em seu computador. Ver se consegue encontrar um pistoleiro chamado Sidney G.
- Sobrenome?
- Não tem. Eu sei que isso não ajuda.
- O que você quer sobre ele?
- Qualquer coisa que possa me dizer onde ele está. Algo como se tem um oficial na condicional, diga. Então, eu saberia como entrar em contato.
- Isso vai levar alguns dias.
- Que seja.
- Pode haver dúzias de Sidneys G's.
- Só terei que rastrear todos, eu acho. Apenas me dê uma lista.
- Sua vida, cara. Dê-me três dias de trabalho.

Harris mandou-lhe uma lista por fax, dois dias depois: Sidney Greenway. Sidney Gerard. Sidney Garcia. Sidney Gilliam. Sidney Guzman. Sidney Guerrero. Sidney Galleglia. Sidney Garris. Sidney Gant. Sidney Gonzales. Todos envolvidos com gangues. Três em condicional. Cinco com apenas últimos endereços conhecidos. Dois atualmente encarcerados.

Chris levou dois meses rastreando todos. Ele achava que aquilo o fazia se sentir vivo. Sally disse que ele se tornara totalmente obcecado e mudou-se, temporariamente, talvez permanentemente. Dependia de quando ele recuperasse o bom senso. Nunca encontrou Sidney Gerard. Os outros nove Sidneys não tinham idéia de que diabo ele estava falando.

Ele perdeu duas outras reportagens enquanto isso, e oito quilos. E começou a beber novamente, embora não muito no início. Aquilo o incomodava, imaginar que sempre saberia que era Sidney Gerard porque era sempre aquele que você não conseguia encontrar.

Procurando por um homem chamado Sidney G. Criador do Movimento. Quero fazê-lo famoso. Nenhuma pergunta pessoal será feita. Ou qualquer pessoa com informações sobre Sidney G. ou o Movimento. Algo a respeito de ser "Pago Adiante" ou "Pagando Adiante".

*Escreva para C. Chandler, na caixa postal abaixo.
Recompensas em dinheiro por informações corretas.*

Ele colocou o anúncio para rodar durante um mês no Los Angeles Times, então decidiu que estava desperdiçando dinheiro. Marginais não liam o Times. E ele não tinha mais dinheiro para desperdiçar porque não fez nenhum trabalho de verdade por tempo demais. Ele visitou o irmão e pediu emprestada outra quantia, que foi um empréstimo sem culpas ou sensações ruins. Já fizera aquilo antes e sempre foi bom. Então, colocou o mesmo anúncio no Valley News e no L.A. Weekly.

Ele abriu uma caixa postal e tentou trabalhar em outra história. Todos os dias, ele checava a caixa. Todos os dias ela estava vazia. Nem mesmo cartas maníacas de impostores atrás da recompensa em dinheiro. Onde ele conseguiria mais dinheiro se algo surgisse?

Caro C. Chandler,

Alguém que eu conheço viu seu anúncio no Weekly e mostrou-a para mim. Sidney G. não inventou nada. Nunca em toda sua vida. Ele me deixou com duas crianças bastardas. Não se importa. Não passa de um cuzão. Ele pegou esse negócio de alguém que encontrou em Atascadero. Esconde-se lá quando as coisas ficam quentes. Mas não vai funcionar para sempre.

A última que ouvi foi que seu traseiro lamentável está na cadeia. Eu não sei onde e não me importo. Mas seu nome não é Sidney nem G., isto é apenas o que ele chama a si mesmo. O nome dele é Ronald Pollack Jr. Não é surpresa que não consiga encontrá-lo. Espero que você tenha mais problemas para ele. Espero que isto seja um truque. Foi por isso que escrevi. Não é pelo dinheiro. Mas eu realmente preciso dele, com essas duas crianças. Se você quiser mandar algum.

*Sinceramente,
Stella Brown*

1993 Entrevista Por Chris Chandler na Prisão Estadual Soledad, de “Rastreamento o Movimento”

CHRIS: Você poderia ser um homem famoso. Bem aqui na prisão.

SIDNEY: Isso é o que você imagina. Eu já sou famoso nesta prisão. Lendário.

CHRIS: Eu quis dizer famoso no mundo todo. Poderia ajudar sua situação.

SIDNEY: De que modo?

CHRIS: Você sabe, ir até a junta da condicional e lá está em sua ficha, que você fez esta enorme contribuição à sociedade.

SIDNEY: Eu não vou ter uma condicional até 97.

CHRIS: Isso poderia mudar também.

SIDNEY: O que eu tenho que fazer?

CHRIS: Conte-me como esse Movimento começou.

SIDNEY: Eu te disse. Começou em minha cabeça.

CHRIS: Você deve ser um cara realmente esperto.

SIDNEY: Eu sou.

CHRIS: Como você pensou em algo assim tão grande?

SIDNEY: Foi apenas como se viesse até mim. Apenas vi o modo como as coisas continuaram a acontecer todas ao meu redor. Eu pensei, alguém tem que fazer algo diferente. Mudar essa bagunça. Então me veio a idéia.

CHRIS: Uau. Estou impressionado. Você nunca viu ou ouviu algo parecido? Você sabe, para colocar a idéia em sua cabeça?

SIDNEY: Ninguém coloca idéias em minha cabeça, exceto eu. Então, como você vai me fazer famoso? Quero dizer, ainda mais do que já sou.

CHRIS: Bem, eu produzo histórias freelance. Vou ter que trazer uma câmera de vídeo até aqui. Vou ter que procurar os canais para permissão. Então, quando gravarmos juntos, posso vendê-la para a Weekly News em Revista. Eles pegam quase tudo o que eu faço.

SIDNEY: Acha que os babacas que dirigem este lugar vão permitir?

CHRIS: Quando descobrirem que tem uma estrela em seu meio.

SIDNEY: Talvez o governador me perdoe. Quando ele vir.

CHRIS: Você não está exatamente no corredor da morte, Sidney. Eu não contaria com um perdão. Talvez uma condicional mais cedo.

SIDNEY: É. Bem. Você faz o que puder por mim, garoto branco. Tenho certeza de que pode ver que eu não pertencço a este lugar aqui. Poderia estar fazendo grandes contribuições lá fora. O mundo precisa de mim lá fora.

CHRIS: É. Absolutamente, Sidney. Eu posso ver isto.

Chris chegou, de volta a seu apartamento em Nova York, lá pelas sete da manhã. Imediatamente, ligou para seu amigo policial, Roger Meagan, acordando-o. Aquilo era justiça.

- Você me deu uma boa dica, companheiro. Te devo uma. Acho que isto vai ser grande. Não sei por que penso assim. Não, eu nem mesmo penso. Eu sei. De algum modo, eu apenas sei. Talvez ainda não seja grande, mas vai ser. E até lá, vai ser minha história. Não que eu esteja no fundo dela ainda. Mas vou estar.

- Quem diabo está falando?
- É Chris. Eu te acordei? – Ele sabia muitíssimo bem que sim.
- Chris, de que diabo está falando?
- Daquela história em que você me colocou.
- Você chegou ao fundo?
- Eu te disse, ainda não. Mas vou. Cheguei até um pistoleiro de meia-tigela que chama a si mesmo de Sidney G. Ele diz que pensou na idéia toda. Está cheio de merda, é claro.
- Pensou QUÊ idéia toda?
- O Movimento.
- Isso tudo é parte de um Movimento?
- Se move, não?

Roger gemeu. – Eu não sei quê diabos está acontecendo e nem mesmo tomei meu café da manhã, Chris. Quer me emprestar um pouco de sua energia?

Desejava poder, ele pensou. Tirou os sapatos enquanto se servia de um drinque e falava ao telefone sem fio, preso ao seu queixo. – É algo assim, companheiro. Tanto quanto posso dizer. Alguém enfiou nas cabeças deles, passar isto adiante. É como um esquema de pirâmide, só que nunca volta para a pessoa que a originou. As pessoas só continuam fazendo coisas espantosamente boas para outras, e apenas continua seguindo adiante. Nunca volta.

- Então qual é o ângulo?
- Não parece existir um. É por isso que estou tão excitado a respeito, Roger. O negócio é que é uma droga para rastrear, pois, aparentemente, não há nomes envolvidos. Pessoas saem por aí salvando vidas, poupando vidas, dando dinheiro de graça e a maioria delas nunca sabe quem as ajudou. Não mantém registros. – Ele aprendeu mais a respeito daquela última parte na visita à Stella do que com a entrevista com Sidney G. Sidney permaneceu incompleto quanto aos detalhes. Stella tinha visto as cinco notas de cem dólares em sua mão e se abriu imediatamente.
- É estranho, Chris. Isso é estranho.
- Com certeza, é estranho. É por isso que adoro.
- Mas, Chris. Quero dizer... se alguém salva sua vida, você não pegaria o nome dele? Para que então pudesse pagar de volta? Você sabe, o que vai volta?
- Mas é aí que está o negócio. Você nunca paga de volta. Você sempre paga adiante. É algo como o que vai, vai ainda mais rápido.
- Isso não faz sentido.
- Por que não?
- Que bem isso faz à pessoa que começou?
- Bem, este é o mundo em que elas têm que viver, certo?

Um longo silêncio do outro lado da linha. – Então, esse pistoleiro de gangue realmente é altruístico?

- Não. Inferno, não. Eu te disse. Ele é cheio de merda.
- Então quem começou?
- Eu não sei. Mas vou descobrir. Vou fazer o maior estardalhaço em cima desse panaca. No Weekly News em Revista. Transformá-lo num completo herói. Então, vou colocar algum tipo de número 0800, caixa postal ou outra coisa qualquer para as pessoas com mais informações. Esse negócio deve ter tocado um bocado de vidas por agora.
- Chris, se o sujeito é cheio de merda, por que você quer transformá-lo num herói?
- Porque ele é um mentiroso, Roger. E alguém lá fora sabe disso. Alguém lá fora pode ficar ofendido quando sentir uma baforada da atitude dele. Vai querer ver a história sendo contada da maneira certa.
- Soa como um suicídio de carreira. Você pode se passar por tolo.
- Qualquer um pode se enganar, Roger. Minha carreira vai sobreviver.
- É uma grande aposta, Chris.
- A vida é uma grande aposta, Roger.

Ele desligou o telefone. Aquilo funcionaria. Tinha que funcionar.

Do Diário de Trevor

Parece que existe algo de errado com o fato de você não gostar do próprio pai. Como se eu tivesse que estar envergonhado a respeito. Mas é a verdade, e eu não sei o que fazer sobre isso.

Ontem, eu disse isto para minha mãe. Que eu apenas não gostava dele. Achei que me sentiria melhor ao dizer aquilo em voz alta. Pensei que ela fosse gritar comigo, me bater ou mandar que fosse para meu quarto. Ao invés disso, ela apenas pareceu cansada.

CAPÍTULO 22

ARLENE

Ela encontrou Reuben casualmente numa manhã de sábado, no posto de gasolina em Camino. Ela não o via fazia meses. Não viu o Volkswagen branco até depois que saiu do próprio carro e, quando o viu, quase voltou e dirigiu para longe. Ela tinha deixado o motor ligado porque o velho Dart nem sempre voltava a funcionar depois de desligado. A tabuleta dizia para não fazer aquilo, mas Ricky, que sempre fumara enquanto enchia o tanque, lhe disse que quase nunca as coisas davam errado.

Sabendo que Reuben estava ali, o coração dela começou a bater tão forte que ela podia ouvir. Sentiu-se tonta, estranha, e não conseguia decidir o que fazer. Então ele veio, saindo da loja de conveniência, e a viu. Reuben fixou o olhar no asfalto e caminhou na direção dela, dirigindo-se para o carro. Ela poderia jurar que ele queria fazer o caminho contrário, mas ela estacionara perto do carro dele, então não havia saída para nenhum dos dois.

- Reuben – ela disse, achando que sua voz soou assustada. Ele não a encarou. Não disse nada. Ela ainda podia ouvir o próprio coração. – Reuben, diga algo, okay? Grite, xingue ou faça qualquer outra coisa. Por favor?

Ele a encarou. Ela encontrou seu olho. Aquilo a fez se sentir tonta novamente. Ele desviou o olhar.

- Reuben, eu apenas tinha que tentar, entende? Eu tinha. Treze anos, Reuben. Ele é o pai do garoto e tudo mais. Grite comigo e diga-me que o magoei e não mereço nem mesmo viver, porque sei que é tudo verdade. Não fique aí parado, não dizendo nada.

Ele deu a volta pela bomba de gasolina, parando bem onde ela estava. As pontas de seus sapatos quase se tocaram. Ele parecia mortalmente calmo e ela se deu conta de que ele bateria nela. Teria sido quase melhor se o tivesse feito. Ele olhou para seu rosto, bem de perto, e ela percebeu de repente que sentira sua falta. Aquilo a atingiu com tanta força que quase a derrubou.

- Ele a engravidou – disse Reuben. Ela nunca ouvira a voz dele soar daquele modo antes. Profunda. Quase assustadora. – De que outro modo ele tem sido um pai para aquele garoto?

- Bem, é isso, não vê? Ele quer compensar por isto agora. Ele quer devolver o que tirou de mim.

Ela se encolheu, certa de que estava a ponto de ser golpeada. Reuben afastou-se. Caminhou até seu carro e guiou para longe, sem olhar para trás. Aquilo foi um bocado pior.

Quando ela chegou em casa, Ricky encontrava-se deitado no sofá, assistindo TV. – Você moveu qualquer músculo desde que o deixei?

- Eu não preciso de um sermão hoje – disse ele. Mal moveu um músculo para dizer aquilo.

- Pensei que você ia procurar um trabalho.

- Num sábado?

- Qualquer dia anterior teria servido. E se não vai fazer isso, pelo menos poderia pegar suas roupas e fazer a própria maldita lavanderia.

Ele se virou e sentou lentamente, como se sentisse dor ao fazer aquilo. – Que diabos você tem esta manhã? Eu nunca ouvi tantas queixas virem de você todas de uma vez só.

- Eu as tenho poupado.

- Eu vou procurar por trabalho – disse ele, devagar. – Quando tiver um pouco mais de tempo sóbrio. Não é fácil levar um banho frio assim. – Ele acendeu um cigarro, um

pouco instável. – Quando os tremores pararem, digo. Agora mesmo, estou fazendo tudo que posso.

- É, bem, se você se mantivesse, estaria quase quatro meses sóbrio ao invés de apenas um par de dias. Quando consegui ficar uma ou duas semanas sóbria, tive que trabalhar em dois empregos para manter os pagamentos daquela maldita caminhonete que você largou comigo. E tomar conta de uma criança, acima de tudo. Eu não tive nenhuma maldita escolha.

- Eu pensei ter dito que não precisava de nenhum maldito sermão. – Aquilo veio tão alto, tão forte e raivoso que ela não ousou dizer mais nada. O que ela adivinhou que era provavelmente o ponto. – Que diabo deu em você? Huh, Arlene? Você me ouviu falando com você? Não posso fazer mais nada certo?

- Eu não sei, Ricky. Você pode?

- Mesmo que você me botasse no olho da rua agora, nós sempre voltamos às boas antes. Eu só não consigo fazer nada certo com você. Não que não façamos agora.

- Nós fizemos, às vezes.

- Senhorita, o que você me dá mal é o suficiente para matar a fome de um homem. – Ele cruzou a sala e parou bem perto dela, o que pareceu vagamente ameaçador. – Você costumava dizer que eu era o melhor que você jamais teve.

Ela continuou parada junto dele, de qualquer forma. Sentia-se calma, mas disse o que precisava dizer. – Um comentário triste embora fosse, Ricky; suponho que era verdade na época.

Ela ficou ali parada, sem se afastar e piscou várias vezes, esperando para ver o que ele faria. Ele não explodiu do modo como esperava. Apenas ergueu a mão para o rosto e esfregou os olhos, como se a coisa toda o fizesse sentir-se cansado. Ela observou seu rosto e perguntou-se por que costumara achar que ele era tão bonito. Ele não era, realmente – pelo menos, não pegando um traço por vez.

- Eu só desejava, por Deus, que você não tivesse dito isto. É sobre aquele homem de cor, certo? Eu odeio até mesmo falar a respeito. Como você pôde deixar aquele homem deitar em sua cama? Pelo amor de Deus, Arlene. Na primeira vez em que o vi sentado lá no sofá, eu pensei, bem, ao menos sei que ela não está dormindo com ele. Toda vez que penso a respeito eu só...

Ela levantou os olhos para ver Trevor parado na porta da cozinha. – Pensei que você estava brincando lá fora.

- Não, eu estava no meu quarto. – Trevor virou-se e desapareceu novamente. Arlene seguiu-o da sala até seu quarto.

- Trevor, querido? Eu sinto muito por você ter tido que ouvir aquilo. – Ela esperou que ele dissesse algo de volta, mas a espera estava ferindo-a, portanto não podia ficar daquele modo por muito tempo. – Encontrei-me com Reuben esta manhã.

- Ah, é? – Mas dito com pouca emoção.

- Pensei que você ficaria interessado nisto.

- Eu o vejo na escola o tempo todo.

- Oh. Certo. Ele alguma vez pergunta a meu respeito?

- Não. – Foi tudo o que ele disse, apenas não. Algo como vazio e frio. Ele não disse, “Por que ele deveria?”, mas Arlene pôde ouvir assim mesmo; podia sentir aquele espaço de ar entre eles com aquelas palavras que não a preenchiam.

- Querido, eu sei que cometi um erro.

- Então conserte.

- Eu não acho que você compreenda, Trevor. – Lágrimas toldaram sua visão contra a vontade. Pareceram quentes e furiosas. Ela podia pensar em todo tipo de coisas que ele não entenderia, incluindo algumas que ela mesma não entendia. Como por que ela não estava pronta para dar um pontapé em Ricky, mesmo as coisas indo mal como estavam. Ela escolheu relatar a única razão que repousava completamente fora de seu alcance, a parte que ela não poderia mudar mesmo que tentasse. – Reuben está realmente zangado, querido. Ele ficou magoado. Não importa o que eu diga para ele, não me aceitaria de volta agora. De modo algum. Você não o viu esta manhã, querido. Ele está realmente zangado. Nunca vai me perdoar.

- Você não sabe se ele iria.
- Eu sei.
- Você não sabe até perguntar a ele.
- Eu sei agora.
- Você deveria perguntar a ele.
- Eu não posso, Trevor.
- Por que não?
- Ele diria não.
- E daí? Você poderia perguntar.
- Vê, querido. Você não entende. Como eu disse. Acho que é um negócio de gente grande.

Ela olhou por sobre o ombro ao sair do quarto dele. Trevor baixou os olhos, apertando nervosamente a colcha.

- Talvez eu não queira ser grande então.
- Bem, querido, ninguém realmente quer ser. Deus sabe que fui empurrada contra minha vontade.

Ela fechou a porta atrás de si, silenciosamente. Quando voltou para a sala, a TV ainda estava buzinando, mas nenhum sinal de Ricky. Sua GTO tinha sumido da entrada da garagem. Os pratos e roupas sujas ainda estavam todos lá.

Ela estava na metade dos pratos quando ouviu a batida na porta da cozinha. Abriu-a e Bonnie entrou como um trem de carga. Deveria tê-la atropelado se ela não tivesse pulado para fora do caminho.

- Garota, você está de fato tentando ser a mulher mais estúpida do planeta ou só aconteceu dessa forma por acidente? Meu Deus, garota. Você teve aquele homem honesto e decente que a amou e queria se casar com você. Qual é o problema, tem medo de que possa ser feliz?

- Isso vem acontecendo há meses, Bonnie. Por que vir para cima de mim agora?

- Eu só ouvi agora. Você convenientemente se esqueceu de me contar. Acontece que você apenas não tem telefonado à sua madrinha desde outubro. Que coincidência. Tenho novidades para você, garota. Se não telefona para sua madrinha por mais do que quatro meses, você não tem uma.

Arlene respirou fundo, inclinando-se sobre a calma restante. Sua pressão sanguínea vinha subindo ultimamente. Serviu dois copos de café e colocou-os sobre a mesa da cozinha.

- Então por que eu tenho esta dama em minha cozinha, gritando comigo?

- Você não me quer aqui, eu poderia ir com mais calma.

- Eu quero você aqui, Bonnie. – Ela se sentou na frente do próprio copo e pôs as mãos no rosto. A vida estava exigindo demais dela. Iria fugir a qualquer minuto. Podia sentir isto. – Eu só quero que me diga que ainda é minha madrinha. – As lágrimas queriam voltar. Provavelmente estaria cansada demais para impedi-las.

Bonnie sentou-se na frente de seu café. – Se você ainda estiver meio interessada em aceitar meus conselhos.

- Diga-me como desfazer todos os erros que venho cometendo.

- É um bom começo. Okay. Número um, junte todas as coisas dele e coloque-as no gramado.

- Porém ele está tentando, Bonnie. Realmente está. Ele está sóbrio e indo a todas as reuniões. Leva um tempo para mudar, você sabe disso.

- Garota. Diferente de você, eu vou a todas as reuniões que realizam nesta cidade, todos os dias. Se ele estivesse indo às reuniões, você não acha que eu saberia?

- Ele diz que está indo.

- E você só é estúpida o bastante para acreditar. Quer saber onde ele tem estado? – Algo a respeito do modo como Bonnie falou lhe dizia que ela detinha algum tipo de carta. Arlene não queria ver a face daquela carta. Ela tentou responder, mas nada veio a sua mente. – Vagabundeando no Stanley's.

- Quem é Stanley?
- Acorde, garota. Stanley's, o bar. Em Camino.
- Ele tem bebido?
- Com a ex-esposa. Cheryl qual-seu-nome.

- Você está inventando isso. – Havia um zumbido em seus ouvidos, como um suave choque, e a sensação de torpor a acompanhando. Um bocado de mentiras numa cidade pequena; aquela era apenas mais uma. – Como diabos você poderia saber afinal? Você nunca vai a bares.

- Eu e Loretta temos que passar e fazer alguns contatos em doze-passos. Eu não conheci o sujeito como Adam, porque não é como se eu o tivesse visto em qualquer reunião ou algo assim. Loretta contou-me quem ele era. Ela não quis lhe contar. Agora, você está pronta para colocar as roupas daquele idiota lá fora no gramado?

Arlene tomou fôlego e tentou descobrir o que sentia. Sabia que deveria estar pronta agora. Eles tinham lhe dado um golpe bem baixo. – Se for verdade.

- Eu lhe diria se não fosse verdade?
- Vou apenas perguntar a ele direto na cara.
- Oh, certo. E ele vai lhe contar toda a verdade.
- Verei o que ele diz.
- E se ele diz uma coisa e eu digo outra? Então, em quem você irá acreditar?

Arlene dobrou os braços sobre a mesa e deixou a cabeça cair dentro daquele berço escuro. Não foi nem de perto suficientemente confortante. – Eu não acho que ele faria isso comigo, Bonnie.

- Por que não? Ele sempre fez isto antes. E você sabe o que eu sempre digo...

- É, é, claro, Bonnie. Se nada muda, nada muda. Se você sempre faz o que sempre fez, então vai sempre receber o que sempre ganha. A loucura é fazer a mesma coisa repetidamente e, toda vez, esperar por um resultado diferente. Eu estou cheia até os ouvidos com pequenos lemas, Bonnie. Não me fez nenhum bem. Eu realmente estraguei tudo, não?

Silêncio e, então, ela sentiu a mão de Bonnie em suas costas. – Irei apenas deixá-la digerindo este bom pensamento por algum tempo.

Arlene ouviu a porta da cozinha se fechando. Ela não se incomodou em levantar a cabeça.

Naquela mesma noite, Arlene encontrava-se sentada no sofá, assistindo TV com Trevor. Assistindo aquele programa chamado Weekly News em Revista – que nunca achou de todo fascinante afinal – e com os pensamentos em outro lugar. Ela sabia muito bem o que Ricky lhe diria quando mencionasse Cheryl Wilcox. Ele diria a Arlene que ela não lhe deu nenhuma escolha. Que se o quisesse em casa, deveria ter lhe dado um pouco mais para ficar.

Estava pensando que deveria ter conversado com Bonnie a respeito do sexo. Deveria ter tentado explicar que ela não conseguira fazer funcionar com ele agora. Eles tiveram, é claro, fizeram, mas não funcionou realmente para ela. Havia algo a respeito. Algo... sem coração talvez. Sim. Talvez aquelas fossem as palavras. E Bonnie teria dito, “É, bem, tudo muda”. Mas não era uma mudança. Era apenas como sempre havia sido entre eles. A única coisa que tinha mudado foi ela. De qualquer modo, nada daquilo importava agora. Ela voltou a atenção ao programa.

- Isso pode ser interessante. – disse Trevor.

- O quê? Eu perdi o que ele falou.

- A história a seguir é sobre como a violência das gangues está para se tornar uma coisa do passado. Porque, algo assim, uma pessoa veio com uma idéia para mudar tudo.

- Desculpe-me. Eu esqueci de prestar atenção.

- É como o que eu estava tentando fazer. Só que não com gangues. Só, você sabe. Uma pessoa mudando tudo.

Nesse momento, o programa foi para o comercial. Ela ouviu o barulhento motor da GTO de Ricky na entrada da garagem. Seu coração pulou. Alcançou o controle remoto e desligou a TV.

- Vá para o seu quarto agora, querido.
- Eu queria assistir a esse programa.
- Sinto muito, querido. Isto é importante. Eu tenho que ter uma conversa particular com seu pai.

Ele deixou a sala como lhe foi dito. Quando Ricky cambaleou sobre a porta aberta, ela teve certeza que ele tinha bebido. Estava tentando esconder o fato. Talvez tenha sido assim que ela soube. Ele estava tentando esconder demais.

- Precisamos conversar, Ricky.
- Agora não, querida. Vou tomar um banho quente.
- Isso é bom. Faça isso.

Enquanto ele tomava banho, ela empacotou todos os pertences dele, que na realidade não eram muitos, e enfiou-os na GTO. Deixou-lhe um par de jeans, uma camiseta e um par de meias que largou na pia do banheiro.

- Não preciso disso, querida. Vou direto para a cama.
- Ótimo. Vou telefonar a Cheryl e dizer-lhe que você já vai estar lá. Direi a ela para arrumar a cama. – E ela o fez.

Ricky vestiu-se e foi embora sem dizer uma palavra e, o que era notável, sem problemas.

CAPÍTULO 23

CHRIS

O número 0800 tocava diretamente em sua casa. E tocava e tocava. Tocava intermitentemente, no meio da noite, rangendo em seu sono. As pessoas que telefonavam pareciam surpresas, pelo menos tão surpresas quanto Chris. Elas murmuravam que tinham esperado uma secretária eletrônica, um correio sonoro ou algo assim. A maioria queria mais informações a respeito do show que tinham visto anteriormente naquela noite. Ninguém parecia ter uma informação. Todos pareciam querer. As seis da manhã, ele desistiu, tomou um bule de café e observou o telefone. Não tocara durante horas. Serviu-se de uma pequena dose de brandy, sentindo que merecia aquilo de algum modo ao invés de sono. E paz – ele queria paz. Pensou naquilo como uma paz artificial. Mas precisava mais do que uma pequena dose de paz, então se serviu de outra. Dez minutos antes das nove, o telefone tocou novamente.

A pessoa do outro lado da linha disse: - Eu quero falar com a pessoa responsável por aquele estúpido programa de reportagens da noite passada.

- Bem, – disse Chris - o negócio é que você é. – Ele ouviu o silêncio na linha.

- Oh. Eu sou?

- Sim. Você é. Meu nome é Chris Chandler e eu escrevi, produzi, pesquisei e de outro modo reuni aquela história.

- Bem, é um pedaço de lixo, cara.

- Todos são críticos. – Ele tomou um longo gole de brandy. Aquilo estava ajudando-o a se sentir mais relaxado.

- Eu não consigo acreditar que você comprou esse papo furado a respeito daquele sujeito. Sidney G. Cara. Ele é um cuzão. É um completo mentiroso.

- De fato, eu não compreí.

- Você não comprou?

- Não.

- Você não acreditou que ele pensou na coisa toda?

- Não.

- Então por que fez aquela história estúpida?

- Bem, é algo assim. Eu sei que ele é um mentiroso, mas que bem faria dizer isto? Eu não tenho nada para me guiar. Realmente não sei. Estava esperando que alguém que, de fato, sabe de algo me ajudasse a chamá-lo de mentiroso. – Chris não se sentia inclinado a acreditar que tinha tal pessoa na linha ou, subitamente, que provavelmente teria.

- Bem, eu sei de algo e digo que ele é um mentiroso.

- Você sabe onde ele conseguiu essa idéia?

- Sim. Ele pegou de mim.

Oh, certo, garoto. Estou vendo. A idéia não foi toda de Sidney G. Ele é só um cuzão mentiroso. Você pensou na coisa toda. Você merece todo o crédito. – Okay. Então, você é o verdadeiro herói e eu deveria fazer um show a seu respeito?

- Não, eu não pensei nisso. Eu somente paguei adiante. Encontrei aquele idiota sendo surrado até a morte, atrás de um bar em Atascadero, e salvei o traseiro dele. Eu contei a ele sobre o Movimento.

Chris sentiu um pequeno comichão atrás das orelhas. Atascadero. Stella disse que Sidney escondia-se em Atascadero quando as coisas ficavam quentes demais. Mas ele não mencionou aquilo na história, de fato, propositadamente não o fez porque não queria que Sidney soubesse que tinha falado com Stella.

- Uh. Sabe, uh... qual é seu nome?

- Matt.

- Matt. Desculpe-me, Matt, se eu estava sendo um pouco rude. Estive conversando a noite toda com pessoas que sabiam menos do que eu a respeito disso tudo. Então ouça, não acontece de você saber como esta coisa começou, sabe?

- Apenas que não começou com aquele cuzão do Sidney G.

- E você sabe quem pagou adiante para você?

- Bem, sim. É claro que sei disso. O nome dela era Ida Greenberg.

- Espere. Espere só um segundo, okay, Matt? Eu tenho que pegar uma caneta. Tenho que pegar um bocado de informações antes que você desligue. Não desligue, okay?

Chris sentou-se por um momento, assando, junto ao meio-fio. Atascadero era quente, inacreditavelmente quente. O sujeito que lhe alugara o Ford disse que aquilo era fora de época, como se de alguma forma ajudasse. Chris alugara o Fairmont no aeroporto de San Luis Obispo. Sentiu-se encaixotado e estranho, como se o carro fosse algo que seu pai iria dirigir. Não possuía ar-condicionado.

Ele checou o endereço novamente, aquele que o vizinho da Sra. Greenberg tinha lhe dado. Supostamente, o endereço de um filho, o único herdeiro sobrevivente. Ele desligou o motor e caminhou até a porta. Bateu. Esperou. Bateu. Ouviu o som de um pequeno motor acelerando, como um cortador de grama elétrico. Ele não conseguiria dizer se o som vinha do quintal dos fundos ou da casa vizinha. Deu a volta até os fundos e olhou por sobre a cerca de madeira antiga. Um homem, em seus quarenta anos, cortava a grama. Vestia uma camiseta branca sem mangas e jeans apertados que faziam com que suas entranhas e partes íntimas se destacassem num repugnante relevo. Pêlos escuros sobressaíam sob o colarinho e as barras da camiseta.

Chris imediatamente não gostou dele. O homem não parecia ser alguém que mantinha um obsessivamente cuidado jardim, mas foi o que Chris viu. Canteiros de flores cobertos de lascas, rosas aparadas e amarradas. Nem uma única folha de erva-daninha no gramado. Parecia que aquele sujeito podia cuidar do quintal, mas não dele mesmo. Ele gritou “Olá” algumas vezes, mas não conseguiu se fazer ouvir acima do rugido. Inclinou-se sobre a cerca e esperou, sentindo o suor brotar de sua nuca e escorrer pelas costas.

Quando o homem finalmente viu Chris pelo canto do olho e ergueu a vista, ele acenou com os braços. O homem parou e desligou o motor, deixando apenas um eco de zumbido nos ouvidos de Chris e uma silenciosa recepção.

- Estou procurando por Richard Greenberg. Por acaso você seria ele?

O homem enxugou a testa com as costas da mão e aproximou-se da cerca. Não parecia estar com muita pressa. – Meu nome é Richard Green.

- Oh. Talvez eu tenha recebido a informação errada. Estou procurando pelo filho de Ida Greenberg, Richard.

- É. Okay. Você o pegou. O que quer?

- Eu só queria lhe fazer algumas poucas perguntas.

- Sobre o quê?

- Sobre sua falecida mãe.

Richard bufou. – Não é exatamente meu assunto favorito.

- Por quê?

- Tenho minhas razões.

- Porque ela não te deixou nada?

- Que diabos você sabe a respeito disso? Ei, quem é você afinal? É algum tipo de amigo dela? É, certo. Ela me deixou liso quando morreu. Deve saber disso. Deixou-me um dólar. Deixou o resto de seu seguro de vida para estas pessoas que mal conhecia. Esse é o tipo de excelente senhora que minha mãe foi. Que diabos você quer saber e por quê?

- É sobre isso que eu queria conversar. O testamento dela. E quanto a casa? Era a proprietária?

- Era dela e do banco. Ela me deixou numa fria, vou te contar. Um desprezível e miserável dólar. Agora eu tenho que viver sobre a garagem desse sujeito e limpar seu

jardim para que me dê um tempo no aluguel. O que é algo irônico. Porque acho que a razão de ela ter me renegado foi porque estava zangada comigo por não ter feito seu jardim. Imagino que isso seja como a vingança de Ida. Que diabos você tem a ver com isso?

- Sou apenas um repórter procurando por uma história. Parece que ela estava passando algum tipo de... não tenho certeza de como explicar. Como uma corrente de cartas, mas com atos ao invés de cartas.

- Eu não sei nada a respeito disso. Não tenho idéia do por que ela fez o que fez. – Ele se virou rapidamente e começou a voltar para o cortador de grama.

Chris enfiou a mão no bolso e tirou a fotocópia que Matt fez e lhe deu quando da sua chegada. A carta. – Vou te contar por que ela disse que fez isto.

Richard voltou-se. – Disse a quem?

- Uma das pessoas para quem ela deixou o dinheiro. Nesta carta.

Ele se aproximou novamente. – Aquela senhora maluca dos gatos?

- Não. O garoto da mercearia.

- Oh, certo. Aquilo foi tão esperto. Que tapa na cara. Eu tenho sido o filho dela por mais de quarenta anos. E esses dois pequenos puxa-sacos adolescentes empacotam suas compras e ficam com o meu dinheiro. – Ele arrancou a fotocópia da mão de Chris. – “Não confio que ele usaria do modo correto.” Essa é boa. Cristo. Eu teria investido em comida. Isso é mentira. Ela estava irritada sobre o jardim. – Jogou a carta no ar. As páginas flutuaram sobre o gramado ainda não cortado. – Eu disse que faria. Ela finalmente pagou algum garoto para fazer. Ela disse que não pagou, que ele fez de graça. Certo. Garotos adoram fazer isso. Ela estava obcecada com aquele jardim. Nunca me amou tanto quanto aquilo. Eu tenho que terminar aqui. – E afastou-se da cerca de novo.

- Com licença. Posso ter minha carta de volta?

Richard ignorou-o e puxou a corda do cortador de grama; o barulhento motor pulou para a vida. Chris pulou a cerca e escalou-a, resgatando a carta pouco antes que Richard pudesse passar por cima dela e a retalhasse.

- Você conversou com a senhora do abrigo de gatos?

- Sim. Ela realmente não conhecia a Sra. Greenberg muito bem.

- Eu não a conheci de verdade tampouco. Apenas passava as compras dela pelo scanner. – Terri estava parada no beco atrás da mercearia, acendendo um já meio-fumado cigarro com um isqueiro descartável. – Eu sei, não deveria fumar. Estou tentando largar. De verdade. É por isso que fumo apenas metade por vez.

Chris sentou-se sobre o traseiro com as costas contra a parede de tijolos do prédio, os olhos fechados contra o calor e a luz. Uma leve brisa soprou e mesmo a brisa era quente. Ele deu de ombros ligeiramente. – Eu não disse nada.

- Não. Eu sei que não disse. Não sei. Desejava poder ajudá-lo.

- Vocês conversavam quando ela aparecia?

- Muito pouco. Ela normalmente reclamava a respeito de sua artrite. Era gentil, no entanto. Eu faço soar como se ela não fosse. Mas era. Ninguém gosta de ouvir alguém se queixar a respeito de doenças e dores. Mas imaginei que ela tinha que conversar com alguém, sabe? Era solitária. O marido tinha morrido. Então, eu ouvia. Agora estou feliz por tê-lo feito. Quero dizer, por oito mil dólares, ela poderia ter me contado sobre cada dor que já teve.

- Você se lembra da última vez em que a viu?

- Alguma coisa. Ela estava de bom humor.

- O que ela disse?

Terri deixou a cabeça pender para trás e fechou os olhos. Soprou a fumaça no calor pesado. Ela sacudiu a cabeça. – Foi há tanto tempo atrás, sabe?

- Okay. Eu compreendo. Olhe, estou no Motel Six. Talvez mais um outro dia, talvez dois. Eu não sei. Talvez esteja desperdiçando meu tempo e deva ir pra casa. Mas se você pensar em qualquer coisa. Se lembrar de qualquer coisa. Dê-me um telefonema, OK?

- Claro, tudo bem.

- E se pensar em algo mais tarde... – Ele entregou-lhe um de seus cartões.

Ela leu, guardou-o no bolso da camisa e apagou o cigarro com a sola do sapato.
– Acho que meu intervalo acabou. Sinto muito se não fui de muita ajuda.

- Você ajudou tanto quanto qualquer outra pessoa – disse ele, e caminhou de volta ao seu forno alugado.

Ele encontrou a casa dela. Aquilo foi fácil. A parte difícil era explicar a si mesmo por que se incomodou. A casa de uma mulher morta não era útil para contar muito de uma história. O sol mergulhou no horizonte, amenizando o calor do dia, mas apenas um pouco. Ele parou em frente à casinha azul-escura e admirou o jardim. Perfeitamente arrumado. Alguém novo devia estar morando ali agora.

Bateu na porta; nenhuma resposta. Afundou no topo do degrau da varanda e começou a se sentir cheio. Sua motivação para ir embora se escoou. Poderia ir jantar, mas não estava com fome. Por que voltar para o motel quando não conseguia dormir?

Um menino desceu a rua pedalando uma velha e pesada bicicleta, entregando os jornais da tarde. Ele não jogou um na casa da Sra. Greenberg. Talvez o banco ainda estivesse a segurando. Mas bancos não mantinham o trabalho no jardim. Mantém? E talvez quem quer que estivesse morando ali não pegasse os jornais da tarde.

Ele tirou seu Mastercard do bolso da camisa e fitou-o. Bateu-o contra o joelho. Chris usara-o ao máximo, então transferiu o saldo para um Visa com uma taxa melhor. E jurou cortar este no meio para não duplicar seu débito. Mas não o fez. Ao invés disso, usou-o para uma passagem de avião, um motel e o aluguel de um carro. E para quê?

Uma mulher saiu da casa do outro lado da rua para buscar o jornal. Chris pulou de pé. – Com licença – chamou ele e correu. Aquilo pareceu alarmá-la. – Com licença, posso apenas lhe fazer uma pergunta a respeito da casa do outro lado da rua?

- A casa da velha Sra. Greenberg?

- Certo. Você a conhecia bem?

- Não muito. – Ela cruzou os braços, descruzou-os, puxou nervosamente o vestido caseiro. – Meu marido acha que não devemos ser muito amigáveis com os vizinhos.

- Alguém está vivendo na casa agora?

- Não, ainda não foi vendida. O banco a possui.

- Quem está mantendo-a tão bem cuidada?

- Eu realmente não saberia dizer. Se você me der licença.

Ela virou-se para a porta e fechou-a rapidamente. Chris respirou fundo e voltou à varanda da Sra. Greenberg. Ele ficou de pé e olhou através das janelas da frente. Lençóis cobriam a mobília. Tudo parecia revestido com uma fina camada de poeira. Tombou sobre os degraus novamente.

Deveria ir para casa. Sabia disso agora. Ele não poderia entrevistar uma mulher morta e, mesmo que pudesse, para onde aquilo o levaria? Alguém pagara adiante a ela. Talvez não soubesse o nome da pessoa. Talvez fosse parte da décima segunda geração ou da 112^a. Mesmo que fosse o melhor repórter investigativo do maldito planeta inteiro, o que não era, nunca conseguiria rastrear todo o caminho de volta até suas raízes. Não sem algum tipo de registro escrito.

O garoto jornaleiro voltou e largou a bicicleta no perfeito gramado da Sra. Greenberg. Caminhou na direção de Chris. Chris esperou, imaginando se o garoto estaria dirigindo-se a ele ou teria algo a dizer, mas ele pegou um desvio para o quintal ao lado. Quando passou, Chris viu que o menino carregava um saco de ração para gatos. Quando voltou, tinha um par de tesouras para poda.

- Oi – disse Chris ao vê-lo passar.

- Oi. – O garoto começou a podar a sebe que servia como cerca contra a propriedade vizinha. Para começar, ele não parecia maltrapilho.

Quando o garoto chegou mais perto com seu serviço, Chris disse: - Você é quem está mantendo este lugar arrumado.

- É.

- Quem te paga para fazer isto?
- Ninguém.
- Por que faz então?
- Eu não sei. É só porque – ele franziu o cenho e concentrou-se no trabalho por um momento. Então levantou a vista e disse: - Acho que ela não gostaria de ver isto aqui todo desmazelado novamente. Eu não sei se ela pode ver. O que acha?
- Sobre o quê?
- Você acha que quando alguém está morto ainda pode olhar aqui para baixo assim?
Chris lutou com a pergunta por um instante, então sacudiu a cabeça. Ele nunca realmente assumiu uma posição no que acreditava àquele respeito. – Eu acho que não. Mas não tenho certeza.
- Não, eu não tenho certeza também. Imagino que é melhor estar seguro.
- Então, você a conheceu.
- É.
- Você a conheceu bem?
O garoto parou seu trabalho, deixou a tesoura pender em sua mão e coçou o nariz. – Não realmente bem, eu acho. Costumávamos conversar.
- Sobre o quê?
- Oh, eu não sei. Coisas. Futebol. Este projeto que eu estava fazendo para a escola. Ela ia me ajudar com ele. Mas então ela morreu.
Chris levantou-se para ir embora. Ele poderia conversar com cada ser humano naquela cidade e não iria topar com ninguém que realmente soubesse. Mas tinha que tentar mais uma vez porque, pela manhã, ele sabia agora, estaria voando para casa.
- Você por acaso não saberia nada a respeito do testamento dela?
- O que dela?
- O testamento. Por que ela deixou dinheiro para certas pessoas.
- Oh. Esse tipo de testamento. Não. Eu nem mesmo sabia que ela tinha um testamento.
- É. Não imaginei que soubesse. Bem, adeus.
- Vejo você por aí.
Ele sentou-se no carro por alguns minutos, observando o garoto trabalhar. Pensando que era estranho para um garoto daquela idade trabalhar quando tinha a morte como desculpa perfeita para dar o fora dali. Então, perguntou-se se a Sra. Greenberg estaria olhando lá de cima.
Se você está, pensou ele, que tal uma pista? Que tal me deixar ver algo por aqui? Mas tudo que viu foi um garoto podando a cerca viva. Ligou o motor e foi embora.

Do Diário de Trevor

Eu ainda acho que nem uma única pessoa sequer pagou adiante. Acho que foi uma idéia estúpida. Só que acho que a Sra. Greenberg teria pago. Se pudesse.

E Reuben quer pagar. Eu sei que ele quer. Mas não consegue pensar em nada que seja tão grande. Aqui está a parte que ninguém parece estar entendendo. Nem mesmo tem que ser grande. Quero dizer, não realmente. Quero dizer, pode só parecer grande. Dependendo de para quem você faz.

CAPÍTULO 24

REUBEN

Reuben chegou em casa da escola as quatro e quinze. Trevor bateu em sua porta às quatro e meia.

- Onde está Miss Liza?

- Na cozinha, comendo. Acabei de alimentá-la. Foi por isso que veio, Trevor? Para ver o gato? Ou quer discutir algo?

- A segunda opção. – Reuben deu um passo para trás e abriu a porta. Trevor entrou e empoleirou-se no sofá. – Se não se importa.

É claro que ele se importava, considerando os possíveis assuntos. – É claro que não, Trevor. Você sabe que é sempre bem-vindo aqui.

Miss Liza veio correndo da cozinha e pulou no colo de Trevor. – Uau. Ela deve ter ouvido minha voz. Huh?

- Você deveria estar lisonjeado, Trevor. Você é mais importante para ela do que a comida.

Enquanto ele batia papo, Reuben tratou de um sentimento vazio dentro do peito, familiar, mas mais pronunciado do que o normal. Pensou que ainda teria Trevor, poderia ser sempre seu amigo, mas não funcionou exatamente daquele modo. Faria-o ter o garoto por perto, e Trevor parecia notar isso. As visitas diárias à casa de Reuben haviam diminuído. Da última vez, ele disse que viera apenas para visitar o gato e não permaneceu por muito tempo. – O que tem em mente, Trevor?

- Eu estava apenas me perguntando se você ainda vai pagar adiante. Acho que não tem que exatamente fazer. Do modo como funciona. Só pensei que talvez. Apenas me perguntei.

Reuben respirou fundo e afundou em sua cadeira. Às vezes, quando o impulso de chorar surgia e tomava conta, parecia vir por trás de ambos os olhos, como um antigo traço de memória. – Eu pensei a respeito, Trevor. Ainda acho que o faria se pudesse. Apenas não sei ainda o que poderia fazer por alguém. Estou tendo momentos difíceis com isso.

- Eu conheço alguém que precisa de algo.

- É alguém que eu conheço?

- Sim. Minha mãe.

- Tenho certeza de que seu pai pode ajudá-la, o que quer que seja.

- Ela o expulsou. Além do mais, ele não conseguiria ajudá-la com isto. É algo que ninguém mais poderia fazer a não ser você.

O peito de Reuben ardeu. Ela o expulsara. Aquilo tornava tudo melhor ou pior? – Olhe, Trevor. Eu realmente respeito o trabalho que você fez com este projeto. E vou fazer minha parte para mantê-lo seguindo em frente. Algum dia. Com alguém. Mas o modo como as coisas estão entre sua mãe e eu...

- É, foi o que ela disse. Disse que você está zangado. Mas eu pensei, isto faz as coisas ficarem realmente boas, sabe? Porque deve ser algo grande. Você sabe. Uma grande ajuda. E se você ajuda alguém que realmente quer ajudar, então não é tão grande. Sabe? Mas se está zangado com minha mãe e a ajuda. Isso seria uma coisa grande.

Seus dedos coçaram a parte de trás de ambas as orelhas de Miss Liza, e ela se inclinou para mais perto, ronronando, os olhos meio fechados. Reuben levantou-se e caminhou até a janela, necessitando estar tão próximo quanto possível de qualquer outro lugar. Seu ouvido bom zumbiu e ele não conseguiu imaginar por que deveria. Como se estivesse num longo túnel, ele se ouviu dizer: - Sinto muito, Trevor. Não estou certo de que eu seja um homem grande o suficiente para fazer algo assim.

O rosto de Trevor toldou-se com o desapontamento. O gato pulou de seu colo e correu de volta para a cozinha. – Você não quer nem mesmo saber do que é que ela precisa?

Mais bom gosto com homens, pensou, mas é claro que não disse aquilo. – Talvez seja melhor se apenas falarmos sobre qualquer outra coisa.

Trevor deu de ombros. – Eu não tenho mais nada a dizer.

- Conte-me mais a respeito do que disse antes. Você falou que ela o expulsou.

Ele deu de ombros novamente. – Não há muito que dizer. Eles continuaram brigando. Alguns dias atrás, ela disse a ele para dar o fora. E ele o fez. Acho que vou para casa.

- Eu te dou uma carona.

- Nah. Tenho minha bicicleta lá fora.

- Eu não me importo. Vamos colocá-la no bagageiro.

- Acho que sim. Vou dizer adeus à Miss Liza.

Eles dirigiram-se à casa de Arlene em silêncio. Por que sugerira levar o garoto de volta para casa? Ele indagou-se durante todo o caminho até lá. Se realmente não queria vê-la, e de verdade não queria, por que não deixou simplesmente Trevor pedalar até em casa do modo como sempre fazia?

Ele quis perguntar a Trevor se sua mãe estava em casa ou no trabalho, apenas para se preparar um tanto, mas não conseguiu se forçar a dizer as palavras. Estacionou do outro lado da rua. O carro dela não estava na frente da casa. Um banho de alívio e desapontamento atingiu-o, combatendo-o, com Reuben como o infeliz campo de batalha. Desligou o motor e eles ficaram ali sentados por um minuto, silenciosamente, ouvindo um estranho, intermitente, som de batidas, como uma série de pequenos acidentes de carro. Parecia estar vindo de algum lugar por perto.

- Eu me pergunto o que é isso – disse Reuben, ausente. Ele não se sentiu particularmente motivado para guiar para longe dali.

- Vou ver. – Trevor saiu do carro, deixando a porta do passageiro aberta e deu alguns passos. Parou do lado oposto da garagem de sua casa, com as mãos nos bolsos. Então voltou e sentou-se no carro ao lado de Reuben. – É minha mãe. Está arrebatando os restos da caminhonete com um bastão de beisebol.

Uma onda de frio torpor golpeou profundamente as entranhas de Reuben. Seu ouvido começou a zumbir novamente e, dessa vez, ele pôde ouvir o próprio sangue numa torrente em sua cabeça, como o oceano numa concha marinha. – Eu pensei que ela não estava em casa.

- Não. Ela está em casa.

- O carro dela não está aqui.

- Quebrou. Agora ela tem que pegar o ônibus para ir trabalhar. Acho que é por isso que está tão furiosa com aquela caminhonete. Ainda tem que pagar por ele. E agora tem que pegar um ônibus para dois empregos. Ela teve que voltar para as noites no Laser Lounge.

- Desde que expulsou seu pai?

- Não. Desde o começo. Ela nunca realmente conseguiu muito dinheiro ou qualquer coisa. – Os feios sons metálicos de suas pancadas pontuaram as palavras e silêncios. – É meu bastão de beisebol também. Cara, aquela coisa nunca mais vai ser a mesma.

Eu desejava poder fazer o mesmo, pensou Reuben. Aquilo o fez impaciente e explosivo, sentindo o quanto tinha que descarregar. - Você quer que eu compre um carro novo a ela, é isto?

- Não. Não é isso.

- Você quer que eu dê caronas de casa para o trabalho às três da manhã? Suponho que é uma hora perigosa para se pegar um ônibus.

- Eu nem mesmo acho que os ônibus rodem assim tão tarde. Não, Harry, o barman, lhe dá uma carona para casa.

Pancada. Pancada. Sempre o som de metal. Nenhum vidro se quebrando. Reuben tentou recordar se a caminhonete ainda possuía vidros. – O que então?

- O que o quê? – Trevor parecia distraído pelo barulho também.

- O que sua mãe precisa que somente eu posso fazer?

- Para você lhe dar outra chance. Ela sabe que realmente estragou tudo. Sabe disso agora. Ela fez isto um bocado. Estragar tudo. Você sabe, como ver uma coisa boa e uma coisa ruim, e escolher a ruim. Ela não é estúpida. Ela sabe. Eu não sei por que mamãe faz isto se sabe. É só uma coisa que ela faz. Ela diz que você nunca vai perdoá-la. Mas eu imaginei que, bem, você poderia. Seria realmente uma coisa grande. Mas você poderia. Se quiser fazer algo realmente grande. Por alguém. Quero dizer, eu me lembro que você certa vez me perguntou como fazer algo realmente grande assim. Lembra? E eu disse, bem, você apenas tem que olhar ao redor. E encontrar alguém que precisa de algo. Então, ela precisa. Precisa de algo. Só achei que você quisesse saber.

O interior do carro zumbiu com a ausência de palavras. As pancadas continuaram lá fora. Reuben podia ouvir a respiração de Trevor. Ele quis abraçar o garoto porque sentiu sua falta, mas nada se moveu. – Eu sinto muito, Trevor. Não posso.

- Okay.

- Sinto muito.

- Okay. Ela disse que você diria isso.

- Você conversou com ela a respeito?

- Não exatamente. Ela só disse que você estava zangado e nunca a perdoaria. Mas eu disse que ela devia perguntar. Mas não vai porque sabe que você vai dizer não. Então, eu perguntei.

- Eu sinto muito, Trevor.

- Okay. Que seja.

O som de pancadas parou subitamente. O silêncio pouco familiar pareceu estranho e atordoante. Trevor saiu do carro sem dizer adeus. Tirou a bicicleta e atravessou a rua. Reuben esperou e observou até Trevor fechar a porta da frente atrás de si. Ligou o motor. Ao cruzar a entrada da garagem, ele freou o carro ligeiramente. Ele não disse a seu pé que fizesse isso, mas aconteceu.

Arlene estava parada com o bastão de beisebol sobre o ombro, ofegante e suada. Ela levantou os olhos e imediatamente o viu. O bastão caiu com um som oco na entrada da garagem. Reuben pisou fundo no acelerador. O pequeno motor afrouxou e então acelerou. Pelo espelho retrovisor, ele a viu parada no meio da rua. Ouviu-a gritar seu nome. - Reuben. Reuben, espere.

Ele virou a esquina, embora tivesse sido melhor ter ido direto em frente.

De Aqueles que Conheciam o Discurso de Trevor

Ela me disse, mais tarde, que tentou ligar. Disse que telefonou todos os dias depois daquilo e que eu não atendi. Eu pensei, como ela sabia que eu estava em casa e não atendendo? Por que não poderia estar fora? Ninguém nunca pensou em mim como alguém que poderia apenas estar fora.

Bem. Eu não diria que estava saindo muito na época. Mas não fiquei lá, só sentado e deixando o telefone tocar. Eu nunca fiz isto. Não sei por que ela pensa que fiz particularmente.

Talvez tenha sido durante a época em que eu estava tendo problemas com meu telefone.

Ele deitou de costas na cama, fingindo assistir ao noticiário das onze. O gato deitou-se enrolado sobre seu peito, tornando difícil para respirar fundo, mas ele não o moveu. O telefone tocou e, enquanto o alcançava, o gato saiu de cima, deitando

na cama. Ao pegar o receptor, ele já sabia quem era. Ele nem mesmo disse alô. Apenas segurou o fone perto do ouvido, como se isto pudesse ser perigoso.

- Reuben, por favor, não desligue.

Ele desligou. Quando tocou novamente, ele ergueu o receptor e deixou-o sobre a mesa de cabeceira. Levantou-se e caminhou até a sala de estar, apenas para se certificar de que não ouviria nada se algo fosse dito. Andou de um lado para outro por um instante, mas aquilo o fez se sentir embaraçado, por estar nu e exposto mesmo na privacidade de seu lar. Voltou para o quarto e encontrou Miss Liza farejando o receptor. Pegou-o e ouviu Arlene falando uma série de frases ofegantes, nenhuma das quais ele compreendeu.

Arrancou o fio da parede e atirou o telefone pela janela do quarto. Pensou que aquilo o faria sentir-se melhor, como bater numa caminhonete depenada com um bastão de beisebol. Provou-se frustrante, no entanto.

Agora, ao invés de ser um homem nu e embaraçado parado em seu quarto sozinho, com sua vida solitária, ele era tudo aquilo com uma janela quebrada. E com um vento quente soprando em seu corpo nu. E sem telefone. Ele devia saber que não era do tipo que descarregava.

CAPÍTULO 25

ARLENE

Trevor tinha ido passar a noite na casa de Joe. Arlene encontrava-se sentada em casa sozinha, pensando em como iria até a casa de Reuben se tivesse um carro. Talvez assim tivesse coragem de até mesmo bater em sua porta. Se ela tivesse um carro. O que não tinha. E o fato de não ter fazia com que se sentisse furiosa. Mas seus braços doíam e tremiam do último ataque à carcaça daquela velha besta na entrada de sua garagem. Quanto ainda poderia suportar dos dois? E não era realmente culpa da caminhonete, ela tinha que admitir. Que diabo estivera pensando ao co-assinar o contrato daquela coisa novinha enquanto tinha que dirigir aquele horrível e velho Dodge Dart? Não era de admirar que ela tivesse certeza de que Ricky voltaria mais cedo ou mais tarde. Que amor de negócio.

Então ela ficou ainda mais furiosa, pensando naquele belo item de colecionador, a GTO que ele dirigia. Toda reconstruída desde a base, com brilhantes rodas cromadas, uma nova dianteira e diferenciais, e aquelas enormes, novinhas em folha, rodas monstro. Como ele ousava sair dirigindo aquela coisinha nova e deixá-la com os pagamentos daquela caminhonete que ele totalizara?

Ali estava ela numa noite de folga do Laser Lounge, e nem mesmo podia ir a algum lugar. Sem forças de sobra nos braços para bater ou quebrar qualquer coisa, com toda aquela fúria transformando-se num problema. Havia um bar em Camino há apenas uma curta distância. Mas ela deve não ter querido tomar aquela rota porque telefonou para Bonnie em casa.

- O que foi agora?

- Céus, Bonnie. Eu me meto em encrencas se não telefono e, então, você não parece contente quando o faço.

- Eu não disse que não estou contente. Só estou esperando para ouvir em que encrenca se meteu agora.

- Na realidade, nada. Apenas que meu carro morreu.

- Então você está pensando em tomar um drinque.

- É. Mas não é por isso.

Bonnie deixou a quietude envolvê-las, dando a Arlene o tempo que ela precisava para reunir e resumir tudo. Mas pareceu um pouco complicado agora. Ela estava furiosa com Ricky. Certo. Bonnie provavelmente diria, "Duh, você e todo mundo que tenha cruzado o caminho dele". Mas realmente explicou da melhor maneira que pôde. Como ela ficava furiosa ao pensar nele passeando por aí com Cheryl naquele belo carro, deixando-a com aquela carcaça velha para pagar. Voltando para casa e dizendo que ficaria sóbrio e seria aquilo que sempre deveria ter sido para ela e, então, voltando a ser aquele mesmo velho crápula, e agora era tarde demais até mesmo para ter Reuben de volta.

Bonnie ouviu em silêncio até a parte a respeito de Reuben. Então disse: - Bingo.

- Eu falei algo esperto?

- Acho que você acabou de dizer o que realmente está te comendo por dentro. Mas eu não consigo entender. Você está furiosa com Ricky. Tão furiosa que quer feri-lo muito. Então, você vai entrar num bar e jogar fora um ano limpo de sobriedade. Cara, isso vai lhe dar uma lição. Toda vez que der um soco, garota, vai quebrar seu próprio maxilar.

Arlene suspirou. Esperou que as lágrimas surgissem, mas elas não vieram. De algum modo, apenas não vieram. Suspirou novamente e decidiu que se sentia um bocado mais esclarecida.

- Nah, eu não vou, Bonnie. Você sabe disso. Se eu fosse fazer isto, não teria telefonado para você.

- Eu sei. Você só precisava desabafar.

- Sinto-me um pouco melhor agora.
- Ligue novamente se quiser.
- Talvez amanhã. Esta noite, eu acho que vou dar uma volta até Cheryl e emprestar o ouvido de Ricky. Dar-lhe um gostinho do por que estou furiosa.
- Se isto ajudar, vá em frente. Você sabe malditamente bem que não irá ajudá-lo.

Bem na hora em que estava deixando a casa, ela percebeu que não despachara a espingarda de Ricky. Tinha começado a se sentir um pouco mais tranqüila e centrada, então a levou consigo. A distância era mais longa do que recordava. Não parecia certo, ela ter que ir a pé, ser aquela com dois empregos, caminhando, mas tinha que seguir este pensamento até o fim.

Cheryl atendeu a porta de roupão e, então, quase a fechou novamente; Arlene pôde notar aquele pequeno reflexo. – Tarde demais para mudar de idéia agora – disse Cheryl.

- Oh, eu não mudei. É só que Ricky tem algo que me pertence e eu tenho algo dele. Só quero fazer uma troca. Então estaremos todos quites.

Uma voz vaga e familiar chamou do quarto. – Quem é, querida?

- Não importa – respondeu Arlene, empurrando-a. – Eu direi quem é.

Ela entrou no quarto com Cheryl a seguindo de perto e encontrou-o na cama, os lençóis cobrindo sua cintura. Era uma noite quente e não parecia mais fresca na cama de Cheryl.

- Arlene, que diabos?

- Vocês caras vão dormir mais cedo, huh? Bem, eu não vou ficar para bater papo. Onde estão as chaves da GTO?

- Por quê? Por que pergunta? Eu não gosto de ninguém dirigindo meu carro, você sabe disso.

- Bem, isto não importa agora, Ricky, porque não é seu carro. Você o está dando para mim.

- O inferno que estou. Eu construí aquele carro desde o fundamento. É meu bebê. Maldição, de modo algum, Arlene. De onde, infernos, você saiu?

Cheryl deu um pequeno empurrão no ombro de Arlene e disse: - Saia daqui, inferno, ou vou chamar a polícia.

Arlene abriu o estojo da espingarda. Foi capaz de fazê-lo rapidamente porque deixara o cadeado em casa. Era seu cadeado afinal. Virou-se, não tanto para apontar a arma para Cheryl, mas é claro que apontou para onde Arlene virou.

- Vá em frente e faça isto então, Cheryl. Eles são malditamente lentos e isso não vai levar muito tempo.

Ela voltou-se para Ricky novamente, que se arranjou para encostar contra a cabeceira da cama. – Aqui foi de onde eu saí, Ricky. Você me passou uma conversa para ser a fiadora daquela caminhonete. Você jurou sobre sua honra que nunca me desapontaria. Então você a totalizou, me deixou trabalhando em dois empregos para pagá-la e conseguiu outra coisa realmente boa. Agora, você tem duas escolhas. Pagar cada centavo que me tirou por aquela caminhonete ou me dar a maldita GTO.

Ele levantou a mão com gestos lentos e calmos, como que para hipnotizar a violência dela. Mas Arlene não estava realmente se sentindo violenta. Apenas estabelecendo as coisas às claras.

- Abaixе a arma, baby, e podemos conversar.

- Eu acho que teremos uma conversa melhor desse modo. Sabe, Ricky, eu costumava me sentir tão mal por você quando me contava histórias a respeito de todas as mulheres em sua vida que tentaram matá-lo. Como a sua primeira esposa que apontou uma arma carregada em seu rosto ou quando Cheryl jogou um cobertor sobre você e bateu-o com um bastão, ou aquela no meio que lhe puxou uma faca. Eu pensei comigo mesma, pobre Ricky. Ficando confuso com todas essas mulheres malucas. Mas, sabe, eu realmente compreendo agora. Pegue um pedaço de papel, você pode escrever uma nota de venda para mim.

Ele tombou até uma gaveta da mesinha de cabeceira para pegar um pequeno bloco de mensagens. Cheryl jogou-lhe uma caneta. Arlene não a ouviu chamando a polícia nem se importou se ela o fez. Esta era apenas uma boa e calma transação de negócios. – Então eu estou lhe vendendo minha GTO.

- Malditamente correto.

- Decidiu por quanto?

- Um dólar e outras considerações valiosas. Não tente colocar o número de licença errado. Eu não sou tão estúpida para verificar.

- Quais são as outras considerações que vou receber?

- Acho que seria considerável de minha parte não atirar em você. Não acha?

Ele baixou a cabeça e concentrou-se numa lufada de rabiscos, então lhe passou o papel, entregando-o cuidadosamente, pronto para pular pra trás. Ela leu os rabiscos.

- Você se esqueceu de assinar.

- Ah, é. – Ele assinou e devolveu o papel.

- Onde estão as chaves?

Ele torceu o nariz por um momento, quase resmungou como um garotinho e, então, disse: - Melhor pegar as chaves para ela, Cheryl.

Arlene pegou-as em seu caminho para a porta. – Obrigada. Aqui está a espingarda de Ricky. Agora estamos todos quites. Oh, espere. Eu esqueci. – Ela cavou um dólar do bolso e jogou-o no chão da sala de estar. Deixou a arma nos braços de Cheryl e dirigiu-se ao seu novo carro.

Gostou dele. Era algo como veloz. Uma bela pintura nova, de carro de corrida, embora talvez laranja não fosse a ideal. Uma beleza sob o capô. Ela teria que trocar aquele velho conjunto de amortecedores de vidro, é claro, para que o maldito mundo todo não tivesse que ouvi-la chegando.

Pelas costas, ela ouviu Ricky dizer: - Maldição. Eu realmente adorava aquele carro.

Ela sentou no banco do motorista e ligou o motor. Sentiu o estrondo debaixo de si enquanto ajustava o assento para encaixar as pernas. Antes que pudesse mudar a marcha, Ricky surgiu na janela com a espingarda e parou com as pernas firmadas, furioso, apontando e mirando através da janela para sua cabeça.

- Saia agora mesmo, Arlene, estou falando sério. Devolva-me aquela nota de venda e ninguém sai ferido.

Ela baixou o vidro até a metade. – Oh, eu esqueci de te contar. Não a mantenho carregada. E não trouxe de volta quaisquer cartuchos. Eu os comprei, lembra-se?

Através do brilho avermelhado das lanternas traseiras, ela desfrutou do olhar no rosto dele por um instante, então Ricky desapareceu na escuridão da noite. No passado.

Ela parou na loja de autopeças em Camino, que ficava aberta até as nove, e comprou um daqueles negócios parecendo um bastão para o volante. Então saiu para dar uma volta, apenas pelo prazer de dirigir. O carro tinha um bocado de potência. Levaria ela para qualquer lugar.

Arlene estava começando a se sentir um pouco melhor. Não tinha nenhum lugar especial para ir, então guiou até a casa de Reuben. Uma luz brilhava no quarto e o carro dele encontrava-se estacionado em frente. Ela circulou o quarteirão e passou por ali novamente.

Na terceira viagem, ela parou e desligou o motor, ficando apenas sentada por algum tempo. Olhando. Pensando numa época em que era bem-vinda ali e poderia ter batido na porta e entrado. Pensando em como o gato costumava esfregar-se em seu queixo para acordá-la, e como estariam casados agora e poderiam ter reunido seus recursos financeiros para que ela tivesse um carro novo. Ele teria ajudado, ela sabia que sim. Aquele era somente o tipo de homem que Reuben era.

Algo grande e pesado instalou-se em seu peito. Sentiu mais e mais dificuldades para respirar. Depois de algum tempo, ela guiou para casa. Colocou aquele tipo de

bastão no volante e travou-o para a noite. Ele poderia voltar para pegá-lo. Mas ela poderia comunicá-lo como roubado se Ricky o fizesse. Ela possuía uma nota de venda, toda acertada e legalizada.

Diria ao policial, “Eu exigi meu dinheiro pela caminhonete, mas ele não pôde pagar, então eu disse que pegaria a GTO. Ele assinou e passou-a para mim. Não tinha que fazer isto, sabe. Ninguém apontou uma arma para sua cabeça.”

Então ela se lembrou que Ricky tinha duas ordens judiciais pendentes naquele estado, e sentiu-se muito melhor a respeito de suas chances de encontrar o carro na garagem pela manhã. Ela tentou ligar para Reuben, mas ele não atendeu ao telefone. Não era tão tarde. Como ele poderia saber que era ela? Tentou deitar e dormir, mas nada aconteceu. A não ser os pensamentos que rodavam em sua cabeça, como todas as coisas que tinha dito à Reuben pelo telefone na noite passada, quer estivesse ouvindo ou não. Levantou, vestiu-se novamente e verificou o carro, que ainda estava lá. Dirigiu até a casa de Reuben mais uma vez e ficou ali sentada por uma hora. De um jeito ou de outro, ela soube que era hora de se mexer quando viu as luzes se apagando. Ir até lá ou voltar para casa. Não adiantaria nada ficar ali, apenas sentada, a noite toda.

Com o coração batendo forte em seus ouvidos, ela caminhou até a porta dos fundos e bateu. A luz do quarto se acendeu novamente. A porta abriu e Reuben ficou parado na entrada, de roupão. Ele não parecia zangado. Parecia maior e imponente. E mesmo assim, de alguma forma, vulnerável, como se não conseguisse mandá-la embora mesmo que ela tivesse que ir a pé.

- Pensei que você ia ficar sentada lá à noite toda – disse.

- Você sabia que eu estava lá?

- É claro que sim.

- Como sabia disso?

- Seu amortecedor me fez olhar pela janela. Ou a falta dele. Onde conseguiu aquele carro?

- É uma longa história.

- Você deixou Trevor sozinho em casa? – Ela sentiu o cheiro de uma insinuação de julgamento, como se ele estivesse a acusando de ter perdido quaisquer modos ou bom senso que ele ajudou a encontrar.

- Ele está passando a noite na casa de um amigo.

- Oh. – Ele deslizou as mãos para os bolsos do robe e eles ficaram ali, parados por um momento, ambos fitando o chão. – Por que a porta dos fundos? – ele perguntou, depois de algum tempo.

Mas aquela era uma pergunta que ela não poderia exatamente responder. Se fosse chamada a adivinhar, ela diria que tinha algo a ver com vergonha, mas não estava ansiosa para se informar exatamente do quê.

- Eu te amo, Reuben. – Ela permitiu que as palavras ecoassem entre eles até que aquilo ardesse. Esperou que ele dissesse algo, talvez até mesmo algo gentil. Mas ela não poderia somente esperar por tempo demais. – Acho que é tudo o que vim dizer. Eu sei que isto não muda realmente o que aconteceu. Mas queria que você soubesse. Não acho que tenha feito isto antes alguma vez. Mesmo embora seja verdade. De qualquer forma. Eu só queria dizer isso agora.

Ele tirou as mãos do bolso e deixou-as pendentes ao longo do corpo. Seu queixo levantou-se ligeiramente. Disse: - Eu notei que você não se sentiu compelida a dizer isto até que tivesse terminado com ele. – As mãos aproximaram-se da beirada da porta, induzindo-a a acreditar que seria melhor ela falar rápido antes que ele batesse a porta na sua cara.

- Porém não foi por causa disso, Reuben. Eu sei que parece desse modo, mas não é. Quer saber por quê? É por causa daquela vez em que você levou Trevor para casa. E passou pela porta da garagem e diminuiu a velocidade. Quase parou. Até aquele momento, eu pensava que terminantemente você não falaria comigo. Depois daquilo, eu soube que parte de você queria falar comigo e parte não. – Ela estremeceu ligeiramente, esperando que a porta batesse, mas a mão dele baixou mais uma vez. –

Eu sei que você não me perdoou, Reuben. Não espero que o faça. Mas alguma pequena parte sua deve sentir minha falta, certo? Deus sabe que eu senti a sua.

Ela alcançou sua mão direita pendente, e Reuben permitiu que a segurasse. Ele fitou seu rosto por um minuto, embora isto parecesse feri-lo. A luz não era boa, vindo na maior parte por trás dele, e ela não tinha certeza de sua habilidade para ler seu rosto. Ela sorriu, esperando que Reuben pudesse ver, esperando que não estivesse prestes a chorar. Segurando firmemente a mão dela, ele afastou-se e puxou-a para dentro.

O sol da manhã batia forte na cabeceira da cama de Reuben, como ela se lembrava. Ela abriu os olhos e viu-o acordado, observando-a. Quando Arlene sorriu, ele se afastou.

- Ei. Você está bem? – Ele não respondeu. – Fale comigo, Reuben.

- Isso provavelmente foi um erro.

- É, bem, é apenas sua opinião.

Ele levantou-se e começou a se vestir. Suas cicatrizes pareceram melancólicas sob a luz brilhante do dia e, no momento em que insistiu numa distância entre eles, deve ter descoberto isto porque se vestiu rapidamente.

- Ótimo – disse ele. – Você me pegou de surpresa no meio da noite. Eu a deixei entrar. As coisas foram acontecendo. Agora eu acho que você pensa que tudo o que aconteceu são águas passadas. Bem, não são.

Ele sentou-se na beirada da cama, o rosto virado, como se isto fosse a única coisa que lembrava de como fazer. Ela aproximou-se do lado dele na cama e sentou-se. Inclinando-se sobre as costas dele, Arlene tentou abraçá-lo. Seu corpo se enrijeceu, resistiu.

- Não, está bem? Apenas vá para casa agora, Arlene.

Ela pôde ouvir em sua voz que ele estava chorando e aquilo a surpreendeu. Ele nunca fez aquilo antes, tanto quanto ela sabia. Era uma fraqueza que ela atribuía apenas a si mesma. E Arlene sabia que Reuben não iria querer uma testemunha naquele momento. Então fez o que lhe foi pedido.

CAPÍTULO 26

CHRIS

Até Sally ter telefonado, ele não percebeu conscientemente o quanto sentira sua falta. Não se permitiu perceber. Ele permitiu, no entanto, que pairassem pequenos pestanejos nas margens de seus dias de trabalho, sombras periféricas, mas possuía meios para manter as coisas numa distância apropriada. Obsessão pelo trabalho, pelos exercícios, sono demais, sono de menos. Embebedando-se para dormir.

Mas então ela ligou e, com todas aquelas sensações, ele sabia que em alguma parte esteve lá o tempo todo. Ela perguntou como estava indo e Chris disse que estava bem, o que era uma mentira. Perguntou como estava indo a história e ele respondeu que não estava indo, se fora, um beco sem saída, uma pista fria, o que era verdade. Então ninguém disse nada por alguns dolorosos instantes, e ele convidou-a para jantar. Ela respondeu que saía para jantar todas as noites naquela semana, mas se ele fosse até seu apartamento, ela cozinharía.

Ele disse que a amava, o que era verdade, mas ela atrapalhou-se com isto por um instante, dizendo claramente que ainda se reservaria ao direito de julgar.

Foi depois do jantar, quando o telefone tocou. Ele estava sentado perto dela no sofá, pensando no quanto o cheiro dela era familiar. Talvez parte fosse seu perfume, parte apenas pele ou talvez sua pele cheirasse a perfume. Ele não tinha certeza. Estava pensando que um drinque seria ótimo, mas não disse aquilo. Então o telefone tocou e Chris rezou para que não fosse para ele.

Ela atendeu e seu rosto ficou sombrio. Cobriu o bocal com a mão. – Você distribuiu este número?

Ele sacudiu a cabeça. – Telefonema adiantado.

Quaisquer momentos que eles estivessem perto de obter desapareceram do horizonte dele. Sabia disso. Partiram-se no ar entre ambos e ele sentiu.

- É uma moça, para você.

- Não é o que está pensando.

Ela lhe passou o fone e deixou a sala. Chris sentou-se e respirou, segurando o receptor por um instante. Ele podia escutá-la na cozinha, mexendo os pratos na pia, um pouco mais alto e severo do que necessário. Ele sempre terminava sendo ele mesmo diante dela, com sua vida real visível demais e, então, tudo desabava. – Alô?

- Chris Chandler?

- Sim. Quem é? – Ele tentou não soar irritado, mas não deve ter funcionado.

- Terri, da mercearia. Você sabe. De Atascadero? Eu o peguei numa hora ruim?

- Uh, não. Está tudo bem, Terri. O que foi?

- Bem, você disse para ligar se eu me lembrasse de algo. É só que provavelmente isto pode não ser muito. Provavelmente não é nada. Mas eu pensei em algo. Aquela última vez em que a vi? Lembrei a respeito do que ela estava de tão bom humor. Lembro que disse a ela que o jardim parecia realmente ótimo. E o rosto dela ficou como que iluminado. E ela disse, “O garoto da vizinhança fez tudo aquilo”. Ela me falou o nome do garoto, mas eu esqueci agora.

Chris esperou em silêncio por um momento, desejando, contando com algo mais. O jardim havia sido importante para ela. Ele já sabia daquilo.

- Bem, eu disse que provavelmente não era nada.

- Não, estou contente que tenha telefonado, Terri. De verdade. Se pensar em qualquer outra coisa...

- Bem, é isto, eu acho. Por agora. Apenas que ela estava toda feliz a respeito do jardim.

- Apreciei que tenha ligado, Terri. Realmente.
- Bem, eu não quero abusar de minha conta telefônica. Tchau.

Ele desligou o telefone, piscando lentamente, e a viu parada na porta da cozinha. – Oh, Deus, Sally, não é o que você está pensando. Não estou vendo ninguém. Era somente uma daquelas pessoas que entrevistei sobre aquela história.

Ela não se mexeu. Chris imaginou se ela acreditara nele, se acreditaria, se teria acreditado. Se ela realmente deveria.

- Estou tentando decidir se isso é melhor ou pior – ela respondeu. Mas então Sally sorriu, aproximou-se e sentou no sofá. Pegou o fone e tirou-o do gancho.

Foi apenas quando ele estava se aproximando da cama. Foi quando começou a atingi-lo. Camisa tirada, calças abertas, seguindo seu corpo nu como se estivesse preso a uma corda. Não tentando pensar a respeito de qualquer outra coisa, não percebendo que poderia haver outras coisas em que pensar. Surgiu no fundo de sua mente, na indesejável voz de Richard Greenberg, ou Green, ou qualquer que fosse o inferno de nome dele. Três frases ecoando quando menos as desejava.

“Disse que não o pagou, que ele fez de graça. É, certo. Garotos adoram fazer isto.” Ele empurrou as palavras para longe novamente. Sally puxou-o para si, a boca em seu pescoço. Mãos explorando suas costas nuas. Tão familiar, tão dolorosamente saudoso.

- O que há de errado? – ela perguntou.
- Nada. Não há nada de errado. Por quê?
- Você parece distante.
- Não. Eu estou bem aqui. Deus, senti sua falta.

Ele beijou-a. Richard estava certo. Ela pagou um garoto para cuidar do jardim. Ela deve tê-lo pago. O que não tinha relação com esta situação em absoluto. Inútil. Então ela estava feliz porque seu jardim estava arrumado. Não significava nada afinal. Uma de suas pernas deslizando por entre as dela. Como ele vivera sem aquilo por tanto tempo? Disse que não o pagou, que ele fez de graça. Um grande favor para um garoto. Para qualquer um. Que tipo de garoto faria aquilo de graça?

- Você não está exatamente aqui, Chris.
- Oh. Não estou?

Ele rolou para longe, de costas sobre a cama, e soube. Havia algo de religioso na revelação porque ele pedira a Sra. Greenberg por um sinal. Deixe-me ver algo. E durante todo o tempo estivera olhando direto para ele. Que tipo de garoto faria aquilo de graça? O mesmo tipo de garoto que continuaria fazendo aquilo de graça muito depois da senhora ter morrido.

Ele esteve procurando pelo próximo elo ao contrário e foi embora. Não deveria ter perguntado ao garoto se ele sabia algo sobre o testamento dela. Que modo estúpido de investigar. Por que o garoto saberia sobre o testamento? Por que deveria? Ninguém sabe como alguém vai pagar adiante. Ele deveria ter perguntado ao garoto jornalista se ele sabia algo a respeito do Movimento.

- O jornalista – disse ele, em voz alta.

Sally levantou-se e começou a se vestir. – Vá para casa agora, Chris.

- Eu sinto muito.
- Isto faz dois de nós.

Ele estava sentado na varanda da Sra. Greenberg. O clima não tinha mudado ou, se tinha, mudara de volta para quente em sua homenagem. A vizinha do outro lado da rua lançava-lhe de vez em quando olhares de esguelha através de sua janela na cozinha, como se pensasse que tinha que ficar de olho nele. Imagine o quanto ela acharia que sou louco, ele pensou, se soubesse que viajei três mil milhas para sentar aqui. Duas vezes.

Um entregador de jornais apareceu a pé, andando pela rota com uma mochila nos ombros. Um garoto ruivo com sardas. Ele embolou um jornal na casa vizinha. – Ei, garoto. – O menino congelou, parecendo em pânico. Não respondeu. – Eu não mordo.

- Eu não devo conversar com estranhos.
- Só quero saber o que aconteceu ao outro garoto.
- Que outro garoto?
- O entregador que estava aqui no mês passado.
- Ele ganhou o prêmio.
- Que prêmio?
- Melhor entregador do ano.
- Então, onde ele está?
- Ganhou a semana de folga com pagamento.

Oh. Droga. Chris pensou no cartão Mastercard quase no limite em seu bolso da camisa. Não o manteria ali por outra semana. O garoto ruivo tentava passar correndo por ele.

- Qual é o nome dele, você sabe?
- Trevor.
- Trevor do quê?
- Eu esqueci. – No mesmo nível com a calçada da Sra. Greenberg, o garoto correu e desapareceu no fim da rua.

Chris começou a andar na direção oposta. Passando pelo gramado vizinho, ele pegou o jornal por alguns instantes. Atascadero News-Press. Memorizou o endereço do escritório, na primeira página. El Camino Real. Uma onda de calor atingiu-o ao abrir a porta do carro alugado. Na hora em que encontrou o escritório, estava fechado para o dia.

Ele dormiu intermitentemente, após várias tentativas, e acordou depois das oito para o calor do dia já engrenado para puni-lo. Podia senti-lo juntando forças. Não conseguia lembrar-se de quando tinha comido pela última vez. Tomou o café da manhã no Denny's e procurou o escritório novamente. Vendeu-lhes uma conversa fiada a respeito de um prêmio nacional para jovens empreendedores. Eles deram o nome e endereço sem perguntas. Perdeu-se duas vezes tentando encontrar o endereço e, finalmente, parou para abastecer e consultar um mapa.

Quando Chris bateu na porta, passava das nove. Até o som na porta ter sumido, ele não se sentiu acordado suficiente para perceber que o garoto não estaria em casa. Crianças vão para a escola durante a semana. Uma pequena e bela mulher de cabelos escuros apareceu na porta.

- Estou vinte minutos atrasada para o trabalho. O que diabo estiver vendendo, eu não vou comprar. – Ela passou por ele até a porta da garagem e parou ao lado de uma GTO alaranjada anos 60, remexendo a bolsa, procurando pelas chaves, ele supôs. O carro estava estacionado atrás de uma caminhonete último modelo toda desmantelada e danificada, como se tivesse passado por uma chuva de meteoros.

- Merda – disse a mulher. – Deixei minhas chaves em casa.

- O que aconteceu com a caminhonete? Parece que alguém passou com ela por um cano de esgoto.

A mulher girou a maçaneta de sua porta da frente e então examinou-a, como se estivesse surpresa por não ter aberto.

- Merda. Eu me tranquei por fora. – Ela voltou-se para examinar Chris, como se o visse pela primeira vez. – Quem diabo é você e por que não está indo embora?

- Meu nome é Chris Chandler. Sou repórter. Estou procurando por Trevor McKinney.

- Ele está na escola. Onde diabo acha que ele estaria? E eu estou atrasada para o trabalho, trancada por fora e parada aqui falando com você, o que não me coloca de melhor humor.

- Você deixa qualquer janela aberta?
- Somente aquela lá em cima.

- Vamos. Eu te dou uma mão.

Ele entrelaçou os dedos e ofereceu as mãos como um estribo, colocando-se sob o que ele supôs ser a janela do banheiro. Ela pisou em suas mãos, surpreendentemente leve. Alcançou a janela e colocou os dedos sobre a grade, puxando-a com força, inclinando a armação. A grade caiu no chão em frente a garagem, estropiada e, imaginou, irreparável. Aterrissou ao lado da caminhonete, parecendo apenas um pouco usada em comparação.

Ela inclinou a parte de cima do corpo através da janela e ele içou-a para cima. Ela desapareceu. Alguns momentos depois, surgiu novamente destrancando a porta da frente.

- Então, onde fica a escola de Trevor?

- Estou atrasada para o trabalho.

- Você estaria um bocado mais atrasada se eu não estivesse aqui.

- Eu não teria me trancado por fora se você não tivesse me distraído no último minuto.

- Novamente onde é a escola?

- Que diabo você quer com meu filho?

- Quero apenas lhe fazer algumas poucas perguntas. A respeito de uma Sra. Greenberg.

- Eu não conheço nenhuma Sra. Greenberg.

- Ele conhece.

- Com tudo que sei, você poderia ser um seqüestrador ou pervertido. Eu tenho que ir.

Ela pulou no assento baixo do carro, lutou brevemente com uma trava no volante, ligou o motor e acelerou. Os velhos amortecedores rugiram. Ela afastou-se sem nem mesmo um aceno de adeus, passando bem perto das pernas dele no caminho para sair da entrada da garagem.

Como se revelou, havia apenas uma escola ginásial na cidade afinal.

Chris parou na secretaria onde recebeu um crachá de visitante e instruções para a sala 203, na qual Trevor McKinney aparentemente estava escalado para chegar à aula de estudos sociais. Quando entrou na sala de aula, somente o professor estava presente. Chris fitou o rosto do professor por um prolongado momento e, então, desviou o olhar. Sentiu que precisava olhá-lo mais de perto, mas não ousou. – Chris Chandler – disse, aproximando-se para apertar a mão do homem, focalizando embaraçosamente a gravata dele. – Estou procurando por Trevor McKinney. Disseram-me que ele estaria aqui no próximo período. – Mostrou seu passe de visitante.

- Sim. Sente-se, Sr. Chandler. – O professor pareceu curioso, mas não fez quaisquer perguntas.

Chris não queria se sentar nas carteiras pequenas, mas numa espécie de regressão, sentiu-se compelido a fazer o que lhe foi dito. A sala pareceu pequena para ele. Perguntou-se se sua própria sala no ginásio teria sido maior ou se tudo era uma questão de perspectiva.

Ele fitou o rosto do professor novamente, e o homem levantou a vista, como se adivinhasse. Chris voltou os olhos para o quadro-negro como se tivesse planejado fazer aquilo o tempo todo. O quadro estava em branco, recentemente apagado, exceto por uma sentença em letras maiúsculas e ordenadas.

“Pense numa idéia para mudar o mundo e coloque-a em ação.”

- Aquilo é uma tarefa?

- Sim.

- Uma tarefa interessante.

- Pode ser.

- Algum estudante já mudou o mundo?

- Ainda não. Alguns deles tiveram boas idéias. Trevor, particularmente, teve uma muito boa.

Três alunos entraram e largaram os livros sobre as carteiras. Chris reconheceu o garoto entregador de jornais imediatamente. O menino devolveu-lhe o olhar.

- Lembra-se de mim? – perguntou Chris.

- Acho que sim.

- Da casa da Sra. Greenberg.

- Oh, é.

O garoto aproximou-se e parou junto da carteira onde ele se encontrava. – Eu acho que lhe fiz a pergunta errada – disse Chris. – Então, o que vou perguntar agora é isto: alguém fez um grande favor para você e é por isso que cuida do jardim da Sra. Greenberg de graça?

- Não. Ninguém me fez um grande favor.

- Você não sabe nada a respeito do Movimento?

O rosto do garoto permaneceu sem expressão. – O, o quê?

Chris sentiu algo afundar em suas entranhas. Outra dispendiosa viagem para lugar algum. Outro beco sem saída. Que bem teria feito afinal? Então o garoto poderia ter lhe dado um elo de volta. E tudo desabava novamente. Sua namorada estava certa. Era tudo uma obsessão para ele, nenhum pensamento ou bom senso, tudo frequentemente somava-se a nada. Ele se levantou para sair.

- Bem, adeus. – disse Trevor.

Chris transferiu seu peso de um pé para o outro e tentou novamente. – Seu professor contou-me que você teve uma interessante idéia para aquela tarefa. – Apontou para o quadro-negro. A sala estava se enchendo de crianças agora, uma sensação claustrofóbica.

- É, eu inventei essa coisa chamada “Pague Adiante”. Foi para a aula do ano passado. Ganhei a melhor nota. Mas quer saber? Foi um fracasso total.

Aquele formigamento atingiu Chris atrás das orelhas, uma sensação quente, ligeiramente atordoante. Ele sorriu.

- Talvez não tenha funcionado tão mal quanto você pensa – disse.

Do Diário de Trevor

Não existe, absolutamente, palavras para descrever o quanto isto é legal. O primeiro de tudo é que todos estão dizendo à minha mãe que grande mãe ela é. E todos dizem à Reuben que grande professor ele é. Então, eles dizem que sou um grande garoto, e eu digo, Nah. Não de verdade.

Quer dizer, qualquer um poderia ter pensado nisto. É tão simples. Às vezes eu penso, como pode ter funcionado? É tão espantoso. E outras vezes, eu penso, como poderia não ter funcionado? É tão simples.

A parte sobre acreditar nas pessoas realmente deve ser verdade. Eu aposto que é a parte que ninguém conseguiu entender até agora. Mas quer saber? Se eles querem dizer que sou brilhante e especial, que deixem.

Isto faz mamãe e Reuben felizes.

CAPÍTULO 27

ARLENE

- Está gravando isto, mamãe? – Arlene não apenas estava gravando como contava o número de vezes que ele perguntava.

- Sim, Trevor, como eu disse nas últimas seis vezes. – Mas não havia raiva ou impaciência genuína em suas palavras. Ela compreendia.

- Acho que precisamos de mais batatas fritas, mãe.

Arlene suspirou. Normalmente, ela teria lhe dito para se levantar e pegar mais batatas ele mesmo, pois suas mãos não estavam quebradas. Mas a avó dele estava ali, tendo guiado por todo o caminho desde Redlands para compartilhar desse momento. E Joe, Loretta, Bonnie e Evelyn, a irmã de Ricky e tia do menino, estavam ali. Reuben era um talvez, embora não tivesse aparecido ainda. E era um momento insubstituível, especial para o garoto, um momento único para Trevor, então Arlene supôs que conseguia compreender como ele não queria perder um minuto sequer do programa. Mesmo embora estivesse sendo gravado. Mesmo Chris tendo lhe prometido uma cópia profissional da versão do segmento. Mesmo o segmento ainda não tendo começado e todos estivessem assistindo com infinita e nervosa fascinação a uma história a respeito da reforma do bem-estar social, que os teria aborrecido até as lágrimas em qualquer outra noite.

Ela trouxe um saco fresquinho de batatas fritas da cozinha, e o show foi para os comerciais. Arlene empurrou as longas fitas de alguns balões de hélio para fora de seu caminho e atravessou o mar de corpos até o vídeo-cassete.

- Não desligue! – gritou Trevor, e todos pularam.

- Você quer os comerciais?

- Talvez eles voltem e digam algo sobre a próxima história.

- Okay, tudo bem. Não estou tocando. – Ela ergueu as mãos numa exagerada rendição.

Voltou à cozinha pra pegar outra cerveja para sua mãe e um refrigerante 7UP para Loretta. Empurrou a cortina da cozinha e observou a rua vazia, como se ela pudesse vê-lo chegar. Talvez ele estivesse apenas um pouco atrasado, pensou. Mesmo embora ele nunca tivesse se atrasado para nada em sua vida, tanto quanto Arlene sabia. Então ela ouviu o som da sala de estar. Um narrador falava a respeito de Sidney G. e da história que tinham apresentado antes. Como mais algumas informações vieram à luz. Quão satisfeitos eles pensavam que os espectadores ficariam ao ver o verdadeiro idealizador por trás dessa onda de bondade que ameaçava tomar conta do país com súbitas boas ações.

E então, eles disseram o nome de Trevor. Aquilo fez o estômago dela formigar. O nome de Trevor em rede nacional. Meu filho, ela pensou, e seus joelhos ficaram um pouco trêmulos ao voltar para a sala de estar. Por alguns instantes, ela se perguntou se era realmente justo chamá-lo de filho, mesmo embora ele fosse, porque sentia como se estivesse levando crédito por sua súbita fama. Realmente, ela não se sentia nem um pouco responsável. Por direito, qualquer filho dela seria uma criança comum e supunha que, de certa forma, Trevor fosse. O que fazia com que tudo aquilo fosse tão estranho e espantoso. – Mamãe, venha aqui, rápido! Começou!

Ela cambaleou até a sala de estar com a pouca ajuda daqueles joelhos. Na pequena tela, Trevor pedalava sua bicicleta pela rua da Sra. Greenberg, jogando jornais nos gramados. Trevor. Seu filho. Aquele mesmo que estava sentado no sofá, em nervoso silêncio, assistindo. Arlene tentou recordar se alguma vez conhecera alguém que esteve na televisão, mas ninguém surgiu em sua mente.

Aquela velha bicicleta parecia tão desgastada. Ela deveria ter lhe dado uma nova. Por que já não o tinha feito? Meu Deus, o que as pessoas pensariam? Ela

descansou ambas as mãos no encosto do sofá e sua mãe inclinou-se para colocar uma mão sobre as dela. Deu-lhe um gentil aperto e permaneceu lá. Foi um momento tão estranho que ela quase se esqueceu de assistir o show. Mas, de qualquer forma, estava sendo gravado e provavelmente ela teria que assisti-lo quatro ou cinco vezes antes de tudo terminar corretamente. A mão de sua mãe sobre as suas. Finalmente, em toda sua maldita vida, Arlene sentiu que devia ter feito algo que valera a pena.

Agora Trevor estava parado no quintal ao lado da casa da Sra. Greenberg, mostrando onde mantinha a ração dos gatos que ele comprava com seu próprio dinheiro, porque sabia que a Sra. Greenberg não iria querer que nenhum daqueles gatos extraviados perdesse sequer uma refeição na ausência dela. E o cortador de grama elétrico que ele usava para manter o gramado aparado, embora não fosse mais dela. E a vasilha de plástico para gasolina que ele tinha que prender ao guidão de sua bicicleta quando o cortador ficava sem combustível. E a maioria daquilo tudo era desconhecido para ela. Arlene estava descobrindo, junto com todo o país, o que seu filho fazia enquanto estava fora de casa. Trevor tinha uma vida e não lhe ocorrera antes, pelo menos não de maneira óbvia, que ele existia por conta própria, separado dela. Agora, o interior da sala de aula. Seu estômago contraiu-se à imagem de Reuben em frente ao quadro-negro. Em frente àquela sentença. A pessoa que começara tudo.

Ela se inclinou sobre o sofá e deu uma pequena cotovelada no ombro de Trevor.

– Ele disse que vinha?

- Huh?

- Reuben.

- Ele disse que ia tentar.

Subitamente, Arlene sentiu a necessidade de ir até a casa dele, ver se estava sentado, assistindo sozinho na cama, para evitar a companhia dela. Mas não pareceu certo estragar as festividades. Não na grande noite de Trevor. Dali a poucos minutos, quando o segmento terminasse, ela teria que estar ali para estourar a champanhe para os adultos. Bem, não para ela, Loretta ou Bonnie, mas para os outros crescidos. E o refrigerante de suco de maçã para Trevor. Apenas se pedisse, talvez Trevor pudesse dar alguns poucos goles de champanhe. Em honra à sua grande noite.

Talvez Reuben chegasse a tempo para as celebrações pós-programa. Reuben não chegou, no entanto. E Arlene não bebeu champanhe. Trouxe mais bebida e esperou por um momento a sós com Trevor, para que pudesse lhe dizer o quanto estava orgulhosa. Mas as companhias ficaram e o programa foi mostrado mais três vezes, com Trevor avançando o vídeo durante os comerciais. Entre a excitação e o meio copo de champanhe, Trevor adormeceu muito antes que o momento pudesse se apresentar como real.

Arlene acordou doente. O que não teria sido tão ruim se sua mãe não estivesse na casa. Sua mãe estivera dormindo no sofá-cama da sala de estar, ainda que o som de Arlene correndo para o banheiro tenha sido a primeira coisa que pareceu fazê-la sair do esconderijo. Aquele radar dela. Quando Arlene voltou para o quarto com o sangue todo drenado de seu rosto, lá estava sua mãe sentada ao lado da cama. Uma visão em poliéster. Mas Arlene voltou para a cama de qualquer forma. Era o quanto se sentia mal.

- Andou bebendo?

- Mãe, eu não tomo um drinque há mais de um ano. Sabe disso.

- Uma grande celebração na noite passada. Toda aquela excitação.

- Você esteve lá. Você me viu bebendo suco de maçã.

- Não sei o que fez depois que fomos para a cama.

- Meu Deus, mamãe. Você nunca dá uma afrouxada?

- Tudo bem, okay. Apenas perguntando. – Um longo, ressonante, silêncio. Arlene imaginou se deveria pedir à sua mãe que avisasse em seu trabalho que estava doente. Não, ela não era mais uma criança. Deveria fazer isso ela mesma. – Gripe estomacal?

- Como diabo vou saber, mamãe? Eu apenas acordei doente.

- Tem acontecido com frequência?
- Essa é a primeira vez que vi.
- Só pensei que poderia estar grávida.
- Nem mesmo pense nisto.
- Apenas perguntando.

- Faça-me um favor, mãe. Vá fazer o café da manhã para Trevor. Eu tenho que ligar para o trabalho avisando que estou doente. Tenho que descansar um pouco aqui.

Quando ela deixou o quarto, Arlene sentiu o ar lhe faltar de alívio. Se sua mãe não tivesse dito que voltaria para Redlands hoje, ela o teria sugerido.

Depois do telefonema, ela mergulhou de volta no sono, mas a náusea acordou-a novamente. Ao subir de volta na cama, Trevor apareceu para lhe dar um beijo de despedida. Sua avó estava pronta para levá-lo de carro à escola.

- Você é uma celebridade grande demais para pedalar sua bicicleta agora?
- Ah, mãe. Ela só quer me levar.
- Vamos comprar uma bicicleta melhor para você em breve.

Ele se sentou na beira da cama e ela partiu seus cabelos com os dedos, penteando-os para o lado. – Aquela que eu tenho está boa.

- Nah, você merece uma melhor. Apenas me sopre um beijo, okay? Não quero que fique doente.

- Eu te amo, mamãe.

- Estou realmente orgulhosa de você, Trevor. Tão orgulhosa que poderia explodir. Sabe aquele negócio sobre como todo mundo consegue quinze minutos de fama? Foi o quanto eles te deram naquele show, hein?

- Hoje a escola vai ser divertida de verdade. Eu aposto que Mary Anne Telmin nem vai falar comigo. – O rosto dele abriu-se num sorriso satisfeito. – Mamãe? – disse ele, ao sair em direção à porta. – Eu gosto de minha bicicleta, okay? De verdade.

Então ele lhe soprou um beijo.

Ela acordou, mais tarde naquela manhã, sentindo-se melhor. Então ligou para o trabalho avisando que estaria lá à tarde. Apenas que aquele não era um serviço que ela poderia se dar ao luxo de perder.

Mas, na manhã seguinte, ela sentiu-se mal de novo. De qualquer forma, arrastou-se para o trabalho. Tédio de baixo grau, imaginou, embora o chefe tenha lhe dito que talvez fosse stress. Arlene não conseguia imaginar com o que estava estressada, quando tudo na vida parecia espantosamente bom. Ela passou metade da manhã trabalhando, metade se perguntando se deveria ligar para Reuben, para ver se ele assistira ao programa. Como ele poderia ter perdido? Ou, pelo que importava, como poderia ter perdido assistindo com eles?

Quando chegou em casa do trabalho, sua mãe finalmente tinha ido embora. Mas deixara um bilhete junto ao telefone, naquela angustiante e perfeita caligrafia dela.

“Aquele sujeito repórter ligou. Precisa realmente falar com você. Ele quer pegar um vôo e vê-la pessoalmente. Algo que diz respeito à Trevor, alguma correspondência e outra coisa que não entendi totalmente, só que era sobre a Casa Branca com alguma honraria. Ligue para ele à cobrar, se quiser. Assim que puder. Talvez você devesse ver um médico. Pode ser uma úlcera. Talvez tenha herdado isso de seu velho.”

Amor, mamãe

Arlene respirou fundo e pegou o telefone. Graças a Deus, era sexta-feira e ela poderia acordar sentindo-se como o inferno por mais dois dias, e não importaria no dia do pagamento. Ela não achava certo ligar para Chris a cobrar. Aquilo a fazia sentir-se pobre, como uma indigente. O telefone tocou cinco vezes e, então, a secretária eletrônica atendeu.

- Aqui é Chris Chandler – respondeu a máquina. – Se for Arlene McKinney, estou a caminho do aeroporto para pegar um voo pra Califórnia. Desculpe-me por pegá-la de surpresa, mas nós realmente precisamos conversar pessoalmente. Todo tipo de coisas acontecendo. Eu prometi a você que não daria seu endereço e número de telefone, mas agora tenho todas estas mensagens importantes para você. Eles querem que eu comece as entrevistas para o programa Cidadão do Mês imediatamente. Você não tem idéia de quanto timing está envolvido nisso. Essa história pode não permanecer quente por muito tempo. Vejo-a pela manhã. Se for outra pessoa, por favor, deixe uma mensagem. Bip.

Arlene deu uma olhada no relógio e se perguntou se seu estômago agüentaria comida. Perguntou-se por quanto tempo os quinze minutos de fama de Trevor estariam destinados a durar.

A batida veio antes das oito da manhã. Arlene permaneceu deitada, imóvel, e ouviu os passos de Trevor correndo para atender a porta. Girou as pernas sobre a lateral da cama, meio pensando que não iria vomitar dessa vez. Seus pensamentos provaram-se otimistas demais.

No momento em que se arranjou para vestir as roupas e chegar até a sala de estar, Trevor já tinha quase se enterrado numa montanha de envelopes, abrindo-os como uma criança desembulhando os presentes de Natal. Chris levantou-se do sofá quando ela entrou na sala, mas Arlene acenou para que se sentasse novamente.

- Você não parece estar muito bem – disse ele.

- Não, eu estou bem. Apenas stress.

- Veja, mamãe. Eu recebi 419 cartas. E são apenas os dois primeiros dias. E não é só isto, mas Chris disse que a rede de TV quer gravar uma entrevista comigo para o Cidadão do Mês. Você sabe aquela coisa que eles fazem pro noticiário das seis? Bem, mês que vem sou eu. Eu vou ser o Cidadão do Mês! Legal, né? Chris vai te contar tudo a respeito. E nem é a melhor parte. Eu tenho que ir para a Casa Branca! O presidente me convidou. Para me conhecer. Eu!

Trevor parou para tomar fôlego. Arlene quis sacudir-se para acordar completamente. Provavelmente algumas partes daquilo estavam acontecendo e outras eram prováveis que não.

- A Casa Branca?

- É! Legal, hein?

- A Casa Branca?!

- É, o presidente quer me conhecer. E Chris diz que vai estar em todos os noticiários e todos os jornais. Eu apertando a mão do presidente!

Arlene desviou o olhar da expressão ofegante de Trevor para Chris. – Ele mesmo? – perguntou ela à Chris, que abriu a boca para responder, mas nunca conseguiu encontrar as palavras para entrar na conversa.

- Não, mamãe, você tem que ir também, porque é minha mãe, e Reuben foi convidado também, porque ele é o professor que nos passou aquela tarefa em primeiro lugar. Todas as despesas pagas. Vamos ficar no Washington Arms Hotel. Chris diz que eles têm um porteiro. E disse que alguém da Casa Branca vai vir nos buscar no aeroporto num carrão e levar para uma excursão pela cidade. Isso não é completamente o máximo?

- Você, eu e Reuben?

- É, isso não é completamente o máximo?

Pelo canto do olho, Arlene viu Chris sorrir timidamente. Uma viagem para Washington com Reuben. Alguém para quem ela nem ao menos conseguiu telefonar perguntando se viu a si mesmo na TV. Ela sentiu uma ligeira onda de náusea novamente e perguntou-se se conseguiria chegar perto do banheiro.

- Isso é bem legal, com certeza, Trevor. – Ela tentou soar sincera. Porque era legal, inacreditavelmente legal, até o ponto em que tudo aquilo ainda não assentou. Mas com Reuben...

- Lembra-se quando disse que todos nós devemos ter quinze minutos para sermos famosos? Chris disse que eu vou ter algo como horas. Cara. É melhor eu começar a responder algumas destas cartas.

Arlene pediu licença para ir ao banheiro, notando silenciosamente que mesmo as coisas mais legais podiam causar uma enjoativa quantidade de stress.

Do Diário de Trevor

Bem, esta é a última vez em que vou ter que escrever neste diário por algum tempo. Porque estou o deixando em casa. Céus, eu tenho um presidente para encontrar. Não vou ter tempo para escrever num diário bobo.

Mas, cara. Quando eu voltar. Cuidado.

Reuben diz que vou ter o resto de minha vida para escrever tudo que está prestes a acontecer comigo. Eu só espero que seja tempo suficiente.

CAPÍTULO 28

REUBEN

Eles pegaram um trem para Santa Bárbara e, então, um ônibus de serviço até o LAX, a única parte da viagem a vir de seus próprios bolsos. No trem, Trevor quis sentar-se à janela e pareceu apenas natural acomodar Arlene ao seu lado. Reuben terminou sozinho num banco atrás. Ele não conseguia ler num veículo em movimento, fazia com que se sentisse enjoado, então ficou sentado silenciosamente, observando a parte de trás de suas cabeças. Ele podia ouvir a interminável ladainha dos pés de Trevor batendo. O garoto estava elétrico por sons. Como Reuben supôs que o menino deveria estar, a caminho da Casa Branca.

Ele não pôde deixar de notar que Arlene, por sua vez, parecia relativamente uma estranha ou um tanto estranha, enquanto Arlene e Trevor juntos ainda se pareciam com sua família. Uma sensação esquisita que o deixou desconfortável, sem espaço para respirar. No aeroporto, Trevor falou com ele. E falou e falou. Intermináveis séries de ofegante especulação. Como o presidente se parecia, que vistas eles veriam. Teriam que passar através de um detector de metais ou mostrar identificação para entrar? Perguntou a Reuben várias vezes, de maneiras diferentes, se sua entrevista para o Cidadão do Mês foi bem. Então exibiu seu conhecimento da história da Casa Branca.

- Você sabia que houve um incêndio lá?
- Eu acho que devo ter ouvido algo a respeito.
- Foi por isso que eles a pintaram de branca.

Reuben achou que Arlene não estava ouvindo, mas ela deteve-se àquele comentário. – Você está inventando isto.

- Não, é verdade. Na Guerra de 1812. E em 1929. Acho que a pintaram na primeira vez. Está tudo bem chamá-lo de Bill?

- Quem? – perguntou Arlene, distraída.
- O presidente.
- Oh, Deus, não! Oh, meu Deus, Trevor, não se atreva. Nem mesmo pense a respeito. Você deve chamá-lo de Sr. Clinton, Presidente Clinton, Sr. Presidente ou apenas um simples “senhor”.
- E se eu conhecer Chelsea?
- Cruzamos esta ponte quando chegarmos a ela.
- Espero conhecer Chelsea. Ela é uma gatinha de maior.

No avião, Trevor optou pela janela novamente e Arlene sentou-se ao lado, o que colocava Reuben no corredor, ao lado dela. Parecia embaraçoso não conversarem, mas ele não o fez. Trevor olhou pela janela e Reuben apalpou a pequena caixa com o anel em seu bolso, perguntando-se novamente porque o havia trazido. Perguntou-se se ela saberia que ele trouxera; então entenderia que seu silêncio não era de frieza, ou não pretendia ser, mas ao invés disso uma trincheira que escavara para si mesmo? Uma trincheira que parecia apenas se aprofundar com seus movimentos. Talvez em algum ponto da viagem, ele pudesse dizer a ela para que soubesse por um momento, enquanto estavam fazendo as malas, que sentiu sua falta e seus pensamentos tinham sido bondosos. Mas aquilo parecia ser um grande passo para um homem que nem ao menos conseguia parecer discutir o tempo ou o itinerário deles. O vôo foi tranquilo, então ele pôde ler seu livro.

No aeroporto, um jovem rapaz de rosto simpático, em terno e gravata, segurava uma placa onde se lia “Grupo dos McKinney’s”. O homem, cujo nome era Frank, colocou as bagagens deles no porta-malas de um carro escuro americano e perguntou se queriam parar no hotel para se refrescarem. Arlene disse que aquilo soava

bem, mas Trevor pareceu tão abatido que eles perguntaram o que gostaria de ver primeiro.

- Coisas.

- Bem, este é o meu trabalho hoje – disse Frank. – Mostrar vocês três por aí, levá-los em segurança para o hotel e, então, estarei de volta amanhã pela manhã às nove horas em ponto. Levaremos vocês para uma pequena excursão pela Casa Branca até a hora de seu compromisso com o presidente.

- O que vamos ver primeiro? – disse Trevor. Ele e Frank pareceram ter formado um elo instantâneo, tirando Reuben e Arlene fora da jogada. E deveria ser assim, sentiu Reuben, porque aquele era o dia de Trevor. – O que vocês querem ver?

- O Monumento Washington, a Biblioteca do Congresso, o Memorial Jefferson, o Memorial Lincoln, o Smithsonian...

- Podemos não conseguir ver tudo isso hoje – disse Frank. – Mas tem amanhã de manhã. O que primeiro?

- O Memorial do Vietnã.

Reuben vacilou inesperadamente à menção do nome.

Caminhando pela alameda, aproximando-se do Memorial do Vietnã, Frank parou e endereçou-se à Reuben pelo nome. – Compreendo que você é um veterano.

- Eu sou.

- Eu não vou lhe dar o guia turístico comum. Notei que os veteranos nem sempre gostam disso. Você provavelmente sabe um bocado que eu não gosto. Deve querer um momento para ver isto por si mesmo.

Reuben engoliu um nó apertado em sua garganta. Até Frank ter lhe recordado, ele evitara focalizar as profundezas de seu próprio desconforto.

- Vamos esperar por você aqui durante um minuto, Reuben, e Frank pode me dar o guia de excursão. Eu não estava lá. – disse Trevor.

A risada polida de Frank ecoou em seus ouvidos enquanto caminhava em direção ao muro. O som de seus próprios passos pareceu reverberar maior do que a vida. Sete semanas no Vietnã. Então, uma semana para se estabilizar na instalação médica e um rápido vôo para o hospital estadual.

Os homens com seus nomes esculpidos naquela pedra de granito negra tinham sabido algo a respeito da guerra. Reuben sabia apenas o que via no espelho todas as manhãs. Talvez, pensou ele, aquilo não fosse o suficiente. Examinou o índice por algum tempo, procurando por um nome específico. Então se moveu ao longo da parede até encontrar o painel correto, refletindo uma época passada na guerra, e percorreu com os dedos os nomes até que encontrou Artie. Aquilo o chocou ligeiramente, por estar vendo a realidade daquilo, um pesadelo recorrente que subitamente tornou-se uma realidade provável. Ele estendeu a mão e traçou as letras com os dedos.

Um minuto ou uma hora mais tarde, ele sentiu Trevor em seu lado direito. Naquele súbito momento, na presença do menino, Reuben soube que seu orgulho ferido estava prejudicando Trevor tanto quanto Arlene, forçando-o a sacrificar demais em seu nome.

- Reuben, você sabe quantos nomes estão aqui?

- Cerca de 58 mil, eu acho. – Parecia estranho falar e ele percebeu que não o tinha feito por algum tempo.

- Cinquenta e oito mil cento e oitenta e três. Quem é Arthur B. Levin?

- Um antigo companheiro meu.

A voz de Arlene assustou-o, vindo por trás. – Trevor, talvez Reuben queira ficar sozinho.

- Não, está tudo bem, Arlene. De verdade.

- Talvez ele não queira falar a respeito de Arthur Levin.

- Não, está tudo bem. Ele apenas foi alguém que eu conheci durante o treinamento básico. Artie era provavelmente o sujeito mais votado para estragar algo. – Ele não

tinha certeza se estava contando isto à Trevor ou Arlene, ou ambos. – Na primeira vez em que Artie puxou o pino de uma granada, suas mãos estavam tremendo tanto que ele a deixou cair. Em relva alta. Ficou lá, escavando ao redor, como se pudesse encontrá-la para jogá-la. Eu sabia que ele nunca conseguiria encontrar a tempo. Ele explodiria a si próprio. Então eu corri e o agarrei, tentando levá-lo para uma área segura. Porém, era tarde demais.

- Ele morreu? – A voz calma de Trevor.

- Sim.

- Você ficou ferido, Reuben?

- Não consegui descobrir? – Silêncio. – Eu nem mesmo o conhecia bem. Apenas melhor do que qualquer um ali. Ele era a única pessoa no contingente que não era um total estranho. – Reuben sentiu os braços de Arlene rodearem sua cintura por trás. – Às vezes eu olho no espelho e penso, e se tivesse apenas corrido? Apenas me salvado? Artie teria somente morrido. E eu ainda me pareceria com o homem da fotografia. Só um pouco mais velho. – Mas olhando para o muro, ele teve que se perguntar. E se aquilo não tivesse acontecido e não tivesse sido mandado para casa? Seria um nome esculpido em granito agora?

A respiração de Arlene fez cócegas em sua orelha. – Este não é o tipo de sujeito que você é. Além do mais, você sempre se perguntaria. E se pudesse tê-lo ajudado?

- Ao passo que, desse modo, eu sei que não poderia. Trevor? Vá falar com Frank por um minuto.

- Está bem, Reuben.

Reuben voltou-se e abraçou Arlene. Nenhum dos dois disse nada por alguns minutos. Respirou fundo.

- Eu estive pensando um bocado, Arlene. Sou o tipo de pessoa que, quando finalmente se permite amar alguém, apenas vai fundo. Você sabe o que quero dizer? Eu sei que sim. Sei, porque você é da mesma forma. Então eu estava pensando. Talvez possa compreender aquela lealdade que você sentiu.

- O que você quer dizer? – Pelo tom da voz dela, ele compreendeu que Arlene sabia, mas não conseguia totalmente acreditar no que ele queria dizer.

- O que aconteceu com Ricky. Talvez eu deva me sentir sortudo por ter uma mulher assim. Porque, daqui a alguns anos, quando tivermos este mesmo tipo de história, eu sei que vou receber o mesmo nível de lealdade sua.

- Você está dizendo o que eu acho que está?

Ele colocou a pequena caixa de veludo na mão dela. – Veja só o que, por acaso, eu tenho aqui.

Ela respirou fundo, trêmula, com as lágrimas que surgiriam a qualquer minuto. – Você nunca o levou de volta para reembolso.

- Engraçado, não, como eu nunca fiz isto?

No momento em que eles voltaram para o hotel, Trevor dormira tão rápido que Reuben teve que arrastá-lo com um carregador até seus quartos. Isto é, para o quarto de Arlene e Trevor. Seu quarto era justo do outro lado do saguão. Reuben quis pedir à Arlene que compartilhassem de seu quarto, mas não pareceu certo deixar Trevor sozinho. Deram-se um beijo de boa-noite por um longo tempo, e Reuben disse que teriam muito tempo, o resto de suas vidas, para estarem juntos. Arlene sorriu e não disse nada, parecendo nervosa ou triste ou ambos.

Pela manhã, Trevor apareceu e disse que ela estava doente e vomitando no quarto, mas quando Reuben expressou preocupação, Trevor disse que aquilo acontecia o tempo todo. – É apenas stress – disse ele. – Só está nervosa.

Reuben certamente poderia relacionar ao nervosismo.

Eles estavam parados, ansiosos, sobre o carpete vermelho do salão principal. O Salão da Cruz, Trevor chamava-o, fitando o selo presidencial. Reuben

pensou que eles estavam encarando a parte frontal do prédio e a Avenida Pennsylvania, mas Trevor apontou rapidamente, indicando o pórtico sul que mostrava o Monumento Washington. Reuben desistiu de se orientar. No fim do saguão, o Salão Leste zumbia com a imprensa arrumando suas câmeras, o Serviço Secreto e o staff da Casa Branca. Frank perguntou a Trevor se estava nervoso e ele respondeu que não, uma mentira óbvia.

O presidente aproximou-se quase despercebido, cercado pelos agentes do Serviço Secreto e seu secretário de imprensa. A primeira vista, eles se pareciam com qualquer outro grupo. Reuben imaginou por que esperara por algum tipo de fanfarra. Alguns momentos mais tarde, o homem em pessoa separou-se do grupo e caminhou diretamente para Trevor, parecendo natural, amigável e de certa forma não-intimidante. Ele apertou a mão de Trevor.

- Você deve ser Trevor. Frank está tratando-o bem?

- Oh, sim. – disse Trevor, aparentemente imperturbável. – Senhor, quero dizer, Sr. Presidente Clinton, senhor.

Sr. Presidente Clinton sorriu e respondeu que Trevor poderia chamá-lo de Bill. Trevor virou-se e deu uma olhadela à mãe.

- A imprensa ainda está se organizando, então isto vai levar um minuto. Todos querem colocar isto nos noticiários, Trevor.

- Por mim tudo bem, Bill, senhor.

- Então, o que vocês conseguiram ver?

- Tudo.

- Do que mais gostou?

- A florada das cerejeiras. Não, espere. O Memorial do Vietnã. Foi o que mais gostei, porque minha mãe e Reuben ficaram noivos.

- Verdade? – disse ele, os olhos sorridentes se voltando para encará-los. Reuben sentiu-se emudecido e desejou poder manejar a situação tão suave e facilmente quanto Trevor o fizera. – Bem, meus parabéns.

- Amanhã é meu aniversário – acrescentou Trevor. – Cara, eu nunca mais vou ter outro melhor do que este.

- Bem, você tem todo tipo de coisas para celebrar.

- Sem brincadeira.

Um homem aproximou-se junto ao cotovelo de Clinton.

- Sr. Presidente, estamos prontos para começar.

Câmeras rodaram, enchendo o Salão Leste, e os filmaram com o Salão da Cruz como pano de fundo. O presidente permaneceu ao lado deles, atrás de um pódio, apertando a mão de Trevor. Reuben tentou parecer natural, mas as luzes o faziam querer olhar de esguelha e piscar, e entre aquilo e seus nervos, a cena toda parecia e surgia surrealista.

- Estou honrado por conhecê-lo, Trevor – disse o presidente.

- É, eu também – respondeu Trevor. – Quero dizer, estou honrado também. Fiquei tão feliz quando você venceu a eleição.

- Ora, obrigado, Trevor.

- Eu não acho que você tenha tido preces.

O maxilar de Reuben apertou-se. Em sua visão periférica, ele viu o rosto de Arlene tornar-se subitamente branco. O presidente inclinou a cabeça para trás e riu um grande, amigável e genuíno riso. Pequenas linhas ao redor de seus olhos enrugaram-se de divertimento. Uma leve comoção passou através do corpo de imprensa.

- Bem, Trevor, eu acho que ambos somos um bom exemplo do que acontece quando não se desiste dos sonhos.

- Sim, senhor, Bill, senhor. Eu acho que sim.

Trevor foi presenteado com uma pequena placa. Reuben não conseguiu ler de onde estava. Sentiu que suava profusamente, mas não queria enxugar a testa em frente às câmeras. O suor escorreu para seus olhos e ardeu. Ele ouvia cerca de uma de cada

três palavras do presidente. Algo a respeito de uma pessoa ser capaz de fazer a diferença, e uma referência às habilidades das crianças para nos liderar.

Reuben sentiu-se chocado e despreparado quando as atenções se voltaram para ele. Apertou a mão de Clinton sabendo que a palma de sua mão estava úmida. Ele assentiu humildemente quando o presidente disse que as crianças eram o futuro e professores como ele moldavam aquele futuro. Ele recordou-se de ter usado um bocado a palavra “senhor” e não se lembrou de muito mais do que isto.

Trevor sorriu para Reuben, como se tudo aquilo fosse uma festa de aniversário, muita diversão e sem tensões e, embora fosse difícil pensar por um momento, Reuben percebeu que não tinha sabido que amanhã era o aniversário de Trevor. Por que não soubera? Teria que comprar algo para o garoto.

No momento em que Reuben relaxou o suficiente para estar completamente presente, a visita estava terminada e Frank os levava de volta para o hotel.

- Isso foi tão incrivelmente legal – disse Trevor.

Reuben sentiu-se pesaroso por ter perdido. Consolou-se ao saber que aquilo estaria nos noticiários e sua mãe estaria gravando. Talvez ele pudesse ir com calma e ter uma visão melhor.

- Este tem sido o melhor e mais incrível dia – disse Trevor. – Você acha que vai haver um dia tão bom quanto este novamente, Reuben? Ou só se consegue um desses? Quero dizer, meu aniversário amanhã, o encontro com o presidente, e você e a mamãe se casando? Você acha que eu vou ter algum outro dia como este, Reuben?

Reuben na verdade não pôde responder, porque aquilo parecia ser improvável. Ele não conseguia se forçar a dizer para Trevor que ele deveria ter atingido o ponto alto de sua vida pouco antes de seu 14º aniversário. Trevor não permitiu que o silêncio o impedisse.

- Sabe, isso significa que eu só tenho mais um para fazer.

- Mais um o quê? – perguntou Arlene.

- Mais uma pessoa para ajudar. Eu tive a Sra. Greenberg e agora vocês dois. Isso me deixa apenas mais um.

- Você já fez o bastante, Trevor. Ele não fez, Reuben?

Reuben ainda estava ocupado imaginando se Trevor alguma vez igualaria este dia. – Eu acho que você pode se sentir orgulhoso pelo que já fez, Trevor.

- Talvez. Mas vou fazer mais um. Alguém vai precisar de alguma coisa, certo?

Reuben, Arlene e Frank tiveram que concordar que aquilo parecia uma aposta razoavelmente segura. Alguém sempre precisa de algo.

CAPÍTULO 29

GORDIE

Para Gordie, Sandy era um urso de homem. Um doce urso. De um lobo para um urso, pensou. Numa única e fácil lição. Nada raivoso ou perigoso. Não este tipo de urso. Apenas grande, robusto e um tanto peludo, com uma aparência não refinada que subjugava suas roupas conservadoras. Ele conheceu Sandy na Alameda do Capitólio. Sandy tinha quase 42 anos, o que lhe dava um quarto de século a mais sobre Gordie, mas aquilo não importava muito afinal. Sandy dissera a Gordie que ele era lindo.

Gordie, às vezes, olhava-se no espelho à noite antes de ir dormir. Com a porta de seu quarto trancada. Ficava de pé em frente ao reflexo de corpo inteiro, nu. Parecia franzino e magro para si mesmo, algo que o vento carregaria com facilidade. Mas em outros aspectos, Sandy estava certo. Gordie se perguntou por que nunca tinha dado crédito à beleza antes. Por que os olhos de ninguém se estendiam àquela verdade. Sandy não batia nele e, porque pesava bem mais do que duzentas libras, ninguém se sentia inclinado a bater em Gordie enquanto Sandy estivesse por perto.

“Venha morar comigo,” Sandy havia dito, e Gordie concordou. Ele não levou roupas, então sua mãe e Ralph não notaram imediatamente que foi embora de boa vontade. Sandy disse que lhe compraria mais roupas mais tarde, belas roupas, e assim o fez. Sandy deu a Gordie outro presente, uma licença de motorista falsificada, de alta qualidade, fazendo com que ele tivesse vinte e um anos da noite para o dia. Sandy freqüentava bares da alta roda e clubes sofisticados, vestindo ternos com suéteres fora de moda e coletes por baixo. Queria Gordie em seus braços. Gostava de vê-lo vestido extravagantemente, femininamente. O conhecimento de que Gordie era um homem, por baixo daqueles batons e sedas, apenas acrescentava à apreciação de Sandy por ele. Era quase como estar voltando para casa.

Nos sábados à noite, Sandy o levava para dançar. Eles então dançavam lentamente próximos ao som de uma banda ao vivo, e Gordie tinha somente que acompanhá-lo, o que lhe dava alívio, porque andava cansado. Tudo que queria realmente naquele momento era acompanhá-lo.

Neste sábado, dia 1º de Maio como Sandy chamava, eles dançaram num bar-restaurant com clientela esmagadoramente gay. Um guarda de segurança, uniformizado em azul e cinza, estava parado à porta e cumprimentou-o respeitosamente ao entrar nos braços de Sandy. O guarda não possuía uma arma tanto quanto pôde ver, mas afirmou-se pela virtude de sua presença. Decidiu que o guarda provavelmente era hetero. Talvez ele nem mesmo gostasse ou aprovasse os homens que protegia, no sentido mais pessoal. Mas, se aquilo era verdade, tomava o cuidado de não demonstrar. Homens como Sandy pagavam seu salário de um modo indireto e, às vezes, lhe davam uma gorjeta ao saírem pela porta. Então ele parecia ver a clientela masculina como seu profissionalismo ditava que deveria ser. Como coisas de valor que deveriam permanecer não molestadas a qualquer preço.

Gordie sorriu timidamente ao se esgueirar para dentro.

Sandy pediu filé para ambos, e Gordie mastigou cuidadosamente, enquanto observavam os homens dançando. Na metade da refeição, Alex e Jay, amigos de Sandy que trabalhavam como mensageiros do Congresso juntaram-se a eles. Nenhum dos dois se importou em comer, ambos já se sentiam pesados demais.

- Gordie não tem que se preocupar – disse Alex, beliscando levemente a cintura de Gordie. Gordie sorriu para Sandy, porque gostava dele do modo como era. Não gordo, mas grande, esmagadoramente grande, e Gordie não se importava de ser esmagado por

alguém gentil. Permaneceu em silêncio, incerto de sua habilidade em participar da conversa.

- Como diabo você conseguiu se esgueirar aqui para dentro, Sand? – Jay sussurrou, por sob a respiração.

- O que você quer dizer? – replicou Sandy, imperturbável. – Ele tem vinte e um.

Jay deixou escapar um ruído por entre os lábios, um tipo de mistura entre risada e alegre acento do Bronx. Então se inclinou para perto de Gordie e sussurrou em seu ouvido. – A juventude é tão atraente – disse.

Gordie sorriu e observou Sandy passar manteiga em seu pãozinho. De modo algum ele voltaria para casa agora.

De As Outras Faces Por Trás do Movimento

Eu só estava sendo feliz. Finalmente estava feliz. Mas, então, agora estou feliz novamente. Eu acho que todos estão felizes agora. Sandy se recuperou totalmente. Um par de costelas quebradas e uma concussão. Cuidamos um do outro de volta à saúde. Eu só desejava que o Garoto tivesse pegado outra pessoa para ajudar.

Mas se ele tivesse o feito, talvez eu não estivesse aqui. A não ser que tivéssemos ficado em casa naquela noite. Mas você apenas se faz enlouquecer com este tipo de pensamento. Não é ruim suficiente o quanto tantas outras pessoas costumavam me bater? Eu tenho que levar a culpa onde outros falharam?

Quando as pessoas lerem a minha parte da história, eu desejo realmente que compreendam. Vou lhes contar tanto quanto consigo me recordar. No entanto, é uma daquelas coisas. Aconteceu tão rápido. O choque se estabeleceu tão rápido. Desencadeou-se como num sonho. Então, vou lhes contar como um sonho. Porém, aconteceu.

Ele enganchou o braço no de Sandy e eles saíram para a noite. Uma morna noite de primavera. Gordie virou a cabeça para sorrir ao guarda, mas ele não estava lá. Então, Gordie o viu, à esquerda do toldo que cobria a entrada, suas costas pressionadas contra a parede de tijolos do bar. Estranhamente imóvel. Um homem jovem, careca, estava junto dele, prendendo-o contra os tijolos. O queixo do guarda se sobressaiu e levantou, revelando a brancura de sua garganta. Os joelhos de Gordie ficaram moles e quentes à vista da lâmina. Longa, cruel e curvada, brilhante pelo uso e cuidado. Ocupou-lhe a atenção até que ouviu o som da respiração de Sandy. O súbito vácuo. E sentiu o braço de Sandy soltar-se do seu enquanto este desabava.

Dois homens se postaram a frente de Gordie, em calças jeans largas e baixas, com cores de gangue. Um deles batia um bastão de beisebol contra a palma da mão. O cabelo curto, em estilo militar, erguia-se reto do escalpo branco. Uma das sobrancelhas exibia um corte que cicatrizara desigualmente.

- Oops – disse o homem tranquilamente, o rosto tão próximo que Gordie pôde sentir o cheiro de tabaco em sua respiração. – Veja só o que aconteceu com seu namorado.

Tanto para surpresa quanto alívio de Gordie, ele descobriu que a habilidade para se isolar não o abandonara. Seria apenas outra surra, como tantas outras antes. Ele a observaria a distância, e sua pele e ossos iriam se curar. Ou talvez, dessa vez, não. Mas ele estaria em outro lugar qualquer, fechado, enquanto acontecia. Quando não se importa mais, você os priva da alegria de feri-lo. É difícil atingir alguém onde ela vive se não houver ninguém lá.

Ele fechou os olhos, não querendo ver o bastão se aproximar. Atingiu-o na delicada virilha, fazendo-o se curvar. Uma mão ao redor de sua garganta levantou-o novamente, e o bastão curvou-o mais uma vez. Iria desmaiar agora e então não importaria mais. Ruídos alcançaram seus ouvidos através de um túnel. Como os ruídos da casa de sua avó, onde ele tinha que dormir na sala de estar. Sons que transpiravam

através de um véu de sonolência, rangendo de um modo distante, separado. Infiltrando-se através de uma terra de ninguém de semiconsciência.

Uma palavra gritada. – Ei!

Não poderia ter vindo de nenhum dos atormentadores. A palavra surgiu alta, a voz de uma criança, e então se partiu ao meio. O modo como a voz de Gordie foi, o modo como a voz de todos os garotos seria quando estava mudando. O som do bastão caindo na calçada. Gordie sentiu-se ficar líquido, desossado. Insustentável por si próprio ou seus atacantes. Caiu suavemente sobre o que sabia ser, apenas pelo toque, as enormes formas de Sandy. O conforto. Dispensando-o da dureza da calçada. Eles repousariam ali juntos. De algum modo, ele lembrou-se de sentir a respiração de Sandy. Talvez porque a presença dela era algo que ele realmente precisava sentir.

CAPÍTULO 30

REUBEN

- Diga adeus a Frank, querido.

- Adeus, Frank.

Eles estavam parados junto ao meio-fio em frente ao Washington Arms Hotel, sob a luz das lâmpadas da rua. Uma morna, confortável, noite de primavera.

- Vamos, Trevor. – disse Frank. – Vamos ajudar o porteiro a colocar todas as suas coisas no porta-malas.

Além da bagagem que eles haviam trazido de casa, Trevor tinha três novas e pesadas caixas, um conjunto completo de enciclopédias que ele recebeu como presente de aniversário da Casa Branca. O porteiro certamente poderia lidar com tudo, mas Trevor ajudou a supervisionar enquanto o presente era colocado no bagageiro da limusine do hotel, com destino ao aeroporto.

Arlene tomou as mãos de Reuben e levou-o até a frente do carro.

- Ainda está se sentindo doente? – perguntou ele. Ela parecia abatida de algum modo, distraída, com o humor alterado por algo que ele não conseguia exatamente nomear ou tocar.

- Não, estou bem agora. Eu só preciso conversar com você sobre uma coisa.

- Agora?

- Acho que preciso tirar este peso de meu peito.

- Não está seriamente doente, está?

- Não. Estou apenas grávida, é tudo.

No momento de silêncio que se seguiu, Reuben ouviu o som de um distúrbio distante, talvez no fim do quarteirão. Uma confusa briga. Aquilo realmente não penetrou em sua mente, não mais do que as palavras dela.

- Poderia, por favor, dizer algo, Reuben?

- Há quanto tempo?

- Eu sei o que está pensando.

- Sabe?

Parecia estranho imaginar que ela soubesse. Ele não sabia o que pensar ou mesmo se estava pensando. Podia apenas sentir seu foco no som da voz dela, na voz de Trevor atrás deles e os gritos e baques no quarteirão próximo, como se estivesse decidindo, de maneira imparcial, qual parecia mais real.

- Você está pensando, foi daquela vez em que apareci no meio da noite em sua casa? Ou foi pouco antes de Ricky ter ido embora?

- Eu tinha esquecido daquilo. – Ele não tinha esquecido aquela noite, longe disso, mas não lhe ocorreu somar isto à discussão. Nem por um momento, ele considerou que aquela gravidez não pudesse ser obra sua. – Então, qual foi?

- Bem, os fatos estão separados por apenas uma semana ou dez dias, então é um pouco complicado para se dizer.

- Então como vamos saber?

- Bem, acho que não sabemos. Olhe, se isto for demais para você, eu compreendo. Quer dizer, não é o que eu quero. Você sabe disso. Eu ganhei o anel de volta agora, tipo que gostaria de mantê-lo. Mas tinha que te contar, certo? Mas eu vou entender, quero dizer, se você quiser esperar até sabermos. Quer dizer, mais tarde, sabe. Então saberemos.

Mas na confusão do momento, mesmo ter que dizer se era ou não demais para ele pareceu demais. Um segundo mais tarde, Frank surgiu em seu ombro. – Trevor não está aqui com vocês?

Arlene pareceu mais distraída do que alarmada. – Não, nós pensamos que ele estava lá atrás com você.

- Bem, ele estava há um minuto atrás...

Com um mau pressentimento, que deve ter sido mais intuição do que observação, Reuben virou a cabeça na direção dos ruídos, gritos abafados e grunhidos que esteve ouvindo sem atenção, sem foco, como um pano de fundo àquela confusa troca de palavras. Ele viu um pequeno grupo de figuras no fim do quarteirão, do lado de fora de um bar ou restaurante com toldos nas janelas. Dois homens contra o prédio, um no chão. Dois ou três parados junto ao homem caído. Um taco de beisebol levantado sobre uma cabeça. E Trevor correndo rápido na direção deles. Com uma boa dianteira.

Reuben disparou atrás dele a toda velocidade. À margem de sua visão, a fachada de tijolos do hotel deslizava como num sonho, uma imagem borrada e distorcida através de lentes com ângulos largos. Por que ele não conseguia alcançar o fim daquilo? Conseguia sentir suas pernas, o coração expirando e inspirando, mas ainda assim a distância parecia se abrir. Por que ele não conseguia estreitar a brecha entre o garoto?

- Trevor! – ele gritou. Gritando. Berrando, ecoando até os pulmões, puro pânico. Cabeças se voltaram. A cabeça de Trevor não. O peito de Reuben ardia e queimava. Como ele pôde ficar sem ar tão rápido? Podia ver a camiseta solta de Trevor tremulando atrás dele enquanto corria.

Trevor passou como um raio pelos dois homens encostados junto ao prédio. Reuben conseguia vê-los agora, estava quase perto. Um dos homens vestia um uniforme azul e cinza, como aqueles de um guarda de segurança. O outro usava jeans largos, tinha a cabeça raspada e parecia ter o guarda preso à parede de alguma forma. As luzes dos postes fizeram algo metálico cintilar entre eles, um relampejo de luz no olho de Reuben. Ambos os homens voltaram suas cabeças quando Trevor surgiu. O homem com o bastão de beisebol virou-se com surpresa curiosidade ao ver a aproximação de Trevor.

Sem desacelerar, Trevor atirou-se violentamente contra o homem e derrubou-o. Ao cambalear, ele caiu contra as pernas de seu cúmplice, que também acabou indo para o chão. A segunda vítima deles se encolheu junto à calçada, intocado, como se um vento imaginário o tivesse derrubado. O bastão caiu ruidosamente sobre a calçada, enquanto Trevor se punha em pé. Reuben estava quase no mesmo nível de distância dos homens contra o prédio quando Trevor virou-se subitamente e começou a correr na sua direção. Para quê? Para voltar pra Reuben? Ou ele achou que Reuben poderia derrubar o último homem? O careca se afastou do guarda para bloquear o caminho de Trevor. Este se lançou impetuosamente para frente naquele encontro. Eles se aproximaram juntos a um ou dois pés do alcance das mãos de Reuben. Apenas o comprimento de um carro do guarda de segurança. Nem o guarda, ou Reuben, poderia ter quase estendido a mão para agarrar a jaqueta do homem, se tudo não tivesse acontecido tão rápido.

Quase. Então, de repente, o homem careca fugiu para a escuridão. Passou pelos dois companheiros, que se colocaram em pé e correram a toda velocidade atrás dele, deslizando para a noite como um rio. Foi assim, rápido. Alguém apertou um interruptor e eles se foram. Reuben permaneceu sendo a melhor testemunha da súbita colisão, mas, ainda assim, falhou em compreendê-la. Ele viu, mas não conseguiu explicar.

Levou minutos para saber o que aconteceu, dias para aceitar que realmente aconteceu. A maior parte de sua vida para compreender.

1994 Entrevista Por Chris Chandler de “Rastreando o Movimento”

CHRIS: Apenas respire bem fundo. Está bem?

REUBEN: Eu estou bem.

CHRIS: Não se afobe com as coisas.

REUBEN: Eu consigo fazer isto. Apenas me dê um minuto.

CHRIS: Posso lhe dar o dia todo, companheiro. Não temos nada, exceto tempo.

REUBEN: Eu vi tão de perto. Mas de um ângulo engraçado. Estava vendo a colisão por trás. Não tinha idéia do que havia visto. Só lembro de ver o cotovelo direito do homem se afastar e, então, arremeter para frente de novo. Parecia como se ele tivesse socado

Trevor no estômago. Não particularmente com força. O que eu não consigo entender é como não pude ver realmente o que aconteceu? Ou será que isto era tão importante para mim? Você sabe. Não ver.

CHRIS: Estou colocando esta caixa de Kleenex aqui para você.

REUBEN: Obrigado. Eu só preciso respirar por um minuto.

CHRIS: Não se passou tanto tempo assim. Dizem que o tempo cura todas as feridas, sabe? Mas não estou certo de que seja assim verdade com a maioria das pessoas. Além do mais, leva uma tonelada de tempo.

REUBEN: Depois que eles fugiram, Trevor ficou lá, parado. Ele parecia bem. Estava com as mãos sobre o estômago. Seu rosto estava tão vago. Como eu posso explicar? Ele não estava registrando qualquer dor ou medo. Eu disse, "Trevor". Foi tudo que pude dizer. Pensei que tinha acabado. Pensei que ele estava bem. O perigo se fora e minha família ainda estava toda ali. E eu acho que sempre pensei que estaria.

CHRIS: Sabe, se você não puder fazer isto...

REUBEN: Não. Eu posso. Eu quero isto por escrito. Quero que esteja no livro. É importante.

CHRIS: Respire. Não se afobe.

REUBEN: Eu tenho que lhe contar esta parte. O que ele disse. Eu nem mesmo tenho certeza do que significa, mas permanece comigo. Então, eu tenho que dizer isto. Acho que ouvi o som de passos atrás de mim. Acho que me recordo disso. A voz de Frank, mas nunca olhei ao redor. Trevor fitou o meu rosto. Só Deus sabe o que ele viu lá. Nem mesmo consigo imaginar. Nem mesmo sei o que eu estava pensando. Ainda hoje não saberia dizer. Mas algo disto deveria estar bem lá em meu rosto. Ele podia ver. Eu podia ver nele. Era como olhar para um espelho. Então, olhei para baixo... olhei para as mãos de Trevor. E então, Trevor olhou para baixo. Era como se ele apenas tivesse movido os olhos para ver onde eu estava olhando. Daí, ele afastou as mãos para longe do corpo, sob a claridade das lâmpadas da rua. Pareceu tão surpreso.

CHRIS: Porque havia sangue, você quer dizer?

REUBEN: Ele olhou para meu rosto novamente e disse, "Eu estou bem, Reuben. Está tudo bem. Não se preocupe."

CHRIS: Você acha que ele estava em choque?

REUBEN: Eu não sei. Não consigo classificar isto. Eu estava. Mas Trevor, não sei. Às vezes, penso que ele estava. Às vezes acho que ele disse que estava bem porque ainda não sabia que não estava. Outras vezes, penso que estava apenas tentando me confortar. Ele não queria que eu ficasse zangado.

CHRIS: O que você acha que motivou Trevor a pular no meio daquilo? Você acha que ele apenas caiu no hábito de tentar ajudar de uma maneira grande?

REUBEN: Ele pensava que tinha que fazer mais um.

CHRIS: Todos nós achamos que ele já tinha feito o bastante.

REUBEN: Eu sei. Foi o que dissemos a ele. Mas ele pensou que Jerry foi uma tentativa fracassada. Achou que completara dois, e tinha mais um. Então, estava à procura de alguém que precisasse de algo.

CHRIS: Se ao menos ele tivesse sabido a respeito de Jerry.

REUBEN: Ele estava tendo um dia realmente bom.

CHRIS: O que quer dizer?

REUBEN: Ele dizia isto continuamente. Este é o melhor dia de todos, continuou dizendo. Até mesmo me perguntou se eu achava que ele teria algum outro dia como aquele.

CHRIS: Uau. Isto dói. Huh?

REUBEN: De fato, de um modo bem esquisito, isso tem sido um consolo para mim. Aquele dia foi o ponto alto de sua vida. E provavelmente sempre teria sido. Sabe o que eu quero dizer?

CHRIS: Acho que sim.

REUBEN: Ele disse que estava bem. Disse para não me preocupar.

CHRIS: Ele disse qualquer outra coisa?

REUBEN: Não. Nada mais.

CAPÍTULO 31

CHRIS

Ele estava deitado nu sob os cobertores, ao lado de Sally, assistindo a TV. Ela tinha colocado uma máscara noturna sobre os olhos. Ele não conseguiria dizer se ela estava adormecida ou não.

- Notícias urgentes de Washington – anunciou o âncora ao abrir o noticiário das onze. Não podia ser. Não com o rosto de pedra daquele jornalista. Aquilo não era sobre Trevor. – Trevor McKinney, o garoto que se encontrou com o presidente dos Estados Unidos anteriormente hoje, foi hospitalizado esta noite em Washington D.C., não muito distante do hotel onde sua família tem estado. Testemunhas dizem que o menino sofreu um ferimento de punhal ao tentar intervir num assalto de rua fora do hotel. Um porta-voz do hospital comunicou que Trevor foi admitido em condições críticas e está sendo submetido à cirurgia de emergência. Nenhuma nova informação a respeito de sua condição está disponível no momento.

Chris sentou-se na cama e deu uma olhadela na direção de Sally, que tirou a máscara e ergueu a cabeça.

- O Presidente Clinton, esta noite, expressou profundo choque e preocupação quanto à condição de Trevor. O presidente emitiu a seguinte declaração. Citação. “Parece inimaginavelmente triste que um garoto, que veio a Washington para ser homenageado por suas boas ações e sua dedicação em promover a bondade no mundo, tenha sido alvo de um estúpido ato de violência. Meu coração está com Trevor e sua família, e minha família dirá uma prece esta noite por sua rápida recuperação. Desejamos que o resto da América una-se a nós numa prece pelo bem-estar de Trevor.”

A tela se encheu com a gravação do encontro de Trevor com o presidente naquela manhã. Chris piscou, sentindo-se vazio. Sentiu a mão dela em seu braço. Ele rolou para fora da cama. Procurou pelo telefone sem fio e, finalmente, localizou-o na sala de estar. Ela seguiu atrás dele, fechando as cortinas. Não lhe ocorreu que estava parado na frente das janelas do apartamento, totalmente nu. Quando percebeu, não se importou.

Discou informações de longa distância, código de área 202. Pediu por uma relação de cada hospital na área de Washington D.C. Acertou na primeira tentativa. A mesa de admissões respondeu que sim, Trevor estava ali. Estava na cirurgia. A mulher puxou a informação para ele de seu computador. – Ele está listado como grave.

- É tudo que você pode me dizer?

- No presente momento, sim. Sinto muito. Estamos recebendo um bocado de ligações a respeito dele.

- Onde está sua mãe? Arlene McKinney. Ela deve estar aí, certo?

- Eu sinto muito, senhor, não saberia dizer.

- Poderia localizá-la por mim?

Pausa, um audível suspiro. Ele ouviu a linha estalar num modo de espera. Mordeu o interior dos lábios e esperou. Foi até a cozinha, com o fone sob o queixo, e serviu-se de três dedos de brandy. Levantou os olhos para ver Sally observando-o silenciosamente. Ambos desviaram os olhares novamente.

Então, uma voz na linha. – Sim? Quem é?

- Arlene?

- Quem é?

- É Chris, Arlene. Chris Chandler.

- Oh, Chris. – A voz dela soava firme e rouca.

- O que aconteceu, Arlene?

- Oh, Chris, eu não sei. Tudo aconteceu tão rápido. Ele foi apunhalado. Viu alguns caras levando uma surra. Tentou se meter no meio.

- Ele vai ficar bem?

- Eles não nos dizem, Chris. – A voz dela se dissolveu em soluços. – Ele está na cirurgia há mais de duas horas. Eles não nos dizem uma só maldita coisa. Dizem que nos informarão quando terminarem. Eu tenho que ir, Chris.

- Tudo bem. Arlene? Não importa. Tudo bem.

O tom de desligado zumbiu em seu ouvido. Ele apertou o botão do telefone para desligar. Passou por Sally e voltou para o quarto.

- Você está bem, Chris? – Ele deslizou para baixo dos cobertores. – Ei. Chris. Você está bem?

- Eles disseram mais alguma coisa a respeito dele nos noticiários?

- Apenas que atualizariam as condições dele quando pudessem.

Eles ficaram sentados em silêncio até o fim das transmissões dos noticiários. Então, até os shows de entrevista noturnos. Chris ficou sentado, acordado, muito depois de ela ter apagado, as luzes da tela de TV tremeluzindo em seu rosto ao mudar os canais. Assistindo longos restos de filmes antigos.

Sem atualizações. A programação pareceu seguir em frente.

Ele acordou assustado, surpreso por ter conseguido dormir. Olhou para o relógio e viu que já era tarde da manhã. A TV zumbia aos pés da cama. Ele podia ouvir Sally na cozinha, fazendo café. Sentou-se e esfregou os olhos. Na tela, o presidente Clinton dava uma entrevista coletiva. Ou a gravação de uma entrevista coletiva anterior estava sendo mostrada.

Chris acordou bem a tempo de ouvi-lo dizer que as bandeiras em Washington tremulariam a meio mastro hoje e, que ao meio-dia, o país iria parar o que estivesse fazendo para observar um momento de silêncio. Um corte para o âncora jornalístico, que disse: - Numa triste nota final, hoje teria sido o 14º aniversário de Trevor. Mais notícias após as mensagens.

O quintal de Arlene tinha se transformado num mar de câmeras e equipes jornalísticas no momento em que ele chegou. Chris teve que estacionar na entrada da garagem dela, atrás da GTO. A rua toda estava tomada por vans do time de notícias da televisão. Ele cortou caminho pelo gramado.

- Ela não está falando com ninguém – disse uma mulher repórter, com rígidos e perfeitos cabelos louros, ao vê-lo pisar na varanda. Ele bateu na porta com força.

- Arlene? Sou eu, Chris. – A porta se abriu à espreita, e Reuben puxou-o pelo cotovelo para dentro. Arlene encontrava-se deitada de lado no sofá, um copo de água e uma caixa de Kleenex por perto.

- Eu queria que eles fossem embora – disse ela. – Pode fazê-los irem embora, Chris?

Ele sentou-se no sofá ao lado dela. Ela tocou sua mão.

- Todos se importam com esta história, Arlene. Eu nunca vi nada parecido. Nunca vi as pessoas se mobilizarem a respeito de uma história dessa forma.

- Não é uma história, Chris. Aconteceu.

- Eu sei. Desculpe-me. É só o modo como falo.

- Eu não posso falar com todos eles. É demais.

- Eu sei, Arlene. Eu sei. Olhe, você não tem que falar com ninguém. Mas aquele segmento do Cidadão do Mês irá ao ar amanhã. Com uma atualização, é claro. Se há qualquer coisa que queira dizer, eu posso trazer um cameraman até aqui. É isso. Eu e uma câmera. Você não tem que fazer. Mas se houver alguma coisa que queira dizer ao público sobre isso. Eles realmente querem ouvir de você.

Ela se sentou, enxugou os olhos e fungou. – Como o quê?

- Eu não sei. Qualquer coisa que você queira dizer.

- Bem, eu poderia só dizer que haverá um memorial no próximo domingo em frente à prefeitura. Pensamos talvez até mesmo numa marcha à luz de velas depois. Você sabe,

se as pessoas estiverem interessadas. Se existem pessoas lá fora, que se importaram com Trevor, elas poderiam vir e trazer uma vela. Esse tipo de coisa?

- É. Isto seria ótimo. – Chris sentiu lágrimas se formando, ameaçadoras, bem atrás dos olhos. – Vou buscar um cameraman.

CAPÍTULO 32

ARLENE

O telefone os acordou. Era tarde e já passava das dez da manhã. O sol brilhava através das janelas, direto no rosto dela. Arlene perguntou-se como conseguiu dormir com tudo aquilo.

- Deixe a máquina atender – disse ela.

Ele rolou para junto dela e deslizou o braço esquerdo sob o travesseiro de Arlene. Colocou o braço direito bom ao redor dela e descansou a bochecha esquerda contra um lado de seu rosto. Ela sentiu o peito dele, quente e sólido, contra as suas costas. Ele tirara o tapa-olho e ela pôde sentir a suave, vazia extensão onde o olho esquerdo dele esteve certa vez. Ele não se preocupava mais em esconder aquilo dela. Sabia que ela não se importava. Arlene enlaçou os dedos nos dele. A secretária eletrônica atendeu. Novamente. Arlene havia baixado totalmente o volume.

- Como dormimos por tanto tempo? – perguntou ela, calmamente.

- É bom para nós. É o que você faz para se curar.

- Exige-se mais do que somente algumas noites de sono.

- Eu sei.

- Então, o que faremos até às sete da noite?

- Eu não sei. A mesma coisa que temos feito à semana toda, eu acho. Levantar. Lavar nossos rostos. Comer.

- Chorar.

- É. Isso também.

Nenhum dos dois havia chorado tanto quanto naquelas últimas vinte e quatro horas. Era como se eles tivessem aberto as comportas de uma represa. Esgotaram todas as lágrimas, restando um espantoso vazio por dentro, como um caso mortal de gripe. Ambos estavam cansados. Completamente. Arlene espantava-se com o espaço lá dentro de suas costelas. Perguntava-se como um espaço vazio poderia sentir-se tão pesado. Apertou bem os olhos fechados.

- E se o bebê revelar ser de Ricky, Reuben? Mais cedo ou mais tarde, teremos que conversar a respeito disso.

Aquele um segundo ou dois que ele levou para responder se passou longo e assustador.

- Eu estava disposto a me comprometer para criar o último filho de Ricky. Não estava? E ele mostrou ser muito bom.

- É, ele era. Não era? Malditamente bom. – E para sua surpresa, aquele pesado e vazio centro dentro dela lhe deu mais algumas lágrimas.

Ela soltou os dedos, recostou-se na cama e tocou o rosto dele. Reuben pressionou a mão direita sobre seu ventre, os dedos grandes se estendendo para cobrir a área toda, e deixou-a ali. Como se para apresentar a si mesmo. Ela pôde ouvir uma orquestra de buzinas na rua toda do Camino. A intermitente luz vermelha de um veículo de emergência deslizou piscando pela janela deles.

- Eu me pergunto que diabo está acontecendo lá fora – disse ela, sem nenhuma curiosidade genuína.

- Um acidente talvez.

- Deve ser, é.

Reuben tirou o telefone da tomada e eles voltaram a dormir pelo resto da manhã.

- Que tal pegarmos a GTO?

- O que você preferir.

Nenhum dos dois tinha uma opinião forte ou estava interessado em detalhes. Reuben dirigiu. Ao se afastar da entrada da garagem, eles notaram que ambos os lados da rua estavam solidamente tomados por carros estacionados. Tão juntos e próximos, deixando tão pouco espaço, que eles sobrepujavam ambos os lados da entrada para poderem caber e sair. E então, quando ele conseguiu o ângulo perfeito entre os automóveis para poder manobrar, não conseguiram encontrar uma brecha no tráfego. Tráfego. Naquela minúscula ruazinha residencial.

Arlene saiu do carro e pessoalmente parou a procissão de veículos com o corpo, dando a Reuben a chance de entrar no congestionamento. A GTO se arrastou, uma ou duas polegadas por vez, na direção do Camino. Durante os primeiros minutos, nenhum dos dois comentou algo ou se queixou.

Arlene deu uma olhada no relógio. – Por que diabo isso está acontecendo? Quero dizer, hoje, de todos os dias? Vamos nos atrasar se não conseguirmos sair deste engarrafamento.

Reuben mordeu o lábio inferior e não respondeu. Já passava dez minutos depois das sete quando atingiram o Camino, apenas para descobrirem que a polícia de trânsito estava desviando os carros num bloqueio. A rua principal parecia estar fechada para o tráfego. Reuben não desviou onde o oficial lhe disse para fazê-lo. Ao invés disso, ele passou pela barricada e baixou o vidro do carro. O sol baixara de meia-luz para uma listra por trás da cabeça do oficial. Arlene olhou direto para frente, através do pára-brisa, e viu o Camino abarrotado de pedestres. Não apenas a calçada, mas a rua em si. Centenas, apenas naquele cruzamento.

- Não sabemos o que está acontecendo, – disse Reuben ao policial. – mas temos que estar no memorial da prefeitura.

- É, é o problema de todo mundo – disse ele.

- Estas pessoas estão todas aqui para o memorial?

- Correto – disse. – Seu problema não é o único.

Arlene inclinou-se sobre o colo de Reuben e fitou o rosto do oficial. – Eu sou Arlene McKinney. – disse.

A expressão do policial mudou. – Certo. Você é, não? Olhe, apenas deixem o carro aqui no bloqueio e venham comigo.

Reuben desligou o motor. Atravessaram o mar de corpos e seguiram o oficial uniformizado até Camino. A multidão, em sua proximidade imediata, pareceu notá-los. Reconhecê-los. O silêncio caiu, rodeando diretamente Reuben e Arlene, e ondulou como uma esteira sobre a água. Uma trilha se abriu para permitir que eles passassem.

Eles foram escoltados, sentados no banco de trás de um carro-patrolha preto e branco. O policial ligou as luzes e a sirene. Através do alto-falante do veículo, ele pedia que a multidão abrisse caminho no tráfego para permitir que a família passasse. Ela estava sentada ereta e rígida, apertando as mãos de Reuben, os olhos fixos para frente através do pára-brisa, observando a massa de corpos se partir, observando uma faixa de rua vazia se formar à frente do carro.

- Essa multidão tomou conta de todo o caminho até a prefeitura? – perguntou Arlene, finalmente quebrando o silêncio.

- Tomou conta da cidade toda – respondeu o policial. – Temos helicópteros vindos de L.A. Temos a polícia montada chegando com trailers e cavalos agora mesmo. Não que esteja havendo qualquer problema. Não há. Nós só precisamos de mais pessoal. A companhia de aluguel local doou alguns equipamentos de som. Talvez as pessoas num raio de quatro ou cinco quarteirões possam ouvir o serviço. O resto terá que ler a respeito nos jornais. Ou ver pela TV. Temos equipes com câmeras saindo de nossas orelhas.

- Quantas pessoas vocês acham que estão aqui? – Reuben perguntou.

- A mais recente estimativa indica vinte mil. Mas a rodovia está coalhada por umas trinta milhas. Transformou-se num estacionamento. E eles ainda estão vindo.

O carro-patrolha parou na Alameda Oeste, e Arlene e Reuben desceram. Ela alcançou a mão dele e segurou-a. O policial escoltou-os através do mar de corpos. Aplausos superficiais e altos zumbiram em seus ouvidos onde quer que chegassem a andar. A área do gramado estava inundada pelo equipamento da imprensa. Microfones, câmeras, jornalistas. Ocupavam tanto espaço que os participantes que não eram da mídia tinham que se espremer nas margens para dar espaço às filmagens. Ocorreu a Arlene que aquelas vinte mil pessoas deveriam parecer nada se comparados à audiência que veria tudo reportado nos noticiários e jornais.

Era tudo demais para absorver de uma só vez. Eles subiram num palco provisório elevado, onde o equipamento de som havia sido montado. Enormes, pesados alto-falantes de concertos de rock se amontoavam em passarelas montadas em três níveis, emoldurando a prefeitura. Quando pisaram no palco, a multidão ficou em silêncio. E então, uma longa e constante onda de aplausos se sucedeu.

Chris Chandler apareceu ao lado dela. Arlene sentiu-se bem por ver um rosto familiar. – O que vocês acham? – ele disse.

- De onde vieram todas essas pessoas, Chris?

- Bem, acontece que vocês apenas estão perguntando para a pessoa certa. Tenho conduzido entrevistas na multidão. As pessoas com quem falei são de... – ele folheou seu bloco de notas. – Illinois, Florida, Los Angeles, Las Vegas, Bangladesh, Atascadero, Londres, San Francisco, Suécia...

- Aquele pequeno negócio que eu fiz para a televisão foi exibido fora do país?

- Em cento e vinte quatro países ao redor do mundo. O que, claro, não é nada se comparado à cobertura que temos hoje. A maior parte dessas novas equipes jornalísticas está transmitindo isto ao vivo.

Arlene ergueu os olhos para a multidão, sabendo que o que via era somente uma pequena porcentagem. Milhares de pessoas se reunindo de perto para ouvir. A luz do entardecer começou a se pôr. Eles estavam atrasados para começar. Arlene olhou as câmeras e as viu olhando de volta. Ela sabia que, pelas luzes vermelhas, tudo e todos ali estavam ligados. Assistindo. Ela aproximou-se do microfone. A multidão esperou em silêncio. Abriu a boca para falar e sentiu-se ligeiramente tonta. O ar, o interior de sua cabeça, tudo ganhou as qualidades de uma caminhada através de um sonho.

- Eu não sou muito boa com palavras – disse ela. Sua voz tremulou e estalou, e o microfone ampliou aquilo, ricocheteando sua tensão contra os prédios vizinhos. A potência do sistema de som assustou-a. As folhas dos carvalhos, acima de suas cabeças, estremeceram ao som. Todos os olhares se voltaram para ela, em silêncio. – Eu nem mesmo sei o que estou fazendo aqui em cima, na frente de todas essas pessoas. Vim aqui apenas para dizer adeus ao meu garoto. – Lágrimas fluíram livremente ao som daquelas palavras. Ela as deixou. Sua voz permaneceu firme e ela falou apesar do momento. – Eu espero que ele possa estar vendo isto – disse. – Cara, ele ficaria tão orgulhoso.

O chão pareceu sumir debaixo dela. Sentiu que iria desmaiar. – Vou passar isto à Reuben – ela disse. – Ele pode falar melhor do que eu. Eu só vim aqui para dizer adeus ao meu garoto.

Reuben deslizou o braço ao redor de seus ombros e segurou-a com firmeza. Nunca me solte, ela pensou. Não ouse me soltar. Se não fosse por Reuben e aquela minúscula presença em sua barriga, ela não teria nada pela qual valesse a pena se agarrar. Exceto, pensou ela, talvez por aquele mundo que viera até ali para compartilhar daquele momento com ela. Talvez aquilo fosse algo afinal.

CAPÍTULO 33

REUBEN

Reuben levantou o microfone e aproximou-o de seus lábios. A luz começou a diminuir e lâmpadas artificiais cintilaram em seu olho, através do mar de câmeras junto deles. Reuben não gostava de luzes, câmeras ou pessoas fitando-o, mas aquilo pareceu ser uma preocupação menor agora. Abriu a boca para falar, preparando-se para ficar atordoado pelo som de suas próprias palavras amplificadas no crepúsculo da cidade.

- A polícia me contou que temos mais de vinte mil pessoas aqui hoje. Alguns vieram de fora do país para compartilhar deste momento conosco. Arlene e eu... – Sua voz estalou ligeiramente, e ele parou. Piscou. Engoliu. – Nós nunca esperamos por algo assim.

Pausa. Fôlego. Ele se sentiu tonto e fraco. O que queria dizer? O que precisava ser dito? Nada veio à sua mente. O que Trevor gostaria que ele dissesse? Ele abriu a boca e o resto fluíu facilmente.

- A rodovia está abarrotada com milhares de outras pessoas tentando chegar até aqui. E me foi dito que isso está sendo transmitido ao vivo. Para quantos espectadores? Milhões? Para quantos milhões de pessoas eu estou falando agora mesmo? O que fez vocês todos se importarem tanto? Porque essa é uma grande história? Eu acho que sei. Acho que vocês sabem também. Este é o nosso mundo. Onde está a pessoa que não está relacionada com isto? Este é o nosso mundo. É o único que temos. E tem sido tão malditamente difícil viver nele. E nos importamos. Como poderíamos não nos importar? São de nossas vidas que estamos falando.

E então surge um garotinho, e ele decide que talvez possa mudar a coisa toda. A ordem do mundo todo. Transformá-lo num lugar decente para todos viverem. Talvez porque fosse jovem demais, otimista e inexperiente para saber que não poderia ser feito. E pareceu que, por um minuto, poderia funcionar. Então, apenas por um minuto, todas essas pessoas que se importaram o suficiente para estar aqui ou para assistir isto, apenas por um minuto, vocês pensaram que o mundo iria realmente mudar.

Então Trevor foi assassinado num insensato, despropositado ato de violência. E isto abalou nossa fé. E agora nos perguntamos. Certo? Agora não sabemos se pode ou não melhorar algum dia. Mas esta é a minha pergunta para todos vocês. Por que estamos aqui fazendo a pergunta quando poderíamos facilmente estar aqui para respondê-la? Vocês querem um novo mundo? Porque não é apenas mais um garotinho. Olhem só para todos nós. Nesse momento, isto está sendo repetido e transmitido em todas as redes no mundo todo, está em todos os jornais, em todas as revistas de notícias... As vinte mil pessoas que vieram à cidade esta noite são apenas uma gota no oceano. Vinte milhões de pessoas podem ouvir o que eu estou prestes a dizer.

Então, aqui está: se Trevor tocou tanto a sua vida, então talvez você precise pagar adiante. Em memória dele. Em sua homenagem. Vinte milhões de pessoas pagando adiante. Em alguns poucos meses, serão sessenta milhões de pessoas. E cento e oitenta milhões. E dentro de algum tempo, este número seria maior do que a população mundial.

Reuben parou, coçou a cabeça e respirou fundo. Ouviu por alguns instantes o ecoante silêncio.

- Eu sei que isto soa um pouco estranho. Mas tudo isso realmente significaria que a vida de todos seria tocada mais do que uma vez. Três, seis vezes, alguém lhe pagaria adiante. A cada um mês ou dois, algum milagroso ato de bondade para todos. E continuaria apenas crescendo. Antes mesmo que se pudesse pagar adiante, alguém pagaria adiante para você novamente. Todos perderiam a trilha depois de um tempo. Estaríamos todos lutando por aí, tentando encontrar pessoas para quem pudéssemos

fazer algum bem. Nunca saberíamos, com certeza, se fomos escolhidos. Apenas continuaria seguindo em frente. A pergunta que as pessoas têm feito a mim, mais do que qualquer outra... toda vez em que sou entrevistado pela televisão. Toda vez em que alguém conversa comigo na rua. Eles dizem, como a idéia de Trevor foi recebida quando a classe a ouviu pela primeira vez? Eu lhes digo a verdade. Eu digo que foi recebida com uma total falta de respeito. Foi vista como ridícula. Porque requer pessoas para funcionar no sistema de honra; e porque dizem que elas fazem todo tipo de coisas, mas no fim, ajudam somente a si mesmos. Porque elas são egoístas. Não se importam. Elas não vão até o fim. Certo? Pessoas não têm honra.

Ele parou, como se esperasse que a multidão respondesse. Fez uma pausa na questão que todos estavam ali para explorar. O momento se tornou pesado no ar, uma energia palpável.

- Bem, então o que vocês todos estão fazendo aqui? Se não se importam. Não me perguntem se as pessoas realmente vão pagar adiante. Digam-me. Vocês irão? Irá cada um de vocês realmente fazê-lo? É o seu mundo. Então, vocês decidem. Estou ficando um pouco cansado aqui. Acho que preciso tomar um copo de água e me sentar. Teremos uma marcha à luz de velas, daqui a poucos minutos, quando tiver escurecido. Assim, pensem a respeito e juntem-se a nós, então.

As câmeras continuaram rodando. Ninguém se moveu. Rostos observaram-no em silêncio. Os aplausos vieram como um trovão, alastrando-se ao longo da rua em todas as direções, mais distante do que Reuben poderia ver, mais distante do que ele sabia que poderia ser ouvido.

O mundo todo, todos aplaudindo a idéia de Trevor.

Reuben reconheceu o rosto de Chris à luz das velas. Arlene agarrava-se firmemente na mão de Reuben.

- É algo assim – disse Chris. – Não vai ser exatamente uma marcha à luz de velas. Quero dizer, todo mundo trouxe uma vela. Mas temos talvez trinta e cinco mil pessoas aqui. Como vocês marchariam seguidos por tantas pessoas? Quero dizer, de onde para onde? A cidade está cheia. Assim, eles vão apenas ficar enfileirados na rua. Como estão agora. E você e Arlene irão caminhar. Sabe? Irá abrir caminho para vocês atravessarem. Bem no meio do Camino.

- Você vem conosco, Chris – disse Arlene subitamente, agarrando a manga de sua camisa.

- Não. De modo algum. Eu não pertencço àquele lugar.

- O inferno que não. Quem você pensa que contou a todas essas pessoas sobre Trevor?

- Porém eu não sou da família.

- Eu não sou da família por laço sanguíneo tampouco. – respondeu Reuben. – Ela está certa. Você vem junto.

Dois policiais fardados caminharam de ambos os lados. Reuben deslizou o braço através dos de Arlene. Suas velas tremeluziram na noite imóvel, enquanto seguiam em frente. As luzes da rua não foram acesas. De propósito? Perguntou-se. Mas aquilo não pareceu importar. Em cada quarteirão, milhares de velas brilhavam, iluminando as ruas como se a lua cheia tivesse surgido momentaneamente.

Uma estreita faixa escura se estendeu à frente deles, uma trilha no meio da rua, deixada aberta para eles. Aqui e ali, uma mão estendia-se para tocar de leve o seu ombro ou a manga de sua camisa. Redondas e suaves luas de rostos brilhavam no círculo de cada vela. Uma mulher alcançou e tocou a mão de Reuben.

- Eu vou – disse ela.

E então, o homem ao lado dela disse o mesmo. – Eu vou.

Eles passaram por um policial montado num enorme cavalo baio. Sentado, imóvel e ereto, observando. Numa das mãos ele segurava as rédeas e na outra uma vela.

– Eu vou – disse ele, fitando-os enquanto passavam.

Aquilo se alastrou como uma onda ao longo do trajeto, ecoando dez e vinte vezes mais profundas, como a multidão. As simples palavras os seguiram ao longo do caminho, iluminando-se às suas passagens. Um compromisso para cada vela.

Todos disseram que iriam.

EPÍLOGO

Um fotógrafo posicionou-se no terceiro andar de um prédio ao longo da rota. Ele montou o tripé e abriu o obturador da câmera para uma longa extensão, pegando as milhares de chamas de velas em dois sólidos conjuntos na rua principal da cidade, com uma estreita trilha escura bem no centro. Uma faixa de velas estendendo-se à distância, fazendo uma curva na estrada e se estreitando num redemoinho até o fim.

Obteve um prêmio para o fotógrafo, que imprimiu e emoldurou uma cópia ampliada como presente de casamento para Reuben e Arlene. Eles a penduraram na parede da sala de estar, como uma prova da contínua existência do garoto. Honrou a capa do livro biográfico de Chris a respeito de Trevor, que foi lançado nas livrarias no verão de 1994. Apareceu na capa de três revistas semanais de notícias e foi rapidamente transformada em pôsteres, que foram vendidos em lojas do mundo todo, dando mais de sete milhões de dólares para o fotógrafo. Ele deu a metade para Reuben e Arlene, e o resto para caridade. Reuben e Arlene doaram a sua metade também.

A fotografia encontrou seu caminho nas primeiras páginas dos jornais ao redor do mundo, acima de seções especiais extras que a maioria dos jornais acrescentou para cobrir histórias de atos de bondade relatados. As primeiras histórias. Em poucas semanas, elas tornaram-se volumosas demais para serem impressas. E, em poucos meses, atos de bondade não foram mais considerados novidades.

Em dezembro daquele ano, a primeira época de feriados que eles passariam sem ele, Reuben e Arlene atenderam um convite especial, numa cerimônia para acender a Árvore de Natal Nacional, na elipse do gramado da Casa Branca.

Estiveram presentes bem na frente, embrulhados contra o frio, o bebê vestido em suas recentemente compradas malhas e casaquinho com capuz, esperando pelo momento, no discurso do presidente, que definiria porque eles haviam sido convidados. Quando o momento chegou, quando o presidente disse: - Eu quero que todos voltem nossas atenções à memória de um jovem rapaz muito especial – Uma luz foi apontada na direção de Reuben e Arlene, e uma câmera voltou-se num ângulo bem próximo sobre eles. Arlene virou o rosto do bebê para seu ombro, para proteger os pequenos olhos sensíveis dela contra a luz.

- Trevor McKinney não foi capaz de estar conosco esta noite – o presidente continuou. – Ou talvez ele esteja aqui. Eu não sei. – Um sorriso confortável. – Mas ele nos deixou com um presente muito especial nessa época de comemorações. Ele nem mesmo tinha quatorze anos de idade, mas era um visionário e um herói, e eu quero que cada um, ao som de minha voz, olhe para dentro de seus corações e certifique-se de que não esqueceu de sua promessa para com aquele garoto. Se ele estivesse aqui esta noite, eu lhe pediria para apertar o interruptor e iluminar esta árvore. Mas eu terei que fazer isto em sua homenagem. De um modo pequeno e simbólico, farei o que Trevor fez de uma maneira grande e muito verdadeira: iluminar o mundo.

O bebê começou a se agitar e Reuben a ergueu dos braços de Arlene, virando o rosto dela para a árvore. As luzes estavam todas apagadas agora, câmeras viradas. Todos os olhos estavam voltados para o presidente apertando o interruptor.

Quando a árvore se iluminou, uma torrente de ofegos e sussurros escapou da multidão e, assim como Reuben esperava, o bebê ficou em silêncio. Seus olhos e boca se abriram, congelados num momento de pura e indefesa admiração. Reuben pôde ver os pontos de luz multicoloridos refletidos nos olhos dela.

Alguns poucos dias antes do Natal, Ricky surgiu inesperadamente na porta da casa deles, tarde da noite, como era de seu feitio. Arlene ficou na cama enquanto Reuben colocava um robe e ia atender a batida. Eles fitaram-se um ao outro num medido silêncio.

- Eu acho que tenho o direito de ver minha filha. – disse Ricky.

- Que filha?

- Olhe, eu não ligo para o que você diz. Sangue é sangue. Agora, vamos, onde ela está?

Naquele momento, Arlene apareceu atrás dele na porta da sala e deteve-se, numa das enormes camisas de Reuben. Seu rosto parecia desprovido de temor.

- Ele só quer ver o bebê, Arlene.

- Okay, tudo bem. Venha vê-la. – Ela fez um gesto com o braço, convidando Ricky até o quarto do bebê. Eles entraram juntos e Reuben acendeu uma suave lâmpada sobre o berço.

Ela estava deitada encolhida de lado, os joelhos dobrados e o polegar dentro da boca. Seus lábios e bochechas moviam-se no ato de sucção em seu sono. Aquilo acendia uma luz dentro de Reuben do modo como sempre fez e, provavelmente, sempre seria assim. Uma torturante mistura de tristeza e alegria brotando do fato de quem ela era e de quem não. Ele baixou a mão e percorreu com as costas dos dedos as suaves bochechas cor de caramelo.

Quando levantou os olhos, o rosto de Ricky havia mudado. Agora ele parecia pálido e indefeso.

- Okay. Eu acho que talvez tenha me enganado. – Foi tudo que ele disse naquele momento.

- Quando ela nasceu, – disse Arlene, numa voz suave e respeitosa. – os pais de Reuben vieram lá de Chicago para estar conosco. Foi muito gentil da parte deles fazer isto, eu pensei, desde que ninguém sabia realmente que fim isso teria. Eles trouxeram uma fotografia de Reuben de quando ele era apenas um bebê. Perto da idade que ela tem agora. Eu queria que você tivesse visto. Era como uma imagem no espelho. Senti arrepios.

Antes que ela tivesse terminado de dizer isto, Ricky pediu licença e saiu do quarto. Reuben encontrou-o na sala, sentado no sofá com a cabeça entre as mãos, parecendo desesperado e pequeno. Reuben respirou fundo e sentou-se ao lado dele. Em sua visão periférica, pôde ver Arlene parada na porta do quarto. Nada foi dito por um longo tempo.

Então, Ricky falou em voz baixa: - Eu ouvi dizer que Deion Sanders vai deixar o Atlanta. Passar a ser um jogador freelancer. Não posso culpá-lo. Ele quer um anel do Super Bowl. Vai assinar com o time mais cotado para lhe dar um. As pessoas imaginam que isso significará o San Francisco. – ele riu nervosamente e ergueu os olhos para o teto. – Eu não sou um sujeito supersticioso, mas te digo agora... no dia em que Deion Sanders assinar com os 49ers, vou olhar para o céu e me perguntar se aquele garoto não teve alguma influência sobre isto. – Ele concedeu-se um embaraçoso silêncio. – Eu sei que mal conheci aquele garoto – disse. Sua testa enrugou-se. – Algo a respeito de ele ser meu. Como sangue, sabe? Como a parte de sua própria vida que, de fato, vai continuar seguindo em frente.

Eles conversaram tranquilamente por alguns minutos, Reuben dizendo que a vida podia recomeçar das piores circunstâncias, e ele não estava apenas pregando, provara aquilo. Ricky disse que Cheryl o expulsou.

- Pouco antes do Natal – disse ele. – Que frieza é essa? – E ele não tinha emprego, nenhum lugar para ficar, nada com o que começar ou mesmo como. Ainda assim, era difícil não notar que Ricky vestia um casaco de camurça pesado e forrado com pele de carneiro bem caro, parecendo novo em folha. Reuben nunca mencionou aquilo.

Embora Ricky nunca tenha dito, Reuben ouviu uma pequena esperança de que a paternidade daquela menina teria sido uma âncora na vida dele ou na de qualquer um. Se ele tivesse sido o pai daquela garota, bem dito. Reuben ouviu por algum tempo e, então, levantou-se, indo até sua escrivaninha na sala onde pegou um bloco de cheques. Porque se lembrou de algo que Trevor havia lhe dito.

“Se você ajuda alguém que realmente quer ajudar, então não é tão grande. Sabe? Mas se está zangado com minha mãe e a ajuda. Isso seria uma coisa grande.” Na época, Reuben não se sentira tão grande assim. Mas talvez os poucos meses passados tivessem o esticado dolorosamente, rasgando e partindo-o de tal forma que deixara mais espaço dentro dele agora do que antes.

- Querida – disse ele para Arlene. – Vou assinar um cheque à Ricky, para ajudá-lo a recomeçar, okay?

- Acho que sim – disse ela. – Quanto?

- Bem, temos cerca de quatro mil no banco. Que tal se eu der a ele metade?

- Tudo bem, eu acho. Vamos nos arranjar.

Ele deixou o nome em branco porque não sabia o sobrenome de Ricky ou precisava. Enquanto preenchia o cheque, Ricky falou: - Isto é uma piada. Certo?

Reuben arrancou o cheque do bloco e estendeu-o na direção de Ricky. Este meio que se levantou do sofá, não estendendo a mão exatamente para pegá-lo, como se aquilo de algum modo pudesse feri-lo.

- Não, não é uma piada. Pegue.

Ricky pegou. – Qual é a manha?

- Nenhuma manha. Você apenas tem que pagar adiante. Sabe como fazer isto?

Ricky deixou escapar uma risadinha nervosa. – Céus, todos no país sabem disso por agora. Talvez o mundo inteiro. Na noite passada, eu tive que dormir no parque porque Cheryl me mandou embora só com as roupas do corpo. Um sujeito apareceu e parou do meu lado no meio da noite. Pensei que ele ia me atacar. Ao invés disso, olha para mim e diz: “Você parece estar com frio.” Tira este casaco das costas e dá para mim. Deve ser como um casaco de quinhentos dólares, certo? Tira do próprio corpo. Então, ele fica com frio. Coisas assim nem mesmo são mais um bom negócio, sabe?

Rapidamente, ele se arrastou para a porta, como se Reuben ainda fosse mudar de idéia. – Uh... – ele abriu a porta da frente e deteve-se. Reuben aproximou-se da porta do quarto com Arlene e parou, com um braço ao redor dos ombros dela. Não uma postura orgulhosa ou defensiva. Apenas algo que ele quis, precisou fazer. – Estou em débito.

- Mas não conosco – respondeu Reuben.

Ricky permaneceu parado por um momento como se houvesse algo mais a dizer, se ao menos ele soubesse onde procurar. Então, ele disse, mal se fazendo ouvir: - Feliz Natal para ambos. – e fechou a porta atrás de si.

Reuben deu gentilmente um beijo de boa-noite em sua filhinha, tomando cuidado para não acordá-la, antes de juntar-se à Arlene na cama.

Título Original: Pay It Forward
Catherine Ryan Hyde © 1999